

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ - UFC
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

ESCRITA SUBVERSIVA
O DEMOCRATA, 1946 -1947

Ildfonso Rodrigues Lima Neto

Fortaleza – Ce
2006

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ - UFC
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

ESCRITA SUBVERSIVA
O DEMOCRATA, 1946 -1947

Ildefonso Rodrigues Lima Neto

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em História Social, sob a orientação da Prof^a Dra. Adelaide Maria Gonçalves Pereira.

Fortaleza – Ce
Maio/2006

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ - UFC
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

ESCRITA SUBVERSIVA
O DEMOCRATA, 1946 -1947

Ildefonso Rodrigues Lima Neto

Esta dissertação foi julgada e aprovada, em sua forma final, pelo Orientador e
Membros da Banca Examinadora, composta pelos professores:

Profª Dra. Adelaide Maria Gonçalves Pereira
Orientadora

Prof. Dr. Rodrigo Patto Sá Motta

Prof. Dr. Francisco Gilmar de Carvalho

Prof. Dr. Eurípedes Antonio Funes
Suplente

Ficha catalográfica

____ Lima Neto, Ildfonso Rodrigues.

Escrita subversiva – O Democrata, 1946 – 1947 / Ildfonso Rodrigues Lima Neto. – Fortaleza, 2006

Nº. de páginas – 282 páginas.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará,
Departamento de História, Mestrado em História Social.

Orientadora: Adelaide Maria Gonçalves Pereira.

1. Imprensa Comunista. 2. Partido Comunista Brasileiro. 3. Jornalismo
Militante.

Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho de pesquisa aos meus pais, João Rodrigues Alencar Lima e Luzia Aragão Alencar Lima, pelos ensinamentos da vida; a minha tia, professora Nildes Alencar Lima, pela escola da vida, e ao meu tio, Frei Tito de Alencar Lima, por ajudar a compreender a vida.

AGRADECIMENTOS

Esta dissertação, teve a contribuição e a participação valorosa da minha amiga, Adelaide Gonçalves. Sem ela, eu não poderia conceber o estudo da *Imprensa Comunista* no Ceará. Serei eternamente grato à sua dedicação e abnegação, sempre prestando o apoio nas horas mais difíceis. Obrigado pelos livros e as conversas que colaboraram para a melhoria deste trabalho; obrigado pelas dicas; obrigado pelas novas amizades formadas, enfim, agradeço pela existência dessa “guerreira”, tão generosa e fraterna. Agradeço, ainda, aos amigos e professores Gilmar de Carvalho, Régis Lopes e Frederico de Castro Neves pelas orientações nas conversas informais. Não poderia esquecer, também, a ajuda dos companheiros da Biblioteca Pública Menezes Pimentel, Elmadan Machado e Gertrudes Costa, sempre solícitos a buscarem as velhas coleções de *O Democrata*. Nessa longa jornada de pesquisas e leituras, sou grato ao diretor do Arquivo Público do Estado, Mardônio Guedes, e ao incansável pesquisador daquela casa, professor André Frota. O mestrado contribuiu para descoberta de pessoas admiráveis, como a amiga Enilce Lima. E por falar em amigos do mestrado, peço desculpas, ao mesmo tempo agradeço a Regina Jucá, funcionária dedicada e vigilante dos prazos do mestrado. Aldenora Gonçalves, Dôra e Galileu vocês compõem o imaginário desta pesquisa. Reservo ainda, nestes agradecimentos, o espaço para minha família, meus irmãos Carlos, Marcos, João, Lucinha e Lauro. Falta ainda um agradecimento especial: obrigado Geísa e Júlia, vocês são as mulheres da minha vida. Amo vocês.

“Crises são momentos de verdade. Elas trazem à luz os conflitos que na vida diária permanecem ocultos sob as regras e rotinas do protocolo social” - Emília Viotti

RESUMO

Escrita subversiva – *O Democrata* (1946-1947)

Ildefonso Rodrigues Lima Neto

Este estudo compreende a análise do jornal comunista *O Democrata*, no período de 1946 e 1947, na cidade de Fortaleza-Ceará (Brasil). Procuro recuperar o trajeto da imprensa transgressora no Estado, a partir do final do Século XIX, e mostro a relação do impresso com a tradição da escrita subversiva. Neste trabalho, abordo o documento dentro da perspectiva das interferências e a circularidade do mesmo nos espaços públicos da cidade. A partir da fonte principal de pesquisa, tento ampliar a leitura da escrita fazendo uso das fontes orais e documentos relativos ao período da temática. Avalio, ainda, a participação do impresso nas eleições e mostro a importância do vespertino para difusão das práticas e idéias comunistas.

Palavras chaves: Imprensa Comunista, Partido Comunista Brasileiro, Jornalismo Militante

ABSTRACT

Subversive Written Press – The Democrat (1946-1947)

Ildefonso Rodrigues Lima Neto

This study approaches an analysis of the communist newspaper "O Democrata" (in English "The Democrat"), during 1946 and 1947, in Fortaleza-CE, Brazil. It is aimed to recover paths of the transgressing press in the State of Ceará, from the beginning of the 19th century. It is shown the relation between traditional and subversive written press. This study also approaches documents from interference perspectives and public places where they were sold in Fortaleza. From the main source of the research, it is intended to amplify the comprehension of the speech by the use of oral sources and documents during the years of 1946 and 1947. It is also evaluated the contribution of the written press during the election period and the importance of the evening newspaper in order to diffuse the communist ideas.

Key-words: Communist Press, Communist Party, Militant Journalism

SUMÁRIO

Lista de Abreviaturas -----	11

Introdução -----	12
	25
Capítulo 1 - Escritos subversivos no Ceará -----	31
1.1- Tipógrafo: artesão da escrita -----	34
	38
1.2- Nos trilhos da luta -----	49
--	
1.3- Operários na política -----	61
1.4- Idéias transgressoras -----	69
1.5- Imprensa vermelha -----	76
	88
1.6- Proletários, uni-vos! -----	
1.7- A imprensa Comunista no Ceará -----	
1.8- O Democrata na Imprensa Comunista-----	

Capítulo 2 - Jornalista, militante do partido -----	100
	106
<i>2.1- Jornalistas da causa -----</i>	119
2.2- Escola de jornalismo -----	131
	143
<i>2.3- Simpatizantes, colaboradores e leitores -----</i>	152
2.4- Os intelectuais no jornal -----	161
2.5- O aparelho do PCB -----	167
2.6- “Movimento Sindical” – páginas de história e memória -----	
2.7- Formas de sustentação do jornal -----	
Capítulo 3 - O Democrata e as eleições -----	178
3.1- Jornalismo, articulador da política -----	183
3.2- Camaradas na ilegalidade -----	193
3.3- O abandono dos aliados -----	203
	211
3.4- “Jornal amaldiçoado” -----	222
3.5- A vingança dos comunistas -----	235
3.6- Câmara de comunistas -----	241
3.7- Folha Cearense -----	
4- Considerações Finais -----	254
Bibliografia e Fontes -----	259
Anexos -----	281

LISTA DE ABREVIATURAS

ABI - Associação Brasileira de Imprensa
ACI - Associação Cearense de Imprensa
AIB - Ação Integralista Brasileira
ANL - Aliança Nacional Libertadora
APEC - Arquivo Público do Estado do Ceará
BOC - Bloco Operário e Camponês
CBT - Confederação Brasileira do Trabalho
CC - Comitê Central
CMC - Conselho Médico Cearense
DEOPS - Departamento de Ordem e Política Social
LEC - Liga Eleitoral Católica
MP - Ministério Público
NUDOC - Núcleo de Documentação Cultural
OD - O Democrata
ON – O Nordeste
PCB - Partido Comunista Brasileiro
PCUS - Partido Comunista da União Soviética
PO - Partido Operário
PPS - Partido Popular Sindicalista.
PR - Partido Republicano
PSC - Partido Socialista Cearense
PSD – Partido Social Democrata
PSP – Partido Social Popular
PTB – Partido Trabalhista Brasileiro
R.V.C. - Rede de Viação Cearense
TRE - Tribunal Regional Eleitoral
UDN - União Democrática Nacional
UGT - União Geral dos Trabalhadores
URSS - União das Repúblicas Socialistas Soviéticas
USC - União Sindical do Ceará
UST - União Sindical do Trabalho

Introdução

Neste estudo, pesquiso o jornal comunista *O Democrata (OD)*, de 1946 a 1947, publicado em Fortaleza/CE, no período da legalidade do Partido Comunista do Brasil (PCB). O impresso foi o único vespertino diário produzido pelos comunistas cearenses, que circulou no estado. Busco compreender o fazer jornalístico e procuro interpretar as estratégias da escrita para conquistar os leitores. Tento entender como e por que os comunistas fizeram do jornal um instrumento para a difusão das suas práticas e idéias. Procuro, também, analisar as formas pelas quais os jornalistas utilizavam o periódico para influenciar na formação dos sindicatos dos trabalhadores, após o fim do Estado Novo. Avalio, ainda, a participação d'*O Democrata* nas eleições de 1947.

Este trabalho não se restringe ao objeto pesquisado propriamente dito, mas, parte do princípio de que o mesmo é o resultado da ação de sujeitos sociais. Portanto, produzido pelos comunistas. Para conhecer o jornal, busquei personagens: jornalistas, gráficos, leitores e demais contemporâneos. Não abstrai esses indivíduos, mas procurei fazer uma análise dos mesmos a partir do processo e contexto históricos em que se deram as relações e os embates entre os comunistas, Igreja Católica, políticos e a imprensa. Desta forma, procurei compreender o fazer jornalístico tendo como ponto de partida a escrita dos comunistas, a partir dos questionamentos sobre o processo de fazer a notícia e realizar a disputa de projeto social face às idéias hegemônicas naquele contexto sócio-político.

Esse entendimento me conduziu, ainda, a uma reflexão acerca do contexto de existência desse jornal. A compreensão da temporalidade do objeto pesquisado, por meio dos ambientes sociopolítico e cultural, lugar de inserção de *OD*, tem relevância para uma análise mais complexa. O jornal, como documento, é a palavra escrita que, aparentemente, pode mostrar uma versão ou a “verdade” daquele momento vivido. A partir do diálogo com a leitura desses escritos, travei contato com o passado e suas especificidades, mudanças e permanências em relação ao presente. Na relação de (des)continuidades, busco o entendimento da

fonte, dentro de uma temporalidade complexa, procurando analisar o que está dito, bem como as entrelinhas e as interdições próprias do discurso doutrinal.

Pensar numa perspectiva de tempo e espaço diferentes do momento presente ajuda a entender o jornal como fonte de pesquisa. Entre o pesquisador e a fonte, não existe somente o passado. Entendo que essa relação passado/presente/futuro deva se dar a partir da compreensão do que está dito e, principalmente, do que não está escrito. Os significados da escrita nos revelam, também, muitas palavras caladas, e no silêncio das palavras tento encontrar os significados dessa ausência.

A busca pela interpretação dos sentidos da palavra conduziu à análise diferenciada da pesquisa. Para operacionalizar essa interpretação, abster-me de fórmulas pretensamente objetivas que pudessem conduzir a pensamentos pré-concebidos acerca do que estava escrito. O confronto do passado com o presente, a partir da minha fonte singular¹, ajudou a enxergar uma forma diferente para a investigação do documento: foi como saltar aos olhos outra face do documento. O que antes enxergava de forma aparentemente clara, agora me parece muito mais turvo, cheio de nuances.

Dentro do entendimento mais complexo da própria elaboração do jornal, aprendi que a palavra escrita está repleta de significados. O texto apresentado em forma de palavras não conduz apenas à (in)formação, mas também à deformação dos fatos abordados. Quando descubro essa leitura dos fatos, passo a ter outra dimensão da fonte. O “*milagre da compreensão*” remete a outras etapas de descobertas: “*O sentido da investigação hermenêutica é revelar o milagre da compreensão, e não a misteriosa comunicação entre as almas. Compreender é o participar de uma perspectiva comum.*” (Gadamer, 1998, p.59)

No embate com a “*hermenêutica da escrita*”, procurei avaliar o ambiente de tensão no período da legalidade do PCB (1945 a 1947). Ao buscar entender a

¹ Quando trato a fonte usando o termo singular, refiro-me ao fato de a mesma estar inserida em contexto e processo específicos dentro da perspectiva de elaboração do documento. Coaduno ainda o pensamento de Gadamer, quando este assevera que, “Diante de um texto, por exemplo, o intérprete não procura aplicar um critério geral a um caso particular: ele se interessa, ao contrário, pelo significado fundamentalmente original do escrito de que se ocupa” (Gadamer, Hans-Gerog. In *O problema da consciência histórica*. Rio de Janeiro. Editora FGV, 1998. p. 57).

escrita do jornal na perspectiva hermenêutica, consigo compreender o jornal elaborado pelos comunistas cearenses. É dentro desse campo de conflitos que busco entender os “rebeldes”. Quem são os homens que fizeram o jornal dos comunistas? Que jornal é este? Como era feito e para quem era feito o vespertino transgressor da ordem? Quem eram os leitores do jornal? As interrogações remetem as indagações de Michael de Certeau², ao questionar o espaço e o tempo de quem escreve e analisa sobre o que se fala e o que se entende sobre essa fala. Ele entende ainda que o autor da fala pode constituir o próprio objeto de estudo.

Sendo assim, procuro analisar o fazer da escrita do jornal “*O Democrata*”. De que forma os comunistas faziam uso da escrita? Isso leva ainda a questionar a produção de textos do jornal e as formas de apropriação de um “discurso inovador”, munidos de táticas e estratégias para afrontar ao poder vigente. Os comunistas usavam o jornal de forma estratégica, disputando os espaços da leitura. Pela fala subversiva, aproveitavam da ocasião de enfrentamento para conquistar os “vitimizados” e oprimidos.

Entendo que Michel de Certeau contribui no sentido de fornecer instrumentos teóricos eficazes para captar as práticas cotidianas da leitura e da fala dos comunistas. Como eles faziam uso do discurso revolucionário traduzido em linguagem jornalística? Ao fazer a (re)apropriação dos textos de intérpretes comunistas, usavam essas palavras em prol da “libertação da classe trabalhadora”. Com base na leitura dos textos comunistas, munidos de subterfúgios, eles criavam um jornalismo contestador.

Ele (leitor) insinua as astúcias do prazer de uma reapropriação no texto do outro: aí vai caçar, ali é transportado, ali se faz plural como os ruídos do corpo. Astúcia, metáfora, combinatória, esta produção é igualmente uma ‘invenção’ de memória. Faz das palavras as soluções de histórias mudas. (...) A fina película do escrito se torna um removedor de camadas, um jogo

² de Certeau, Michel. *A Invenção do Cotidiano – Artes de fazer*. Vol. 1. Petrópolis/RJ. Editora Vozes. 1994.

*de espaços. Um mundo diferente (o do leitor) se introduz no lugar do autor.*³

No processo de aprendizagem, pude perceber que o material empírico, a historiografia e a teoria caminham lado a lado. Entendo que a teoria funciona como reflexão, crítica e elaboração, propondo caminhos do fazer historiográfico. Nesse trajeto, o material empírico vai se confrontando com a teoria, enquanto a produção historiográfica ilumina quanto às possibilidades nos campos ou canteiros da história.

Para desvendar as metáforas, não vou em busca da teoria como fórmula pronta e acabada para encontrar os caminhos da pesquisa. Acredito que essa certeza não exista. Descobri muito mais dúvidas do que verdades. Aliás, não procuro as verdades do passado, estou mais preocupado em saber como e por que as “coisas” mudam, além de procurar descobrir os significados dessas mudanças. A teoria vai ajudar a enxergar as transformações como um instrumento na construção do conhecimento. Não faço da teoria a minha certeza mas, a partir dela, tento compreender a complexidade do real.

A construção do conhecimento, percebido, principalmente, pelos modos de viver das pessoas vai contribuir para compreensão do fazer e refazer-se⁴ dos trabalhadores e ajuda, ainda, a compreender a participação do jornal “*O Democrata*” nesse conflito. Procuro conduzir a pesquisa dentro de uma lógica histórica⁵, construindo o conhecimento amparado no material empírico e buscando aprofundar-me nas leituras teóricas e historiográficas.

³ de Certeau, Michel. *A Invenção do Cotidiano – Artes de fazer*. Vol. 1. Petrópolis/RJ. Editora Vozes. 1994. P. 49.

⁴ Déa Ribeiro Fenelon entende que os estudos das classes trabalhadoras voltados ao campo da cultura possibilitam o entendimento das contradições colocados pelo processo. A historiadora analisa ainda que o interesse por essa abordagem não passa somente pela descrição dessas vidas e lutas, “mas passa por tentar entender o como e o por que isto acontece, recuperando sim, sentimentos, valores, sensações de perda e necessidade de reconstrução e sobrevivência para entender o constante fazer-se e refazer-se das classes trabalhadoras”. (Fenelon, Déa Ribeiro. *O Historiador e a Cultura Popular: história de classe ou história do povo?*. História & Perspectivas, Uberlândia/MG. Janeiro/Junho, 1992. p.18)

⁵ O entendimento que faço de “Lógica histórica” parte da questão tratada por E.P. Thompson (In “*A Miséria da Teoria ou um planetário de erros – uma crítica ao pensamento de Althusser*”, 1978) quando o historiador explica o método lógico de investigação “adequado a materiais históricos, destinado, na medida do possível, a testar hipóteses quanto à estrutura, causação etc., e a eliminar

Militantes, “devotos” de Stalin, os intérpretes locais do comunismo, do imaginário sobre a URSS e da linha política do PCB fincaram base num endereço nobre do jornalismo cearense. Mais precisamente na Rua Senador Pompeu, 814, no coração da cidade de Fortaleza, onde estavam outros concorrentes de grande porte, como *Correio do Ceará*, *Unitário*, *O Povo*, *O Nordeste*... O imóvel que antes pertenceu à família da escritora Rachel de Queiroz, abrigava o barulho das máquinas e o entra e sai dos *vermelhos*. Tudo por uma boa causa, em nome do Partido. A velha linotipo recuperada pelo gráfico Leôncio Tabosa⁶ fumegava aos olhos dos camaradas, diante de tamanho desafio. Eles disputavam espaço com seis jornais e estavam sob o crivo do governador eleito em 1947, Faustino de Albuquerque (UDN), além do combate ferrenho da Igreja Católica. Eram tarefas difíceis para os companheiros que acabavam de sair da clandestinidade.

O impresso se pretendia um canal de reivindicações dos trabalhadores, abordava os problemas de infra-estrutura nos bairros (transportes, água, esgoto, segurança, iluminação e lazer) e ainda fazia intransigente defesa das lutas dos trabalhadores urbanos e rurais no Estado. A coleção incompleta de “*O Democrata*” (OD) encontra-se arquivada na Biblioteca Pública Menezes Pimentel, em Fortaleza-Ce. O estado de conservação do impresso é precário. Parte do material está microfilmada. O periódico foi o único jornal comunista a circular diariamente no Ceará por 12 anos, entre 1946 a 1958.

O jornal surgiu em momento de abertura política, após o fim da ditadura de Getúlio Vargas e o término do período de intervenção do governador Menezes Pimentel (1945). Os comunistas vinham de longo período na ilegalidade (18 anos) e faziam do jornal um veículo difusor das práticas e idéias, além de realizar uma das principais diretrizes no plano da política-cultural elaborada pelo PCB, cujo cerne consistia na difusão da doutrina mediante revistas, livros, traduções, particularmente, por meio de jornais circulando nas principais regiões do país.

procedimentos autoconfirmadores (“instâncias”, “ilustrações”)... O interrogador é a lógica histórica; o conteúdo da interrogação é uma hipótese... O interrogado é a evidência, com suas propriedades determinadas”.

⁶ Conforme consta na primeira edição d’*O Democrata*, o gráfico Leôncio Tabosa foi o responsável pelo funcionamento e manutenção da linotipo usada para a impressão do jornal, a partir de 1946.

Segundo consta nas páginas do jornal “*O Nordeste*”⁷, a venda do impresso custou, ao bolso dos comunistas, a quantia de 250 contos de réis. *O Democrata* era de propriedade do advogado Olavo Oliveira, eleito senador pelo Partido Popular Sindicalista (PPS), em dezembro de 1945, com o apoio dos comunistas. A pesquisa aponta para a *rede de apoiadores* dando suporte material ao vespertino. Sindicatos, políticos, intelectuais, profissionais liberais e pequenos comerciantes eram os principais sustentáculos. Além disso, a direção do jornal buscava fontes alternativas de recursos, pela realização de bingos e gincanas. Ao que tudo indica, a busca de recursos para o funcionamento do jornal também ajuda a compreender as articulações políticas dos comunistas. Manter os impressos era, ao mesmo tempo, tecer uma rede de colaboradores, simpatizantes da causa, possíveis adeptos da doutrina e membros do partido.

OD mostra o embate entre as forças políticas do Estado e revela o contexto em que viviam os comunistas e as formas pelas quais o jornal era utilizado para difundir as teses partidárias e a visão dos comunistas no campo tático e estratégico. Com a leitura do jornal, é possível perceber fatos relevantes da política e da cultura no curto período de legalidade do PCB (1946-1947). O discurso do jornal permite a reflexão sobre as contradições existentes entre o que estava escrito e a prática dos comunistas. O uso da fonte possibilita, também, o estudo do veículo de comunicação utilizado como instrumento para arregimentar a classe trabalhadora, num projeto organizativo e doutrinário, sob a influência do PCB.

O jornal, o livro, o boletim, enfim, o material impresso é uma espécie de senha e participa de, podemos chamar assim, “cerimônia de iniciação” ou de “rito de iniciação”, quando um letrado, membro mais ou menos graduado do Partido faz

⁷ “O Nordeste” era o jornal de propriedade da Igreja Católica, no Ceará, fundado em 1922. Em artigo não assinado, intitulado “O Democrata no conceito da imprensa cearense”, publicado no dia 2 de março de 1946, o jornal católico fazia veementes críticas ao impresso comunista. Segundo consta no artigo, “*O Democrata*” teria sido vendido aos comunistas pelo senador Olavo Oliveira (PSD), ao preço de 250 contos de réis. Esta foi a única informação obtida em minha pesquisa sobre a venda do jornal. Em nenhum momento os comunistas esclarecem a compra do jornal, apesar das muitas insinuações d’*O Nordeste*.

proselitismo que busca força não apenas no argumento oral, na transmissão dos “conhecimentos”, sobretudo, no argumento impresso como espécie de prova irrefutável da palavra, a serviço da causa. Em certo sentido, parafraseando os estudos sobre as “religiões do livro”, no campo comunista, há um fervor religioso, uma mística a ser considerada e a palavra impressa tem foro de verdade e poder de persuasão. Não por acaso, é de grande alcance o programa editorial dos Partidos Comunistas no Ocidente e o Brasil não escapa à regra geral. São dezenas de editoras, gráficas oficiais e clandestinas, coleções de divulgação de formato popular, inovações de estilo e desenho gráfico, diversidade de conteúdo, segmentação de públicos e ampliação de audiências, etc.

Entretanto, embora os jornais sejam importante fonte de pesquisa para os estudos da *Imprensa Operária*, entre outras vertentes de análises, percebo que, muitas vezes, por conta de leitura simplificada, sua utilização acaba se resumindo ao acompanhamento dos acontecimentos de maneira cronológica. Os documentos arquivados raramente são os principais objetos de estudo dos pesquisadores. Eles servem muito mais como fonte de consulta (Moreira, 1983; Miranda, 1987; Noca, 1996; Neves, 2000; Jucá, 2000 e outros), dando importante suporte para os objetivos específicos da pesquisa. Sendo assim, busco, neste trabalho, um caminho mais ampliado. Trabalho o jornal como principal fonte de pesquisa. Entendo que o uso do jornal como documento deve ir além do registro da palavra escrita. Busco muito mais os campos dos significados da escrita. Não procuro nos jornais certezas, dialogo também com as incertezas e as interdições do discurso impresso.

Na visão metodológica de Capelato, entendo o jornal como instrumento de intervenção na vida social, através do “*movimento vivo das idéias e personagens que circulam nas páginas dos jornais*”⁸. Portanto, o estudo da *Imprensa* pode se dar como objeto/fonte uma vez que emerge sua função de sujeito propondo práticas individuais e coletivas. Esse caminho trabalha na perspectiva de compreender o jornal como resultado da operação histórica, deixando de lado a categoria imprensa na forma abstrata e passa a evidenciar os sujeitos dotados de

⁸ Capelato, Maria Helena R. *Imprensa e História*, São Paulo: Contexto, 1997.

consciência determinada na prática social. O entendimento, na forma de pensar o campo de estudo do jornal, possibilita ainda apreender o impresso como objeto do conhecimento e não como mero registro da realidade de uma época:

*“Sua existência é fruto de determinadas práticas sociais de uma época (...) age no presente e também no futuro, pois seus produtores engendram imagens da sociedade que são reproduzidas em outras épocas”*⁹

Pelas leituras do jornal comunista, percebem-se os conflitos e diferenças após a legalidade do Partido Comunista (1946) e o fim do *Estado Novo* (1945). É a partir desse conflito no campo ideológico, a partir da produção das idéias e das condições sociais e históricas nas quais são produzidas, faço o entendimento do processo em que se deu a relação de diferenças¹⁰. A compreensão da pesquisa fez com que se desse importância às formas pelas quais o jornal era feito pelos comunistas. Entendo que, para compreender o fazer jornalístico, preciso conhecer os personagens e o contexto de participação desses personagens. Para isso, analisei o ambiente de participação/ação das pessoas.

Os modos de ser e a vida cotidiana dos personagens foram relevantes para a construção desta pesquisa. Conhecer as atividades de lazer, os espaços freqüentados, a vida em família, o trabalho, a religião, entre outros aspectos das relações sociais, possibilitam entendimento mais amplo desses sujeitos e demonstram sua atuação como agentes no processo histórico conflituoso e contraditório. Acredito que o embate não está reduzido às instituições e aos comunistas. Neste estudo, entendo que a discussão foge às estruturas e jamais poderia ser reduzida a um “evento histórico”, abstraindo os indivíduos.

Em momento de crise e perseguições, percebi a necessidade de aprofundar o conhecimento sobre o cotidiano dos homens dedicados à doutrina comunista,

⁹ Capelato, Maria Helena R. *Imprensa e História*, São Paulo: Contexto, 1997.

¹⁰ Entendo que as diferenças tenham um resultado no processo da escrita, tendo em vista que os comunistas procuravam apresentar os fatos sob outro olhar, donde vinham a compor uma nova versão da notícia. Faço aqui o mesmo entendimento de Adelaide Gonçalves, quando a mesma afirma que o jornal “... resulta das relações de força conflitantes, e do empenho de seus produtores para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem da sociedade” (*O Trabalhador Gráfico*, 2002. p.9)

conhecendo-os, entre outras maneiras, por meio de publicações sobre a época, biografias, entrevistas e outras fontes. Eles faziam do jornal o *aparelho da contravenção* e, pelas experiências vividas na disputa do campo político, procuravam conquistar espaços no Ceará. O jornal, com um discurso contundente, tentava ganhar simpatizantes. De acordo com as análises de participação dos comunistas, nas eleições municipais de 1947, tudo indica que, passados 11 anos (1935-1946), o meio impresso ajudou a derrotar tradicionais forças políticas. O vespertino contribuiu para a eleição da maior bancada de esquerda do legislativo municipal (sete vereadores comunistas), pelo Partido Republicano (PR)¹¹, que por sua vez elegeu o prefeito de Fortaleza, Acrísio Moreira da Rocha.

Nas eleições para governador, deputados estaduais e prefeitos do interior do Ceará, em janeiro de 1947, o PCB consegue uma das mais significativas votações na Capital cearense, principal reduto eleitoral comunista. Em Fortaleza, o Partido ficou com a segunda maior votação, num total de 9.128 votos válidos (23,57%), perdendo apenas para a União Democrática Nacional (UDN), que somou 10.757 votos válidos (27,75%)¹². Assim, os *camaradas* participaram da mudança política, depois de longo período de predominância de dois partidos no Ceará (UDN e PSD). O momento de eleições e mudanças, no quadro da política estadual, levou a questionamento importante na pesquisa: de que forma o jornal teria ajudado a eleger a bancada com a participação dos comunistas? Recorri a outras fontes, tendo em vista que as novas perguntas formuladas ao documento (*O Democrata*) não supriam os questionamentos.

Para construir análise mais ampla da escrita do jornal, haja vista que as pessoas são agentes do processo histórico, portanto, importantes na abordagem historiográfica, busquei conhecer os personagens diretamente envolvidos (jornalistas, gráficos, colaboradores e leitores). Esse olhar fez com que eu recorresse à redução de escala da pesquisa, tentando perceber a vida cotidiana

¹¹ Com a cassação do registro do PCB, junto ao Superior Tribunal Eleitoral (STE), em 7 de maio de 1947, os comunistas cearenses buscaram o Partido Republicano (PR) para abrigar os seus candidatos no pleito municipal realizado no final daquele mesmo ano (Dezembro/1947). O PR era ligado ao ex-Interventor Estadual, Acrísio Moreira da Rocha, eleito prefeito de Fortaleza com a maioria dos votos (56,93%) e o apoio do *Partidão*.

¹² Dados oficiais do Tribunal Regional Eleitoral (TRE), do Ceará, de 1947.

dessas pessoas. O uso da micro-história é importante para este trabalho, porque acredito que o método permite compreender a forma como se davam as relações sociais e culturais no período.

Para entender o passado, as “minúcias”¹³ ajudam a encontrar evidências, possibilitando uma análise mais rica, na perspectiva de buscar novas problemáticas para o estudo. A descoberta de indícios, que levaram à compreensão mais ampliada do material empírico, aconteceu a partir da problematização, em que enxergo o documento sempre questionando o que ele parece nos dizer. Essa espécie de imagem distorcida¹⁴ do documento conduziu-me ao encontro de outro contexto de produção do jornal, que não estava impresso nas suas páginas. Para procurar entender as interseções do documento, recorri às memórias dos personagens que fizeram parte daquela história.

Para compreender o passado, recorro, também, à produção literária da época, livros de temática da *Imprensa Comunista*, bem como aos relatos autobiográficos e demais fontes impressas do período. Neste sentido, vou buscar, em publicações de antigos integrantes do PCB¹⁵, relatos que tratam do *ambiente sociocultural* da cidade, são os hábitos, costumes e modismos de quando o Brasil saía da Segunda Guerra Mundial e Fortaleza era influenciada pela presença dos militares norte-americanos. Em “*O Liceu e o Bonde*”, o jornalista Blanchard Girão relata vivências da que foi a mais prestigiada escola da Capital, Liceu do Ceará,

¹³ O uso do termo “minúcias” está sendo pensado na proposta com um sentido detalhista e nunca minimalista. Acredito que, a partir desse ambiente de escala menor, possa vir a entender com maior clareza a complexidade do contexto em que se constroem as relações sociais. Entenda-se “minúcias” como sendo uma relação ao termo “microscópica”, usado por Giovanni Levi, quando explica que “A micro-história” como uma prática é essencialmente baseada na redução da escala da observação, em uma análise microscópica e em um estudo intensivo do material documental” (Levi, Giovanni. In *Les usages de la biographie*. Annales. Paris (6): 1.325-36, nov/déc. 1989)

¹⁴ Em entrevista do historiador Carlo Ginzburg (2000, p.298), indagado sobre o seu trabalho (“*O queijo e os vermes*”) como sendo pós-modernista, o italiano negou tal consideração, argumentando que o debate envolve questões mais amplas, “tais como o de saber até que ponto uma peça de evidência se relaciona com a realidade social”. Ginzburg assemelha a evidência “a um espelho distorcido, o que significa dizer que só nos resta descobrir para que lado ele está distorcendo, já que esse é o único meio que temos de ter acesso à realidade”. (PALLARES. Burke, M.L. *As muitas faces da história. Nove Entrevistas*. São Paulo. Unesp. 2000)

¹⁵ Alberto Galeno era o único jornalista vivo que trabalhou no início da fundação do jornal “*O Democrata*” (1946). Morreu aos 88 anos, no dia 4 de maio de 2005. Ele publicou, em 1991, o livro “*A Praça e o Povo. Homens e Acontecimentos que fizeram a História da Praça do Ferreira*”, cuja edição está esgotada. Encontrei um exemplar da publicação num “sebo” de Fortaleza. Já Blanchard Girão era militante do PCB, nas décadas de 40 e 50, e publicou o livro “*O Liceu e o Bonde. Na Paisagem Sentimental da Fortaleza Província*”, em 1997.

instituição centenária por onde passaram muitos integrantes do PCB, no Ceará, como Luciano Barreira, Américo Barreira, Annibal Bonavides, Alísio Mamede e outros.

Recuperando as vivências do cotidiano de Fortaleza, na década de 1940, Alberto Galeno (1991) faz uma descrição dos comunistas sob perspectiva peculiar, já que ele conviveu com os *camaradas*. Galeno escreveu sobre personagens simples como o português Manoel Batista, membro do *Partidão* e dono de boteco, na Praça do Ferreira, que se chamava “*Papão*” - “Ora, o comunismo era o bicho-papão para muitos, e ele sendo comunista se julgava como o tal. O estabelecimento teve curta duração. Faliu deixando ao dono o nome como alcunha.”¹⁶

São memórias como estas que busco apreender nos relatos biográficos de quem viveu aquele período. Nessas publicações, deparo com os sujeitos e suas práticas sociais, as formas como se dava sua participação nos diferentes espaços de sociabilidade. Não tento recompor esses personagens inserindo-os num contexto como “pano de fundo”¹⁷. Acredito que os relatos autobiográficos na pesquisa sejam uma das formas de percepção das diferenças, contradições e o contexto em que se passaram as disputas dos comunistas, representantes do *diabo vermelho*¹⁸ (Rodeguero, 1998), como apelidavam os adversários da Igreja Católica.

Esse imaginário, a repressão aos comunistas em casa ou na rua, era travado por meio da guerra ideológica, mediante discurso aterrorizador, como pude observar em publicações da época. Embora sejam relatos repletos de saudosismo, entendo que sejam relevantes para a compreensão dos

¹⁶ Galeno, Alberto S. A Praça e o Povo. Homens e Acontecimentos que fizeram a História da Praça do Ferreira. Fortaleza: Stylus Comunicações, 1991. P. 55.

¹⁷ Uso a expressão “pano de fundo” para fazer uma relação à observação crítica do historiador Benito Bisso Schmidt, quando ele afirma que “inserir” o indivíduo no seu contexto “supõe que o biografado mantenha uma relação de exterioridade com a época em que viveu, como se o contexto fosse uma tela pronta e acabada, onde se colocariam os personagens”. Bisso Schmidt, Benito. “A biografia histórica: o ‘retorno’ do gênero e a noção de ‘contexto’”. In Ferreira, Marieta de Moraes e Amado, Janaína. *Uso e Abusos da história oral*. Rio de Janeiro. Editora FGV. 1996. p. 123 e 124.

¹⁸ Tema de dissertação de mestrado, de Carla Simone Rodeguero, do curso de pós-graduação em História da UFRGS. O estudo trata das formas de manifestação do anticomunismo na Igreja Católica. A autora aborda os métodos usados pelos padres para disseminar a idéia de que os comunistas representavam o diabo e como tal, repudiavam “a palavra de Deus”.

acontecimentos. Na forma de trabalhar com as publicações e outros documentos, procuro conhecer os agentes históricos.

Esta dissertação compõe-se de três partes. No primeiro capítulo, apresento retalhos da história sobre a formação das primeiras categorias de trabalhadores no Ceará e a relação desses homens com a imprensa. Faço ainda uma breve cartografia da *Imprensa Vermelha*, que vinha conquistando espaço nas entidades de classe e associações cearenses. Analiso ainda as conexões das categorias com as chamadas idéias transgressoras. Abordo os primórdios do Partido Comunista, no Ceará, e a participação político-cultural dos integrantes do PCB. Apresento o jornal “*O Democrata*” como iniciativa pioneira dos *camaradas* e faço uma leitura crítica da notícia, a partir dos conceitos elaborados do marxismo sob a hegemonia do stalinismo.

No segundo capítulo, avalio a participação dos jornalistas como militantes do PCB e mostro os trabalhadores pensantes da notícia implementando novo foco do jornalismo, a partir das questões locais, nacionais e internacionais. Procuro fazer uma análise das experiências do movimento sindical trazidas para a redação, que contribuíram para uma abordagem diferenciada da notícia, sob a perspectiva das reivindicações sociais. Trato ainda das formas usadas pelo “*aparelho da subversão*” para influenciar na formação dos sindicatos e mostro os bastidores do fazer da notícia, na visão dos comunistas. Tento ainda descobrir a rede de articuladores responsável pela sustentação material do jornal.

No terceiro e último capítulo, elaboro a análise da participação do jornal nas eleições de 1947, em pleitos para governador e vereadores da Capital. Faço a avaliação do debate travado no campo da luta política, em que as diferenças são externadas por meio do diálogo agressivo e manipulado. Apesar da perseguição e a volta da ilegalidade do PCB, em 1947, os comunistas resistem à repressão e traçam estratégias para manter o jornal na rua. Na etapa final do trabalho, apresento a mais importante descoberta na fase inicial de pesquisa. Trata-se do único número do jornal “*Folha Cearense*” (1948), apreendido pela Polícia cearense, que era o mesmo “*O Democrata*”, cujo nome havia sido modificado pelos comunistas para burlar a lei vigente. Encontrei dois exemplares do

documento “perdidos” em meio aos maços de processos do Arquivo Público do Estado do Ceará (APEC).

Nessa etapa de vida acadêmica, onde tento intercambiar experiências interdisciplinares entre o *Jornalismo* e a *História Social*, não busco construir estudo voltado à história do movimento operário. Voltei a atenção às experiências vividas por aqueles trabalhadores, “cidadãos comuns” ou sindicalistas, no campo das transformações e mudanças, sejam em casa, no trabalho, na rua, na Igreja. Quero entender o como e o por que isso se deu, ou seja, quero entender as (con)tradições dos comunistas pelas suas práticas doutrinárias, entre outros aspectos, bem como compreender o contexto em que se deu a luta do “bem contra o mal”.

Ainda como parte das reflexões neste estudo, procuro inserir o Ceará no âmbito das discussões sobre a *Imprensa Comunista*, haja vista que houve aqui uma das experiências mais profícuas no debate da palavra escrita. Na historiografia do tema, o Ceará passava à margem da discussão, deixando uma lacuna irreparável quanto à grande teia articulada pelos comunistas em nível nacional. A bibliografia da temática pesquisada trafega por estados do Sul, Sudeste, Centro-Oeste, deixando de lado o jornal dos comunistas cearenses. Com este trabalho, quero acrescentar pequena contribuição para a *História e a Imprensa*, notadamente, na composição da aventura comunista imprimindo aos jornais, o vocabulário, às vezes, da Revolução, outras vezes, da Reforma Social.

Capítulo 1

Escritos subversivos no Ceará

Na primeira parte deste trabalho, abordo o contexto de existência do jornal “*O Democrata*” (OD), traço um recorte no tempo para tecer as trajetórias dos comunistas, no Ceará, e os caminhos dos impressos transgressores da ordem, a partir do Século XIX. Isso como parte do esforço de compreensão do léxico político e do vocabulário da contestação, seja por meio de panfletos ou pequenos jornais que se espalharam pelo Estado, muito antes da fundação do primeiro vespertino comunista (1946). Sendo assim, pode-se observar que esses impressos foram uma espécie de disseminador das idéias subversivas, palavras em movimento pelos espaços da cidade. A investigação detalhada da história desses escritos possibilita encontrar vertentes para uma discussão sobre o processo de formação da classe operária no Ceará.

Conforme leitura minuciosa dos periódicos, percebe-se a relação dos jornais com os trabalhadores de maneira acentuada, controversa, plena de interseções, repleta de pistas para possível entendimento dos conflitos no mundo do trabalho. As páginas impressas, carregadas de ideais, em busca de mudanças nas condições de vida, trabalho, mudanças políticas e de direitos, tinham como fonte de inspiração as publicações de autores iluministas, socialistas, anarquistas e marxistas. As palavras de contestação percorriam os territórios da divergência e faziam o contraponto com as idéias conservadoras e de manutenção da ordem.

As diferenças entre os conteúdos das publicações, vinculadas ao poder, à Igreja ou aos trabalhadores, demarcaram os espaços de sociabilidade e causaram interferências na vida da cidade. É em ambiente complexo que a temporalidade se dá, no terreno das disputas. Nos conflitos de classe percebo como as formas políticas de organização dos trabalhadores, no Ceará, quase sempre, fizeram conexões com a Imprensa, de modo que parte importante da história do movimento operário pode ser analisada com a ajuda dos jornais. Entendo que as publicações eram muito mais do que “porta-voz dos trabalhadores”, eram instrumentos de luta para a construção da classe trabalhadora.

Desta maneira, para que se tenha percepção mais ampla da imprensa das idéias contestatórias, faz-se necessário tecer breve itinerário do percurso da imprensa ligada a partidos políticos, sindicatos, agremiações dos trabalhadores no

Ceará, a fim de compreender a participação dos sujeitos nas vivências políticas, sociais e culturais, em seu meio. Para isso, recorri à bibliografia pertinente, buscando encontrar a participação dos primeiros representantes dos trabalhadores¹⁹, em vista a afirmação de Fortaleza como pólo hegemônico do Ceará. O País vivia as transformações decorrentes do processo de industrialização, da abolição do sistema escravista, era o início do regime de trabalho assalariado, a instauração da República (1889). Nesse recorte histórico, pronunciavam-se as primeiras manifestações no mundo do trabalho, configuradas nas experiências pioneiras de formação de agremiações, ligas, associações mutualistas, sociedades beneficentes, ateneus, escolas, entre outras iniciativas dos marcos do associativismo.

As condições se estabelecem no contexto em que a Capital cearense desponta, a partir da metade do Século XIX, como pólo escoador e negociador da produção de algodão do Estado. A conjuntura internacional favorece o mercado do produto para abastecer as fábricas de tecelagem. O negócio gerava as exportações do algodão (1864-1875) pelas linhas de navegação entre Fortaleza e Inglaterra (Liverpool). Chegam as estradas de ferro (Fortaleza a Baturité - 1873), a ampliação do porto e as primeiras firmas inglesas e francesas contribuem para o crescimento do comércio da cidade. Fortaleza passa por um crescimento do ponto de vista econômico e remodela a área urbana, possibilitando a criação de novas relações de trabalho.

A ampliação da cidade é acompanhada pelo ordenamento do espaço público, ou seja, os projetos urbanísticos buscam disciplinar as novas ocupações. Em 1875, o engenheiro da Província, Adolfo Herbster, implanta um projeto para o crescimento e a delimitação da cidade, cercando os limites do espaço urbano por meio de três avenidas (Dom Manuel, Duque de Caxias e do Imperador). Fundamentada em processos de ocupação das cidades européias (Castro, Ponte, Linhares, Macedo Filho e outros), a nova planta tinha traços aristocráticos, cheia

¹⁹ Neste período não procuro nominar representantes dos trabalhadores como sendo a classe trabalhadora. Faço o mesmo entendimento de Nelson Werneck Sodré (Contribuição à História do PCB. São Paulo: Global, p. 27, 1984), onde ele analisa que a classe trabalhadora do Brasil começa a se definir a partir do início do Século XX, “quando surgem as condições para o desenvolvimento das relações capitalistas no Brasil”.

de largos e belos *Boulevards*. O projeto procurava excluir o que de feio pudesse ocupar as ruas, destruindo os casebres e guetos insalubres. Na análise de José Pimentel, era uma nova cidade distante dos problemas sociais, culturais e políticos:

*“... imaginava-se uma cidade utopista, racionalmente construída para atender às necessidades de toda a população, devidamente habitada, bem alimentada, bem transportada e divertida, de acordo com os melhores parâmetros de felicidade dos lares urbanos. Homens de estirpe e cabedal apareciam como os empreendedores de uma nova cidade, isenta de contradições e, portanto, da política.”*²⁰

A paisagem toma outros contornos com a construção dos primeiros casarões e sobrados, além de prédios públicos, iluminação pública e o transporte a galope pelos trilhos²¹. Mas pelo caminho das transformações urbanas e econômicas aparentes não trafejou apenas o dinheiro e a opulência das novas formas de sociabilidade. Por essas vias, também circularam pessoas e idéias munidas das razões do *Iluminismo* (Martins, 1978; Veiga, 1981; Oliveira, 1984). Vindo do outro lado do mundo, esse *movimento de idéias* estimula a luta da razão contra a autoridade, é a disputa entre a “luz” e as “trevas”. Nessa perspectiva, a modernização da sociedade significava o progresso com a implantação das indústrias, os novos conhecimentos tecnológicos e a ampliação das comunicações.

O *movimento das idéias* percorre as vias marítimas, rodoviárias e ferroviárias, usa os aparatos da tecnologia (telefone e telégrafo) e se espalha em conversas pelas ruas, rodas de calçada e chega às publicações. As elites intelectual, política e econômica trafejavam em meio à profusão de leituras, munidas de informações, desejos e sentimentos de mudanças. As atividades

²⁰ Pimentel, José Ernesto Filho. *Urbanidade e Cultura Política – A cidade de Fortaleza e o Liberalismo Cearense no Século XIX*. Fortaleza. Ed. Casa de José de Alencar – Programa Editorial (UFC), 1998.

²¹ Ponte, Sebastião Rogério. *Fortaleza Belle Époque: reformas urbanas e controle social (1860 – 1930)*. 3ª edição; Fortaleza. Ed. Demócrito Rocha, 2001, p.14.

culturais da cidade se acentuam a partir da década de 1870, passando pela criação da *Academia Francesa* (1872), funcionamento de quatro jornais diários, seis colégios, sete tipografias, uma biblioteca e a efervescência dos movimentos literários, a exemplo da *Padaria Espiritual* (1892) - “... é possível perceber mudanças no desenho da vida cultural de Fortaleza no meado do Século XIX, porque em processo de mudança estavam os lugares e os sujeitos”²².

Nesse período de formação da camada social intermediária, provida de caixeiros, funcionários públicos, profissionais liberais e pequenos comerciantes, Fortaleza tragava os ares da modernidade e os leitores das “novas ideologias” buscavam ecoar o vocabulário da contestação com a ajuda dos livros e jornais²³. Era o *Brasil Republicano* que se preparava para formar as primeiras organizações partidárias, legalmente constituídas, depois da publicação da Constituição de 1891. Nesse ambiente, pronunciam-se as diferenças: de um lado aqueles ligados ao antigo regime monárquico e do outro os chamados liberais.

As publicações das facções partidárias são uma das principais formas do embate nas disputas pelo poder. Os mais variados periódicos se apresentam desde a primeira metade do Século XIX, como: *Clarim da Liberdade* (Aracati-CE, 1831), *Correio da Assembléia Provincial* (Aracati-CE, 1835), *O Popular* (1840), *O Juiz do Povo* (1850), *O Commercial* (1853), *A Esterlina* (Fortaleza-CE, 1864), *O Tagarela* (1865), *O Typographo* (Fortaleza-CE, 1866), *Barrete Phrigio* (Aracati-CE, 1869), *O Libertador* (Fortaleza-CE, 1881), *O Relâmpago* (Fortaleza-CE, 1882), *O Cearense* (Fortaleza-CE, 1881), *O Baturitense* (Baturité-Ce, 1883), *O Matuto* (Quixadá-CE, 1896), *O Açude* (Quixadá-CE, 1896), entre outros²⁴.

Difusores das idéias nos campos da política e da cultura, os jornais se multiplicam, o que fez do Ceará uma das tradições jornalísticas do Brasil, segundo afirmação do historiador e jornalista Geraldo Nobre²⁵. Foram 265 títulos, no período de 1890 a 1899, prosseguindo com 345 publicações, entre 1900-1909, e

²² Gonçalves, Adelaide & Bruno, Alisson. *O Trabalhador Gráfico*. Fortaleza: UFC, 2002, p.13.

²³ Montenegro, João Alfredo de S. *História das Idéias Filosóficas da Faculdade de Direito do Ceará*. Fortaleza: UFC, 1996, p.12. Girão, Raimundo. *A Academia de 1894*. Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1975.

²⁴ Gonçalves, Adelaide. *O Trabalhador Gráfico*. Fortaleza: UFC, 2002.

²⁵ Ver Nobre, G.S. *Introdução à História do Jornalismo Cearense*: Fortaleza, 1974, p.16, Gráfica Editorial Cearense, Coleção Estudos Cearenses.

311 no período de 1910-1919, de acordo com dados compilados por Geraldo Nobre, em *“A Imprensa do Ceará na Monarquia”*, de Barão de Studart, além de outras fontes pesquisadas. A política estava sempre à frente dos impressos, como força propulsora das tipografias, visto que se afirmava como principal meio difusor das idéias contra ou a favor das oligarquias. Liberais e conservadores faziam do confronto da palavra impressa a afirmação das diferenças, tendo importância secundária o lado noticioso do jornalismo.

Em meio às discussões, os liberais ganham força com o discurso positivador do trabalho, que dignifica o homem como atividade geradora de riqueza, portanto, parte da defesa do trabalhador assalariado para produzir as riquezas, combatendo o regime de escravidão. Era uma oposição clara aos conservadores, que defendiam o regime monárquico no País e estavam sob fortes críticas dos abolicionistas, defensores da República. Com a instalação das primeiras indústrias e o fim do Império no Brasil, são criadas as condições estruturais do marco capitalista dependente. As indústrias têxteis estão entre as primeiras a se instalarem no processo de mudança da economia. O Ceará, produtor e exportador de algodão, dá os passos iniciais na transformação e caminha para a chamada modernização conservadora.

As primeiras indústrias do Ceará eram intrinsecamente ligadas às atividades da agricultura. Desta forma, o setor têxtil se tornou um dos pioneiros na fase de industrialização da Capital (Fábrica de Tecidos Progresso-1884). As fábricas contribuíram para o adensamento da população, criando outros espaços de ocupação da cidade. Fortaleza consolida o centro de coleta da produção agrícola cearense, como ratifica a análise de José Borzacchiello da Silva - *“Com o aproveitamento industrial do algodão, através de indústrias de tecido em Fortaleza, inicia-se o período fabril cearense e a Capital, além de exercer o papel de grande coletor e beneficiador de produtos primários, torna-se aos poucos centro de transformação da produção primária.”*²⁶

Como consequência do “desenvolvimento”, desvela-se um quadro social periférico, na zona urbana, diferente das elites das camadas senhoriais oriundas

²⁶ Silva, José Borzacchiello da Silva. *História do Ceará*, in Fundamentos de Fixação do Espaço Cearense – O Algodão na Organização do Espaço: 3ª edição, 1995. P.87.

da riqueza do latifúndio, diferente da categoria social formada pelas novas demandas do *capital*. O problema social das secas, no final do Século XIX, provocou ainda o deslocamento de grande contingente de famílias para a zona urbana, principalmente em Fortaleza, formando uma multidão de desvalidos em busca de trabalho e comida.

Essa multidão se aglomerou junto ao operariado, por sua vez, formado por trabalhadores de indústrias, trabalhadores do porto, gráficos, ferroviários e artesãos, mobilizando-se em defesa da noção de direitos na esfera urbana e no mundo do trabalho. É o tempo das primeiras arregimentações contra as extensas jornadas, contra a exploração do trabalho das mulheres e das crianças, contra a carestia de vida. Assim, a partir do final do Século XIX construía-se as primeiras agendas de reivindicações dos trabalhadores.

1.1 Tipógrafo: artesão da escrita

O ofício da escrita fez dos tipógrafos artesãos da palavra de contestação. O surgimento de pequenos jornais, bastante difundidos e usados no embate político, criava espécie de aprendizes do jornalismo, em que a prática da escrita era o cotidiano de autodidatas. O saber da leitura privilegiava trabalhadores gráficos, em meio à maioria dos profissionais analfabetos. A habilitação de tipógrafo possibilitava descobrir o mundo dos letrados através dos periódicos, livros, revistas, panfletos, opúsculos que circulavam, de mão em mão, pelos espaços da cidade. O prelo, às vezes, feito pelos próprios tipógrafos, poderia ser fabricado desde a madeira lapidada com os cuidados de mestres, cujos tipos de composição eram feitos na ponta da faca. Os equipamentos mais sofisticados vinham da Europa.

Os precursores da palavra subversiva forjavam no papel a arma contra a exploração da mão-de-obra assalariada. O surgimento da *imprensa operária* fez fluir a discussão sobre as condições de trabalho, bem como a participação de trabalhadores na vida pública. Os registros apontam para as experiências pioneiras nos anos de 1860, em jornais de pequeno formato e circulação restrita,

por conta das dificuldades financeiras para manter os impressos nas ruas. O *União Artística* (1860), tendo como redatores José Flamino Benevides e João Eduardo Torres Câmara, e *O Artista* (1862), impresso por João Evangelista, despontaram nessa empreitada no âmbito das publicações²⁷. Quase sempre vinculados às sociedades beneficentes, esses pequenos jornais procuravam dignificar o trabalho:

“O trabalho como as águas do batismo,
Os homens purificam e os enobrece,...
Mais vale na tripeça o sapateiro
Que o neto de barão sedicioso
Pois um é patriota verdadeiro,
O outro, um fardo inútil, vergonhoso (**O Artista**, 1862)

Letra a letra, a palavra era montada com o cuidado e audácia no terreno das disputas. Os tipógrafos foram os primeiros jornalistas da causa mobilizadora dos trabalhadores. Eles se faziam portadores da missão associativista e pregavam o verbo da união e fraternidade como possibilidade de dignificar o ofício. Em *O Typographo* (1866), jornal da União Typographica Cearense, impresso por M. P. Amora, redigido pelos tipógrafos João Dias da Silva, J. Henrique e F. Queiroz, ressaltavam-se os problemas da carestia, além de abordar, em seções específicas, a literatura, música, opiniões, críticas e outros assuntos, como notícias sobre o cotidiano da cidade. Esses pequenos jornais ganhavam espaços junto à categoria, faziam frente à exploração nos locais de trabalho e às péssimas condições de vida.

Outra experiência dos tipógrafos vem do jornal *O Colossal* (1878), órgão de divulgação de uma associação tipográfica de Fortaleza, que tinha, como objetivos expressos para os seus leitores, o “*combate à ignorância*”, “*o desejo de instrução para o verdadeiro batismo da civilização*” e a “*ilustração dos espíritos*” (Gonçalves, 2002). Na mesma perspectiva d'O Typografo, observamos mais uma folha voltada

²⁷ Gonçalves, Adelaide. In *Uma nova história do Ceará*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha. 2000. p. 265.

para a glorificação do ofício. Não se percebe, assim, um conteúdo mais engajado nas questões ideológicas, no que diz respeito aos questionamentos da categoria enquanto trabalhadores explorados pelo sistema. Mas o discurso muda na medida em que os embates vão se acirrando e o confronto, entre tipógrafos e patrões, se acentua, por conta das mudanças nas relações de trabalho.

Desta forma, em 1882, os tipógrafos cearenses fazem a sua primeira greve como forma de protestar contra os baixos salários, em defesa da melhoria das condições de trabalho e contra os abusos cometidos pelo gerente da tipografia *O Cearense*, Paula Pessoa. Ao afirmar que “*os tipógrafos não passam de auxiliares inteligentes, sim, mas com a mesma responsabilidade do papel e da tinta, do tipo e do prelo*”²⁸, Paula Pessoa conseguiu trazer à tona os problemas latentes: a exploração da mão-de-obra e as condições de trabalho. O próximo passo dos tipógrafos seria a criação do jornal *A Greve*, cuja pequena tiragem fazia ironias no próprio expediente do impresso. Para não divulgar os nomes dos responsáveis pela publicação, o material era publicado através da “*typographia da greve*”, redigido pelo “*Chico Greve*” e impresso na pessoa de “*O Corrupção Democrata*”.

Enfrentar os patrões, donos das tipografias, e fazer uso do jornal como instrumento de mobilização e conscientização da categoria foram missões difíceis para os artesãos da palavra. Se por um lado a insatisfação dos tipógrafos resultou em demissões, por outro lado, introduziu as experiências de confronto e revelou as estratégias de enfrentamento. O contexto era de novas idéias, fértil para as discussões e questionamentos sobre as condições de trabalho estabelecidas nas fábricas, comércio, tipografias e outros locais. No mundo dos letrados, a escrita era a ferramenta que passava de mão em mão e tecia o universo das idéias transgressoras. A teia das leituras contestatórias era fomentada, no trabalho, nas ruas, em casa ou nos espaços públicos da cidade.

²⁸ Crítica publicada por Paula Pessoa no jornal *O Cearense*, em 1882.

1.2 Nos trilhos da luta

Mas os protestos dos trabalhadores não foram “privilégios” da mobilização dos homens letrados. Os homens do campo também participaram da luta por melhores condições de vida. Eles chegaram até a Capital e enfrentaram a exploração da mão-de-obra, num contexto de afirmação da cidade-província. Durante a construção da Estrada de Ferro de Baturité, a partir de 1872, um contingente de três mil trabalhadores chegou a ser arregimentado. A seca de 1877 a 1879 contribuiu para o aumento da mão-de-obra farta e barata, que ajudou a rasgar os *trilhos do progresso* no sertão cearense. Em 1878, foi a vez de o trem tomar o rumo da região Norte do Estado com o início da construção da ferrovia para Sobral, em direção ao porto de Camocim. Desta forma, no final do Século XIX, as estradas de ferro passaram a ser a “escola do trabalho”, preparando operários, segundo a lógica e racionalidade próprias do capitalismo²⁹.

O trabalho pesado de construção das ferrovias era sinônimo de exploração e baixos salários, cujos valores ficavam entre 300 e 800 réis, por dia. Para se ter idéia dessas quantias, na época, um jornal chegava a custar algo em torno de 500 réis. Mal alimentados e sem experiência técnica, eram comuns os acidentes em descarrilamentos e explosões de minas para abrir caminhos. Aos poucos, esses trabalhadores foram resistindo e criando mecanismos de defesa, pois a miséria extrema não era sinônimo de passividade, como analisa Tyrone Cândido:

...o padrão de trabalho não os condicionava à passividade. Pelo contrário, o padrão de trabalho novo, de tipo capitalista, caracterizado pelo tempo cronometrado, pela disciplina, e pela necessidade de obediência a um saber estranho, parece ter suscitado, por parte dos trabalhadores da construção da Estrada de Ferro de Baturité – homens e mulheres provenientes do sertão

²⁹ Cândido, Tyrone Appollo Pontes. In *Os Trilhos do Progresso: episódios das lutas operárias na construção da Estrada de Ferro de Baturité (1872-1926)*. Trajetos. Revista do Programa de Pós Graduação em História Social e do Departamento de História da Universidade Federal do Ceará. Vol. 1, número 2 (jun.2002).

agrário -, momentos de conflitos e ações de resistência que marcaram indelevelmente a trajetória daquela ferrovia e a formação da classe operária”³⁰.

Em 1890, os trilhos já alcançavam Baturité e chegavam até Quixadá deixando um rastro de homens maltrapilhos e cansados das longas jornadas debaixo do sol. Nesse percurso, a ferrovia formava também uma categoria de trabalhadores, responsável pelos serviços de funcionamento das estações e manutenção dos trens e trilhos. Os chamados ferroviários eram pessoas que conheciam a história desses caminhos e compartilhavam de perto os desafios do ferro cravado sobre a madeira no chão quente. No período de 1888 a 1889, quando o Ceará saía de mais uma seca, o trem chegava ao sertão central com as oficinas, estações e locomotivas, ao longo de quase 200 quilômetros. Eram novos espaços de trabalho a empregar desde engenheiros e mecânicos, até auxiliares nas estações de passageiros.

Os retirantes começaram a conviver com o novo regime de trabalho, cheio de horas contadas e tarefas a serem cumpridas³¹. Acostumados ao trabalho familiar e autônomo nas terras arrendadas, agora se viam diante da divisão do trabalho e das ordens severas do engenheiro-chefe ou do capataz. O saber do campo era desprezado pela disciplina rigorosa imposta pelos engenheiros e regulamentos, alguns deles estrangeiros (Neves, 2005; Tyrone, 2002). O trem derrubava a mata, cortava as serras, “levava o progresso e dava empregos às pobres famílias”, como argumentavam os construtores. Diante das jornadas forçadas, esta gente do interior começou a traçar as estratégias de enfrentamento. Em 1889, as primeiras insatisfações chegam às ruas de Fortaleza, em manifestação dos empregados das oficinas de Baturité, que reivindicavam a regularização da jornada de trabalho de oito horas.

³⁰ Cândido, Tyrone Appollo Pontes. In *Os Trilhos do Progresso: episódios das lutas operárias na construção da Estrada de Ferro de Baturité (1872-1926)*. Trajetos. Revista do Programa de Pós Graduação em História Social e do Departamento de História da Universidade Federal do Ceará. Vol. 1, número 2 (jun.2002).

³¹ No próximo tópico (p. 25 a 35), faço uma breve análise sobre o contexto de participação desses trabalhadores em Fortaleza.

A tensão ficou ainda maior, a partir de 1891, com a implantação de mudanças na condução do trabalho da ferrovia, além de alterações na estrutura hierárquica e a imposição de uma caderneta de controle³². Nesse mesmo ano, os ferroviários realizavam a primeira greve da categoria, encabeçada por 52 operários das oficinas da Estrada de Ferro de Baturité. Os trabalhadores das oficinas, em Fortaleza, exigiam a demissão do mestre de oficina e reivindicavam aumento de salário³³. Eles condenavam a implantação de novas medidas impostas pelo engenheiro-chefe, Ernesto Lassance Cunha, sem a discussão prévia da categoria. Na visão dos ferroviários, as medidas constrangiam os operários. A paralisação durou cerca de um mês, suficiente para creditar a primeira vitória desses trabalhadores, tendo em vista que foram acatadas parte das reivindicações.

Alguns jornais da cidade faziam coro diante do protesto inédito. O jornal *Cearense* tinha, como um dos fortes apoiadores do movimento, Rodrigues Júnior. O jornal *O Combate*, ligado ao Partido Operário, apoiava e repercutia o movimento grevista e abria suas páginas para fazer as denúncias de insatisfações:

*“As officinas ficarão todas sôb a direção de um só mestre e um contra-mestre ficando o primeiro com largas attribuições, e como tal, perseguir os seus companheiros que o considerão mais um inimigo do que um chefe. Além de todas estas reformas feitas no Regulamento e que acarretarão estamos certos, sensíveis prejuízos para a nossa classe, pretende o Director da Estrada de Ferro, como tem dito particularmente, priva-los até do sagrado direito de votar, não querendo que haja política naquella repartição”*³⁴.

Pelas páginas dos jornais e outras fontes de pesquisa, as mudanças nas relações de trabalho, em que as imposições das jornadas excessivas, além das condições de trabalho e os baixos salários, contribuíram para as primeiras

³² Fonte: Jornal *O Combate*, de 26/05/1891.

³³ Fonte: Jornal *A Verdade*, de 07/06/1891.

³⁴ Fonte: Jornal *O Combate*, de 26/05/1891.

mobilizações de trabalhadores. A condição servil de trabalho, legado da sociedade escravocrata, buscava substituir a mão-de-obra compulsória pelo regime de tarefas diferenciadas, baseado no pagamento de baixos salários. A condição de exploração imposta aos trabalhadores sofreu resistências, preparando assim as estratégias de lutas e táticas de insubordinação. Os protestos surpreenderam o empregador, que buscou resposta frente ao confronto e atendeu parte das reivindicações. A criação da *Associação Beneficente do Pessoal da Estrada de Ferro de Baturité* era uma forma de conter as insatisfações.

A entidade beneficente fundada pelo engenheiro-chefe da *Estrada de Ferro*, Ernesto Lassance, tinha como objetivos a aproximação dos ferroviários, a fim de poder cooptá-los. O surgimento da escola de alfabetização noturna, ligada à associação beneficente, foi uma maneira de barrar as ações do Partido Operário (PO)³⁵, que também tinha uma experiência de Escola Noturna, com fins semelhantes. Já a direção da *Estrada de Ferro* buscava desarticular as ações do partido classista. Em virtude da capacidade de organização dos ferroviários e da numerosa fileira de trabalhadores, estimada em três mil pessoas, os partidos políticos e associações voltavam os “olhos” à categoria emergente e traçavam programas voltados a esse público. Mas a maior parte dessa aproximação tinha o intuito de desmobilizar ou ainda angariar votos nas primeiras eleições.

As experiências pioneiras dos ferroviários e tipógrafos, como ressaltai anteriormente, alimentaram as discussões das categorias. As suas vivências abriram os caminhos do intercâmbio de formação de novas entidades classistas. O proletariado conhecia, nos espaços de luta, as possibilidades de enfrentamento. As participações sedimentaram articulações futuras, no sentido de canalizar a insatisfação das categorias exploradas pelo novo regime de horas trabalhadas e salários reduzidos. Nesse contexto, a transição da Monarquia para a República trouxe contribuições ao debate e à circulação das idéias, no universo da política. A circulação de escritos rebeldes, difundidos pelas categorias, ajudava a questionar, permitia a reflexão sobre as condições impostas pelo mundo do trabalho. Os intérpretes da transgressão partilhavam de idéias opostas, eles se defrontavam

³⁵ Mais à frente trato do Partido Operário (PO). O partido prestava o apoio aos ferroviários nas suas lutas.

com o sistema que garantia a manutenção do poder e a exploração da mão-de-obra.

1.3 Operários na política

Com a proclamação da República (1889) e início da campanha para Governador e Assembléia Estadual, as disputas entre republicanos e ex-chefes políticos monarquistas se acirravam. O campo político partidário abria nova perspectiva de poder. Os setores organizados, representados pelas entidades da classe dominante, ocupavam o cenário da discussão política, tentando impedir que outros setores pudessem emergir. Os partidos políticos ligados ao poder não significavam ameaça à ordem econômica estabelecida. A pluralidade partidária, com fortes ligações com o Estado e a Igreja, pretendia muito mais obscurecer o confronto de classe com o intuito de ocupar os espaços de decisão do poder³⁶.

As agremiações partidárias começam a despontar em todo o País. O surgimento dos primeiros partidos ligados ao movimento dos trabalhadores fez brotar uma consciência gradual da luta em prol das propostas de classe. Era uma proposta diferente de ocupação do poder, em que o antagonismo de programas partidários pressupunha o confronto. A resistência aos setores conservadores começa a se organizar nos grandes centros urbanos. Em 1890 os socialistas criam o Partido Operário (PO), agremiação originada das discussões no Centro Artístico, no Rio de Janeiro. O partido pregava em seu programa a revolução social, considerando que *“a classe trabalhadora jamais poderá emancipar-se da tutela do capital sem que se aproprie dos meios de produção”*³⁷.

A experiência do Partido Operário vai até o ano de 1892 quando a agremiação se divide, no I Congresso Brasileiro Operário. Com representantes de vários estados brasileiros, o congresso apresenta carta de resoluções onde

³⁶ Para buscar esse entendimento, avalio que os partidos burgueses, no início do período republicano, eram movidos pelos interesses pessoais e as divergências de opiniões, como afirma Edgard Leite Ferreira Neto, in *Os Partidos Políticos do Brasil*. São Paulo. Contexto. 1989. 2ª edição, p. 14 e 15. De acordo com a análise do autor, *“(...) o confronto entre partidos burgueses seria apenas a manifestação de acomodações necessárias de poder e de propostas políticas”*.

³⁷ Rezende, Antônio Paulo. *História do Movimento Operário no Brasil*. São Paulo: Ed.Ática. 2ª Edição. 1990.

reivindica eleição direta em todos os níveis, jornada de oito horas de trabalho, salário mínimo e a proibição do trabalho de crianças com menos de 12 anos.

A atividade pioneira vinda do Rio de Janeiro, cuja síntese estava baseada na defesa do operariado, logo fincou bases em outras praças do país. Dentro dos mesmos princípios, em Fortaleza, é fundado o Centro Artístico, em 15 de junho de 1890, no Teatro São Luís. Os estatutos do PO cearense foram publicados em 31 de janeiro de 1891, pelo jornal *Cearense*³⁸, que tinha, na figura de Rodrigues Júnior³⁹, um fiel apoiador. Por outro lado, jornais, como *Pátria*, acreditavam que o PO não tinha motivo de existir, pois se tratava de imitação. Em 8 de junho de 1890, em artigo no *Libertador*, um dos colaboradores do jornal, Ildefonso Amorim, afirmava que o partido não era autônomo: “*elementos estranhos às classes proletárias é que estão movendo todos os atos do partido operário*” (Montenegro, 1980).

O partido pretendia arregimentar os trabalhadores e já nascia com a preocupação de formar quadros políticos no operariado cearense. O PO, no Ceará, era presidido pelo cirurgião-dentista Aderson Ferro, tendo como secretários, Augusto Tomé Vanderlei e Joaquim Vitoriano da Silveira. Entre os integrantes estavam também representantes de diversas categorias, entre os quais, Miguel Augusto Ferreira Leite, Olegário Antônio dos Santos (alfaiate), José Façanha de Sá (marceneiro); os mecânicos Olavo Pinto de Andrade, Joaquim Pinto do Carmo, Raimundo Soares Freire e Teodomiro de Castro; os pedreiros Bento Manoel Correia e Cândido Alves Brasil; Joaquim Rodrigues de Lima (sapateiro); Gonçalo José Júlio Nascimento (ourives); Zeferino Beleza (seleiro) e os gráficos Antônio de Moraes e Raimundo Pinto de Vasconcelos. (Montenegro, 1980; Moreira, 1989)

Naquele mesmo ano, em ação ousada do partido, nascia o próprio jornal (“*O Combate*”) de periodicidade trissemanal. O jornal ajudava a consolidar as pretensões partidárias, tendo em vista a participação dos impressos nas práticas doutrinárias, entre outras funções de cunho pedagógico, para a formação do

³⁸ Montenegro, Abelardo F. *Os Partidos Políticos do Ceará*. Fortaleza: Edições UFC, 1980.

³⁹ Rodrigues Júnior foi eleito deputado estadual pelo Partido Operário, na primeira eleição do Ceará, em 1891.

operariado. Mais do que um difusor do programa do partido, o impresso contribuiu para afirmar a identidade desses trabalhadores, haja vista que o jornal foi espaço de debate e polêmica. A partir de linha editorial crítica, o impresso analisava os problemas relativos às categorias assalariadas. Os redatores Aderson Ferro e Antônio Duarte Bezerra, integrantes do PO, faziam ecoar as diferenças, demarcando os espaços, no confronto político com as oligarquias.

O Combate teve papel relevante como elo dos operários cearenses com o mundo do trabalho. O jornal escrevia sobre experiências, locais, nacionais ou internacionais, com a divulgação de artigos, cartas e notas. As colunas “*Movimento Operário*”, “*Perfis Socialistas Brasileiros*” e “*Questão Social*” eram espaços de formação doutrinária, destinadas a mostrar uma agenda de ações partidárias, além de abordar temas de cunho ideológico. O jornal era um lugar de participação dos integrantes e simpatizantes do partido, trazia ainda artigos sobre “*O Partido Operário no Brasil*”, “*O Movimento Operário no Rio de Janeiro*”, “*O Socialismo na Alemanha*”, “*A Greve dos Cocheiros no Rio de Janeiro*”, além de abordar os demais temas voltados à problemática dos trabalhadores.

Mais de 20 seções do PO no interior e na Capital tinham, entre outras atribuições, fazer a distribuição do periódico do partido. Em Fortaleza, *O Combate* podia ser lido nos cafés, praças, barbearias, locais de trabalho, enfim, onde pudesse alcançar os espaços da militância. A prática de leitura, de mão em mão, fazia *O Combate* se multiplicar pelas cidades. Assim, o partido levava a um público mais amplo, seu programa que tinha compromisso fazer defesa das oito horas de trabalho diário, a redução da jornada de trabalho das mulheres e crianças, a habitação higiênica, a instrução e a educação das classes populares. Preocupado em mapear as bases partidárias, o PO também organizou uma comissão para apurar o número de trabalhadores cearenses, criando, mais tarde, o conselho de combate ao analfabetismo.

O PO ainda fez a campanha contra o Código Penal que, na opinião do partido, “nega aos operários a qualidade de direitos e os faz párias”⁴⁰. Embora estivesse à frente de movimento inovador, no sentido da política partidária, já que

⁴⁰ Montenegro, F. Abelardo. *Soriano de Albuquerque, um pioneiro da sociologia no Brasil*. 2ª edição, Fortaleza, 1977. P.126.

a própria agremiação fazia críticas aos republicanos, o PO tinha características reformistas:

*“É possível conhecer, através das páginas d'O Combate, as idéias elaboradas e difundidas frente ao nascente proletariado no Ceará, em sua matriz socialdemocrata, falando de direitos, da justiça, da universalidade de acesso à democracia. Denunciam em suas páginas que os operários não experimentam tais valores de forma representativa, afirmando a necessidade da organização em torno de seu partido”*⁴¹

Com a formação do primeiro partido, cujo programa defendia os trabalhadores, podemos perceber a ação nascente do proletariado cearense. No âmbito do poder constituído, após a proclamação da República, buscam-se, na política, outras formas de ocupação do *Estado*. É importante ressaltar que, antes do movimento em prol do partido, os tipógrafos despontam com uma greve (1882) e os trabalhadores do mar, em especial, os jangadeiros e a capatazia formam, no campo abolicionista, a célebre campanha contra o embarque de escravos na Praia do Mucuripe (1881), em Fortaleza, resultando em greve pioneira:

*“A mentalidade do trabalho livre vai se transformando em nome de suposta idéia conservadora de modernidade, que, de certa forma oportunista, adapta o discurso de insubordinação do cativo pelo trabalhador assalariado. Nesse contexto nascem os movimentos abolicionistas, formadores de opiniões e questionamentos do sistema escravista, em particular, do tráfico interno do Brasil.”*⁴²

Em se tratando do protesto dos jangadeiros cearenses, há de ressaltar-se as particularidades do movimento. Com o tráfico interno de negros no Brasil,

⁴¹ Gonçalves, Adelaide; Silva, Jorge e (Org.). *A Imprensa Libertária do Ceará 1908-1922*. São Paulo: Imaginário, 2000.

⁴² Ferreira Sobrinho, José Hilário. *“Catirrina minha nega, teu sinhô ta te querendo vende, pero Rio de Janeiro, pero nunca mais ti vê. Amaru mambirã”*: o Ceará no tráfico interprovincial. 1850-1881. Dissertação de Mestrado. UFC. Fortaleza, 2005.

houve transferência dessa gente em momento em que as idéias abolicionistas tomavam dimensão. O Ceará vinha de condição diferente de algumas províncias, onde o trabalho escravo era utilizado em larga escala. O menor número de negros, em terras cearenses, havia criado vínculos com as relações pessoais, afetivas, enfim, laços com os locais de morada. Os jangadeiros conviviam de perto com o martírio dos negros e compartilhavam da dor pela separação e, de certa forma, solidarizaram-se contra o tráfico interprovincial.

Ressalte-se ainda, na luta pela formação das categorias dos trabalhadores, a inclusão dos *Caixeiros*. A participação desses trabalhadores junto aos abolicionistas e republicanos, a partir do Século XIX, chegou a alcançar conquistas históricas, como o fechamento do comércio aos domingos (1893), na Capital. Em meio aos jornais e outras publicações cearenses, no período, não podemos deixar de destacar a contribuição da *Imprensa dos Caixeiros*. O associativismo implantado com a *Phenix Caixeiral* (1891) foi importante para a difusão e a criação da rede de pequenos jornais, em Fortaleza e no interior do Estado. Desde a primeira publicação de *O Athleta* (1891), passando pelo *Phenix Caixeiral* (1893), *A Opinião* (1897), *Pedro Moniz* (1898), *A União* (1906) e outros jornais, estava sempre a marca da imprensa preocupada com o trabalho e a educação dos *rapazes do comércio*⁴³.

Atrás dos balcões e prateleiras de 277 estabelecimentos comerciais da cidade (1862), os trabalhadores estavam espalhados pelas mercearias, quitandas, açougues, armarinhos, empórios e demais estabelecimentos. Parcela reduzida deles atuava nos armazéns, escritórios comerciais e industriais, casas bancárias e alfândegas⁴⁴. Usando a mesma expressão de Rodolfo Teófilo, o *creado de servir* vinha de formação desqualificada, com poucas possibilidades de ascensão social, nem mesmo podia exercer o direito ao voto, em 1868 (Teófilo, 1905). Os

⁴³ Oliveira, Francisco de Assis Santos de. *Os Caixeiros no Ceará: Trabalho e Educação na Revista Phenix – 1891-1916*. Dissertação de mestrado (UFC). Fortaleza, 2005.

⁴⁴ Em artigos de apresentação da publicação fac-símile de *O Caixeiro* (Theófilo, Rodolpho. Coleção Outras Histórias, vol.18. Museu do Ceará; Fortaleza, 2005), os historiadores Eurípedes Funes e Adelaide Gonçalves fazem um breve relato da história da participação desses trabalhadores no final do século XIX, no Ceará.

profissionais do comércio eram considerados *escravo branco*⁴⁵ pelas próprias condições de trabalho a que estavam submetidos, alguns chegavam a integrar o corpo serviçal da casa, dormindo no quintal dos patrões e realizando tarefas domésticas.

Mas o direito à participação, nas urnas, e outras conquistas da categoria são alicerçados nas lutas que transpõem os balcões do comércio. Com a criação do *Reform Club* (1876), os caixeiros mantêm os primeiros vínculos na busca de conquistar o espaço de luta, em defesa das idéias abolicionistas. A agremiação pretendia ainda incentivar a produção intelectual da categoria em formação. As estafantes jornadas de trabalho, no comércio, não possibilitavam o acesso dos trabalhadores às atividades de formação educacional. O *Club* foi o momento de discussão das primeiras manifestações de insatisfação desses trabalhadores.

As experiências dos caixeiros, gráficos, alfaiates, marceneiros, ourives, pescadores e outras profissões, juntam-se, em iniciativa pioneira, para formar a categoria dos trabalhadores explorados, a partir das condições de trabalho estabelecidas pelo desenvolvimento do modo de produção capitalista. As ações de rebeldia aconteceram no contexto em que as relações de trabalho vinham sofrendo mudanças. As idéias passaram a ser confrontadas com os modos de viver dos trabalhadores, nas novas condições estabelecidas pela exploração da mão-de-obra.

Mesmo sendo algumas ações de insubordinações esparsas, a exemplo da greve dos tipógrafos e outros protestos dos trabalhadores registrados nos jornais da época, percebo que as articulações dos sujeitos não aconteceram de forma isolada e “natural”. Eles estavam movidos pelo sentimento de revolta, provocado pelas condições de trabalho e pela consciência de exclusão sociopolítica. A circulação das idéias, pela imprensa e outras formas de comunicação, mostra a crítica social realizada pelos trabalhadores militantes sobre o contexto social, e revela a percepção de universo de vida diferente.

⁴⁵ Conforme relato biográfico no livro *O Caixeiro* (Museu do Ceará, 2005), Rodolpho Theóphilo usa o termo *creado de servir* na maneira de expressar a sua indignação quanto às difíceis condições de vida submetidas pela prática do ofício de caixeiro. Ao chegar a Fortaleza (1868) teve o primeiro emprego atrás do balcão de um armário de roupas.

Os impressos da época deixam pistas para que se possa compreender e interpretar essas lutas que aconteciam nos primórdios da formação das categorias. As leituras ajudam a refletir sobre o ambiente em que o Capital e o Trabalho estavam começando a se confrontar no Ceará. Os registros do jornal *O Combate* mostram ainda que esse campo de luta se estendeu. Através do Partido Operário, havia uma discussão visando ao intercâmbio de idéias dos trabalhadores de vários lugares do País e do exterior. Isso contribuía para a ampliação das relações políticas e ideológicas, com as demais categorias em formação.

Para tentar unir as forças dispersas, as primeiras lideranças do movimento em prol dos trabalhadores buscam se aglutinar em torno de questões específicas. Trabalho e educação eram duas grandes plataformas de atuação. Na percepção do movimento partidário, o trabalho dignificava o homem e a educação criava a possibilidade de mobilidade social. O combate ao analfabetismo foi sempre uma preocupação do primeiro partido ligado aos trabalhadores, o Partido Operário (PO). A participação de trabalhadores, nos primórdios, ajudou a criar a estrutura partidária, capaz de organizar ações importantes, em Fortaleza.

As contribuições dos sócios e simpatizantes do partido conseguiram manter um jornal e a escola de alfabetização, além da criação da banda de música (Euterpe Operária), sob a regência do maestro Manoel Ferreira da Silva. O PO chegou a organizar uma Escola Noturna com 194 alunos. Mas o aparato a serviço do partido, reforçado pela ação dos militantes, também causou a primeira divergência interna, fazendo surgir assim oposição comandada por João Benevides e João da Rocha.

Mais uma vez o meio impresso é o canal de voz dos contrários. Os dois opositores fundam o jornal *O Operário*, em 28 de fevereiro de 1892, em defesa da ordem e do progresso. Segundo a análise de Francisco Moreira Ribeiro, a oposição dentro do partido estava muito mais ligada às questões políticas pessoais, do que propriamente às divergências ideológicas. Os redatores d'O Operário eram contra a greve dos trabalhadores, defendiam a disciplina e o respeito à hierarquia como forma de manter a harmonia entre patrões e

empregados. O discurso positivista permeava, pois acreditava na garantia do Estado como mantenedor da ordem e bem-estar do cidadão.

O jornal mostrava o outro lado do partido ligado às idéias de Comte e Spencer. Eram idéias impregnadas pelo evolucionismo e a razão, tentando adaptações de leituras da realidade local. Os contrários provocaram o confronto e permitiram expor os pensamentos, nos primórdios da luta. O meio impresso deixou, nas suas páginas, o registro da disputa. Em *O Combate* e *O Operário*, é possível a percepção das diferenças, além das disputas no próprio partido (Montenegro, 1980; Gonçalves, 2002; Moreira, 1989). O *Operário* tem o discurso mais conciliatório, contrapõe o concorrente: “*A Aliança da razão com o coração é necessária e indispensável na peleja e resistência contra as paixões*”. As diferenças e disputas vão formando a classe operária no Ceará.

Pela imprensa operária, que brotava das experiências das primeiras lutas dos trabalhadores e ainda com a criação do PO, é possível fazer a análise do processo de formação do operariado cearense. Embora as riquezas do Estado estivessem concentradas na agricultura, em Fortaleza, nascia uma maneira diferente de exploração da riqueza. As relações de trabalho criaram condições hegemônicas de dominação da mão de obra assalariada (gráficos, ferroviários, pescadores, caixeiros e outros). Entretanto, a dominação sofreu resistências contribuindo para o operariado organizar as estratégias de enfrentamento. Desta forma, a história desses homens explorados pelo trabalho não se deu de forma determinada e reduzida. Tal idéia pressupõe “*uma impotência (ou limites insuperáveis ao poder) dos participantes na ação*”, como afirma Raymond Williams (1979). Busco entender a hegemonia nas relações de conflito, de forma processual:

“Uma hegemonia vivida é sempre um processo. (...) não existe apenas passivamente como forma de dominação. Tem de ser renovada continuamente, recriada, defendida e modificada. Também sofre uma

*resistência continuada, limitada, alterada, desafiada por pressões que não são as suas próprias pressões*⁴⁶.

O confronto, nos locais de trabalho e noutros espaços da cidade, apresentava uma relação diferente entre patrão e empregado. Os opostos se faziam presentes no trabalho e em casa. Para entender essa relação, é necessário conhecermos ainda algumas mudanças do processo. A mão de obra abundante chegava à cidade com milhares de “retirantes” acampados em Fortaleza. As condições de trabalho oferecidas a essa gente eram precárias, jornadas de até 12 horas, por dia. A cidade vivia a realidade contrastante num contexto de arremedo de *Belle Epoque*, com a mimetização dos costumes europeus transplantados para os clubes e os salões dos cafés da cidade. Junto com essa soberba nascia a chamada “arraia miúda”.

A chegada dos retirantes da seca, no final do século XIX (1877, 1889 e 1900), concentrou uma população de pobres, famintos e maltrapilhos pelas ruas de Fortaleza. Enquanto nos salões da classe abastada se falava nas modas e costumes franceses, nas esquinas, amontoava-se a leva de miseráveis (Neves, 2005). Somente no período de 1877-1880, Fortaleza chegou a receber cerca de 114 mil pessoas vindas do interior, enquanto, na mesma época, a cidade tinha aproximadamente 25 mil habitantes. Se por um lado a elite dominante procurava apresentar a Fortaleza formosa, baseada nos traços urbanos e arquitetônicos europeus, crescia o número de pedintes e desempregados, moradores da cidade⁴⁷.

A transferência dos problemas do interior (seca, desemprego, violência, fome, doenças...) para a capital do Estado, em virtude da chegada de grande contingente populacional, provocou mudanças na vida da cidade. As mudanças vão desde a circulação das pessoas até os hábitos e costumes. A partir da urbanização do espaço público, criou-se zona de exclusão para isolar as

⁴⁶ William, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Companhia das Letras, 1979.

⁴⁷ Theóphilo, Rodolfo. *Violência: Lyceu do Ceará*. Edição Fac-similar. Fortaleza: Museu do Ceará, 2005.

diferenças sociais. A ordem constituída procurava usar as estratégias de ordenamento. A burguesia fazia das sobras caridade ao povo faminto, enquanto o poder continha as “insubordinações” pela força e a violência. Os crimes, a prostituição e as epidemias assustavam a elite conservadora.

Com isso, evidencia-se longo processo de transformação da própria cidade, ligado aos sentimentos relativos às relações entre a cidade de Fortaleza e “os retirantes”. Na análise de Frederico de Castro Neves, a transformação se dá “(...) *Através das ações de um novo sujeito político – a multidão -, os retirantes alteraram os usos e os sentidos da cidade, exigindo de autoridades uma nova postura de ação, gerando um amplo sistema de socorros baseado no trabalho, e, da população urbana, uma nova atitude, em que a caridade e a solidariedade cristã são colocadas em xeque.*”⁴⁸. Os espaços públicos eram ocupados por contingente populacional à sua maneira: maltrapilhos, famintos e sujos. Para a elite, a remodelação da cidade era necessária no sentido de promover novas exigências urbanas.

O enorme contingente de novos moradores e outros residentes, pretos, brancos, “retirantes” e pobres, juntaram-se nos arredores da cidade, buscando resistir à hegemonia da burguesia. Em meio às histórias de Fortaleza dos “tempos áureos”, surgia outra cidade de trabalhadores e desempregados. Toda a desgraça em que estava mergulhada a chamada “*Belle Époque*”, lembra muito mais o território das diferenças entre ricos e pobres. O *Belle* parecia esconder o conflito pela sobrevivência na cidade. A miséria era apresentada pela Igreja e o Estado como destino do povo sertanejo numa “*Époque*”. A nova condição de vida transplantada na cidade, tinha contradições e carregava conflitos, desde os *boulevards* aos casebres da periferia.

O breve entendimento feito das mudanças, na ocupação da cidade, a partir do final do século XIX, é importante para a compreensão do contexto onde se situam os trabalhadores. Em tempo de adensamento da Capital, seca no interior, surgimento da República e oligarquias no poder, os contatos entre os homens do campo e os trabalhadores da cidade começam a despertar iniciativas inéditas de

⁴⁸ Neves, Frederico de Castro. Revista de História. Ed. UFC. 2005. In *Estranhos na Belle Époque: a multidão como sujeito político (Fortaleza, 1877-1915)*.

protestos e reivindicações, a exemplo da greve dos ferroviários e das conquistas trabalhistas dos caixeiros. A formação das categorias de trabalhadores apresenta novas perspectivas de discussão, pelos primeiros contatos com as idéias disseminadas por tipógrafos, gráficos, ferroviários e outros profissionais.

O complexo emaranhado das relações entre os trabalhadores do campo e da cidade e os patrões chega à política, em que as disputas de poder são confrontadas de outras formas. A abolição dos escravos, a proclamação da República e as eleições trouxeram um ambiente político diferente. Movidos pela possibilidade de ocupação do poder através das eleições, as categorias de trabalhadores, em processo de formação, nos espaços da cidade, tentam construir outro campo de participação. Unir as mais diversas categorias exploradas pela burguesia emergente, sejam “homens retirantes”, trabalhadores assalariados ou moradores da cidade, podia ser ameaça ao poder constituído.

Talvez, por representar ameaça aos partidos tradicionais, no início do Século XX, a primeira experiência partidária ligada aos operários (PO) começa a desmobilizar, entre outras razões, por conta do surgimento de instituições que se faziam aliadas dos trabalhadores. As novas agremiações tinham um discurso que parecia confundir os operários, fazendo-se passar por defensores das categorias exploradas. Por outro lado, os integrantes do Partido Operário cearense eram considerados explorados pelos ex-chefes monarquistas⁴⁹. A própria inexperiência político-partidária, além da plataforma reformista do Partido Operário, contribuía para o esfacelamento.

A repressão às mobilizações do partido também ajudou na desarticulação, a exemplo dos confrontos registrados no Centro de Fortaleza, como a prisão de Rodrigues Júnior e a invasão da casa de Farias Brito (1890). O movimento operário cearense tinha ao seu lado os liberais e procurava ampliar a atuação do partido pela Confederação Operária (1892)⁵⁰. O governador do Estado, coronel Benjamim Barroso, era contra a nova força política. Perseguidos ou cooptados pelos partidos políticos, os representantes dos trabalhadores eram marcados pela

⁴⁹ Fonte: Jornal *O Libertador*, dia 19/09/1890.

⁵⁰ Ribeiro, Francisco Moreira. *O PCB no Ceará: Ascensão e Declínio 1922-1947*. Fortaleza, Edição UFC/Stylus Comunicações, 1989. p.23.

repressão implantada pelo poder vigente, o que contribuía para desmobilizar os militantes do PO.

As forças voltam a se reorganizar, em oposição à oligarquia Accioly. Um dos pontos de encontro da oposição é o Centro Artístico Cearense (1904). Os caminhos da oposição se estabelecem em linha muito tênue, entre o conservadorismo e a luta de classe. O Centro Artístico ora assumia funções de assistência aos trabalhadores, ora era fator de mobilização dos mesmos trabalhadores. O Centro era de tradição beneficente, os estatutos garantiam a obrigatoriedade de fazer o enterro dos seus associados, bem como prestar ajuda às famílias enlutadas e aos inválidos. A prestação de serviço ao trabalhador fazia do *Centro Artístico* uma instituição assistencialista. O jornal da instituição, *Primeiro de Maio*, apesar de se proclamar contrário à participação política, indicava alguns candidatos e até participava das contendas eleitorais.

Em cenário de contradições e ambigüidades, quanto à organização e representação dos trabalhadores, é possível perceber o Centro Artístico Cearense como um dos principais articuladores dos trabalhadores cearenses. Além de retomar as articulações dos trabalhadores em Fortaleza, representou o movimento operário, via delegação de Pinto Machado, junto ao primeiro Congresso Operário Brasileiro, em 1906, no Rio de Janeiro. Este é o primeiro registro de uma entidade do Ceará em encontro das lideranças trabalhadoras no âmbito nacional. Isso permitiu estabelecer o contato com as demais idéias, ajudando a preparar as futuras bases de articulação nacional. Entretanto, a participação na esfera da política ensinou aos trabalhadores cearenses a buscar outra trajetória do movimento operário, munida de interesses classistas, que ajudaria a preparar o terreno para as lutas contra a exploração do trabalho.

1.4 Idéias transgressoras

Os primeiros anos do Século XX são marcados pelas idéias libertárias, oriundas do pensamento anticlerical e do anarquismo, do outro lado do continente, trazidas pelos trabalhadores imigrantes da Itália, Portugal e Espanha, ou mesmo

pelos trabalhadores brasileiros que faziam os primeiros contatos com autores estrangeiros. Esses homens, mulheres espalhadas pelos estados de Pernambuco, São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, trouxeram a semente de novas idéias. Os agentes condutores das palavras de Bakunin, Kropotkin, Lassalle, Proudhon e Karl Marx alcançaram os canteiros cearenses e aqui encontraram o campo fértil da jovem intelectualidade e trabalhadores engajados na luta das causas libertárias.

Estudantes do Liceu do Ceará, tradicional escola da cidade, alunos da Faculdade de Direito, berço de formação de intelectuais de Fortaleza, além de trabalhadores de núcleos de tipógrafos, gráficos, professores e outros militantes sociais faziam parte do circuito das idéias transgressoras. Eles tiveram acesso às publicações dos escritores revolucionários e fizeram os primeiros contatos com os militantes da luta operária internacional. O pensamento se fortalece em associações, partido político e outros lugares de discussões da cidade de Fortaleza. Os escritos europeus disseminavam a vertente do protesto, atacavam o clero e afrontavam a burguesia. As idéias são reforçadas pelos impressos, chegando aos alfabetizados como alternativa para o debate nas entidades de classe, no meio acadêmico, entre profissionais liberais e trabalhadores.

O ambiente de discussão, na cidade, contribuiu para o surgimento dos quadros da militância. Eram pessoas ligadas às causas libertárias, os transgressores da ordem estabelecida. As publicações trafegam fazendo ponte entre os pensadores e os intérpretes das causas libertárias. Os pequenos jornais conduziam as palavras do questionamento, falavam das diferenças sociais e propagavam o discurso da regeneração social. De acordo com a análise de Adelaide Gonçalves, a imprensa no Ceará, inspirada no socialismo libertário, está ligada a três fatores básicos:

“A primeira (...) resulta das mudanças socioeconômicas que se vão operando no Ceará na virada do século. A segunda deriva do próprio ‘fazer-se’ do movimento operário no Ceará e das idéias socialistas que começavam a ser esboçadas, desde o final do Século XIX, em várias

*idades brasileiras. A terceira advém da relação estabelecida entre os militantes locais e as resoluções dos congressos operários, da tentativa de efetivação de suas resoluções, como ainda do intercâmbio com os grupos editores das folhas operárias do Brasil e Portugal.*⁵¹ (Gonçalves, 2003)

As novas idéias trazidas pelas publicações reverberam na cidade. O Passeio Público, a Praça do Ferreira, as barbearias, os cafés, as livrarias, a Faculdade de Direito, entre outros locais, eram lugares de freqüentes discussões. O ambiente de debate é uma novidade para os jovens e intelectuais de Fortaleza. Na Faculdade de Direito do Ceará, o professor Soriano Albuquerque “impregnava” a cabeça dos rapazes com as doutrinas filosóficas materialistas, evolucionistas e outras “idéias subversivas”, como alertava o Barão de Studart. Mas, ao contrário do que pensava a burguesia emergente da Capital, as idéias em vez de subversivas, “*eram formadoras de nosso caráter*”, na opinião do professor das letras jurídicas.

O Liceu do Ceará, a escola pública mais importante do Estado, também tinha voz dos contrários. Um dos maiores interlocutores da oposição à política da oligarquia dos Accioly era Rodolpho Theóphilo. As palavras do conceituado intelectual, homem de múltiplas profissões⁵², traziam à tona outra interpretação da miséria em tempos de seca. Para revolta do poder público, ele não poupava as palavras de protesto contra as indiferenças e discriminações da política. Ao tentar explicar a perseguição pela qual passou no Liceu, o bravo professor descreveu: “*O meu crime vem da publicação a meu livro – Seccas do Ceará – em que tratando das administrações que tem tido o Estado durante as seccas, tive o atrevimento*

⁵¹ Gonçalves, Adelaide & Bruno, Alisson. *O Trabalhador Gráfico*. Fortaleza: UFC, 2002.

⁵² No texto de apresentação (Rodolpho Theóphilo: o protesto da palavra) - In Theóphilo, Rodolfo. *Violência: Lyceu do Ceará*. Edição Fac-similar. Fortaleza: s.n, 1905 – Adelaide Gonçalves classifica as múltiplas funções do homem e professor, como: “*caixeiro vassoura, farmacêutico doublé de médico, historiador das secas, romancista da fome, escritor da utopia, homem da botica, leitor impregnado de cientificismo, missionário, idealista, humanista, ardoroso militante das causas da liberdade...*”.

*de criticar, com muita benevolência, é verdade, a passada administração actual do Estado*⁵³.

A rebeldia de Rodolfo Teófilo, professor vitalício da antiga cadeira de mineralogia, geologia e meteorologia do Liceu do Ceará, custou-lhe o afastamento da função, tendo como justificativa “miraculosa” reforma do ensino criada pelo então governador Nogueira Acioly, no início do Século XX. Na época, a família Accioly gozava das mordomias do poder, ocupando cargos de secretário, diretores de seções, academia de Direito, Liceu, Escola Normal, Intendência Municipal, Batalhão do Exército, vereador, senado federal, deputado federal, enfim, todas as funções ao alcance da caneta do oligarca.

O discurso dos contrários incomodava a elite dominante, era motivo de crítica nos jornais da cidade. O incômodo das palavras ditas e escritas distribuída a discórdia e fomentava a polêmica, como preferiam reclamar. Os periódicos estavam presentes nos espaços de circulação das idéias, como difusores das mais variadas opiniões. Em artigo publicado no jornal *Unitário*, João Brígido alertava para os perigos da balbúrdia presente na forma republicana:

“A entidade social república é mesmo, nas massas, uma cousa confusa, sem qualificação positiva e assento. Entre nós, república não passa da balbúrdia atual, e se destaca das outras formas de governo só pela circunstância de não termos um rei ou imperador, mas achar-se à frente de nação um indivíduo, que lhe levanta o falso de ter sido escolhido por ela... As suas tendências tinham sido principalmente para a forma tutelar, para o comunismo...” (João Brígido)⁵⁴

O intercâmbio entre a escrita e os pregadores da palavra que tanto alarmavam os conservadores criou experiências precursoras com base nas leituras científicas. Das salas de aulas da Faculdade de Direito, os alunos do professor Soriano fundaram a revista “*A Fortaleza*” (1906), uma das ações

⁵³ THEÓPHILO, Rodolfo. *Violência: Lyceu do Ceará*. Edição Fac-similar. Fortaleza: Museu do Ceará, 2005, p. 55.

⁵⁴ Fonte: Jornal *Unitário*, 07/10/1903.

pioneiras no ambiente das discussões. Joaquim Pimenta, aluno disciplinado e seguidor do mestre, era o principal articulador da publicação, com ensaios filosóficos. A experiência na publicação trouxe o respaldo para outras iniciativas, além do apoio dos intelectuais cearenses⁵⁵. Alimentados pelo sentimento do novo, os jovens interpretavam os positivistas, evolucionistas e granjearam certo respeito dos restritos círculos intelectuais da província. A revista foi espaço que fomentou as novas interpretações e criou um canal de idéias opostas, livres das amarras obscurantistas.

Os estudantes do primeiro ano da Faculdade de Direito, entre eles, Joaquim Pimenta, Raul Uchôa, Mário Linhares, Genuíno de Castro, Eurico Matos e Jaime de Alencar, conseguiram publicar 12 edições da revista “A Fortaleza”, pela Tipografia Minerva, de seis de outubro de 1906 a 6 de outubro de 1907. A série de artigos condensados, intitulada “*A Moral considerada sob três pontos de vista: religioso, metafísico e político*”, fazia interpretação do conceito de moral, com base na matriz eclética dos conceitos de Darwin, Lamarck, Comte, Haeckel e Spencer. A marca do mestre não poderia deixar de fincar as bases deste ensinamento: o livro de Soriano Albuquerque (*O Direito e a Sociologia*) é lembrado “*como uma original classificação dos fenômenos sociais à luz das elevadas concepções sociológicas...*”.

De sua repercussão, nasce “*A Terra da Luz*” (1908), sob a direção de Joaquim Pimenta. Tida como revista dos intelectuais cearenses (Montenegro, 1980; Nobre, 1974), o periódico traz textos literários e científicos de colaboradores conceituados na cidade, a exemplo de Clóvis Bevilacqua, Rodolpho Teóphilo, José do Patrocínio, Soriano de Albuquerque, Júlio Maciel, Pedro de Queirós, José Lino, Elcias Lopes, Cabral de Alencar e outros. O pensamento do filósofo Nietzsche ocupava espaços na revista ao lado dos artigos de Soriano Albuquerque e a irreverência de Joaquim Pimenta, que começava a esboçar as primeiras palavras em defesa do anarquismo, à maneira de Bakunin e Proudhon, suas leituras da juventude.

⁵⁵ Gonçalves, Adelaide e Silva, Jorge E (Org.) *A Imprensa Libertária do Ceará 1908-1922*. São Paulo. Ed. Imaginário, 2000.

Não bastassem essas iniciativas, Pimenta funda ainda o jornal “*O Demolidor*” (1908) com a ajuda dos amigos Adonias Lima e Boanerges Facó. A publicação tinha um discurso fortemente contrário à Igreja Católica, era contra o conservadorismo dos religiosos e condenava a presença dos frades estrangeiros. *O Demolidor* circulou em seis edições, suficientes para provocar a ira dos padres nos sermões das missas. Em municípios como Beberibe, o padre Paulino Nogueira recolheu todas as edições da publicação anticlerical. A rebeldia de Pimenta não ficou por menos. Ele chegou a ser arrastado de dentro da república estudantil para a delegacia de Polícia, onde prestou esclarecimentos sobre a publicação, conforme artigo do jornal *A Voz do Trabalhador* (Rio de Janeiro), em 22/11/1908.

A Capital cearense tinha pouco mais de 50 mil habitantes - alguns pequenos e atuantes círculos de debates e difusão das idéias - e crescia com os operários das fábricas de tecidos, o comércio atacadista de alimentos e produtos manufaturados. A oligarquia dos Accioly comandava a política, mas havia a resistência por parte da elite pensante e dos trabalhadores que começavam a se organizar em entidades de classe. Fortaleza tomava corpo como cidade e ganhava as formas do *belle* e o *laid*, numa alusão a *Belle Epoque*. O ímpeto jovem e rebelde, ávido por descobertas, lançava luzes para uma base de discussão de pensadores da redenção e do progresso.

As vozes da diferença faziam ecoar na escrita outro universo da palavra, providas de transformações e mudanças nos meios social e cultural. Do ambiente estudantil vem outra proposta inspirada nos movimentos revolucionários, carregada de sentimento libertário. Das mãos de Moacir Caminha, habitual freqüentador das repúblicas estudantis de Fortaleza, nasce “*O Regenerador*”, cujas origens vêm do socialismo libertário. “*O Regenerador (1908) é seu primeiro experimento de difusão das ditas idéias avançadas e audaciosas. Nele, Caminha divulga texto de Kropotkin e Gorki, mas todo o jornal está impregnado do espírito do tempo: a indignação com a injustiça é paralela ao desejo esperançoso de uma*

*regeneração da sociedade que só podia brotar, segundo ele, da Revolução Social*⁵⁶.

O único número do jornal apresentava idéias de regeneração social e mostrava a circulação das idéias que trafegavam no Rio de Janeiro e São Paulo, chegando à Capital cearense por meio de revistas e livros. A proposta de Caminha não era demarcar o espaço da política através do impresso, mas sim trazer novas discussões do socialismo libertário. Ele agrega à tradição dos impressos cearenses, a idéia dos estudos dos valores e idéias novas, e funda o *Clube Socialista Máximo Gorki* (1908). Responsável pela publicação de boletins, notas, manifestos e outras publicações escritas, o clube seria pioneiro na introdução dessas idéias de corte libertário.

Idealista e visionário, Caminha ainda trouxe outras experiências para o centro das discussões, criando o Grupo Libertário de Estudos Sociais (1911), cuja proposta era difundir a revolução social pelos espaços de discussões, distribuição de livros e jornais. Percebe-se, assim, a preocupação com a formação, leitura e o estudo nos meios letrados. Nesse tempo, as relações aproximam a vanguarda das idéias com alguns círculos de trabalhadores. O clima de discórdia, frente à massa crítica, assalariada e provida de leituras, uniu categorias peculiares. Tipógrafos e ferroviários chegaram a participar juntos do movimento de luta contra os baixos salários, por melhores condições de trabalho, em Fortaleza (1912).

O movimento reivindicatório contribuiu para a aproximação das categorias e, conseqüentemente, a criação da sociedade de amparo e auxílio mútuo às classes proletárias, denominada "*Socialistas Obreiros Liberais*"⁵⁷, presidida por Honório Teixeira. A entidade tinha a função principal de prestar apoio aos desempregados, bem como auxiliar as categorias nas greves. A greve dos ferroviários foi considerada "*a primeira manifestação coletiva de revolta do operariado contra a exploração capitalista*" (Montenegro, 1977). A organização criou laços e logo

⁵⁶ Gonçalves, Adelaide; Silva, Jorge e (Org.). *A Imprensa Libertária do Ceará 1908-1922*. São Paulo: Imaginário, 2000.

⁵⁷ Montenegro, F. Abelardo. *Soriano de Albuquerque, um pioneiro da sociologia no Brasil*. 2ª edição, Fortaleza, 1977. P.99.

surgiu a Comissão Estadual da Organização Operária, nomeada pela Comissão Central da Confederação Brasileira do Trabalho (CBT).

Fortaleza estava em plena efervescência política e cultural com a construção do Teatro José de Alencar, obra de estrutura metálica em estilo *Art Nouveau*, importada da Escócia. Na cidade, começava a implantação do sistema de abastecimento de água e esgoto, além da construção de duas caixas d'água na Praça Visconde de Pelotas, no bairro Benfica. A política continuava sob o domínio de Nogueira Accioly desde 1896, apesar dos muitos desgastes e críticas que começavam a despontar. Para ganhar a complacência dos adversários, o governo dava isenção de impostos e perdoava tributos. Bastante atacado pelos opositores, Accioly buscava alimentar o apoio dos adversários através dos favores prestados pela política, além da colaboração de jornais como "*A República*" e "*O Tempo*"⁵⁸.

Nas ruas, o clima de insatisfação ganhava maiores proporções. Os estivadores do Porto (Ponte dos Ingleses) entram em greve contra os alistamentos obrigatórios da Marinha de Guerra. Enquanto isso, o governador requisitava a força militar para obrigar os estivadores à volta ao trabalho. A manifestação teve o apoio de moradores da cidade, mas acabou no confronto e morte de sete pessoas, além de outras 40 feridas. A população ficou revoltada com o massacre das tropas militares. Em 1912, a Liga Feminina organiza passeata em favor da candidatura do coronel Marcos Franco Rabelo à Presidência do Estado. O protesto contra a presença dos Accioly no poder mobilizou a oposição, sempre temente à repressão do aparato policial.

Para evitar mais um confronto, a Liga Feminina prepara protesto original, desta vez com a participação das crianças. A "Passeata das Crianças" (1912) reuniu cerca de 600 meninos e meninas vestidas de branco com enfeites verde e amarelo nas ruas de Fortaleza. Accioly não perdoa a desmoralização, manda a Polícia avançar sobre as crianças e um menino de 10 anos é morto a tiro por um policial, deixando um rastro de gente ferida e outros pisoteados pelas tropas. A confusão causou verdadeira comoção na cidade, desta vez, pondo fim a um dos mais violentos governos do Ceará, durante 16 anos. Depois de encurralado no

⁵⁸ Nobre, Geraldo Silva. *Introdução à história do jornalismo cearense*. Coleção Estudos Cearenses, n. 5. Fortaleza: Gráfica Editorial Cearense Ltda., 1975.

Palácio da Luz, cercado por cerca de 1.500 pessoas, debaixo de trocas de tiros, o presidente do Ceará, Nogueira Accioly, se rende e parte para o exílio.

As mobilizações contribuíram para o surgimento das novas forças políticas. A conjuntura local se configurava bem diferente dos anos anteriores, quando as lideranças eram “manipuladas” pelos chefes políticos. Agora, os líderes operários vinham das experiências nas mobilizações de protestos e a formação das entidades de classe. Nas fábricas os líderes classistas recebiam as denominações de perigosos e subversivos: estavam movidos pelo discurso de classe, contra a exploração do capitalismo. Nas fábricas têxteis, os nomes dos subversivos constavam na lista dos indesejáveis, bem como em vários estabelecimentos empregatícios de Fortaleza. Nos tempos dos primeiros enfrentamentos organizados, junto ao patronato, o meio impresso mais uma vez vem a ser importante elemento indutor de ações, mediante discurso doutrinário e de exortação à luta. A palavra dos impressos transgressores semeava o terreno dos conflitos entre patrões e empregados, ajudando a criar laços entre os trabalhadores.

As vivências de Moacir Caminha, na difusão dos escritos revolucionários, possibilitaram outra iniciativa no meio impresso, o “*Jornal da Manhã*” (1912), de curta duração, substituído pelo “*O Radical*” (1913). Este último, estabelecia contatos com a Confederação Operária Brasileira, responsável pela publicação d’*A Voz do Trabalhador*, importante órgão de divulgação da classe operária no Brasil, na década de 1910. “*O Radical*” teve importância na organização dos trabalhadores cearenses, tendo em vista as edições voltadas à discussão da categoria, a exemplo da publicação de 1º de Maio de 1914, especialmente dedicada à data alusiva ao Dia do Trabalhador⁵⁹.

As constantes preocupações com a formação, instrução e educação dos trabalhadores levam à criação da Escola Operária Secundária, sob a direção de

⁵⁹ Na introdução da publicação “*A Imprensa Libertária do Ceará 1908-1922*” (Gonçalves, 2000. p.35), a historiadora Adelaide Gonçalves, aponta como sendo aquela manifestação organizada por Moacir Caminha, no dia 1º de maio de 1914, como sendo a pioneira no sentido das lutas pelo socialismo libertário— “Caminha publica uma edição comemorativa do Dia do Trabalho, aberta com versos de Joaquim Alves em ‘Ode ao Operário’, e organiza a manifestação do Primeiro de Maio de 1914, em Fortaleza, tida pelos testemunhos do período como a primeira manifestação operária de Primeiro de Maio com traços libertários de que se tem notícia na cidade”.

Moacir Caminha (1915). Novamente, o incansável empreendedor da causa libertária traça a ligação com as entidades representativas dos trabalhadores em busca de reduzir os índices de analfabetismo. A escola iniciou com 115 alunos matriculados. Mas as articulações junto ao operariado começam a criar reações. Os próximos anos marcam a ofensiva da *Igreja Católica* frente à organização dos trabalhadores cearenses, tendo em vista o discurso anticlerical e as idéias socialistas semeadas no movimento operário. Os católicos percebiam o conteúdo das novas idéias, traçavam as estratégias com base nas encíclicas papais dirigidas à Questão Social e ao problema operário.

Numa das ações importantes da *Igreja Católica*, inicia a formação dos Círculos Operários, projeto conservador que buscava interferir na formação da classe trabalhadora. Mas essa ação é bem mais complexa como analisa a historiadora Jovelina Silva Santos - “... a *proposta circulista alimentava-se nos valores cristãos de harmonia e justiça social acentuados na encíclica Rerum Novarum, cujas matrizes teológicas apontavam para a premente exigência de pensar a problemática social à luz da doutrina cristã, definindo a propriedade como elemento constituinte do bem comum*”⁶⁰. A partir da análise, verifica-se a intervenção da Igreja sobre aquilo que incomodava, no caso, a *problemática social*. A Igreja vinha com outra proposta de atuação no meio social, em que se pressupunha a dominação e a exploração de forma ordeira, pacífica, onde haveria a colaboração entre patrões e trabalhadores.

As percepções da formação dos trabalhadores tinham posições antagônicas. A organização dos trabalhadores de vertentes socialistas e libertárias procurava desvincular a massa dos dogmas e tradições dos ensinamentos católicos. A religião buscava respostas para as novas idéias que ocupavam espaço no meio social, principalmente, entre trabalhadores. Os Círculos Operários, no Ceará, tiveram destaque na formação e orientação dos operários, buscando manter vínculos com os sindicatos nascentes, associações e outras entidades, no sentido de realizar ações de doutrinação e instrução dos trabalhadores.

⁶⁰ *Círculos Operários no Ceará: 'Instruindo, Educando, Orientando, Moralizando'*. (1915-1963). Dissertação de mestrado de Jovelina Silva Santos. UFC, 2005. p. 17.

Para tanto, o projeto político e teológico da *Igreja*⁶¹ buscou outras práticas de associativismo, fundando sindicatos e elaborando um projeto pedagógico de formação das lideranças trabalhadoras. São atividades voltadas a instruir contrariamente os ensinamentos socialistas, forjando práticas anticomunistas. Mais adiante, o movimento por parte da Igreja vai culminar com o surgimento do jornal *O Nordeste* (1922), que irá ser o porta-voz da ideologia anticomunista.

Mas o projeto católico não consegue deter os avanços do sindicalismo brotado das hostes socialistas e anarcosindicalistas. No ambiente de conflitos de idéias surgem sindicatos: dos sapateiros, alfaiates, cigarreiros, marítimos, gráficos padeiros, barbeiros, tecelões e outros⁶². Fato relevante também se apresenta com o surgimento do Partido da Mocidade, nesse contexto de disputas entre a Igreja, socialistas e o movimento sindical. A agremiação mesclava distintas orientações ideológicas e aglutinava jovens estudantes e jornalistas, como Eduardo Pessoa Câmara, Renato de Almeida Braga, Plácido Castelo, Djacir Menezes, Jáder de Carvalho, Augusto Eduardo Benevides, Orlando Marinho, Alpheu Aboim, Demócrito Rocha, entre outros.

Embora fosse um partido representado pela elite e classe média cearenses, a participação de jovens tinha significados importantes na demarcação do espaço político da cidade. Embora chamados “*utópicos, juventude sonhadora, bolhas de sabão...*”, em artigo publicado por Lauro Torres de Melo⁶³, os integrantes buscavam voz na disputa e faziam oposição às forças conservadoras da política cearense:

“O aspecto mais importante, e que deve ser ressaltado, da participação do Partido da Mocidade na vida política local, é o despertar de um importante segmento da nossa sociedade para a necessidade de implementar

⁶¹ Conceito usado por Roberto Romano (*Brasil: Igreja contra Estado - uma crítica ao populismo católico*. São Paulo: Kairós, 1979) para designar a ação da Igreja, adotado ainda por Jesse Jane (2002) e Jovelina Silva Santos (2005).

⁶² Montenegro, Abelardo F. *Os Partidos Políticos do Ceará*. Fortaleza: Edições UFC, 1980. p.101.

⁶³ Ribeiro, Francisco Moreira. *O PCB no Ceará: Ascensão e Declínio 1922-1947*. Fortaleza, Edição UFC/Stylus Comunicações, 1989. p.26.

*reformas sociais urgentes, tanto nacionais como estaduais, como a moralização da política dominada pelas oligarquias locais*⁶⁴.

O manifesto do partido apresentava o perfil da juventude revoltada com a política arcaica, contra as velhas instituições, de forte viés filantrópico. Desde o combate ao analfabetismo e ao regionalismo, passando pela defesa dos direitos e deveres da mulher, desenvolvimento das ações de saúde, no Estado, fiscalização das eleições, até a “*arregimentação dos operários num forte núcleo eleitoral e filantrópico*”, o manifesto desses rapazes demonstrava a insatisfação da pequena burguesia. O partido serviu ainda para projetar alguns dirigentes na vida pública, em especial, no jornalismo, a exemplo de Jáder de Carvalho, Alpheu Aboim, Demócrito Rocha, Plácido Castelo e outros.

As insatisfações percebidas tanto por parte dos trabalhadores, como da intelectualidade, juventude burguesa e setores da sociedade eram o resultado dos focos de resistência à política de dominação permanente no poder. Deposto do cargo em 1912, Nogueira Accioly exercia influência no governo do coronel Franco Rabelo (1912-1914). Correligionários do antigo governo tinham participação nas decisões do Estado, através da bancada parlamentar, na Assembléia, ou até mesmo na ocupação de cargos públicos. Refém da política, submetido às pressões dos adversários, Franco Rabelo renunciou ao cargo. Não suportou a “*Sedição de Juazeiro*” (1913-1914), movimento armado liderado por padre Cícero Romão Batista e Floro Bartolomeu, antigos aliados dos Accioly.

Em 1914, a energia elétrica chega a Fortaleza sob a tutela da empresa inglesa “*Ceará Light & Power Co.*”. Os bondes mais velozes, movidos pela energia, alcançam os bairros mais distantes da Capital. A luz ilumina as casas, ruas e praças da cidade. As fábricas de tecido aumentam a produção e empregam mais gente. Os carros importados começavam a circular nas ruas, embora as vias apresentassem pavimentação inadequada para o tráfego dos automóveis. O Cine Majestic era a grande atração nas noites, além das casas de espetáculos. A

⁶⁴ Ribeiro, Moreira. A redemocratização: A redemocratização de 1945 a 1947. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto. 1982.

região Nordeste tinha a primeira usina hidrelétrica (Paulo Afonso), obra do cearense, de Ipú, Delmiro Gouveia, morto a tiros em Alagoas, em 1917.

1.5 Imprensa vermelha

A crise das oligarquias, bem como o fortalecimento do setor industrial, no País, além da I Primeira Guerra Mundial, trouxeram novos focos para a imprensa cearense. Os jornais passaram a dar mais importância ao lado noticioso dos acontecimentos, relativizando, aos poucos, o interesse pela cobertura essencialmente política. Ao contrário dos anos anteriores, quando os “donos de jornais” enxergavam a notícia apenas com o olhar voltado para interesses pessoais, ligados à política, agora os impressos ampliavam as perspectivas de leitura. Com a chegada do telégrafo e o telefone as informações trafegavam com mais velocidade, possibilitavam o conhecimento de outros universos das palavras. A diversificação da notícia trazia as novidades dos mais variados lugares. As opiniões passaram a dividir espaço, nos impressos, com os textos informativos.

O historiador Geraldo Nobre analisa que o segundo decênio do século XX foi importante para a história do jornalismo cearense, tendo em vista que os reflexos dos acontecimentos locais, nacionais e internacionais influenciaram na mudança de postura dos jornais – *“O interesse pelo noticiário de configuração mundial, bem como pelas ocorrências da política deveras agitadas de então, tornou possível, enfim, a existência no Ceará, do verdadeiro jornalismo, de cunho informativo (...)”* (Geraldo Nobre, 1974). Em publicação sobre a história do jornalismo cearense, Geraldo Nobre⁶⁵ acredita que o jornal *“Correio do Ceará”* (1915) foi o marco desse jornalismo. No período de 1910-1919, o número de jornais e pequenos impressos era de aproximadamente 300 publicações.

O processo artesanal de produção dos jornais, aos poucos, é substituído pelas novas máquinas impressoras, importadas da Inglaterra. Maior capacidade de tiragem ampliava o universo de leitores e agilizava o processo de feitura das

⁶⁵ Nobre, Geraldo Silva. *Introdução à História do Jornalismo Cearense*. Gráfica Editorial Cearense. 1974. p.132.

páginas. Por outro lado, a modernização aumentava os custos, devido aos gastos com o papel além da compra de novas máquinas. A atividade jornalística começa a esboçar certa organização na maneira de administrar o serviço diário. A impressora ocupava espaço no fundo do quintal, enquanto a redação e a direção dividiam a área física no restante do imóvel.

Se na esfera privada o jornal começa a se transformar em pequena empresa, no campo público, o documento toma outra função. Para registrar e documentar as ações de governo, Justiniano de Serpa cria o “*Diário do Ceará*” (1920), primeiro jornal oficial com a chancela do Estado, cujas origens vinham da fusão de outros periódicos – “*Folha do Povo*” (ligado aos adeptos de Franco Rabelo, os *rabelistas*) e o “*Estado do Ceará*” (à frente os simpatizantes e políticos ligados aos Accioly, os *aciolinos*). A partir de 1920, os títulos jornalísticos começam a sofrer redução gradual devido aos custos⁶⁶, mas em compensação surgem as mais diversas publicações segmentadas, originadas no movimento estudantil, junto ao segmento literário, principalmente, brotadas da classe trabalhadora.

A diversidade das publicações demonstra a efervescência dos círculos de leitura, a agitação de produção dos meios acadêmicos e sindicais. Começa assim, nova escola do fazer jornalístico, dotada das experiências em sala de aula, originadas das discussões de leituras em colégios e faculdades, remanescente dos locais de trabalho, presente nas entidades classistas. Os espaços de sociabilização voltados à construção do conhecimento produziam uma escrita diferente e segmentada. Diferente por estar movida pelas idéias de transformação social ou, até mesmo, munida do discurso reformista, galgado na manutenção do Estado e a Igreja. Essa escrita era segmentada porque dava voz aos mais variados setores, antes desorganizados e agora organizados pelos sindicatos, federações, grêmios e demais entidades.

Entre algumas publicações sindicais, podemos citar “*A Voz do Gráfico*” (Associação Gráfica do Ceará); “*O Combate*” (Federação dos Trabalhadores do

⁶⁶ No período de 1919-1930, Geraldo Nobre informa que, com base em pesquisas realizadas, o número de jornais no Ceará sofreu uma redução gradual para 194 títulos. Em 1910-1919, existiam cerca de 300 jornais. (Nobre, 1974)

Ceará); “*O Mercieiro*” (Associação dos Merceeiros de Fortaleza); “*A Voz do Porto*” (Sindicato dos Trabalhadores do Porto de Fortaleza) e “*A Razão*” (funcionários públicos). Nas publicações em revistas de origem estudantil, vale ressaltar os trabalhos dos alunos do Lyceu do Ceará (“*O Palinuro*” e “*A Idéia*”), Colégio Militar de Fortaleza (“*A Clava*” e “*Germina*”), Escola Normal Justiniano de Serpa (“*Revista Escolar*”), Colégio Castelo Branco (“*Terra da Luz*”), Instituto São Luís (“*A Escola*” e “*O Estímulo*”), Instituto Santa Dorotéia (“*Gotas de Orvalho*”).

As publicações segmentadas repercutiam os acontecimentos local, nacional e internacional. Os jornais diários davam suporte às elites cearenses, ainda com fortes ligações políticas com interesses de classe. Em 1922, a Arquidiocese de Fortaleza funda o jornal “*O Nordeste*”⁶⁷. Três anos depois surge o jornal “*O Ceará*”, de J. Matos Ibiapina, periódico que amplia o número de páginas de quatro para oito, depois doze, chegando a dezesseis páginas, por edição. O feito foi um marco do jornalismo cearense, haja vista que os jornais diários tinham apenas quatro páginas. A mudança pode ser percebida com a ampliação da cobertura e a diversificação do noticiário.

As notícias chegavam de longe, por telégrafos, publicações, na bagagem de quem vinha de outros estados, até de outro continente, em longas viagens de navios e trens. A primeira grande guerra havia terminado, deixando um rastro de mudanças que ameaçavam a hegemonia do mundo capitalista. Os comunistas saíam vitoriosos da *Revolução Russa* (1917) e iniciavam o projeto de fortalecimento das idéias marxistas, sob a “guarda” dos bolcheviques. No Brasil, a política nacional era dominada pelos cafeicultores (São Paulo) e agropecuaristas (Minas Gerais). No Nordeste, prevalecia a força dos coronéis dos sertões. Mesmo assim, a política do café com leite sofria a resistência dos industriais, classe média e os trabalhadores. As novas forças políticas, mobilizadas nos centros urbanos, passavam a atuar no país de maneira organizada.

⁶⁷ O jornal *O Nordeste* foi fundado pela Arquidiocese de Fortaleza em 29/06/1922. O impresso da igreja católica chegou a ser financiado pelo Banco Popular de Fortaleza, pertencente à igreja católica, conforme anúncios veiculados no próprio jornal. Em 1946, *O Nordeste* chegou a circular com o “suplemento anti-comunista”.

Os conflitos nacionais faziam conexões com as questões locais. A política cearense era dividida basicamente em duas facções: conservadores e democratas. A primeira tinha à frente José Accioly, e a segunda, Manuel Moreira da Rocha. A força do coronelismo prevalecia no interior, espalhando o banditismo político. Fortaleza era invadida por grupos de homens armados (1920-1923), a mando dos chefes políticos do sertão, para demonstrar a força dos situacionistas. *“Os chefes locais se convenceram de que podem mais do que o Governo do Estado. Os mandões locais, em suas feitorias, suprimem a palavra dos códigos, anulam a força coercitiva da polícia. Os chefes políticos do interior medem o seu prestígio pelo número de cangaceiros que mantêm armados, dispostos a conquistar a bala os cargos políticos.”*⁶⁸

Em contrapartida à manifestação de setores conservadores no poder, um grupo de estudantes e trabalhadores construía nova vertente ideológica e política, cujo vínculo partidário reuniu militantes já conhecidos do movimento operário. Joaquim Alves, Gastão Justa, Eurico Pinto e Raimundo Ramos fundam o Partido Socialista Cearense (PSC), em 1919. Uma proposta mais abertamente filiada ao anarcosindicalismo é a criação da União Geral dos Trabalhadores, com Pedro Augusto Mota, além de gráficos, tendo ainda como diretores João Gonçalves do Nascimento, Raymundo Ramos, Frederico Salles e Manoel Paulino de Moraes⁶⁹ (Gonçalves, 2000 e Montenegro, 1989).

As propostas do Partido Socialista Cearense (PSC) eram respaldadas pelo órgão de divulgação da agremiação, o *Ceará Socialista*, semanário identificado com as questões populares, responsável pelas primeiras denúncias contra a exploração do trabalho e os *“inevitáveis acidentes de percurso do progresso”* (Gonçalves, 2001). Os flagelos da seca eram mostrados nas páginas do jornal como um processo de dominação do campo, respaldado pelo latifúndio, Igreja e Estado. Campanhas contra a carestia no comércio da cidade externavam a revolta do povo diante dos preços abusivos praticados pelos “atravessadores” dos

⁶⁸ Ibiapina. J. Matos. *O Ceará*. (Fortaleza-Ce, em 9 de janeiro de 1927).

⁶⁹ Gonçalves, Adelaide; Silva, Jorge e (Org.). *A Imprensa Libertária do Ceará 1908-1922*. São Paulo: Imaginário, 2000; Montenegro, Abelardo. *Os Partidos Políticos do Ceará*. Fortaleza: UFC, 1980.

alimentos e o monopólio do combustível (querosene). A Capital abrigava o contingente de 24 mil pessoas, retirantes da seca, homens, mulheres e crianças famintas e sem trabalho.

O quadro era preocupante para as autoridades de Fortaleza, por conta do contingente ocioso de mão-de-obra. O jornal falava dos contrários, denunciava salários aviltantes e a exploração das condições de trabalho impostas pelo patronato. Nesse contexto de miséria, no Interior, e fome na Capital, o semanário abordava o outro lado da “bonança”, expunha as diferenças sociais e apresentava os sujeitos de história de tensões. O *Ceará Socialista* fez-se presente no contexto de desigualdade dessa gente. O impresso pode ser entendido como fonte/documento/memória, pois foi além do registro de uma época, contribuiu para desvelar as vivências de trabalhadores, ajudando a compreender a complexidade dos conflitos e tensões sociais.

O impresso dos socialistas era o prenúncio de nascimento da *Imprensa Vermelha*, no Ceará. Sendo assim, é necessário que façamos uma reflexão sobre a participação do jornal como veículo condutor das idéias transgressoras na época. O documento percorria os espaços nas mãos dos leitores e possibilitava a construção do conhecimento dos opostos. Ao conduzir idéias em confronto, o impresso vai além da condição de documento, propriamente dito, e amplia a função documental, pois a palavra impressa possibilita o diálogo entre épocas. O jornal como instrumento de intervenção na vida social, interfere decisivamente como agente de idéias no quadro social.

Os jornais expressam o diálogo entre o pensamento e a realidade das desigualdades, apresentam interpretação diferente de vidas e de possibilidades de transformação social. Em o “*Ceará Socialista*”, a escrita traça os contornos das diferenças, mostra a participação dos sujeitos, a história de gente comum, a exemplo do brequista José Mariano da Silva, casado, pai de família, morto em acidente na estrada de ferro de Baturité, em 1919. Nesse caso, o jornal cobrava providências da administração da empresa, quanto ao atendimento da viúva e filhos desamparados - “*Essa, entre outras evidências, torna possível localizar*

*nesse documento/memória sua singularidade no esforço de estabelecer liames com as demandas dos trabalhadores*⁷⁰.

O jornal, fonte de pesquisa, mostra ainda a memória dos socialistas no Ceará. No “*Ceará Socialista*”, podemos perceber as divergências nas hostes do Partido Socialista Cearense (PSC), pois as discordâncias se davam por questões como o entendimento feito das lideranças quanto à atuação do partido junto ao operariado. O núcleo de Moacir Caminha (professor) e Pedro Augusto Motta (gráfico) era movido pelo socialismo libertário, pondo em questão a eficácia do partido. Eles entendiam a agremiação voltada à formação dos quadros revolucionários, tendo o sindicato de resistência como lugar central da luta operária.

Já Gastão Justa (tipógrafo e jornalista), Joaquim Alves (professor), Eurico Pinto (funcionário público) e Raymundo Ramos (marceneiro) procuravam fazer da agremiação o referencial de organização dos trabalhadores, através das diretrizes partidárias. Esse entendimento fazia, do partido, órgão de doutrinação dos trabalhadores e de combate às ações beneficentes e de colaboração patronal do Centro Artístico Cearense. As práticas de atuação podem ser percebidas e analisadas nas leituras do jornal e vivências de homens do partido. Enquanto uns buscavam nas leituras anarquistas, os ideais de vida, outros entendiam o socialismo pela via partidária.

Pelo socialismo libertário de Caminha e Motta, buscavam-se muito mais as transformações sociais através das idéias, sem as regras doutrinárias do partido, em que o estatuto é unânime, portanto, acima de todos. Por outro lado, para Justa, Alves e outros, havia entendimento comum na luta pela causa trabalhista, o partido era o elo de conscientização da classe trabalhadora contra a exploração capitalista. Desta forma, podemos perceber que as interpretações do pensamento da época, das leituras do marxismo e do socialismo libertário se davam de forma diferenciada, refletindo-se nas práticas políticas dos militantes sociais.

Isso ajuda ainda a descobrir as primeiras linhas de formação dos comunistas no Ceará, tendo em vista que as experiências dos militantes vieram,

⁷⁰ Gonçalves, Adelaide. *Ceará Socialista; anno 1919*. Florianópolis: Insular, 2001, p. 10.

mais tarde, a construir o PCB no Ceará. As percepções ideológicas demarcavam o espaço de atuação dos socialistas no operariado e serviram para lançar as idéias revolucionárias de Karl Marx, Piotr Kropotkin, Máximo Gorki, Bakunin, entre outros:

“Das leituras comuns, da camaradagem, da indignação com a política local extraem conteúdo para a militância de extração socialista. As formas de adaptação e assimilação das leituras e de adesão à perspectiva socialista, expressam-se através de práticas sociais distintas.”⁷¹

Com as experiências do PSC, surge ainda a publicação “A Voz do Gráfico” (1920), primeiro jornal diretamente informado pelos conteúdos anarquistas, que pregavam a ação direta, contra a luta eleitoral e parlamentar. São militantes empenhados da Associação Gráfica do Ceará, ligados a Pedro Augusto Motta, redator do impresso anarcosindicalista. Jornalista convicto das suas posições ideológicas, Motta ainda é redator do jornal “O Combate” (Federação dos Trabalhadores do Ceará–1921). A militância aguerrida acaba custando o emprego no jornal *Correio do Ceará* (1919). Na escrita dessa imprensa libertária, tem-se o empenho na formação do operariado, a fim de difundir as idéias socialistas:

“Operários cearenses, brasileiros, universais, unamo-nos! Estudemos a nossa situação, o estado de nossa família, a miséria que nos assoberba, os vícios que nos entibiam o organismo, principalmente a ignorância, que é o maior de nossos males, a causa de nossa dor e dos nossos infortúnios!”⁷²

Nas leituras, estava a marca de vertente mais preocupada com os estudos, a alfabetização do operariado. As conferências e palestras sobre os autores revolucionários preparavam os militantes para futuros embates e discussões. A formação de trabalhadores da causa socialista era municiada pelos livros, nas

⁷¹ Gonçalves, Adelaide. *Ceará Socialista; anno 1919*. Florianópolis: Insular, 2001, p. 37.

⁷² Fonte: *A Voz do Gráfico*, n.1, p.2, Fortaleza.

bibliotecas, cuidadosamente organizados em prateleiras das entidades. Em 1921, Motta ajuda a criar a União Geral dos Trabalhadores (UGT). O universo de ações dos primeiros socialistas fazia parte da articulação entre várias ações, algumas de alcance restrito e nuclear. Jornais, programas de alfabetização, leituras, bibliotecas, sindicatos, federações, enfim, o leque de ações dos socialistas pode ser entendido como parte da *teia da subversão*, criada para difundir as práticas e idéias revolucionárias na classe trabalhadora.

Essas frentes ganham força, começam a preparar as bases do operariado a partir de novos sindicatos fundados, a exemplo das entidades representativas dos alfaiates, cigarreiros, pintores, marceneiros, sapateiros, marítimos, gráficos, padeiros, barbeiros e outros⁷³. Nos espaços de construção da luta sindical, a criação da Federação dos Trabalhadores do Ceará é mais uma divisão da atuação dos militantes do Partido Socialista Cearense. Com a chegada do jornal “*O Combate*”, a linha de atuação fica mais visível, a partir das leituras percebidas na publicação. Os militantes ligados ao socialismo libertário rompem com a via parlamentar e criticam as instituições de cunho beneficente no meio sindical.

A Federação não tem vínculos com agremiações partidárias, muito menos, ligações de ordem religiosa. Seus estatutos apontavam claramente para a auto-organização. Os filiados pretendiam o fortalecimento da luta nos locais de trabalho, bem como a melhoria das condições de trabalho, aumento dos salários, mudança da jornada de trabalho. Em relação à formação dos quadros, entre as principais plataformas de luta, constava a criação de escolas e bibliotecas, palestras e conferências, pesquisas sobre os números e as condições de trabalho, publicação de jornais, além da articulação com as entidades combativas, em âmbito nacional e internacional⁷⁴.

Os sinais claros de ascensão dos socialistas começavam a incomodar as elites, pois o respaldo dos sindicatos, federação e outros espaços de militância, somados ainda aos órgãos de divulgação, mobilizavam os trabalhadores. A resposta à subversão vinha em forma de repressão, nos locais de trabalho, com

⁷³ Montenegro. Abelardo F. *Os Partidos Políticos do Ceará*. Fortaleza. Edições UFC. 1980. p.101.

⁷⁴ Adelaide Gonçalves, Jorge E. Silva. *A Imprensa Libertária do Ceará, 1908-1922*. São Paulo. Ed. Imaginário. 2000. p. 57.

as demissões de operários ativistas e a divulgação das “listas negras de baderneiros”. A Igreja Católica formava os seus militantes nos círculos operários e lançava ofensiva no meio impresso, cujos objetivos, entre outros, era barrar o discurso anticlerical e garantir a manutenção do poder. Em 1922, a Arquidiocese de Fortaleza, com a colaboração de católicos da cidade, funda o jornal “*O Nordeste*”, que vem a ser um dos maiores adversários dos comunistas no Ceará.

1.6 Proletários, uni-vos!

O operariado nacional, organizado por entidades de classe, bem como os demais trabalhadores da indústria nacional, vinha de experiências importantes. As greves nos estados do Rio de Janeiro e São Paulo, os protestos, as primeiras conquistas possibilitavam articulação maior entre os trabalhadores. O mundo das horas trabalhadas e o ordenamento das atividades sofriam resistências nas grandes cidades. “*A sucessão de greves, a partir de 1917, a conquista de algumas vitórias, a resistência à exploração, a quantidade e a qualidade desses movimentos denunciavam o nível atingido pelo proletariado brasileiro*” (Sodré, 1984).

Os sindicatos estavam em plena efervescência das primeiras disputas, seja no seio das entidades ou no enfrentamento do patronato. O socialismo, o comunismo e o anarquismo contribuía para fincar as bases de construção das idéias revolucionárias, no mundo do trabalho, mas, de muito, já se acentuavam as divergências na condução das práticas militantes. Duas frentes tornavam mais claras as maneiras de atuar. Eram dois pensamentos divergentes na prática e na teoria: de um lado as transformações sociais percebidas pelas idéias, sem as regras doutrinárias do partido. Do outro lado, a agremiação era entendida como órgão doutrinador, centralizador das decisões. O anarquismo buscava a autogestão, enquanto os comunistas faziam do partido o caminho da revolução.

Os comunistas ganhavam espaço com a vitória da *Revolução Russa* (1917). Para eles, os trabalhadores haviam alcançado o poder na luta contra a burguesia. Os seguidores estavam nas fileiras dos sindicatos e procuravam difundir as

diretrizes do movimento comunista. Na opinião de Nelson Werneck Sodré⁷⁵, o *proletário brasileiro vinha de uma formação recente, sem tradição de organização política, “ao contrário do que aconteceu na Argentina e no Uruguai, onde o Partido Comunista surgiu da divisão de antigos partidos socialistas e do desmembramento de correntes marxistas de esquerda, o PCB surgiu do sindicalismo revolucionário”*.

Os comunistas, aos poucos, construíam nova força organizada no meio sindical. A greve dos ferroviários, em São Paulo (1920), contribuiu para aglutinar a força, cuja repercussão foi nacional, após a famosa chacina dos grevistas atacados pelas forças militares. Em 1921, foi a greve dos marítimos no Rio de Janeiro, mas o movimento paredista terminou tragicamente com mortes de trabalhadores e policiais, após os confrontos nas ruas. No mesmo ano, o movimento se repete na Companhia Docas de Santos-SP. Para conter os protestos, o governo impõe a lei Adolfo Gordo⁷⁶, que fecha sindicatos e expulsa os estrangeiros ativistas dos movimentos de greve no País.

Os focos comunistas surgiam nos principais centros operários do Brasil. O *Grupo Comunista do Rio de Janeiro* lançou o primeiro documento de divulgação, declaradamente, de idéias marxistas, no Brasil, em janeiro de 1921, pela revista *Movimento Comunista*⁷⁷. A publicação de pequeno formato, com 30 páginas, fundada e editada pelo jornalista Astrojildo Pereira, ex-anarquista, circulou de forma irregular, propunha-se a ser órgão dos Grupos Comunistas no Brasil, tendo por fim “defender e propagar, entre nós, o programa da *Internacional Comunista*”. Os passos iniciais já apontavam para empreitada maior, visando à instalação do próprio partido no Brasil⁷⁸, conforme as diretrizes emanadas desde a URSS.

Pelos contatos com os demais simpatizantes e adeptos da causa marxista, nas cidades de Porto Alegre-RS e Rio de Janeiro, os delegados articulam o encontro para traçar a organização do Partido Comunista. Existia certa pressa

⁷⁵ Sodré, Nelson Werneck. *Contribuição à História do PCB*. São Paulo. Global Editora. 1984. p. 46.

⁷⁶ A lei Adolfo Gordo, imposta pelo governo de Epitácio Pessoa (janeiro/1921), agravava os dispositivos da de 1907 sobre a expulsão de estrangeiros e ainda facultava ao Estado “ordenar o fechamento, por tempo determinado, de associações, sindicatos e sociedades civis, quando incorram em atos nocivos ao bem público”.

⁷⁷ Pereira, Astrojildo. *Ensaios históricos e políticos*. São Paulo. Editora Alfa-Ômega. 1979. p. 81-85.

⁷⁸ Zaidan Filho, Michel. *Comunistas em céu aberto (1922-1930)*. Belo Horizonte - MG. Editora Oficina de Livros. 1989

para a formação do partido, em virtude da realização do IV Congresso da Internacional Comunista, em Moscou (dezembro, 1922), pois os representantes brasileiros queriam marcar presença no evento. Sendo assim, em 25 de março de 1922, os comunistas realizam no Rio de Janeiro, e nos dias 26 e 27, em Niterói-RJ, o Congresso Constituinte do Partido Comunista do Brasil. Nove membros integravam a delegação⁷⁹, representados pelos grupos de Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro, Cruzeiro e Niterói.

A pequena sala do sobrado da Praça da República, número 40, esquina com a Rua da Constituição, no Rio de Janeiro, abrigava a primeira sede do PCB. Registrado como sociedade civil, tendo em vista que, nesse tempo, não existia lei regulamentando o funcionamento dos partidos políticos, a sede foi fechada pela Polícia, 70 dias após a criação do partido, por causa do estado de sítio decretado pelo governo, em 5 de julho de 1922. O partido surgia como defensor da unidade sindical, vinculado às lutas do proletariado brasileiro, era considerado pelos seguidores condição para o êxito na luta política⁸⁰.

Em resposta as divergências de condutas das práticas políticas, os anarquistas tinham como canal de interlocução o jornal *A Plebe*: “(...) *julgamos que a ação revolucionária terá naturalmente de se desenvolver, não em obediência a um padrão uniforme, como a ditadura do proletariado ou de um partido, mas de acordo com as exigências, cheias de modalidades diversas de cada país, obedecendo às tendências históricas do próprio movimento*”⁸¹. A aproximação com os anarquistas sofria fissuras, os comunistas os tachavam de sectários e atrelados a uma concepção pequeno-burguesa da luta política⁸².

Somente em 1926, quatro anos após a fundação do partido no Brasil, o PCB teve o reconhecimento junto aos demais seguidores do comunismo no mundo⁸³. A

⁷⁹ Os nove membros delegados eram os seguintes: Abílio de Nequete (barbeiro), Astrojildo Pereira (jornalista), Cristiano Cordeiro (funcionário), Hermogênio Silva (eletricista), João da Costa Pimenta (gráfico), Joaquim Barbosa (alfaiate), José Elias da Silva (funcionário), Luís Peres (operário vassoureiro) e Manuel Cendon (alfaiate).

⁸⁰ Rezende. Antônio Paulo. *História do Movimento Operário no Brasil*. São Paulo. 2ª. Edição. 1990. p. 24.

⁸¹ Fonte: jornal *A Plebe*, São Paulo, 18/03/1922.

⁸² Id.Ibdem. *História do Movimento Operário no Brasil*. São Paulo. 2ª. Edição. 1990.

⁸³ A participação do representante do PCB (Antônio Canellas), no IV Congresso da Internacional Comunista (Moscou-1922) havia causado um embaraço nas relações. Canellas, que deveria fazer

vigilância e a repressão impostas pelo estado de sítio (1922 a 1926), em função das revoltas nos quartéis e greves espalhadas, nos estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre e Recife, dificultavam a ação do partido nas bases do proletariado. Em 1923, as greves prosseguem em São Paulo, com os trabalhadores gráficos, que passam a contar com a solidariedade dos companheiros de Santos, Campinas, Ribeirão Preto, Rio de Janeiro, Curitiba e Recife. O movimento paulista teve a duração de 42 dias, mas terminou com o atendimento das reivindicações.

O clima de tensão voltava a preocupar o comando dos quartéis da Marinha e do Exército. A insatisfação dos militares tomava proporções nas fileiras dos oficiais de menor patente. A política do café-com-leite contribuía para expor as insatisfações no Exército, por causa das forças paralelas criadas nos estados (Polícias e jagunços armados com a autorização do governo), além dos baixos salários, a carestia no país e a política de privilégio dos agropecuaristas dos estados de São Paulo e Minas Gerais. Desta vez, a revolta conhecida como “*Movimento Tenentista*” estourou em São Paulo (1924). Sufocados pelas tropas legalistas, os revoltosos seguiram em direção ao estado do Paraná, onde encontraram um grupo de militares alinhados com suas reivindicações, integrantes das forças do Exército do Rio Grande do Sul.

Do Sul do País, os militares rebelados contra a política do café-com-leite formaram a “*Coluna Prestes*”, movimento de protesto dos militares, liderado pelo capitão do Exército, Luís Carlos Prestes, que percorreu o interior do Brasil, durante dois anos. Os militares revoltosos pretendiam denunciar, para a população brasileira, a política das oligarquias no país e ainda condenar a permanência dos acordos políticos que davam a vez de governar o Brasil por apenas dois estados. Depois de percorrer cerca de 24 mil quilômetros, o movimento militar terminou com o líder exilado na Bolívia (1927).

No Ceará, a coluna deveria entrar pelo sul do estado, mas para evitar o confronto armado com os homens do cangaceiro “Lampião” e os capangas de Floro Bartolomeu, no Crato, o movimento seguiu em direção à Paraíba, depois

o pedido de reconhecimento do PCB junto ao organismo internacional, foi acusado de defender posições anarquistas, sendo expulso da agremiação (Rezende, 1990).

alcançando o território cearense pelos municípios de Crateús, Sucesso, Novo Oriente, Quiterianópolis, Ipú, Ipueiras, Nova Russas e Arneiroz. O Estado era governado por José Moreira da Rocha (1924-1928), aliado do Partido Conservador, de José Accioly. O governo do desembargador Moreira foi marcado pelas demissões arbitrárias, perseguições políticas contra opositores e o clientelismo:

“No estado maior, os chefes, disfarçando os seus interesses pessoais, forjam os planos e comunicam-nos aos executores. Os cabos eleitorais são encarregados de pintar, pela imprensa, nos meetings ou nas palestras, uma situação toda fictícia, dando a todos os fatos interpretação que convenha aos interesses dos partidos a cujo serviço estão. Os capangas, sejam eles civis ou da polícia, convencem pela violência os que se não deixarem seduzir pela sofisticaria da propaganda visual ou escrita”⁸⁴. (J. Matos Ibiapina)

Apesar da força política, fruto da aliança com a oligarquia Accioly (1896-1912), a população não consentia o clima de dominação do governo. Revoltada contra os preços e o sistema de transporte da companhia inglesa de bondes (*The Ceará Tramway Light e Power*), moradores de Fortaleza quebram bondes e fazem grande concentração de protesto, na Praça do Ferreira, no Centro da cidade (1925). Houve quebra-quebra, os manifestantes entraram em confronto com a polícia. O tumulto chegou ao ponto de o comércio fechar as portas, as aulas foram suspensas no Lyceu do Ceará, tudo em consequência do clima de insegurança nas ruas.

A tradição do enfrentamento parecia se construir ao longo dos anos na cidade de Fortaleza. Reduto das contradições, onde ricos e pobres podem ser percebidos pelas diferenças nos modos de viver, a Capital é o berço de formação dos primeiros trabalhadores das ferrovias, indústrias, fábricas, pequeno comércio e demais setores. Ao que tudo indica, a mão-de-obra deu significativa contribuição

⁸⁴ Fonte: jornal *O Ceará*, 05/11/1926.

para a formação dos partidos políticos. Mas, ao contrário dos grandes centros urbanos, onde o contingente de trabalhadores era bem mais representativo, no Ceará, a tarefa de organizar as categorias nas entidades de classe foi árdua.

Os trabalhadores viviam sob pressões das oligarquias, governos repressores, patrões de origem abastadas, cujo dinheiro vinha da riqueza acumulada no latifúndio. Mesmo sob as tensões das mais variadas forças opressoras, os operários construíam os caminhos da luta. Mas que caminhos eram esses? Quem são os militantes das causas subversivas? Nos momentos de tensão, quando o poder é pressionado pelos trabalhadores, é possível conhecer os personagens dessa luta. As diferenças nos modos de viver podem evidenciar os personagens participantes das disputas. É possível entender também as práticas e condutas dos primeiros militantes por meio das suas manifestações.

Sendo assim, nas pesquisas e consultas realizadas sobre os percursos da formação da classe operária, em Fortaleza, é possível analisar a origem dos comunistas no Ceará. É possível compreender parte dessa história através de documentos e memórias. A partir dos contatos pioneiros com autores marxistas, anarquistas ou liberais, podem-se encontrar os caminhos percorridos pelas idéias dos escritores revolucionários. Essas idéias circularam pela cidade e contribuíram para fortalecer as lutas dos trabalhadores na Capital. Os impressos ajudam a encontrar os registros de participação desses homens nos locais de trabalho, espaços de lazer, escolas, faculdades e partidos políticos.

Os seguidores da doutrina comunista procuravam estruturar suas bases nos sindicatos e entidades de classe combativas espalhadas pelo País. A decisão fazia parte de estratégia internacional do partido, que procurava garantir o fortalecimento do comunismo. A militância tinha, como ponto de apoio, as entidades de classe ligadas aos trabalhadores. Com o fim do estado de sítio, em 1926, pelo presidente Washington Luis, o PCB volta a se articular em todo o País. O PCB encampou a luta pela reorganização do movimento sindical no Brasil e tratou de fazer contatos em todos os estados, através de ofícios endereçados às associações e federações de trabalhadores (Sodré, 1984).

No Ceará, a tradição de lutas das entidades representativas dos trabalhadores fez do Estado um dos focos da política de crescimento do partido. Os trabalhadores cearenses vinham de experiências importantes desde a criação das primeiras categorias. Embora esses operários não chegassem a números expressivos, como nos estados do Sul e Sudeste, isso não desmerecia as experiências de luta implementadas pelos primeiros trabalhadores, oriundos de pequenas entidades, como os sindicatos de alfaiates, cigarreiros, pintores, marceneiros, sapateiros, marítimos, gráficos, padeiros, barbeiros e outros. Essa gente comum contribuiu para a formação da classe trabalhadora e espalhou a semente das idéias subversivas, contrárias à ordem estabelecida.

Os homens, mulheres e crianças de origem humilde, muitos deles vindos do interior, tiveram as suas peculiaridades no contexto de formação da classe trabalhadora. Eles traçaram as táticas e estratégias de confronto, buscando, algumas vezes, esmola para sobreviver (“retirantes da seca”- 1877, 1889, 1900, 1915) ou até mesmo enfrentando o poder (queda do governo de Nogueira Accioly-1912). O passado de lutas, conquistas e derrotas ajudaram a fomentar as idéias do comunismo no Ceará. Muito embora os comunistas só tenham apresentado o primeiro registro oficial no Ceará, em 1926⁸⁵, em reuniões na sede da União dos Pedreiros do Ceará, as idéias revolucionárias já circulavam desde os finais do Século XIX.

A repressão imposta pelo governo do desembargador Moreira e a oposição ferrenha da Igreja Católica contribuíram para desarticular as ações políticas dos seguidores do comunismo. Entretanto, eles permaneceram resistindo nas fileiras das entidades, espalhando as idéias doutrinárias e traçando estratégias de luta contra a classe dominante. Tanto assim que, no curto período de legalidade do PCB (1926-1927), os militantes já articulavam a participação nas eleições para o Congresso Nacional (fevereiro-1927). A política nacional de frente única do PCB, cuja proposta abrigava composição política de operários e representantes da

⁸⁵ Em livro publicado sobre a história do PCB, no Ceará, Francisco Moreira Ribeiro informa que os primeiros simpatizantes do comunismo se reuniram na sede da União dos Pedreiros do Ceará. In: Ribeiro, Francisco Moreira. *O PCB no Ceará: ascensão e declínio - 1922-1947*. Fortaleza-CE. Edições Universidade Federal do Ceará. 1989. p. 32.

pequena burguesia, originou o *Bloco Operário e Camponês* (BOC). O *Bloco* era a forma encontrada pelos comunistas para driblar a clandestinidade e marcar presença nas eleições.

No final de 1926, o *Bloco* tinha, como representante no Ceará, José Joaquim de Lima, sindicalista conhecido como Joaquim Pernambuco, o que demonstra, mais uma vez, a capacidade de articulação e referência com a doutrina marxista. O trabalhador chegou a representar os cearenses no Congresso da Confederação Geral dos Trabalhadores, no Rio de Janeiro, em 1927. Em entrevista de militante comunista (sem identificação), arquivada no Núcleo de Documentação da Universidade Federal do Ceará (Nudoc-UFC), o entrevistado informa que o cearense voltou do Congresso com a missão de organizar o PCB no Ceará.

Estão relacionados como os primeiros integrantes da agremiação no Estado, os seguintes comunistas: José Borges da Silva, Antônio de Oliveira, Luís Gomes, Luís Sotero, João Francisco de Mendonça, Antônio Marcos Marrocos, Paulino de Moraes, Clóvis Barroso e Lafite Barreto. Na eleição municipal de 1928, um dos fundadores do Partido Socialista Cearense (PSC/1919), Gastão Justa, é lançado candidato pelo BOC à Câmara Municipal de Fortaleza. O PCB estava novamente na ilegalidade, mas o partido mostrava presença no pleito, em mais uma estratégia de participação de seus representantes. À frente das articulações políticas, vinha sempre o nome de Joaquim Pernambuco.

1.7 A Imprensa Comunista no Ceará

O *BOC* tomava força e começava a articular as ações políticas do PC, no Ceará, pela participação dos seguidores nas entidades representativas dos trabalhadores. Um dos focos da militância partidária estava relacionado ao Sindicato dos Trabalhadores Gráficos, em Fortaleza, agremiação pioneira das atividades de lutas contra a exploração da mão de obra⁸⁶. O passado combativo,

⁸⁶ Ver no tópico 1.1 - Tipógrafo: artesão da escrita, quando faço referências aos gráficos como os primeiros articuladores das incursões nos protestos de trabalhadores, além de pioneiros na atividade jornalística, usada como instrumento de luta dos trabalhadores.

no mundo do trabalho, pode ter levado os comunistas a uma forte ligação com a categoria dos gráficos. A experiência possibilitou ainda a criação do primeiro jornal comunista (*O Trabalhador Gráfico*), sendo marco para a *Imprensa Comunista*.

Fundado em 1930, à frente o conhecido militante da causa comunista, José Pernambuco, o impresso abrigava o discurso de outras categorias, o que parecia ser uma forma de buscar aglutinar as forças progressistas contra o conservadorismo da igreja e da burguesia. Desta forma, o pioneirismo de *O Trabalhador Gráfico* extrapolava a condição do jornalismo voltado às questões específicas dos gráficos, e assumia a condição de vanguarda na luta dos trabalhadores cearenses:

*Destacada sua qualidade de construção de memórias, O Trabalhador Gráfico é um valioso repertório para o estudo da história operária no Ceará, sob diversos ângulos (...) O mote central de seu discurso é a coesão em torno da 'tarefa gigantesca' de fortalecimento sindical (...)*⁸⁷ (Gonçalves, 2002, p.43)

É possível perceber, nas seções e colunas do jornal, as relações com os operários cearenses, no sentido de fomentar a discussão na perspectiva voltada à formação da classe trabalhadora. Podemos enxergar isso quando o impresso expõe um discurso contundente, como estratégia de enfrentamento para demarcar os espaços de luta no movimento sindical: *Não vacilemos! Mais um passo à frente, Camaradas, À Nossa vitória!, Avante, batalhadores do bem!, O Caminho a seguir, Unamo-nos e venceremos!, Companheiros, auxiliemo-nos a nós mesmos!, De Vitória em vitória, nada nos desanimará!, Dentro dos sindicatos está o nosso futuro!, Organizar, organizar, eis o nosso lema!* . O discurso voltado para a organização dos trabalhadores parecia ecoar nas demais categorias, quando as mais variadas associações e sindicatos criavam canais de luta através do meio impresso. Nas experiências, a chancela dos camaradas estava presente, demonstrando a disseminação das idéias comunistas.

⁸⁷ Gonçalves, Adelaide & Bruno, Alisson. *O Trabalhador Gráfico*. Fortaleza: UFC, 2002, p. 43.

Entre as folhas sob orientação dos camaradas, podemos citar algumas como a *Voz Proletária*, do militante comunista Lauro Reginaldo; *O Edificador*, da União dos Pedreiros, dirigido por José Pernambuco; *O Lábaro*, editado por Maria do Carmo e Lydia Alves, defensor dos interesses das empregadas domésticas; *O Têxtil*, do Sindicato Têxtil, dirigido por Paulino Moraes, e *O Operário*, publicado por Francisco Theodoro Rodrigues. Os focos mostram os significados e as relações que os jornais sempre mantiveram com a luta dos trabalhadores, desde as experiências pioneiras, no final do Século XIX. Para os operários da militância, a imprensa podia significar o canal de luta, o mecanismo de ocupação dos espaços de sociabilidade, uma maneira de apresentar as idéias e compromissos assumidos com a classe trabalhadora.

Merece destaque, ainda, no município de Camocim, o trabalho realizado pelo jornalista Theodoro Rodrigues, também conhecido pelos codinomes de “Francisco Theodoro de Carvalho”, “Frantino” e “Aprígio Melquiades”⁸⁸. Ele fundou, na cidade, o jornal “*O Operário*”, responsável pela articulação da célula comunista, cujo espaço era usado também para embate com as forças políticas do município. Em um dos ataques pelo pequeno jornal, Theodoro bate forte contra a instalação do matadouro de animais que, em sua opinião, viria aumentar o preço da carne consumida em Camocim:

*“O povo de Camocim não deve tolerar que esses indivíduos inescrupulosos estejam a frente de sua representação. Esses cafagestes da ‘panelinha’ devem ser enxotados a pau e a pontapés do Conselho Municipal. Como temos independência para atacar os actos lesivos quem quer que seja, temol-a para elogiar, os actos altruísticos e nobres. E pelas columnas do nosso humilde jornalzinho, vimos em nome do operariado e da população pobre de Camocim, apresentar a nossa mas profunda gratidão aos vereadores que votaram contra o matadouro modelo de Camocim”*⁸⁹.

⁸⁸ APERJ/Fundo: DOPS/Série: Prontuários. No. 16744, p.1.; AN/Fundo/Coleção: TSN/Processo No.: 473, p.72,74; e APERJ/Fundo: DOPS: ESTADOS/Pasta: 16 PI.

⁸⁹ Fonte: *O Operário*, Anno II, No. 25, 13 de julho de 1928, p.1. Camocim-Ce.

A coragem custou-lhe perseguição implacável dos adversários na Câmara Municipal. Um grupo de vereadores chegou a mover processo contra o militante comunista, alegando “injúrias impressas”. Três anos depois, Theodoro foi preso, depois de o processo percorrer as comarcas de Camocim, Granja, Sobral, Santa Quitéria e Viçosa do Ceará. Preso em Camocim, o comunista foi mandado para Fortaleza e depois enviado para o Rio de Janeiro, com outros 15 militantes. Aos poucos, seu jornal perdeu os anunciantes, em face das perseguições políticas, e a escola de sua propriedade, em Camocim, reduziu o número de alunos matriculados.

Outra vez, verificam-se as articulações dos comunistas, apesar da clandestinidade e perseguição implacável dos adversários. Ao que parece, pelas ações implementadas, tudo indica a existência de articulação com bases que vieram a contribuir para as primeiras experiências do sindicalismo rural no Ceará:

“É em Camocim que o pioneirismo do sindicalismo rural no Ceará se verifica e, num tempo anterior, a constituição da Liga Camponesa no Estado também. Nos documentos encontrados na casa de Raimundo Vermelho por ocasião das prisões de 1936, atas do Sindicato dos Pequenos Agricultores de Camocim são encontradas e anexadas ao processo, o que demonstra essa organização sindical”⁹⁰.

Embora na ilegalidade, o PC não restringia sua atuação à Capital. O partido tinha representação no município de Camocim, na pessoa do professor e jornalista Francisco Theodoro Rodrigues. Os nomes de Raimundo Ferreira de Sousa (Raimundo Vermelho), Pedro Teixeira de Oliveira (Pedro Rufino), João Farias de Sousa (Caboclinho Farias) e Francisco Teixeira compunham ainda os camaradas, nessa cidade do litoral cearense, importante região portuária do Estado (Moreira, 1989; Santos, 2000).

Em Sobral, existia a União Trabalhista Norte Cearense. Em Camocim, os comunistas estavam representados pelo Bloco Operário e Camponês, além do

⁹⁰ Santos, Carlos Augusto Pereira dos. *Cidade Vermelha: a militância comunista em Camocim-CE. 1927-1950*. UFRJ/IFCS. 2000, p. 46.

Sindicato dos Pequenos Agricultores. A Capital cearense tinha o maior número de representantes com a participação dos comitês dos padeiros, alfaiates, gráficos, sapateiros e outras entidades, como a Confederação Geral do Trabalho do Brasil, Socorro Proletário e Federação Juventude Comunista do Brasil. O momento das eleições era a época de expor os nomes dos candidatos, externar as categorias ligadas aos comunistas, apresentar os simpatizantes, enfim, era o momento de mostrar as plataformas de luta contra o sistema dominante.

A revogação dos direitos constitucionais começa a desencadear uma série de perseguições aos comunistas no Ceará (1930). Acossados e reprimidos pela vigilância ferrenha da Igreja, do Estado e da burguesia emergente, eles continuavam a conquistar adeptos e simpatizantes. Os passos dos comunistas eram rastreados por meio de investigações encomendadas pelo aparelho repressor, representado pelos órgãos governamentais e colaboradores infiltrados no meio sindical. Segundo relatório da secretaria de Segurança Pública (1931), o Partido Comunista no Ceará tinha “(...) *cerca de 3.000 (três mil) adeptos já na capital, sem contar as células existentes no interior do Estado, localizadas em Arraial (Uruburetama), Aquiraz e Camocim*”⁹¹.

As informações do relatório policial foram tornadas públicas. Portanto, tudo leva a crer que tal procedimento, era a forma de execrar os comunistas perante a sociedade cearense. Um fato, porém chama atenção no relatório da Segurança: a constatação de quatro pequenos jornais (*Voz Operária*, *O Pacificador*, *O Edificador*, todos em Fortaleza, e *O Operário*, em Camocim-CE). O registro policial apresenta os prenúncios da *Imprensa Comunista* no Ceará, símbolo da resistência contra o regime de opressão imposto pelo governo.

Ao publicar o relatório sobre os comunistas no jornal *O Povo*, o governo parecia tornar público o aparato e expunha, para os leitores, as relações e atuações. Os embates entre os comunistas e o Estado, representados pelos mecanismos de atuação, ficam cada vez mais presentes. A partir do enfrentamento mais acirrado, com as prisões e o confisco de documentos dos militantes e simpatizantes, os comunistas passavam a ser nominados das mais

⁹¹ Jornal *O Povo*, Fortaleza-CE, 28/02/1931.

variadas formas depreciativas. Uma série de artigos denominada de “*Besta Comunista*”, assinado pelo articulista Raimundo Gomes de Matos, começa a ser publicado no *O Povo* (11/02/1930). Neste mesmo ano, seguidos artigos e matérias contra os comunistas são publicados no jornal “*O Nordeste*”.

O próximo passo, tudo leva a crer, seria buscar um mecanismo de atuação mais forte junto aos trabalhadores, a fim de barrar os “*baderneiros*”. Com o propósito de criar um sindicato dirigido por patrões e empregados, a União Sindical do Trabalho (1931) foi articulada pelos representantes do *Integralismo* e a Igreja Católica. No documento de formação da União, as diretrizes traziam claramente as seguintes menções aos comunistas:

*“O Sindicato tomará a seu cargo, designado para isso uma comissão especial de propaganda e publicidade, o combate às idéias comunistas pela palavra escrita e falada; O Sindicato organizará uma comissão anti-comunista, constituída de elementos combatentes para auxiliar a defesa e conservação da ordem no caso de elementos comunistas tentarem perturbá-la”*⁹².

A ofensiva das forças conservadoras contra o comunismo passa a ser, cada vez mais, forte e planejada, com a participação da Igreja. A Legião Cearense do Trabalho (1931) era outra entidade criada para “(...) *livrar o operário cearense da miragem do soviétismo russo*”. Mais tarde, a Legião veio a se constituir como uma das entidades de propagação do *Integralismo* no Ceará⁹³. Após a publicação do Código Eleitoral (1932), os próprios católicos realizavam as sessões da Junta Eleitoral, no Palácio Episcopal com a participação de dom Manuel da Silva Gomes⁹⁴.

Se, por um lado, existia o fortalecimento da Igreja e do Estado contra os comunistas, por outro lado, estes perdiam espaços conquistados. A repressão

⁹² Ribeiro, Francisco Moreira. *O PCB no Ceará: ascensão e declínio - 1922-1947*. Fortaleza-CE: UFC/Stylus Comunicações, 1989.

⁹³ Ponte, Sebastião Rogério de Barros da. *História do Ceará, In A Legião Cearense do Trabalho*. Fortaleza. Fundação Demócrito Rocha, 1995.

⁹⁴ Montenegro. Abelardo F. *Os Partidos Políticos do Ceará*. Fortaleza: UFC, 1980.

policial e a cassação dos direitos políticos levavam o partido à clandestinidade, os seguidores eram perseguidos e presos (1931). O próprio PCB também enfrentava profunda discussão das diretrizes, a partir de decisões do III Congresso Nacional do partido. Os comunistas não aceitavam a participação, nos seus quadros, de “elementos” da pequena-burguesia e abandonam antigos militantes. Os esforços deveriam ser voltados para a luta pela reforma agrária, os quadros do partido deveriam ser formados dentro do operariado e do campo.

A mudança de estratégia não levava em conta as particularidades de formação do partido no Brasil. A maior parte da representatividade vinha das entidades de classes nos centros urbanos. A aproximação com os profissionais liberais e a intelectualidade também compunha as bases de formação do partido. Entretanto, as relações com o campesinato não concentravam a grande força do PCB. A decisão estratégica causou perdas no PCB, por alijar integrantes, considerados da pequeno-burguesa. Houve divisão dos próprios militantes sobre a estratégia imposta de cima para baixo pelos dirigentes, à maneira stalinista (Carone, 1983; Ferreira, 1989).

Para enfraquecer ainda mais os comunistas, o governo de Getúlio Vargas quebrava a autonomia dos sindicatos, com a publicação da Lei de Sindicalização (1931) e outros decretos que colocavam os olhos do governo na condução das entidades de classe⁹⁵ (Rezende, 1990). Desta forma, o sindicalismo, berço do recrutamento comunista, perdia forças e agora estava sob a tutela do Estado. Mesmo com o aparato repressor e as derrotas impostas, os comunistas criaram estratégias políticas. Foi assim que aconteceu no processo de registros das candidaturas para as eleições de 1933 (Constituinte Federal), 1934 (Constituinte Estadual) e 1935 (Governador). O PCB tentou legalizar o partido no Tribunal Regional Eleitoral (TRE), mas o pedido foi negado pelo tribunal cearense, sob a alegação de que o pedido deveria ser encaminhado à instância superior do tribunal, *“por se tratar de partido com âmbito de ação em todo o território da*

⁹⁵ Decreto Lei assinado pelo ministro do Trabalho, Lindolfo Collor (1931) dizia o seguinte, entre outras deliberações: *“Os sindicatos ou associações de classe serão os pára-choques dessas tendências antagônicas; os salários mínimos, os regimes e as horas de trabalho serão assunto de sua prerrogativa imediata, sob as vistas cautelosas do Estado”*.

*República, não competindo a este Tribunal, conforme jurisprudência seguida, conceder o aludido registro*⁹⁶.

A tentativa de participação nos pleitos mostrava o PCB resistindo, procurando interferir no processo eleitoral, mesmo com a hegemonia da Liga Eleitoral Católica (LEC)⁹⁷, uma espécie de braço político da Igreja. O pleito de 1934 dividiu as forças políticas do País pondo, em lados opostos, conservadores e liberais. A Ação Integralista Brasileira (AIB), formada pela elite nacional, representada pelos latifundiários, militares de alta patente, empresários e grandes comerciantes, tinha o apoio da Igreja. A Aliança Nacional Libertadora (ANL) aglutinava uma linha de pensamento contrário ao *Integralismo*, defendia as liberdades democráticas e agrupava representantes da classe média, militares de baixa patente, intelectuais, organizações sindicais autônomas e trabalhadores das mais diversas categorias.

Os comunistas defendiam a ANL por entenderem que a Aliança representava avanço político, que buscava formar uma frente popular democrática para conter o fascismo no Brasil (Sodré, 1984). Essa avaliação defendia a composição do partido com outras correntes políticas, o que acaba causando racha do PCB e termina com a expulsão de membros importantes, como Astrojildo Pereira, fundador e secretário-geral da agremiação. Os eleitores se preparavam para mais uma votação. A nova Constituição (1934) permitia a representação classista no Congresso (patrões e empregados); estabelecia o número de deputados, de acordo com a população de cada estado; tornava o voto secreto e autorizava a participação da mulher nas eleições.

O governo parecia acenar com algumas prerrogativas democráticas do ponto de vista constitucional, mas Getúlio esquentava os ânimos dessa relação ao mandar fechar a sede da ANL, no Rio de Janeiro, prende alguns dos seus integrantes no Rio de Janeiro, por entender que o comunismo voltava a representar perigo ao País. Um dos maiores líderes do PCB, Luís Carlos Prestes,

⁹⁶ Fonte: Resolução do Tribunal Regional Eleitoral, do Ceará, de 1932.

⁹⁷ A Liga Eleitoral Católica foi criada, no Ceará, em 16 de dezembro de 1932. A entidade era uma espécie de braço político da Igreja, pois apoiava e indicava candidatos. As bases de formação da Liga eram oriundas da Sociedade de Estudos Políticos (1932), entidade de identificações claras com o *Integralismo*. (Ponte, 1995; Parente; 1995; Montenegro, 1980)

sai do exílio para enfrentar as “forças do atraso” na *Intentona Comunista*. Ao avaliar que o contexto nacional (1935) havia criado as condições favoráveis para enfrentar o governo Vargas, o Comitê Central (CC) do PCB analisava que havia sinais ostensivos da “crise da camarilha governamental”, bem como da “crise dos de baixo” (Segatto, 1989; Cavalcanti, 1985). A *Intentona* tentou articular a reação armada, mas o movimento acabou desencadeando um dos períodos de maior repressão na história do Brasil. Os líderes do movimento foram presos, o presidente Getúlio Vargas fechou o Congresso e deu início ao *Estado Novo*.

A reação dos comunistas, esboçada em alguns focos comunistas espalhados pelo País, parece ter alcançado o Ceará, embora se expressasse de maneira mais tímida, entre os trabalhadores ligados ao partido. Os operários da Usina Ceará (beneficiamento de algodão), da firma Diogo Siqueira & Cia., deflagraram greve com a participação de mais de 700 operários. A liderança dos protestos tinha dois integrantes do PCB: Antônio Marcos Marrocos e Luiz Gomes, segundo informação de *O Nordeste*⁹⁸. O jornal ligado à Igreja estampava que “os operários na sua grande maioria estão sendo explorados por elementos extremistas”.

A ANL tinha participação significativa, de acordo com informações divulgadas em jornais da época. Na manifestação de lançamento da *Aliança* no Ceará, cerca de 10 mil pessoas compareceram ao ato público (*O Povo*, 22/05/1935). Em documentos internos da direção nacional do PCB, no Rio de Janeiro, consta que “no Ceará quase todos os moradores apóiam a Aliança... O entusiasmo das massas é incomum” (Koval, 1982; Moreira, 1989). Embora a afirmação venha carregada de entusiasmo, o fato é que, nas ruas de Fortaleza era percebido o crescimento e o engajamento à campanha da ANL. Na Praça do Ferreira, *Integralistas* (AIB) e partidários da *Aliança* (ANL) dividiam os bancos do espaço público, trocando insultos de um lado e de outro⁹⁹.

⁹⁸ Jornal *O Nordeste*, Fortaleza-Ce, 06/05/1935.

⁹⁹ Girão, Blanchard. *O Liceu e o bonde na paisagem sentimental da Fortaleza-Província*. Memórias. Fortaleza: ABC, 1997; Galeno, Alberto S. *A Praça e o povo - homens e acontecimentos que fizeram a história da Praça do Ferreira*. Fortaleza: Stylus Comunicações, 1991.

Com a nomeação do Interventor no Ceará, Menezes Pimentel (1935), instala-se mais um período de repressão que perdura por 10 anos. O aparato policial vigiava os sindicatos, trabalhadores, os comunistas passaram a viver escondidos e amordaçados pela força da repressão. Os jornais da cidade mergulhavam em silêncio conivente e passavam a divulgar apenas o que fosse do agrado do sistema opressor implantado pelo *Estado Novo*. Pelas páginas do *Jornal do Brasil* (Rio de Janeiro, 07/05/1935) era dado o conhecimento de que 2.155 pessoas foram presas no Ceará. A caça aos comunistas tinha no comando o chefe de Polícia do Estado, capitão Cordeiro Neto, que recebia informações privilegiadas do delator Antônio Farias Neto, integrante do PCB no Ceará¹⁰⁰.

A perseguição aos comunistas chega a um dos momentos mais cruéis da interventoria de Menezes Pimentel, com o “*Massacre do Salgadinho*” (1936) no Município de Camocim-Ce. O tradicional reduto de lutas dos camaradas estava sob a investigação ferrenha do aparato repressor, na busca dos integrantes “infiltrados” nos movimentos sindicalistas dos segmentos portuários, salineiros, ferroviários, pesca e agricultores (Teixeira, 2000). Na onda de perseguição, doze soldados da Polícia Militar cercam a casa de Raimundo Vermelho, na localidade de “Salgadinho”, e matam os militantes Luis Manoel dos Santos (Luis Pretinho) e Miguel Pereira Lima.

O *Estado Novo* dava prosseguimento às ações de prisões, no Ceará, com as detenções do jornalista e escritor Jáder de Carvalho, Luis Viana Passos, Adauto Nascimento, Francisco Braz de Araújo, Francisco Prata, Antônio Rodrigues Pereira, Francisco Paula Vaz, Lindolfo Pessoa de Araújo, jornalista Oséas Martins, escritora Rachel de Queiroz e os médicos Joaquim Holanda e José Joaquim Soares¹⁰¹. O governo instalou grande rede de coação, que tomava conta das ruas com a polícia vigiando os passos dos suspeitos, e espalhava o terror até nas escolas públicas, através de ofícios publicados em jornais, determinando combate aos comunistas:

¹⁰⁰ Ribeiro, Francisco Moreira. *O PCB no Ceará: ascensão e declínio - 1922-1947*. Fortaleza-CE: UFC/Stylus Comunicações, 1989.

¹⁰¹ Fonte: jornal *O Estado*, 16/10/1937; Ribeiro, Francisco Moreira. *O PCB no Ceará: ascensão e declínio - 1922-1947*. Fortaleza-CE: UFC/Stylus Comunicações, 1989.

“(…), seja designado uma professora para ocupar-se especialmente do problema do combate ao comunismo, formulando sugestões sobre a maneira mais eficiente e prática de fazê-lo na escola e no meio social em que serve”¹⁰².

O monitoramento de vidas e dos partidos políticos leva a crer que se impediam as reações dos comunistas. As principais lideranças estavam presas ou mortas pelo regime ditatorial de Vargas e seus interventores. A Imprensa era vigiada, as escolas monitoradas, os partidos políticos dissolvidos... Todos os espaços pareciam estar ocupados como forma de impedir qualquer processo de insatisfação que pudesse comprometer o poder. Mas com a chegada da Segunda Guerra Mundial a cidade começa a apresentar as suas primeiras manifestações públicas nesse longo período de amarras (1935-1945). Vêm da comunidade universitária os sinais de “intranqüilidade”, quando um grupo de estudantes tenta realizar um comício antinazista (1942), prontamente impedido pela ação do Departamento de Ordem e Política Social, Deops¹⁰³ (Mota, 1961).

Os submarinos nazistas começam a afundar navios no litoral do Nordeste e deixam a população amedrontada. O medo da guerra indicaria uma nova ameaça à ordem estabelecida. Os protestos ganham novas proporções. Os estudantes realizam manifestação antinazista no Theatro José de Alencar (02/07/1942). A guerra passa a mobilizar novamente a população, como uma espécie de catalisador das tensões escondidas. A Polícia perde o controle da situação: os estabelecimentos comerciais de descendentes e imigrantes de alemães e italianos passam a ser alvo de ataques nas ruas de Fortaleza (1943). Os integralistas, que tinham fortes ligações com o fascismo de Mussolini (Itália), aliados da Igreja e do Estado, agora eram vistos como inimigos.

As manifestações começam a pipocar em vários segmentos da sociedade cearense. Os médicos lançam manifesto em defesa da participação do Brasil na

¹⁰² Trecho de nota publicada pelo governo do Estado, jornal *O Estado*, 28/11/1937.

¹⁰³ Mota, Aroldo. *História política do Ceará 1945-1985*. Fortaleza: Stylus, 1985.

guerra (1942), assinado por Pontes Neto, Elcias Camurça, Isnard Teixeira e Vulpiano Cavalcante, todos integrantes do Conselho Médico Cearense. Profissionais liberais, empresários, militares, de tradicionais famílias, fundam, em 1943, a *Sociedade dos Amigos da América* (Stélio Lopes de Mendonça, Domingos Gusmão de Lima, Elpídio Gladstone, Major Jeovah Mota, tenente Ednardo Weyne e Plínio Pompeu de Sabóia Magalhães).

O clima instaurado no Ceará era de mobilização, onde podemos perceber as primeiras participações de comunistas ou simpatizantes da doutrina marxista. Os comunistas tentavam se integrar aos protestos contra o nazismo e apresentavam suas caras. O médico Pontes Neto foi um dos importantes militantes do PCB, eleito deputado estadual pelo partido em 1945. Stélio Lopes de Mendonça era tesoureiro do jornal comunista “*O Democrata*” (1946). Os comunistas traçavam estratégias de participação nos protestos, levando a crer que o contexto permitia retomar as lutas contra o regime totalitário (Sodré, 1984).

A vitória contra as tropas nazistas deixou saldo de destruição na Europa e um cenário de miséria espalhado pelo mundo. Os soldados brasileiros chegam num ambiente de mudanças das conjunturas local e internacional. A Ditadura Vargas não era a mesma, perdia o controle da situação no País, com a insatisfação espalhada pela dispersão das tropas; falta de emprego; inflação de preços dos produtos de primeira necessidade; os grevistas voltavam a ocupar os pátios das fábricas dos grandes centros urbanos; os jornais começavam a externar críticas ao governo. Enfraquecido na política e sem o apoio das forças armadas, Vargas cede, aos poucos, às pressões e anuncia anistia política no Brasil (1945). Mesmo assim, não consegue resistir e deixa o cargo numa espécie de “golpe branco” (Fausto, 2001).

O palco do Theatro José de Alencar, em Fortaleza-CE, era o grande ponto de encontro das manifestações em prol das liberdades democráticas. Foi lá que aconteceu a “Semana Pró-Anistia do Ceará” (08 a 15/04/1945) com a participação de estudantes e famílias perseguidas pelos representantes da ditadura no Estado. Com o decreto-lei da anistia, de 18 de abril de 1945, os comunistas voltam às ruas do País. No final do mesmo ano, o PCB conquista a legalidade (17/11/1945) e

inicia as articulações visando participar das eleições para presidente da República e à Constituinte Federal. As campanhas políticas espalhavam os candidatos do PCB pelo País, em demonstração de grande capacidade de articulação para retomar os trabalhos do partido.

1.8 O *Democrata* na *Imprensa Comunista*

A pequena votação dos comunistas no Ceará¹⁰⁴, nas eleições de 1945, parece demonstrar as dificuldades dos candidatos. O longo período fora dos pleitos, o curto espaço de tempo disponível à divulgação dos nomes dos candidatos, além da disputa com nomes pouco conhecidos do grande público cearense, indicam pouca margem de votos nas urnas. Mas o fraco desempenho no pleito era uma espécie de estímulo para os camaradas lançar novas ações. Após saírem da clandestinidade, eles revelam um dos projetos mais ousados da história do partido: a publicação de um jornal diário. A concretização do projeto se deu graças ao apoio à candidatura de Olavo Oliveira ao senado.

Eleito para o senado com o apoio dos comunistas, no final de 1945, o político era proprietário do jornal *O Democrata*. Mas, após derrotar nas urnas o ex-Interventor do Ceará, Menezes Pimentel, Olavo Oliveira encerrou as atividades da publicação em 18 de janeiro de 1946¹⁰⁵. A aproximação política rendeu aos camaradas a chancela do jornal. Foi um negócio nunca esclarecido, cujo valor apontado pelo jornal “*O Nordeste*”¹⁰⁶ custou aos bolsos dos comunistas a cifra de

¹⁰⁴ De acordo com os dados oficiais do TRE (1945), no Ceará, o PCB teve 4,30% da votação (12.110 votos) para a Câmara Federal; para o Senado, o PCB obteve 4,99% da votação (28.038 votos) e para presidência da República o partido ficou com 4,39% da votação (12.543 votos).

¹⁰⁵ *O Democrata* circulou pela primeira vez nas ruas de Fortaleza em cinco de agosto de 1945, tendo como diretor Olavo Oliveira e redator chefe Alfeu Faria de Aboim. As investigações indicam que Olavo Oliveira havia fundado o vespertino para usá-lo, entre outras questões, na campanha para divulgar a candidatura dele ao senado. Olavo conquistou a vaga pelo Partido Social Progressista (PSP), em 1946, disputando contra o ex-Interventor Estadual, Menezes Pimentel.

¹⁰⁶ Em artigo apócrifo, intitulado “O *Democrata* no conceito da imprensa cearense” (02/03/1946), o jornal católico informa que “*O Democrata*” teria sido vendido por Olavo Oliveira ao preço de 250 contos de réis.

250 contos de réis. De acordo com investigações da pesquisa¹⁰⁷, o filho de Olavo, Barbosa de Oliveira, conhecido simpatizante da causa comunista, ajudou a intermediar a venda do jornal.

A chegada de “*O Democrata*” em Fortaleza, fazia parte de estratégia nacional do PCB. Com a legalização do partido, em outubro de 1945, era dado o ponta-pé inicial da campanha nacional de mobilização dos comunistas para arrecadar finanças, com o intuito de criar jornais, nos principais estados e cidades do País, como São Paulo, Ribeirão Preto-SP, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Paraná, Goiás, Bahia, Pernambuco e Ceará. A campanha denominada *Imprensa Popular* deu suporte à angariar fundos, sendo o estado de Goiás o maior arrecadador de recursos¹⁰⁸.

E foi movido por essa mobilização que na madrugada do dia primeiro de março de 1946, a velha linotipo imprimia o primeiro jornal diário dos comunistas. Era sexta-feira, o endereço na Rua Senador Pompeu, 814, Centro de Fortaleza, ficou agitado. A sede do vespertino estava apinhada de “vermelhos”, curiosos em ver de perto o vespertino que começava a circular na Capital cearense. As 12 páginas impressas “artesanalmente”, graças à habilidade do gráfico Leôncio Tabosa¹⁰⁹, fumegavam aos olhos de Stélio Lopes Mendonça (diretor), Annibal Bonavides (secretário de redação) e Elias Trindade (tesoureiro).

O jornal circulava diariamente (segunda-feira a sábado) com oito (08) páginas em média, ao preço de Cr\$ 0,40. A redação do jornal tinha à frente conhecidos integrantes e colaboradores do PCB. A assinatura anual do vespertino custava Cr\$ 110,00 e a assinatura semestral, o valor de Cr\$ 60,00. O periódico estava estruturado pela divisão de cinco editorias (Política, Cidade, Polícia, Nacional, Internacional e Esportes). A impressão linotipo de máquina antiga deixava muito a desejar em relação aos demais jornais da cidade, devido à precariedade do equipamento.

¹⁰⁷ Em entrevista feita em 03/04/2002, Luciano Barreira afirmou ter participado da primeira fase do jornal *O Democrata*, quando o órgão de imprensa era de propriedade de Olavo Oliveira. Ele disse que o filho do então senador eleito, Barbosa Oliveira, havia intermediado na venda do jornal para os comunistas, em 1946.

¹⁰⁸ *História e Imprensa – Anais do Colóquio*, UFRJ/IFCH, p. 44 e 45, 1998.

¹⁰⁹ O gráfico Leôncio Tabosa foi o responsável pela montagem da máquina linotipo na sede do jornal.

Os camaradas lançavam um dos maiores desafios, pois iriam disputar espaço com seis jornais, ainda estavam sob o crivo das forças políticas conservadoras e a vigilância ferrenha da Igreja Católica¹¹⁰. Os opositores não mediam esforços em condenar a doutrina comunista, que vinha da perseguição de duas ditaduras: a primeira, do Governo Vargas, e a segunda, do Interventor Estadual, Menezes Pimentel. Se um dos desafios dos comunistas era mostrar as novas páginas aos leitores cearenses, a empreitada surtiu efeito imediato. O editorial assinado por Annibal Bonavides, advogado militante das causas trabalhistas, trazia título bem ao gosto da esquerda - *“Jornal do Povo”*.

Abnegados companheiros da doutrina comunista, os integrantes do jornal eram conhecidos militantes. O expediente do jornal trazia Stélio Lopes Mendonça, Annibal Bonavides e Elias Trindade, integrantes do “Partidão”, que saíam da clandestinidade após 15 anos de perseguições. A forte ligação do jornal com os camaradas leva a crer que o jornal seria uma espécie de instrumento de luta em favor dos trabalhadores, como deixa transparecer no primeiro editorial:

“Jornal do proletariado e das grandes massas populares, intérprete dos sentimentos de libertação econômica de todos os homens que trabalham, na cidade e no campo, o Democrata ressurge, na imprensa do Ceará, para realizar uma obra de educação política, para apresentar honestamente os problemas gerais que afligem as populações cearenses, e para encaminhar as soluções justas que se impõem”. (O Democrata, p.4, 01/03/1946)

A mensagem de Luiz Carlos Prestes, presidente do Partido Comunista do Brasil (PCB), saúda o jornal na primeira edição. Jorge Amado assinava uma coluna no jornal cearense. O vespertino tráfegava em vanguardas da literatura e abordagens diferenciadas. Ao contrário dos demais jornais do Ceará, *OD* abordou pela primeira vez, temas até então escondidos pelas autoridades, a exemplo das

¹¹⁰ No primeiro mês de funcionamento d’*O Democrata* (1946), o jornal *O Nordeste* (publicação fundada pela igreja católica em 1922) lançou o “Suplemento Anti-Comunista”, um encarte de quatro páginas que circulava aos sábados no impresso dos católicos.

manifestações de trabalhadores no Município de Camocim-Ce, sob perspectiva diferente do ponto de vista dos tradicionais jornais da cidade. O levante dos trabalhadores nas salinas daquela cidade, na região Norte do Estado, teve a versão dos grevistas denunciando o assassinato de dois trabalhadores no “*Massacre do Salgadinho*”¹¹¹.

Na primeira edição de *OD*, o artigo - “A verdade sobre a greve de Camocim”¹¹², trazia à tona o levante que resultou na paralisação das atividades de extrativismo das salinas, além da interrupção de parte dos trabalhos do segundo mais importante porto do Ceará. Raimundo Coelho, membro do Comitê Estadual do PCB e secretário da Divisão de Propaganda do Comitê Municipal de Camocim, assinava o artigo tratando da prisão e transferência, para Fortaleza, de seis líderes do movimento. Até então, o grande público não tinha tomado conhecimento da repressão a um dos mais importantes levantes de trabalhadores cearenses (1936).

As evidências observadas no periódico ajudam a descobrir os métodos e ações implementadas pelos seguidores do comunismo. A análise das tradições e costumes dos comunistas, percebidas através das páginas do jornal, é importante para entender as interferências e elaborações dos comunistas no campo da cultura. O jornal indicava leituras, cinemas e atividades de lazer e ainda orientava os trabalhadores quanto aos direitos, articulando manifestações em defesa das comunidades carentes, e estimulava o debate em defesa da liberdade partidária, entre outras ações políticas.

O uso do jornal com a chancela comunista evidencia estratégia na busca de espaços no campo das lutas políticas, sociais e culturais. Vivendo em uma nova realidade, onde o momento da política possibilitava a atuação dos comunistas de forma mais ampla na sociedade, o jornal externou as desigualdades e diferenças do meio social. Apresentar esse novo olhar da notícia, até então omitida pela

¹¹¹ Ver tópico 1.7 - *A Imprensa Comunista no Ceará*.

¹¹² O referido artigo, assinado por Raimundo Coelho, publicado na edição de “*O Democrata*”, no dia primeiro de março de 1946, na página 5, chegou à redação do jornal através de telégrafo enviado de Camocim-CE.

*Imprensa*¹¹³, mostrou o outro lado da história não contada no Ceará. As questões levaram a uma série de indagações a respeito do objeto pesquisado, partindo do pressuposto de que se analisava aquele passado como “território” desconhecido, estrangeiro e infinito¹¹⁴. Por que os comunistas resolveram fazer um jornal? Como era produzido? A que público era destinado? Em que contexto surgiu o novo jornal? Quem fazia OD? Essas inquietações balizaram a trajetória de construção deste trabalho, haja vista que busquei formular novas problemáticas no estudo da história da *Imprensa Cearense*.

A reestruturação do PCB possibilitou a criação de grande máquina de mobilização, fazendo do aparelho partidário instância maior de deliberações, que passou a exercer hegemonia sobre os dirigentes sindicais. O *Partidão* era o partido ideológico brasileiro, bem organizado, que buscava manter a mobilização da massa¹¹⁵. Dentro desta proposta de pensar o partido, o jornal passa a ser um instrumento de informação, conscientização e mobilização (Ferreira, *Imprensa Operária no Brasil*, Ática, 1988, p. 6.). Desta forma, a imprensa comunista do Brasil começa a desempenhar papel fundamental na arregimentação partidária e nas definições em relação ao projeto sociopolítico do PCB.

“(...) A Imprensa operária de partido, portanto, ganha importância com relação à imprensa operária ligada a sindicatos. O auge desta imprensa de partidos, especialmente do PCB, acontece no pós-1945, com a redemocratização do país. Neste momento, o PCB tem nove jornais diários,

¹¹³ Estar atento à narração dos fatos é importante na percepção do objeto estudado, principalmente quando as contradições são omitidas pelo poder vigente: “A trama da luta de classes envolve não apenas prática, atitudes, como também a memorização do acontecer social que também faz parte do exercício do poder. Faz parte do exercício do poder ocultar a diferença, a contradição, decidindo o que deve ser lembrado, como deve ser lembrado e, em contrapartida, o que deve ser esquecido”. (Vieira et. Al., 2000: p.27)

¹¹⁴ Em artigo de David Lowenthal (“Como conhecemos o passado”. In *Projeto História*, n.17: “Trabalhos da memória”. São Paulo: PUC, 1998), ele afirma que a “... nossa capacidade de entender o passado é deficiente... Os resíduos remanescentes das coisas e pensamentos passados representam uma pequena fração urdida contemporânea de gerações anteriores”. É nesse sentido que entendo o passado como sendo infinito, acreditando que ele sempre pode nos apresentar novas descobertas. Quando analisamos esse passado, ele nos abre um leque de possibilidades de algo para se desvendar.

¹¹⁵ Martins, L. R. *As bases sociais do PCB*; 1930-64, São Paulo, 1979, p.27. Mimeogr.

nas principais cidades brasileiras, inúmeros semanários, diversas revistas, duas editoras”¹¹⁶.

Com a divulgação de fatos não tratados por outros jornais no Estado, *OD* buscava diferenciação na cobertura jornalística. Para ampliar o universo de informação, o jornal usava a estrutura partidária no Interior, através dos comitês municipais, mantendo como correspondentes os próprios integrantes do PCB. A prática no fazer do jornal era articulada no próprio partido, com visão direcionada e conduzida. As leituras e interpretações do stalinismo eram presentes no fazer jornalístico. Eles entendiam esse “fazer” sob a perspectiva dos “dominados”, representados pelas instituições, sindicatos, ressaltando as “lideranças”. Essa percepção do “modo de fazer” estava intrínseca ao entendimento das explicações estruturalistas, onde existia determinismo nessa lógica da disputa da “classe dominante x classe dos dominados”.

O ambiente de tensão o qual estava inserido “*O Democrata*”, levou-me a refletir sobre os conceitos de “classe” e “estrutura”, tão abordados no jornal através das suas matérias. Quem era a “classe trabalhadora” que os comunistas partiam em defesa? Que estrutura era esta de confronto? Percebi ainda que precisaria entender esses conceitos sob a perspectiva dos comunistas, como se formulavam as questões. Assim, busquei analisar o período de 1946, início da chamada “Guerra Fria”. O “stalinismo” vigorava, exercendo uma forte influência sobre os comunistas em todo o mundo.

O PCB, liderado por Luis Carlos Prestes, gravitava em torno do bloco soviético. A volta do partido à legalidade estreitou ainda mais a aliança com os russos. Os comunistas brasileiros logo trataram de instalar as representações do partido, nas principais capitais do País. A organização seguia à risca as orientações nacionais que, por sua vez, sofriam interferências em nível

¹¹⁶ Rubim, A. A. *Imprensa Operária*. In: QUEIROS E SILVA, R. P. de. Temas básicos de comunicação. São Paulo, Paulinas/Intercom, 1983, p.100.

internacional, pelo Comitê Internacional do PC soviético. As orientações eram repassadas por meio de normas e diretrizes partidárias¹¹⁷.

As diretrizes funcionavam como uma espécie de cartilha dos comunistas. O “totalitarismo” ditava as normas, não só por meio da política partidária, mas também por seus intérpretes. Entendo que o “marxismo ortodoxo” acabou impondo a visão da doutrina, sob a ótica “reformista” e deturpada da concepção marxista. O modelo sectário gerou sua própria maneira de “fazer história”, omitindo os sujeitos dessa história e criando um cenário supostamente adequado para produzir a revolução do proletariado¹¹⁸:

“Não podemos começar a compreender algo sobre o proletariado e sua história enquanto não nos livrarmos desses esquemas ontológicos que dominam o pensamento herdado (e seu último rebento, o marxismo), enquanto não considerarmos em primeiro lugar as significações novas que emergem na e através da atividade dessa categoria social, em vez de fazê-la entrar à força em escaninhos conceituais vindos de fora e previamente dados... Em suma: não podemos considerar o fazer do proletariado eliminando-o – por redução – a finalidades atribuíveis ou a causas estabelecidas”¹¹⁹.

A maneira marxista de pensar reduz o fazer social-histórico do proletariado aos conceitos abstratos de “reforma” e de “revolução”, impostos de modo forçado por pensamento estratégico, como descreveu Castoriadis (1985). Nessa forma de pensar o próprio conceito de classe, os intérpretes de Marx fizeram suas as próprias palavras do autor, atribuindo significados do que ele não disse ou quis

¹¹⁷ Chilcote, Ronald H. *O partido comunista brasileiro: conflito e integração (1922 – 1972)*. Trad. Celso Mauro Paciomik. Col. Política, v.22. Rio de Janeiro: Graal, 1982; KONDER, Leandro. *A democracia e os comunistas no Brasil*. Col. Biblioteca de Ciências Sociais, série política, v. 15. Rio de Janeiro: Graal, 1980; Segatto, José Antônio. *Breve história do PCB*. 2. ed. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1989.

¹¹⁸ Pelas palavras de Lênin, como lembra Cornelius Castoriadis (1985, p.49), “... o proletariado não é classe revolucionária; é apenas reformista (‘trade-unionista’). A consciência revolucionária é introduzida no proletariado ‘de fora’, pelos ideólogos socialistas que, enquanto tais, provêm da burguesia”.

¹¹⁹ Castoriadis, Cornelius. *A Experiência do Movimento Operário*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p.54.

dizer. Em modelo simplista e reducionista, atribuem-se ao conceito de classe delimitações, como quantificações ou especificações.

As fórmulas racionais e objetivas não pressupõem tensão, conflito, como requer o método de análise e interpretação do capitalismo, elaborado por Marx, em que entende classe como sendo “... *um grupo social com uma função específica no processo de produção. As diferentes funções dessas classes dotam-nas de interesses conflitantes e de probabilidades de pensar e agir de formas diferentes. Portanto, história é o relato do conflito de classes*”¹²⁰.

A partir do momento que passei a compreender e confrontar o conceito de classe, aproximei-me do pensamento do historiador inglês, Edward Palmer Thompson. Ao analisar a classe como fenômeno histórico, rejeitando explicações do estruturalismo althusseriano, cujo processo de formação é “algo que ocorre efetivamente (e cuja ocorrência pode ser demonstrada) nas relações humanas” (1997, p.9), Thompson nega o determinismo presente na formulação marxista das relações entre “base e superestrutura”. Em prefácio de “*A formação da classe operária inglesa*”, ele entende ainda que classe “*é uma formação tanto cultural como econômica*”.

Na relação que faço de Thompson com o objeto de pesquisa, comecei a compreender mais claramente as influências dos intérpretes marxistas junto ao jornal *O Democrata*. Os camaradas cearenses partiam da concepção de estruturas como sendo a “base” determinante de uma superestrutura e um conceito de classe estratificante e reducionista. Análise influenciada pela ligação da direção jornal e seus colaboradores com o Partido Comunista do Brasil, daí uma forte conexão com o pensamento leninista e stalinista¹²¹.

Pensar o processo histórico sem sujeitos, ressaltando as estruturas (modos de produção, formação social), é negar a própria ação humana e torná-la mecânica e determinada pela base econômica. A “caricatura do marxismo”, como

¹²⁰ Burke, Peter. *História e Teoria Social*. Trad. Klauss Brandini Gerhardt, Roneide Venâncio Majer. São Paulo. Unesp, 2002, p. 87.

¹²¹ Nas leituras feitas de “*O Democrata*”, pude perceber as ligações do jornal com os pensamentos stalinista e leninista, através dos artigos publicados por Luis Carlos Prestes, entre outros colaboradores, membros do PCB, além dos editoriais e as alusões feitas aos célebres inspiradores e mentores da Revolução Russa (Marx, Engels, Lenin e Stalin) publicadas no jornal.

bem descreveu Thompson (1981, p.91), levou os comunistas simpatizantes do regime a entender a “superestrutura” como mero produto da “base”. Portanto, como Stalin escreveu em plena Guerra Fria (1950), *“... a base cria a superestrutura precisamente para servi-la, para ajudá-la, ativamente, tomar forma e consolidar-se, para que possa lutar gradativamente pela eliminação da velha e moribunda base e sua velha infra-estrutura”*.

As considerações stalinistas negam a história como sendo um processo, portanto, um processo inacabado e indeterminado¹²², *“nos quais as categorias são definidas em contextos próprios, mas sofrem continuamente uma redefinição histórica, e cuja estrutura não é pré-fornecida, mas protéica, mudando constantemente de forma e articulação”* (Thompson, 1981. p.97). Não entendo as ações do homem isoladas, “naturais”, portanto, não acredito na história como processo determinado e reduzido, tal idéia pressupõe *“uma impotência (ou limites insuperáveis ao poder) dos participantes na ação”*, como afirma Raymond Williams¹²³.

Em “A miséria da Teoria”, Thompson supera o conceito de classe com as explicações estruturalistas, e ressalta o conceito de *experiência* como fundamental para o processo de identidade de classe, colocando ainda como essencial ao próprio “fazer-se da classe”:

*“... a experiência é um termo médio necessário entre o ser social e a consciência social: é a experiência (muitas vezes a experiência de classe) que dá cor à cultura, aos valores e ao pensamento: é por meio da experiência que o modo de produção exerce uma pressão determinante sobre outras atividades: e é pela prática que a produção é mantida”*¹²⁴.

¹²² Quando cito indeterminado não abstraio a ação humana de qualquer determinação, mas entendo como sendo um processo de pressões, tensões. “Na prática, a determinação não é nunca apenas a fixação de limites, mas também a existência de pressões” (Raymond William, in “Marxismo e Literatura”, Zahar, 1979, p.91).

¹²³ William, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro. Zahar, 1990, p. 88.

¹²⁴ Thompson, E.P. *A Miséria da Teoria*. Rio de Janeiro. Zahar, 1981, p. 112.

Refazer a maneira de pensar o conceito de classe - entendendo-a como fenômeno histórico, cujo processo de formação está ligado as suas experiências, às vivências, aos valores, aos modos de viver - é desestruturar a forma de articular o “pensamento lógico ocidental”, em que a lógica está voltada a uma dada influência da “base”. A supremacia da infra-estrutura apresentada por intérpretes do marxismo conduz ao pensamento formado, condicionado, estratificado, com a “base” separada da “superestrutura”. Ambas as partes interagem, relacionam-se, constituem-se no todo, podendo uma parte exercer mais pressão, mais influência nessa constituição.

Nessa relação, a partir de um ambiente mais amplo da pesquisa do jornal, avaliei a necessidade de conhecer as diretrizes internas do partido no Brasil, tendo em vista que essas diretrizes influenciavam na escrita do periódico. A doutrina comunista era difundida pelo PCB, por meio de publicações, além dos seus simpatizantes, atividades socioculturais, entre outras formas. A *Imprensa Comunista* tem lugar central nas diretrizes partidárias. As práticas de condução dos seus seguidores estavam voltadas às deliberações internas.

O PCB difundia as diretrizes e normas em reuniões, assembléias e documentos do Comitê Central. Para compreender a atuação dos comunistas, recorri a estudiosos da temática. Leandro Konder (1980) destaca que, o período da legalidade do “partidão” (1945-1947) foi o momento dos comunistas se revelarem completamente à opinião pública, aparecendo como “partido de massas”. As alianças políticas e divergências do partido, estudadas em Konder, possibilitam o entendimento da fase em que *OD* era uma espécie de “porta-voz” dos comunistas cearenses.

José Antônio Segatto (1989) aborda a reorganização e a legalidade do partido (1942-1948), descrevendo o extraordinário desempenho dos comunistas nas eleições para Presidente da República, em 1945, muito embora, no Ceará, o partido tenha obtido pequeno desempenho na votação. Ele relata, ainda, a desestruturação do PCB, a partir de 1948, quando por força da repressão, o partido entra na ilegalidade, tendo os seus jornais e comitês fechados, líderes sindicais afastados, parlamentares cassados e militantes perseguidos. O autor

afirma que a nova linha de conduta do PCB começa a ser esboçada com dois manifestos publicados, em janeiro de 1948 e agosto de 1950.

O manifesto de 48 fazia autocrítica da tática política do período anterior, que acusa conter “*a luta das massas proletária em nome da colaboração operário-patronal e da aliança com a ‘burguesia’*”¹²⁵. Em 1950, a nova tática política seria reelaborada de forma mais radical: “*Ou o povo toma os destinos da nação em suas próprias mãos para resolver de maneira prática e decisiva seus problemas fundamentais ou submete-se a reação fascista à crescente dominação do imperialismo ianque (...)*”¹²⁶.

Para se compreender as táticas de condutas e formas de atuação do PCB e as relações com OD, o estudo de Ronald H. Chilcote (1982) identifica os modelos de prática em diversos momentos de existência do partido: 1) *Relações evidenciadas entre a experiência nacional e internacional*; 2) *Atitude ambivalente a favor/contra a transformação da sociedade brasileira*; 3) *Política de acomodação populista e personalisticamente dominada*; 4) *Nacionalismo*; e 5) *Divergências internas*¹²⁷.

Os conflitos e as práticas do PCB reveladas por esses autores, contribuem para melhor avaliação da atuação dos comunistas em “*O Democrata*”, em perspectiva mais ampla, não se restringindo ao contexto local. A busca de entendimento da participação dos comunistas, em dimensão nacional, ajuda a entender os significados das ações do jornal, a exemplo de postura mais radical adotada pelo OD, no final de 1948, por conta da ilegalidade do partido.

Recuperar os conceitos dos comunistas cearenses, a partir do jornal “*O Democrata*”, além de procurar confrontá-los com o aprendizado teórico, foi uma lição para a construção deste trabalho. Reformulei conceitos, busquei ampliar a compreensão do próprio objeto estudado (OD) e consegui entender melhor o contexto de produção e difusão do jornal. A relação “macro” no campo conceitual do fazer jornalístico, que diz respeito aos procedimentos da prática dos

¹²⁵ Segatto, José Antônio. *Breve história do PCB*. 2. ed. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1989, p. 74.

¹²⁶ Ibidem.

¹²⁷ Chilcote, Ronald H. *O partido comunista brasileiro: conflito e integração (1922 – 1972)*. Trad. Celso Mauro Paciomik. Col. Política, v. 22, Rio de Janeiro. Graal, 1982, p.158 – 160.

comunistas, está articulada à análise que procuro fazer, a partir do estudo das relações dos comunistas cearenses com o PCB.

Capítulo 2

Jornalista, militante do partido

Neste segundo capítulo, avalio a participação dos jornalistas como militantes do PCB e dos trabalhadores da notícia implementando novo foco para o jornalismo. Procuro fazer a análise das experiências do movimento sindical trazidas para a redação, que contribuíram significativamente para uma abordagem diferenciada da notícia, sob a perspectiva das reivindicações sociais. Trato ainda das formas usadas pelo “*aparelho da subversão*” para influenciar na formação dos sindicatos. Tento mostrar os bastidores do fazer da notícia na visão dos comunistas, assim como também descobrir a rede de articuladores responsáveis pela sustentação material do jornal.

Procuro ainda conhecer alguns dos jornalistas e colaboradores que fizeram parte de *O Democrata*, analisando-os a partir das suas práticas cotidianas da militância para melhor compreender a escrita do jornal. Esses homens dedicavam parte da vida à causa comunista e faziam do trabalho na redação extensão do aprendizado e da militância no partido. Os camaradas utilizavam estratégias diferentes no meio impresso, apropriando-se das idéias dos contrários, “*em nome do povo*”. Como forma de evidenciar os fatos no dia-a-dia, tudo indica que a escrita do jornal significava um campo permanente de tensão.

Para entender a escrita crítica, voltada às questões populares, como a falta de saneamento dos bairros, carência de moradia, carestia, desemprego, exploração no trabalho, entre outras abordagens, é necessário descobrir o processo de formação dos jornalistas, militantes do partido. Para chegarem à elaboração do jornal diário, eles colocavam em prática os ensinamentos e experiências, fazendo do jornal instrumento de difusão da doutrina. Pensar na perspectiva de quem escreveu *OD* contribui para o entendimento do fazer da notícia. Sendo assim, busquei descobrir o processo de criação da escrita.

A formação ideológica dos militantes partia da própria doutrina, originada das diretrizes partidárias, avaliações totalizadoras, em que as práticas eram uniformizadas. O totalitarismo stalinista, predominante no PC, em 1945, emanava as regras e procurava eliminar as diferenças internas, como ressaltava Stalin: “o

*partido consolida-se pela depuração dos elementos oportunistas*¹²⁸. Fazer parte do partido era, antes de tudo, obedecer à rígida disciplina, comungar dos dogmas e condutas ditadas pela supremacia do Comitê Central:

*“o primeiro dever de todo membro do Partido é enquadrar todos os atos de sua vida pública e privada dentro dos princípios e do programa do Partido (...) Nenhum membro do Partido pode manter relações pessoais, familiares ou políticas com trotskistas ou com outros inimigos reconhecidos da classe operária e do povo”*¹²⁹.

O estatuto não ditava apenas as condutas, mas interferia na vida privada do militante, organizava as atividades de lazer, como esportes, leitura e demais diversões (Chilcote, 1982, p.206). Usando as palavras de Carlos Marighella, um dos mais importantes militantes da história do PC, podemos compreender a rigidez do partido, ao falar sobre a disciplina interna: *“a disciplina de ferro faz a força do partido”*¹³⁰. A organização do partido era baseada num pragmatismo sectário, cuja preparação dos filiados estava centrada nas diretrizes que cingia praticamente toda a esfera de vida à realização da militância como bem analisa Berenice Cavalcanti:

A vinculação ao partido subtraía aos seus militantes a possibilidade de conservar instâncias em que se manifestassem e tivessem livre curso preferências e decisões particulares, independentes da intercessão das diretrizes fixadas pelo partido. O recalçamento das opções e escolhas individuais circunscrevia os limites à liberdade negativa, dado que

¹²⁸ Stalin, Joseph. *Fundamentos do Leninismo*. Coleção Bases. 1933. São Paulo. Editora Global. p.22.

¹²⁹ Estatutos do PCB – Capítulo III: Dos direitos e deveres dos membros do Partido. Artigo 13. p. 13.

¹³⁰ Marighella, Carlos. *O que é o nosso partido*. T.P. Rio de Janeiro. 1945. p.3.

inviabilizava as formas de existência independentes do controle partidário. Nada existia fora do partido (...) ¹³¹

A própria filiação ao partido passava por uma espécie de ritual, onde a aceitação de novo membro deveria vir da indicação de integrante do PC, com no mínimo um ano de militância. A filiação ainda tinha que passar pelo crivo da direção e, após a aprovação, o proponente era obrigado a fazer o juramento do militante:

“Prometo a mais firme lealdade e completa dedicação aos sagrados interesses da classe operária e do povo. Prometo assim, trabalhar ativamente pela defesa da democracia e da paz, pela derrota definitiva do fascismo, pelo desaparecimento de todas as formas de opressão nacional e de exploração do homem, até o estabelecimento do socialismo. Com este objetivo, juro solenemente permanecer fiel aos princípios do Partido Comunista Brasileiro; lutar, dentro do máximo de minha capacidade, que procurarei aumentar sempre, pela sua unidade e pelo crescimento: trabalhar incansavelmente no cumprimento de seu programa.”¹³²

Após a aceitação e o devido juramento, o militante se transformava em “soldado do partido”. Guardadas as devidas proporções, as atividades do membro do PC davam a entender que seus quadros viviam sob constante rotina de missões e tarefas de guerra a serem cumpridas. Almejar novos postos da hierarquia partidária fazia parte de sistema rigoroso, mediante promoções internas, conforme estava relatado no *Informe político à Comissão Executiva do Comitê Nacional (1946)*. O documento escrito por Luis Carlos Prestes (secretário geral do PCB) comentava os critérios de promoção e seleção dos membros,

¹³¹ Cavalcanti, Berenice Oliveira. *O Juramento da lealdade e fidelidade: a militância no PCB*. In: *Religião e Sociedade*. N.12, agosto, V.1, p 63. Rio de Janeiro. Campus. 1985.

¹³² In *O Juramento no PCB*, p.65.

considerando os seguintes pontos: 1) *Fidelidade e amor ao partido*; 2) *Ligação de fato com as massas*; 3) *Riqueza de iniciativas em todos os setores*¹³³.

A “*fidelidade e amor ao partido*” tinham um significado que beirava a uma proposta de relacionamento sem separação, cujo tratado tinha, como principal condição, a total dedicação à instituição. No segundo ponto em que fala sobre “*a ligação de fato com as massas*”, pressupõe-se a presença do militante no movimento operário, ou seja, ele precisava estar próximo dos trabalhadores. Por último, quando Prestes diz “*riqueza de iniciativas em todos os setores*”, estaria cobrando a participação dos seguidores, tendo em vista que o militante precisava mostrar a imagem de homem preparado e capacitado para enfrentar qualquer desafio.

A conduta do partido era mantida e alimentada na vinculação dos seus militantes. A formação dos quadros passava pela preparação contínua dos ensinamentos teóricos de Marx, Engels, Lênin e Stalin, por meio de palestras, debates e conferências ministradas pela direção. O PC mantinha verdadeira escola de quadros para os militantes, sendo esta tarefa uma das mais importantes missões destinadas aos membros superiores na hierarquia partidária. As bibliotecas tinham espaço privilegiado, na sede do partido, com livros que faziam parte das leituras obrigatórias dos seus seguidores¹³⁴. O partido tinha duas editoras, no Brasil, e procurava massificar as traduções de artigos de política internacional e doutrina emanadas de Moscou¹³⁵. As edições, em língua portuguesa, produzidas na União Soviética, chegavam com regularidade ao país.

A formação regrada, pautada por dogma, na doutrinação e rigidez teórica tinha, como base e princípios, autores marxistas na linha da oficialidade partidária, ou seja, havia um cânone ou “boa leitura”, uma vez que os marxistas proscritos nos sucessivos expurgos stalinistas não faziam parte do rol de leituras. O Partido impunha as suas diretrizes traçando, à risca, as interpretações de leituras, procurando criar, em suas fileiras, a idéia da nova sociedade. Para eles, o mundo

¹³³ Prestes, Luis Carlos. *Informe político à Comissão Executiva do Comitê Nacional*. T.P. Rio de Janeiro. 1946, p.1.

¹³⁴ *Teses 91 e 94 do IV Congresso Nacional do PCB*. T.P. Rio de Janeiro. 1947, p. 3, 4, 6 e 7.

¹³⁵ Segatto, José Antônio. *Breve história do PCB*. 2. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1989, p. 60.

contemporâneo estava dividido em classes antagônicas¹³⁶: a classe operária e capitalistas. A primeira diferenciava-se por conduta superior: “*A utopia comunista, portanto, além de promessa de igualitarismo social, acreditava também na constituição de um homem renovado, um ‘homem novo’ livre dos defeitos e vícios da sociedade capitalista e portador de uma moral superior*”¹³⁷.

A moral pregada pelos comunistas possibilitava a idéia de criação do “*homem novo*”, pautado numa conduta séria, diferenciada daqueles que viessem a transgredir as orientações partidárias, cuja punição identificava-os como traidores da classe e do povo. A distinção, entre o bom e o mau no partido, podia ser caracterizada pelos homens de formação íntegra e séria, em contraposição aos apontados como “*ébrio contumazes; os que derem prova de degenerescência moral; os que realizem ato de degradação da classe (lumpen); os provocadores, os terroristas, os pregadores e praticantes de lutas de grupo como método de ação do partido e da classe operária (...)*”¹³⁸.

O conjunto de regras e normas que determinavam a conduta dos militantes fazia a distinção clara do “ser comunista”. Antes de tudo, ele deveria seguir as ordens, servir de exemplo. Essa forma de conduta moral e ética poderia significar uma estratégia de apresentação dos camaradas perante a sociedade, pois os comunistas vinham de longo período na clandestinidade (1930-1945), perseguidos pelo aparato repressor. A volta do partido à legalidade indica a preocupação constante com os procedimentos que dizem respeito à militância. Mostrar características, procurando distingui-los dos representados pelo capitalismo, indica estratégias para evidenciar os conceitos defendidos e a luta pela sociedade mais justa e igualitária.

As imagens criadas e reproduzidas, como exemplos para os camaradas, chegam a ser uma espécie de culto à personalidade, em que se proclamam com certo fervor as qualidades dos personagens principais da luta pela revolução (Marx, Engels, Lênin e Stalin). Massificar as figuras revolucionárias pelos meios de

¹³⁶ Engels. F. *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 1985. p.109.

¹³⁷ Motta. Rodrigo Patto Sá. *O PCB e a Moral Comunista*. In Locus – Revista de História. N. 1. Vol. 3, p. 74. Juiz de Fora-MG. EDUFJF. 1997.

¹³⁸ Jornal do PCB, *A Voz Operária*. 06/02/1954. p. 5.

comunicação fazia parte dos ensinamentos apreendidos pelos participantes da causa. Assim como os pensadores, os seguidores e intérpretes teriam que primar pelo exemplo de vida. Os militantes comunistas se pautavam na história de luta das figuras exemplares, cultuadas pelo PC, símbolos de vida permanente, até que a morte ou o partido os separassem.

A própria propaganda de divulgação do PCB era implementada na perspectiva de mostrar a imagem do comunista, abnegada e combativa, carregada de adjetivos que o qualificavam como novo sujeito das transformações dos meios social, político, econômico e cultural. Para difundir os conceitos da revolução, além de propagar a figura íntegra do militante, a *Imprensa Comunista* também fazia parte da conexão com o grande público, buscando anunciar a imagem dos camaradas cultuada pelo partido:

*“Os textos de propaganda e divulgação traduzem a clara intenção de forjar a imagem do comunista pelos atributos morais, como indivíduos dotados de certas qualidades, em que se destacam a participação ativa, o entusiasmo, a abnegação”*¹³⁹.

2.1 Jornalistas da causa

Fazer o jornal dos comunistas era tarefa confiada aos mais graduados militantes, tendo em vista que a implantação d'*O Democrata* seria uma missão importante do partido, conforme decisão da direção nacional¹⁴⁰. Portanto, os integrantes do jornal eram escolhidos a dedo, sendo pessoas da mais alta confiança da cúpula dirigente. No Ceará, coube, a Stélio Lopes Mendonça, a tarefa de dirigir o impresso no primeiro ano, depois substituído por Annibal Bonavides, intelectual de formação, graduado em direito. Os dois vinham de

¹³⁹ Cavalcanti, Berenice Oliveira. *O Juramento da lealdade e fidelidade: a militância no PCB*. In: *Religião e Sociedade*. N.12, agosto, V.1, p 62. Rio de Janeiro. Campus. 1985.

¹⁴⁰ Ver página 70 (Capítulo 1), quando cito que após à volta a legalidade do PCB (1946), são criados jornais comunistas, nas cidades de São Paulo, Ribeirão Preto-SP, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Paraná, Goiás, Bahia, Pernambuco e Ceará.

experiência no jornal *Unitário*, com a publicação do suplemento quinzenal esportivo, a *Cancha* (1937)¹⁴¹.

Bonavides era reconhecido pela carreira destacada em defesa das causas populares, “advogado dos trabalhadores”, como era identificado pelos companheiros de partido. Formado pela Faculdade de Direito do Ceará, ainda jovem filiou-se ao Partido Comunista. Pertenceu aos quadros de *O Democrata* até o encerramento das atividades do impresso (1958), depois, eleito deputado estadual (1962), com mandato cassado em 1964. Annibal Bonavides chegou a ser proprietário da livraria “*Ciência e Cultura*”, no centro de Fortaleza, conhecido ponto de encontro da intelectualidade cearense.

Membro do Comitê Central do PC cearense, coube a Bonavides a missão de dirigir o jornal com o tenente da reserva, Elias Trindade, companheiro encarregado das finanças, e Stélio Lopes, todos integrantes dos quadros do partido, formando a trinca dos militantes responsáveis pela condução do projeto. Reconhecidos como pessoas da mais alta confiança, segundo entrevistas com antigos jornalistas do *OD*, os integrantes do partido vinham de longa jornada de atividades na ilegalidade, e haviam permanecido na incansável batalha de condução do partido, juntamente com outros militantes. Além de gozarem da confiança, eles tinham experiências no meio impresso, conheciam o ofício da escrita pelas atividades exercidas em outros jornais da cidade e granjeavam legitimidade junto aos segmentos da intelectualidade progressista da cidade, notadamente entre os profissionais liberais: médicos, professores, entre outros.

Participar do círculo fechado da missão, ou seja, colocar o jornal na rua, não significava apenas ter a confiança dos camaradas, mas entender profundamente a sistemática de funcionamento do PC. Para isso, o recrutamento dos jornalistas e a escolha dos demais funcionários do jornal passavam pela seleção dos membros do partido, segundo informação de entrevista com José Ferreira de Alencar¹⁴², ex-

¹⁴¹ Azevedo, Miguel Ângelo de (Nirez). *Cronologia Ilustrada de Fortaleza roteiro para um turismo histórico e cultural*. Vol. 1. Fortaleza. Banco do Nordeste. 2001. p.158.

¹⁴² Fiz a última entrevista em vida com o professor José Ferreira de Alencar, em agosto de 2004. Ele faleceu no mesmo ano, vítima de um acidente vascular cerebral (avc). Um dos mais conhecidos militantes do PCB, no Ceará, Zezé Alencar, como era conhecido pelos amigos, foi

tesoureiro de *OD*, em 1954. O secretário geral do PCB, no Ceará, o garçom José Bento de Sousa, acompanhou de perto a escolha dos integrantes do jornal, com a ajuda do presidente do Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Gráficas em Fortaleza, Antônio Louro de Sousa, membro do partido.

Para desvendar as articulações que culminaram com a criação do próprio jornal, verificam-se que, por trás dos jornalistas de *O Democrata*, fazia parte da empreitada complexa rede da militância partidária. Para entender o funcionamento da folha comunista, observei que, nas páginas de *OD*, não poderia compreender os questionamentos e dúvidas surgidas no desenvolvimento da pesquisa. Desta maneira, prossegui nas investigações recorrendo a outras fontes (jornais, livros e entrevistas), que ampliassem a pesquisa, no sentido de enriquecer o material empírico.

Busquei conhecer os personagens diretamente envolvidos no jornal (jornalistas, gráficos, colaboradores e leitores), tentando perceber a vida cotidiana dessas pessoas. Para compreender o fazer jornalístico, é necessário conhecer os personagens e o contexto de participação dos mesmos. Para tanto, analisei o ambiente de participação/ação das pessoas, recorri à memória desses homens. Os modos de ser, a vida cotidiana desses personagens foram relevantes para a construção da pesquisa. Conhecer as atividades de lazer, os espaços freqüentados, a vida em família, o trabalho, a religião, entre outros aspectos das relações sociais possibilitaram o entendimento complexo dos sujeitos dessa história.

Naquele momento de tensão, em que os comunistas estavam na legalidade do PCB, procurei descobrir quem eram essas pessoas. Como chegaram ao partido e ingressaram no jornal? De que maneira os ensinamentos do PC influenciavam na escrita dos jornalistas? Como era o processo de elaboração da notícia? Enfim, as perguntas traziam dúvidas para o entendimento do fazer da notícia. Sendo assim, busquei recuperar parte do passado de alguns personagens ligados ao *O Democrata*. Ao recorrer à memória dos militantes, comecei a

considerado um importante intelectual do partido, responsável pela formação dos quadros da militância.

entender o passado de vidas dedicadas à causa partidária e ao funcionamento do jornal.

Nas vivências do passado, no processo desencadeado pela memória, há a reelaboração de tempo ou lugares vividos. A busca do passado se constitui dentro de contradições, afirmações e negações. A maneira de construir o conhecimento, recorrendo às lembranças e experiências, remete às interpretações dos personagens. São recordações falhas, interrompidas, esquecidas na forma como se relatam. Entretanto, os lapsos ou esquecimentos traduzem significados importantes para a compreensão do passado. As formas como se processam os significados mostram ou escondem histórias vividas.

Não busco somente convergências e “verdades” do passado, mas também lapsos, omissões e divergências. Muitas vezes, o retorno de percepções vagueia no campo da subjetividade, mostrando o que não foi dito. Lembrar não é reviver, mas reconstruir com imagens e idéias de hoje, como bem diz Maurice Halbwachs (1990). O passado não existe sob as mesmas formas como foi vivido. O tempo trata de refazer esse passado, mediado pelas vivências do presente. Portanto, as lembranças não existem isoladamente, elas interagem com as relações sociais, em espaços de sociabilidade:

“...a lembrança é uma larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada”¹⁴³.

Busco as memórias, com visão articulada aos estudos históricos. Remeto-me à pesquisa da *Imprensa Comunista*, a partir da metade dos anos 1940. É uma atividade rica, em que encontro vasto material, em jornais, processos judiciais, bibliografia e depoimentos. Este estudo também corresponde à *memória coletiva* de uma época, dentro da visão de Le Goff (1984, p.475), quando afirma que essa

¹⁴³ Halbwachs, Maurice. *Memória Social*. São Paulo: Zahar, 1990, p. 71.

“memória coletiva faz parte das grandes questões das sociedades desenvolvidas e das sociedades em vias de desenvolvimento, das classes dominantes e das classes dominadas, lutando todas pelo poder ou pela vida, pela sobrevivência e pela promoção”.

A passagem da memória para a história percorre um longo caminho de interpretações, em que nem tudo que é memória pode ser história ou vice-versa. Relatos biográficos, por exemplo, partem de pressupostos individuais, muitas vezes, carregados de saudosismo. As versões de vidas repletas de heroísmo e enfrentamentos são comuns nos relatos de velhos comunistas. Esses homens marginalizados pela história oficial disputam espaço, tentando mostrar o outro lado dessa história.

A disputa entre a história oficial e a história dos proscritos mostra uma relação peculiar na passagem da memória para a história. No percurso, a discussão das identidades está inserida, na busca pela revitalização de sua própria história¹⁴⁴. O silêncio do passado de discriminados não remeteu ao esquecimento, do contrário, apresentou formas de resistências frente ao discurso das “verdades”. As diferenças ideológicas entre comunistas e católicos vieram, à tona, em momento de crise, dentro de um contexto complexo, após a legalidade do Partido Comunista, queda de Getúlio Vargas e o fim da Segunda Guerra Mundial (1945).

Como reforça Michael Pollak, *“essas memórias subterrâneas que prosseguem seu trabalho de subversão no silêncio e de maneira quase imperceptível afloram em momentos de crise, em sobressaltos bruscos e exacerbados. A memória entra em disputa. Os objetos de pesquisa são escolhidos de preferência onde existe conflito e competição entre memórias concorrentes”*¹⁴⁵. Sendo assim, no campo dos conflitos, essa memória se reproduz, ressaltando as

¹⁴⁴ Pierre Nora, no artigo “Entre Memória e História” (1993, p.170), quando se refere aos marginalizados pela história oficial, fala da obsessão dos mesmos na busca de recuperar o seu passado. Entretanto, afirma que, “a passagem da memória para a história obrigou cada grupo a redefinir sua identidade pela revitalização de sua própria história. O dever de memória faz cada um o historiador de si mesmo”.

¹⁴⁵ Pollack, Michael. *Memória e identidade social*. In Estudos Históricos, Rio de Janeiro. CPDOC, vol.5, n.10, 1992, p. 4.

diferenças. A identidade dos comunistas se constitui nesse ambiente de divergências, onde buscavam narrar a memória de lutas e conquistas.

A identidade dos *vermelhos* se compõe ainda pelos modos de vida, nas formas de vestir, nas leituras, pela participação/ação dos sujeitos, enfim, está presente nos opostos demarcados¹⁴⁶. Assim, percebi as diferenças ao recorrer à memória de alguns destacados participantes na história de *OD*. Escolhi quatro pessoas com atividades relevantes no funcionamento do periódico: Alberto Galeno, 87 anos, único repórter que trabalhou nos primeiros anos do vespertino; Zelito Magalhães, 71 anos de idade, vendia o jornal na rua com 12 anos de idade, na década de 1940; Luciano Barreira, 79 anos, jornalista e correspondente de *OD*, no município de Quixadá, e José Ferreira de Alencar (Zezé), 74 anos, começou as atividades no PC como *office boy*, aos 13 anos de idade, depois, tesoureiro do jornal, em 1954.

José Ferreira de Alencar, o Zezé, pareceu o caso típico do militante. Homem de partido, marxista, defensor das causas populares... Apesar do jeitão eloquente, figura ativa, entretanto, nas conversas, descobre-se a pessoa amável e solidária. Aos poucos fui desvendando questões preciosas na vida desse homem, a exemplo das primeiras manifestações dos comunistas, antes da legalidade do PCB (1944). Os comícios, reuniões e manifestos em favor da luta contra o fascismo no mundo, bem como a defesa da participação do Brasil na II Guerra Mundial, haviam deixado o menino Zezé fascinado pelas discussões e debates aguerridos nas ruas de Fortaleza.

Com 13 anos de idade, ainda adolescente, Zezé viu os estudantes e moradores da cidade formarem a enorme “*Pirâmide de Meta*”, na Praça da Escola Normal (1944). As peças e sucatas de ferro eram amontoadas na calçada, depois entregues às forças armadas para a construção do material bélico nacional. Os comunistas faziam campanhas de arrecadação, enquanto se acumulavam as doações na pirâmide, apelidada de “*Stalingrado*”, homenagem à cidade soviética

¹⁴⁶ Nessa demarcação à qual me refiro, procuro relacionar cultura e identidade, recorrendo às considerações de Kathryn Woodward (2000, p.41) quando ele diz que “as formas pelas quais a cultura estabelece fronteiras e distingue a diferença são cruciais para compreender as identidades. A diferença é aquilo que separa uma identidade da outra, estabelecendo distinções, freqüentemente na forma de oposições.”

onde os alemães foram derrotados pelo *Exército Vermelho*. A campanha teve também a contribuição de carroceiros, responsáveis pelo transporte de boa parte dos trilhos doados pelos ferroviários:

“(...) os carroceiros já eram amigos da gente, não de nós, mas de um cara que queria o apoio dos carroceiros para candidatura dele, que era o Acrísio Moreira da Rocha. Moreira da Rocha e o partido tinham um trabalho também lá no meio dos carroceiros, os carroceiros aí apoiaram o Acrísio e nós dissemos bote os ferros lá pra praça, aí os trens chegavam na Igreja do Patrocínio aí era levado tudo de carroça puxado a burro até a Praça da Escola Normal”¹⁴⁷.

Zezé ainda lembra a confusão em torno da “*Pirâmide de Meta*”, motivada pela disputa entre comunistas e os chamados “galinhas verdes”, adeptos do fascismo, ligados aos católicos. Os fascistas queriam encher a pirâmide de penicos, para zombar da campanha. Para evitar o achincalhe da campanha, os comunistas chegaram a enfrentar os adversários na Avenida Dom Manuel, quando eles “*carregavam mais de mil penicos*”. Tudo isso impressionou o garoto, já desiludido com os católicos, desde o dia em que entrou na Igreja do Coração de Jesus e verificou que a imagem de Jesus Cristo era de madeira e gesso. Pegar na imagem foi como tomar “*um choque*”: - “*(...) me mentiram que era Jesus, nem tem sangue, era tinta, aí foi a minha primeira decepção*”.

Para o menino estudante do Colégio Cearense, os momentos da briga, em defesa da pirâmide, e a desconstrução da imagem de Jesus ficaram na lembrança como rompimento de toda a formação católica. Aluno do professor Américo Barreira, conhecido integrante do PC, Zezé costumava ver o mestre nos comícios políticos, e também admirava os discursos do jornalista Jáder de Carvalho, membro do PC. A residência de Zezé ficava ao lado da Escola Normal, de onde

¹⁴⁷ Entrevista concedida por José Ferreira de Alencar, o Zezé, militante do PC e tesoureiro de OD, em 1954.

podia ouvir as palavras dos comunistas nos “comícios-relâmpagos” ¹⁴⁸. Aos poucos, o menino conheceu de perto os homens do partido.

A curiosidade despertou-o: um dia havia de chegar à sede do partido, na esquina da rua Guilherme Rocha com Barão do Rio Branco, no Centro de Fortaleza. O vai-e-vem de ativistas e simpatizantes carregando faixas, bandeiras e livros, além das constantes reuniões, pareciam grande novidade na cabeça do menino, que escutava e via tudo com muita atenção. Ele teve o privilégio de se aproximar de algumas pessoas, como o próprio secretário geral do PCB, José Bento de Sousa, homem moreno, alto e “ *muito atencioso*”. Um dia Zezé foi surpreendido, em casa, com a visita da maior autoridade do partido. Ao bater palmas, José Bento pediu para entrar e conversar com a mãe de Zezé, conforme este relato:

“A senhora não fique surpresa, não fique preocupada pela minha visita do secretário do partido. Aí a mamãe, não, tudo bem, pode entrar, vamos sentar, e de que se trata? Ele disse, é o seguinte: é porque a senhora tem um filho que se chama José, o Zezé, todo dia ele está lá no partido. Ela disse, eu tenho sabido. (...) Aí ele disse, ele é praticamente uma criança, o partido é muito perseguido... Esse negócio de juizado de menor, dizer que nós estamos doutrinando o seu garoto, levando ele pro comunismo, a senhora tem conhecimento e qual a sua posição a respeito disso?... Seu Bento eu quero lhe fazer uma pergunta, eu não tenho certeza, mas eu quero lhe fazer uma pergunta, porque ele está muito lá e o senhor deve saber: - ‘Ele está faltando à aula do colégio?’ Aula ele não perde não, porque é um compromisso, eu mesmo conversei com ele, você não perde aula, você vem aqui mas não pode perder aula, os estudos é fundamental. Aí ela disse se ele não estiver no colégio, aí ela disse, lá na sede do partido é o melhor lugar onde ele possa estar. Para você ver como era a minha mãe, aí eu tinha carta branca para ir pro partido, aí fiquei sendo uma

¹⁴⁸ Em 1945, de acordo com o relato de José Ferreira de Alencar, os comunistas costumavam fazer rápidos comícios nas ruas de Fortaleza, como forma de despistar o deslocamento da Polícia. Aquelas manifestações acabaram levando o nome de “comício-relâmpago”.

espécie de office boy, faça isso pra mim, vai buscar não sei o que, compre um jornal acolá, eu me sentia, eu conhecia todo mundo”¹⁴⁹.

A amizade do menino possibilitou-lhe conhecer de perto a vida do partido, além de alguns dos personagens que faziam parte do circuito restrito da direção. A sede do PC ocupava o segundo andar do edifício, em área privilegiada do centro da cidade. Na sala principal, duas bandeiras, uma do Brasil e a outra do PCB, ocupavam local estratégico, segundo recorda o militante Zezé. Em outro espaço, ficava a biblioteca com muitas publicações de autores como Karl Marx, Friedrich Engels, Lênin, Stalin, entre outros autores internacionais. Os livros de Monteiro Lobato, Jorge Amado, Machado de Assis, José Lins do Rêgo, também estavam nas prateleiras do partido.

Segundo afirmou Zezé, na época da fundação do jornal *OD* (1946), tinha 15 anos e lembra que as discussões em torno da publicação eram sempre conduzidas com muito cuidado. Ele acredita que os integrantes do partido mantinham o distanciamento do jornal, podendo parecer uma forma de preservar o trabalho da *Imprensa Comunista* - “(...) partido e jornal eram um tanto separados, quer dizer, havia ligação, mas era interna para não dar pretexto a, por exemplo, nenhum companheiro poderia ser perseguido pela Polícia ir pro jornal, se ele fosse era expulso do partido. O jornal era intocável, não servia de refúgio pra ninguém, nem pra dirigente do partido”.

A informação de Zezé foi a constatação de que o partido estava à frente do jornal, mas procurava preservar a publicação de qualquer empecilho que pudesse estabelecer nexos com as ações do PCB. A estratégia de preservação do jornal, distante dos percalços da militância, também demonstrava os cuidados em relação ao público. O partido operava com táticas e estratégias de insubordinações, mas o jornal era a instância de relação com o leitor, não deveria ser espaço para abrigar “fugitivos” ou qualquer ato que comprometesse o trabalho normal do periódico. Preservar a integridade do jornal, sob todas as condições, demonstrava a importância do jornal para o partido.

¹⁴⁹ Trecho de entrevista feita com José Ferreira de Alencar, em agosto de 2004. Arquivo do autor.

A distinção do jornal e partido também era percebida pelo advogado Alberto Santiago Galeno, um dos primeiros jornalistas¹⁵⁰ a trabalhar n'O *Democrata*, influenciado pela militância do PC. Iniciou a participação na política em 1935, na Aliança Nacional Libertadora (ANL), aos 22 anos de idade, estudante de Direito, pertencia aos quadros do Partido Comunista¹⁵¹. Em 1946, decepcionado com a carreira de advogado, recebeu o convite para ingressar no ofício da escrita. Ele acreditou no trabalho implementado pelo partido e resolveu contribuir, no sentido de viabilizar o jornal nas ruas da cidade.

Galeno recorda as atividades de trabalho sempre acompanhadas de perto pela direção do jornal. De acordo com informação do jornalista, os membros do PC também faziam parte das discussões na redação, sendo que alguns dirigentes vinham de outros estados. O trabalho, em campo, da equipe era devidamente planejado com discussão dos temas de pauta pela direção do partido, como podemos observar:

“(...) tinha o diretor, tinha o secretário e tinha os redatores. Eles então passavam tarefa para fazer aquele plano, né, mensal. A equipe era participativa, aos sábados nos reuníamos lá e discutíamos o jornal da semana. (...) Vinha sempre um representantes do Rio de Janeiro, uma vez por mês”¹⁵².

As discussões de pautas e avaliações do jornal passavam por uma espécie de assembléia de trabalhadores do jornal, como pude perceber na conversa com Alberto Galeno. A escolha dos temas de pauta, por exemplo, pode ser analisada pela matéria publicada sobre os *Integralistas*, em Fortaleza. Para preparar a reportagem sobre o assunto, os comunistas, possivelmente, planejaram o “ataque” e acertaram em cheio o inimigo. Adversários ferrenhos dos comunistas, os “*galinhas verdes*” foram investigados pela equipe de *OD*, conforme matéria de 12

¹⁵⁰ A primeira equipe de redatores do jornal O *Democrata* tinha os seguintes jornalistas: Aluísio Gurgel do Amaral, Oswaldo Peralva e Aluísio Medeiros.

¹⁵¹ Dados divulgados pelo PCdoB, durante solenidade alusiva aos 80 anos de fundação do Partido Comunista Brasileiro, realizada na Assembléia Legislativa do Ceará, no dia 23 de março de 2002.

¹⁵² Trecho de entrevista feita com Alberto Galeno, em março de 2005. Arquivo do autor.

de março de 1946 – *“Integralistas tramam contra a democracia”*, dizia o título de primeira página.

Com o fim da II Guerra Mundial, os fascistas estavam assustados com a rejeição nas ruas, pela condenação dos governos ditatoriais de Mussolini, na Itália, e Franco, na Espanha. *O Democrata* conseguiu desvelar os *Integralistas* em plena atividade na capital cearense:

*“Impunemente agem, no Ceará, os fascistas plinianos. Uma sessão tumultuosa a Rua Sena Madureira, 719, (3º andar), onde Franco é ‘O herói cristão’ – Frases demagógicas em discursos furibundos – Ataques ao proletariado – A lamentável presença de dois padres”*¹⁵³.

Para fazer a matéria denunciando o encontro dos *Integralistas*, o repórter de *OD* foi cuidadosamente “infiltrado” entre os participantes da reunião reservada, no centro da cidade. Feita a escuta das conversas, coube à reportagem relatar os pormenores das discussões, entre os quais, elogios feitos ao jornal da Igreja Católica e detalhes sobre *“(...) a cooperação que o jornal O Nordeste vem prestando aos elementos do Partido da Representação Popular, ao mesmo tempo em que colocando-se contra os comunistas”*. Na matéria publicada pelo *OD*, sem a identificação do repórter, foram mencionados trechos de discursos de participantes:

“ ‘O operário não sabe pensar por si. O operário analfabeto não tem cabeça. Pensaremos por ele e faremos dele a nossa força de fácil manejo’. Oh, quanta ingenuidade! Será que o orador não sabe que o operariado tem uma consciência bastante exata da sua missão histórica e que está cada vez mais unido e forte? O operariado não serve para ser manejado, ele sabe se orientar e caminhar por si mesmo”, comentava o repórter ao final do texto¹⁵⁴.

¹⁵³ Texto de chamada de capa de *O Democrata*, 12/03/1946.

¹⁵⁴ *O Democrata*, 13/03/1946, p.6.

A matéria veiculada seguidamente, nos dias 12 e 13 de março de 1946, foi um golpe para os fascistas e católicos ligados à doutrina conservadora. O jornal da igreja católica, “*O Nordeste*”, buscava fazer aproximação com a classe trabalhadora para neutralizar as atividades dos comunistas em sindicatos, associações e outras entidades de classe¹⁵⁵. Ao publicar as matérias sobre a “reunião secreta” dos fascistas cearenses, além de procurar mostrar a visão dos seguidores de Mussolini e Franco, no que diz respeito à classe trabalhadora, *OD* provocava a reflexão em torno da participação da Igreja e do jornal (*O Nordeste*) junto aos operários. O impresso comunista revelou a posição contraditória assumida pelos católicos, bem como as ligações dos fascistas com o projeto político e teológico da igreja.

A posição de confronto com os jornais da cidade demonstrava o campo permanente de tensão da notícia apresentada em *O Democrata*, como veremos a seguir. O jornalista Luciano Barreira¹⁵⁶, correspondente do jornal no município de Quixadá-CE, militante do partido entrevistado na pesquisa, lembra que *OD* era reconhecidamente de posicionamento radical, por assumir postura de embate na imprensa cearense – “(...) *foi um jornal altamente combativo, era um jornal, até eu*

¹⁵⁵ Ver no tópico 1.4 *Idéias transgressoras*, quando falo sobre a formação dos Círculos Operários no Ceará, a partir de 1915, um projeto conservador da igreja católica que buscava interferir na formação da classe trabalhadora. O jornal *O Nordeste*, fundado em 29 de junho de 1922, fazia parte desse projeto de aproximação da igreja junto aos trabalhadores cearenses, conforme pude perceber nas leituras do impresso ligado à Arquidiocese de Fortaleza. Em *O Nordeste*, veiculava a “*Página Trabalhista*”, sob a direção da Secretaria da Federação dos Círculos Operários do Ceará (*O Nordeste*, 16/03/1946, p.4), que poderia ser uma das formas de inserções da igreja no mundo do trabalho. Em trabalho onde faz uma análise do discurso e a prática católica, Júlia Miranda mostra a importância do jornal *O Nordeste* para a afirmação do projeto implementado pela igreja: “*A análise com base nesse discurso que dá sentido à visão da realidade social própria da Igreja católica e visa a orientar a prática de seus destinatários, mostra-se particularmente rica no caso do Ceará no início dos anos 30. Aqui um conjunto de fatores contribui para que a Igreja, no período, seja uma instituição forte, no sentido de que se encontra adequada ao modelo romanizado e conta com um significativo número de associações que lhe garantem a presença, tanto entre os segmentos médios da população, quanto entre os operários. E – fato importante a destacar – tinha no jornal O Nordeste, que não pertencia à Igreja mas lhe seguia fielmente a orientação, um importante elemento aglutinador*”. (Miranda, Júlia. *O Poder e a fé: discurso e prática católicos*. Fortaleza-CE. Edições UFC. 1987. p.105.

¹⁵⁶ O jornalista Luciano Barreira trabalhou nas duas fases de existência do jornal *O Democrata*. Na primeira fase (1945), ele ocupou a função de colaborador quando o periódico era de propriedade do político Olavo Oliveira. Após o jornal passar para as mãos dos comunistas (1946), Luciano foi correspondente de *OD* no Município de Quixadá, região central do Ceará. Luciano Barreira, irmão de Américo Barreira, chegou a ser eleito vereador de Fortaleza, em 1961, com o apoio do Partido Comunista.

diria agressivo. Chegou a ganhar um apelido de ‘siri’, que era um tipo de mulher popular que tinha aqui, desbocada que tinha na rua e tal...”. Luciano trabalhou em duas fases do jornal comunista, conheceu de perto as disputas do impresso em 1946, ano de criação da folha comunista.

A posição sectária dos comunistas frente às questões defendidas pelo jornal, de acordo com análise de Luciano Barreira, vem de tradição marcada pela formação stalinista: “(...) *eu acho que o jornal era sectário, aquela coisa e tal, mas o sectarismo era aquela coisa constante de então do movimento de esquerda... Aquela coisa copiada do stalinismo e o jornal chegava no folclore, que quem escreveu um dia com cuidado a história da imprensa no Ceará, terá que dizer isso*”. Ele recorda os primeiros confrontos do OD, quando o jornal saía da cobertura local, para fazer campanha contra o imperialismo norte-americano, identificado pelos Estados Unidos.

De fato, o discurso permanente do jornal comunista contra os Estados Unidos pode ser constatado nas leituras das primeiras edições de OD (1946), início da guerra fria. Os textos eram carregados de frases e palavras-chaves da militância comunista, condenando com veemência o que eles chamavam de “*imperialismo ianque*”. A estratégia de “bombardear” a nação norte-americana estava no contexto da chamada guerra-fria, entre os Estados Unidos e a União Soviética. Após a II Guerra Mundial, os dois países travaram luta ideológica e armamentista com repercussão mundial. Os comunistas brasileiros prestavam apoio incondicional aos russos. “*Contra o imperialismo – Pela Paz, Pela Devolução das Bases – Este é o sentido profundo das comemorações do povo e do proletariado brasileiros, na grande data nacional*”¹⁵⁷.

Os dois momentos de OD (Agosto de 1945 e março de 1946)¹⁵⁸, vividos pelo jornalista Luciano Barreira, são diferenciados pelas posições editoriais do vespertino cearense. O jornal extrapola claramente a posição de confronto na política local e amplia o debate para a dimensão nacional e internacional, dentro das diretrizes emanadas do Partido Comunista, conforme o primeiro editorial assinado por Annibal Bonavides:

¹⁵⁷ Manchete do jornal *O Democrata*, 01/05/1946.

¹⁵⁸ Mais detalhes sobre as duas fases do jornal ver no primeiro capítulo da dissertação, página 69.

“Este jornal, - O Democrata – porque o povo e o proletariado tanto esperavam em nossa terra, aparece hoje, no jornalismo cearense, para ser um defensor dos direitos populares e um ativista do progresso. Tem, assim, um programa de ação que é a luta constante pela democracia, pela unidade da classe operaria e do povo, visando o fortalecimento da frente nacional democrática. Jornal do proletariado e das grandes massas populares, intérprete dos sentimentos de libertação econômica de todos os homens que trabalham, na cidade e no campo, O Democrata ressurgiu, na imprensa do Ceará, para realizar uma obra de educação política, para apresentar honestamente os problemas gerais que afligem as populações cearenses, e para encaminhar as soluções justas que se impõem... Esta segunda fase de O Democrata significa, portanto, uma profunda reviravolta de métodos na existência deste jornal”¹⁵⁹.

2.2 Escola de jornalismo

A “reviravolta de métodos” mencionada no editorial do jornal implementou de fato mudanças na escrita, possibilitando criar novos focos da notícia na *Imprensa Cearense*. Essa vertente do jornalismo estava voltada às questões ideológicas, identificadas com a doutrina comunista. A formação dos jornalistas militantes estava baseada no centralismo do partido, cujos métodos de elaboração da notícia se pautavam nas estratégias de confronto. Suas palavras espalhavam na cidade as táticas de subversão, disseminavam, às vezes, a discórdia, os contrários ou as certezas da “*causa revolucionária*”.

A maneira de fazer jornalismo na redação de *O Democrata*, estava ligada à militância que os trabalhadores do jornal mantinham no partido, bem como as conexões que faziam com o mundo do trabalho. O aprendizado no partido poderia ser a base da escrita, direcionada para questões do povo, voltado para os operários que agora eram também foco de notícia. A aproximação do jornal com o

¹⁵⁹ Editorial publicado na primeira edição do jornal *O Democrata*, 01/03/1946, p.2.

mundo do trabalho surgia como fonte de pautas para o jornalismo. O próprio trabalhador poderia enxergar os problemas do cotidiano, repassando-os ao jornal, isto pela condição mantida de aproximação entre trabalhadores e *OD*. Desta maneira, formava-se, assim, uma espécie de rede diferenciada de fazer escrita, onde as questões relativas à cidade eram evidenciadas, sob a visão do “outro”.

Isso permitiu a criação de um jornalismo diferenciado, pautado nas questões emanadas dessa “gente comum”. Era um diálogo alternativo que o jornal comunista traçava com o público. Em virtude das amarras mantidas pelos órgãos de comunicação do Ceará, ao longo do período da Ditadura Vargas, além das Interventorias no governo do Ceará e as perseguições pelo aparelho repressor do Estado, a imprensa cearense permaneceu calada, indiferente às arbitrariedades cometidas. Após 16 anos de mordança dos grandes jornais (1930-1946), os comunistas surgiam com as notícias que estavam caladas, notícias que não ocupavam espaços dos jornais diários. Os acontecimentos sufocados pela classe dominante encontraram espaço no vespertino comunista, possibilitando o alcance de outras coberturas jornalísticas.

O pioneirismo da atividade do jornalismo estava marcado, sobretudo, pela prática diária de fazer a notícia. O periódico foi o único vespertino comunista a circular diariamente por 12 anos (1946-1958) no Ceará. Para mantê-lo em funcionamento, ao longo dos anos, o novo foco do jornalismo pareceu manter certa relação de leitura com o grande público. Ao mesmo tempo em que questões de finanças, além da oposição ferrenha da igreja e as perseguições políticas, dificultavam o funcionamento de *OD*, esse jornalismo contundente, crítico, marcado pela escrita dos opostos, identificado com as questões populares, traçava uma relação de credibilidade com o leitor. Isto porque esse jornalismo dava visibilidade a outras vertentes da notícia, o jornal dialogava com outras versões dos fatos “escondidos” na imprensa, ou mesmo, relegados como matéria jornalística nos padrões da imprensa vigente.

Tudo indica que a atividade jornalística desses trabalhadores da escrita era alimentada de alguma maneira pela formação doutrinária do partido. A missão de fazer um jornal diário era uma das tarefas mais complexas dos comunistas.

Trabalhar sob condições precárias, ser perseguido nas ruas, esconder-se do aparato policial, entre outras questões inerentes à vida do militante comunista, fazia parte do cotidiano. Os problemas poderiam ser superados pelo idealismo da causa, ou seja, em nome da revolução, em favor de uma sociedade mais justa e igualitária. Acostumados às estratégias de sobrevivência, o jornal parecia-lhes ser uma missão de abnegados.

O discurso permanente da luta para manter o jornal pode ser observado nos entrevistados da pesquisa (Alberto Galeno, Luciano Barreira, José Ferreira de Alencar e Zelito Magalhães). Eles sempre faziam relatos sobre as dificuldades de manutenção do vespertino e destacavam o engajamento dos militantes, como forma de sustentar a atividade diária da notícia:

“Na segunda fase eu trabalhava no Democrata, mas não trabalhei assim propriamente como um cara do staff do corpo de redatores ou de repórteres porque o jornal pagava tão mal, tinha condições econômicas tão precárias que nem podia pagar. Tinham muitas vezes que os companheiros lá, para ter um lanche, um almoçinho a gente tinha que se cotizar, jantar, comer uma sopa no Passeio Público onde tinha nesse tempo um restaurante e tal, porque era uma vida realmente dura. (...) era dedicação beneditina, era uma coisa que o cara trabalhava ali passando fome, mas trabalhava”¹⁶⁰.

Colocar o jornal diariamente nas ruas parecia batalha incansável dos camaradas. Mesmo com todos os percalços da labuta, as dificuldades eram superadas pela devoção à causa. Superar os problemas significava buscar caminho diferente no jornalismo, em que a escrita está voltada para as vozes dissonantes. Exemplo de postura mais crítica pode ser vista em matéria publicada, em *OD*, sobre a greve dos trabalhadores das salinas, no município de Camocim, região Norte do Estado. “*A Verdade sobre a greve de Camocim*”, título de capa do jornal em primeira edição (01/03/1946).

¹⁶⁰ Trecho de entrevista de Luciano Barreira, concedida em 03/04/2002. Arquivo do autor.

A notícia em forma de artigo tinha chegado à redação por telegrama enviado por Raimundo Coelho, “do Comitê Estadual e Secretario da Divisão e Propaganda Municipal de Camocim”. O militante do partido reclamava da discriminação dos salineiros, “que não queriam emprega-lo”. Raimundo Coelho também denunciava as prisões de seis trabalhadores, transferidos de Camocim para Fortaleza. O olhar diferenciado da escrita ajudou a manter, em evidência, a folha comunista.

OD disputava a leitura nas ruas com outros seis jornais de reconhecida tradição, no Estado, o que leva a crer que o impresso buscou o diferencial da notícia para superar os problemas de infra-estrutura. Conforme levantamentos da pesquisa, constatei que o jornal *O Democrata* imprimia as páginas em uma velha linotipo. A máquina constantemente apresentava problemas. Os percalços relativos ao equipamento desgastado comprometiam a distribuição, pois a quebra da impressora acarretava atraso na circulação do periódico. Na época (1946), os jornais eram vespertinos, desta forma, o periódico que tivesse mais agilidade de impressão, conseguia chegar mais cedo à mão do leitor.

Para que possamos ter idéia desses percalços, as páginas de *OD* eram impressas por uma antiga impressora que funcionava graças à habilidade dos companheiros gráficos. A precariedade pode ser percebida na primeira semana de atividade do jornal, por quebra da impressora, conseqüentemente, redução do número de páginas - “*Em virtude de desarranjo em nossas máquinas, este jornal veicula hoje apenas 4 páginas*”, nota de primeira página do jornal *O Democrata*¹⁶¹, de 08/03/1946.

As dificuldades de impressão acabavam refletindo na apresentação das páginas de *OD*, tendo em vista que a diagramação parecia ser feita de maneira bastante artesanal. Em comparação entre três destacados jornais da cidade (*O Nordeste*, *Unitário* e *Correio do Ceará* ¹⁶²), as diferenças saltavam aos olhos

¹⁶¹ O impresso circulava diariamente com 12 páginas, mas em virtude do problema na impressora reduziu dois terços das suas páginas naquele dia (08/03/1946).

¹⁶² A escolha dos três jornais (*Unitário*, *O Nordeste* e *Correio do Ceará*) para efeito de comparação teve como critério de escolha a “boa relação” que ambos tinham, conforme pude perceber nas leituras. Essa relação cordial não era a mesma quando os três jornais se referiam ao *OD*. No dia em que o *Correio do Ceará* fez 31 anos de fundação (07/03/1946), o jornal *O Nordeste* fez uma

quanto à qualidade de impressão. *O Nordeste* tinha o mesmo formato de *O Democrata* (*tablóide*), mas o desenho das páginas do jornal católico era visivelmente superior em acabamento. As páginas em tamanho maior dos jornais *Unitário* e *Correio do Ceará* (*standard*), além de chamar atenção, eram de boa qualidade de impressão gráfica, contribuindo para demonstrar a superioridade naquilo que diz respeito à formatação das páginas, espécie de “sedução” do leitor para um veículo com acabamento gráfico de qualidade.

Além dos empecilhos relativos à estética de apresentação do jornal, *O Democrata* ainda tinha poucas fotos, diferente da concorrência recorrente, permanentemente, à linguagem das imagens como forma de agregar informação à leitura das notícias. O jornal comunista parecia suprir a ausência de fotos com desenhos e figuras, o que demonstrava o trabalho artesanal de confecção dos gráficos e jornalistas. Os desenhos podiam ser visto com frequência pelas imagens de Marx, Engels, Lênin e Stalin, símbolos da “*Revolução Russa*”, ali apresentados como “pais-fundadores” do marco doutrinal comunista.

Se não bastassem as dificuldades de apresentação do jornal, os camaradas ainda enfrentavam a concorrência dos grandes jornais que procuravam, de certa maneira, contrapor o discurso dos comunistas, conforme matérias sobre questões locais ou mesmo internacionais. Enquanto *OD* buscava mostrar o governo norte-americano como imperialista, “*invasor das nações*”, no jornal *Correio do Ceará*, a matéria de primeira página chamava atenção para “*Novos ataques Russos aos Estados Unidos e Inglaterra*”, edição de 19/02/1946. A matéria do *Correio* tratava do caso de espionagem descoberta no Canadá e acusava a presença de espões russos.

Já *O Nordeste* partia para o confronto declarado com os comunistas, tentando desqualificar o povo russo – “*Aumentou o número de beberrões – Até*

empolgante saudação – “*Sábado último, dia 2 de março, celebrou o seu 31º. aniversário o Correio do Ceará, vespertino dos ‘Diário Associados’ no Ceará. Fundado por A.C. Mendes em 1915 e incorporado em 1937 aquela cadeia jornalística, o brilhante confrade há mantido, em toda a sua existência, a linha de conduta inicial, voltada sempre ao interesse público. Ao veterano órgão de imprensa os cumprimentos do ‘O Nordeste’*” (*O Nordeste*, 07/03/1946, p.1). Na mesma página de *O Nordeste*, o editorial criticava o jornal *O Democrata* com o seguinte título: “*Terrível contraste*”.

*nisso os russos estragam o mundo*¹⁶³. A matéria publicada no impresso da Igreja Católica era uma transcrição de telegrama de agência noticiosa internacional, de Nova Iorque (EUA). A reportagem trazia o relato dos soldados norte-americanos que tiveram contato com os soldados russos, na II Guerra Mundial. A matéria destacava o exagerado consumo de bebida alcoólica na União Soviética e afirmava que “*o consumo de bebida aumentou 50% na Rússia*”.

Ainda na abordagem de contraposição aos comunistas, o *Correio* procurava enaltecer o papel da Igreja Católica, em editoriais, como a publicação do discurso do papa Pio XII - “*Longe de Deus jamais haverá vida segura e estável*”, manchete de capa da edição de 22/02/1946. Já *O Nordeste*, além de difundir a doutrina da igreja, fazia a articulação com seguidores do catolicismo, através das suas páginas e seções destinadas aos seus leitores. A ligação com o público católico era motivo de afronta para os comunistas, de acordo com nota da Juventude Feminina:

Nota da Juventude Feminina

“Você tem uma oportunidade de dar um balanço espiritual em sua vida e se preparar afim de cumprir conscientemente o seu dever de católica. Reafirme a sua crença para defesa da igreja, cujos direitos estão ameaçados pelo comunismo. Vá ouvir a palavra de Deus na Igreja do Carmo, durante os dias 13, 14, 15 e 16, às 19,30. E no dia 17 cumpra o seu dever pascal junto às suas companheiras.

*Agradece a sua acquiescencia a Juventude Feminina Católica*¹⁶⁴

Ao contrário da visão de mitificação da igreja, em *O Democrata*, a atuação de setores da igreja era “desmascarada” quando o jornal denunciava a ligação de padres com o regime fascista, conforme matéria publicada nos dias 12 e 13 de março de 1946. Além de procurar mostrar versão diferenciada sobre a participação da Igreja no Ceará, o jornal comunista abordava as conexões da

¹⁶³ Jornal *O Nordeste*, 29/01/1946, p. 1.

¹⁶⁴ Jornal *O Nordeste*, 15/03/1946, p. 8.

Igreja Católica com o mundo da política. Estrategicamente, os comunistas procuravam externar as ligações como forma de desconstruir a “imagem purificada” de que os católicos representavam o “bem” e os comunistas o “mal”.

Pelas leituras, vê-se o embate permanente entre os dois jornais (*O Democrata e O Nordeste*), principalmente no primeiro ano de fundação do impresso comunista (1946). As diferenças editoriais eram bem demarcadas pelos jornais concorrentes na época, entretanto, uma das ações editoriais que mais identificava *OD*, na cobertura jornalística, era o enfoque direcionado às questões dos problemas nos bairros da Capital. A postura editorial voltada aos moradores carentes da cidade de Fortaleza pode ser verificada a partir do segundo semestre de 1946, quando da aproximação das eleições de 1947¹⁶⁵. É possível perceber que, nos primeiros meses de 1946, *OD* estava conectado com as abordagens voltadas às questões ideológicas e aos assuntos ligados aos sindicatos, associações e outras entidades de classe¹⁶⁶.

Para os comunistas era importante criticar a falta de saneamento, abordar a carência de transporte coletivo, falar sobre os buracos nas ruas, mostrar a falta de empregos e denunciar a exploração nos locais de trabalho, entre outras questões relativas às reivindicações dos moradores carentes. A cobertura jornalística desses temas poderia implicar no preenchimento de lacunas deixadas pela cobertura da chamada imprensa burguesa. Sendo assim, *OD* passou a dar voz aos temas do cotidiano da cidade. O jornal deu visibilidade a temas da vida do humilde trabalhador da fábrica de tecidos e passou a mostrar os bairros. A circularidade da notícia, ou seja, a possibilidade de conhecer o universo de vida

¹⁶⁵ No terceiro capítulo da dissertação faço uma análise detalhada sobre as estratégias traçadas pelo jornal comunista, em virtude da aproximação das eleições municipais em Fortaleza (1947). Tudo indica que o impresso teria contribuído para eleger a maior bancada de membros do Partido Comunista na cidade de Fortaleza. Embora estivessem na ilegalidade, os comunistas conseguiram eleger 10 dos 21 vereadores da Câmara Municipal naquele ano, através do Partido Republicano (PR). Por causa da bancada formada pelos comunistas na Câmara, o prefeito Acrísio Moreira da Rocha, também integrante do PR, conseguiu maioria no legislativo.

¹⁶⁶ Sobre o aspecto de *OD* estar voltado às questões ideológicas do PC, bem como aos assuntos ligados às entidades de classe (1946), ainda neste capítulo, faço uma análise sobre esse procedimento adotado pela folha comunista.

dessa gente comum trouxe para o jornal uma leitura diferenciada dos demais jornais da cidade¹⁶⁷.

- “Crise da habitação em Fortaleza – Gente sem teto e inquilinos explorados pela ganância de certos representantes inescrupulosos” (Matéria sobre os moradores sem teto e a exploração a que são submetidos os inquilinos da capital, *OD*, 09/03/1946)
- “Querem aumentar o preço do leite” (Matéria sobre abusos dos produtores de leite, em Fortaleza, *OD*, 16/04/1946)
- “Porangabusú, um bairro onde faltam luz, calçamento e limpeza pública” (Matéria sobre a falta de saneamento básico no bairro de Fortaleza, *OD*, 09/07/1946)
- “Somos por uma revisão dos contratos da Light” (Matéria sobre a empresa inglesa, responsável pelo fornecimento de energia elétrica na Capital, *OD*, 13/12/1946)
- “Escorchantes aumento nas passagens para Cajazeiras – Continua a ofensiva dos tubarões” (Matéria sobre a entrega de documento dos moradores do bairro Cajazeiras para Comissão de Preços contra o aumento das passagens em R\$ 0,50, *OD*, 09/01/1950)
- “Trabalham 10 horas durante a noite – Exploração dos menores na indústria têxtil, de Francisco Filomeno Gomes, em Fortaleza” (Denúncia sobre a exploração da mão de obra de crianças e adolescentes, *OD*, 24/01/1950)
- “Banana com pão – eis o almoço dos trabalhadores na construção” (Matéria sobre a exploração dos operários da construção civil, em Fortaleza, *OD*, 04/02/1950)

A cobertura jornalística dos temas voltados ao público carente das ações governamentais era a tônica marcante da linha editorial. Em *O Democrata*, a

¹⁶⁷ Quando passei a fazer a leitura de outros jornais da cidade Fortaleza, no mesmo período de existência de *O Democrata*, percebi as diferenças nos enfoques dados em relação aos temas voltados às temáticas sociais. A mesma questão foi percebida pelo historiador Gisafran Nazareno Mota Jucá – (...) mesmo encontrando em jornais como *O Povo*, *Correio do Ceará*, *Unitário*, informações substanciais sobre os diferentes aspectos da vida urbana, em Fortaleza, percebe-se a distância social entre os órgãos noticiosos e a realidade social que ultrapasse os limites do suporte ideológico de uma elite, na defesa da qual eles se situam, sempre ansiosa em estabelecer o controle e a ordem almejada”. (In *A História de Fortaleza através da Imprensa e dos Depoimentos dos Idosos*. Revista Trajetos. UFC. Fortaleza. 2001. p. 46)

notícia sobre os problemas nos bairros mais distantes ajudava a descobrir o outro lado da cidade “esquecido” pelas páginas dos jornais. Falar sobre a ausência dos transportes coletivos, abordar a falta de moradia ou denunciar a exploração da mão de obra de crianças evidenciam a Fortaleza das contradições. Esses registros ajudam na compreensão do passado da cidade e as diferenças sociais, pois o documento revela os opostos demarcados pelas desigualdades¹⁶⁸.

Para compreensão mais ampla desse enfoque de *OD*, acredito, necessária a comparação entre os jornais da época, para conhecimento das mais variadas abordagens na imprensa. Para conhecer melhor os lados demarcados pela desigualdade, recorro à leitura dos jornais *Correio do Ceará* e *O Nordeste*, a fim de entender essas diferenças apontadas na escrita. No *Correio do Ceará*, por exemplo, vê-se que algumas questões de pobreza dos bairros podiam ser noticiadas através de campanhas sociais. O trato das questões sociais tinha enfoque bem diferente em *OD*.

- “Quase 14.000 cruzeiros já rendem até agora a Campanha dos Chás Sociais” – As últimas contribuições em prol da criança carente da Aldeota (*Correio do Ceará*, 01/02/1946, p.1)

- “Em lugar do montão de lixo, um parque para crianças – Louvável iniciativa dos moradores de Monte Castelo” (*Correio do Ceará*, 19/02/1946, p.6)

- “As traquinagens dos comunistas – Mentindo, mentindo, sempre” (Matéria publicada no jornal *O Nordeste* – 23/04/1946, p. 08 - sobre denúncia de exploração dos trabalhadores na Serraria Ponte, em Fortaleza)

- “No próximo dia 1º. de Maio – Dia do Trabalhador – haverá uma grande concentração trabalhista católica, para a qual, desde já, está convidado o nosso operariado ordeiro e laborioso”(*O Nordeste*, 10/04/1946, p. 1)

¹⁶⁸ Em artigo publicado na revista *Trajetos* (in *A História de Fortaleza através da Imprensa e dos Depoimentos dos Idosos*. UFC, 2001, p.48), o historiador Gisafran Nazareno Mota Jucá ressalta a importância do jornal *O Democrata* para os estudos referentes à compreensão da vida urbana da cidade de Fortaleza: “A preocupação em seguir o roteiro da dialética, na busca da conscientização da classe oprimida, transformava as notícias ou o teor das análises apresentadas num importante recurso de compreender outros aspectos da vida cotidiana da cidade, transmitida por novas abordagens acerca de novos agentes da história urbana. Desse modo, a dimensão da pobreza urbana, expressa nos problemas enfrentados pela população carente, em bairros antes inexpressivos, proporcionava uma compreensão mais abrangente da urbanização estudada”.

As percepções dos fatos, nos jornais da Capital, pareciam demarcar o campo de conflito das palavras, até em detalhes de página. *O Nordeste* demonstrava cuidados “pitorescos” na conduta dos leitores. A visão ordeira e pacífica, voltada para o comportamento cristão, diferenciava dos comunistas que estavam sempre convocando o povo para as lutas sociais. Alguns detalhes que chamaram atenção na pesquisa, indicam a orientação de conduta mais conservadora, a exemplo do roteiro de filmes em cartaz nos cinemas da cidade:

“Cine Ventura – às 19,30: ‘*Louca por música*’ (**Pode ser visto**)”

“Cine Moderno – às 15,30: ‘*Aventura na Martinica*’ (**Adulto de critério formado**)

“Cine Rex – às 19,30: ‘*Ao Sul do Taiti*’ (**Vedado a qualquer idade**)”¹⁶⁹

“*Ao Sul do Taiti*” parecia ser território proibido (“*Vedado a qualquer idade*”), algo que estava escondido próximo ao *Triângulo das Bermudas*, quem sabe? O espaço proibido do cinema não permitia o olhar do leitor de *O Nordeste*, pelo contrário, restringia a circulação dos olhares. Ao comparar o procedimento de *O Nordeste*, junto às páginas de *O Democrata*, não encontrei limitação ou “classificação” de roteiro de filmes. A folha subversiva extrapolava essa conduta, permitia visão múltipla de circulação em cinemas da cidade, ao contrário do jornal católico que tinha com um dos seus vetores a (in)formação dos leitores prescrevendo condutas e modelando comportamentos sociais pautados pelo procedimento exemplar. O jornal comunista não fazia restrições ou proibições aos olhares nas telas. O periódico comunista diferenciava-se não somente pelas abordagens noticiosas, mas procurava também demarcar os contrários por meio de escrita liberta de amarras.

A liberdade de escrever sobre temas proibidos contribuiu para a criação de uma geração de jornalistas críticos, em relação à realidade social, cultural e política. A prática diária da escrita voltada, principalmente, à problemática dos

¹⁶⁹ *O Nordeste*, edição 14/01/1946, p.2.

trabalhadores, ajudava a formar nova vertente do jornalismo. As questões abordadas eram diversificadas: a greve de uma pequena categoria de trabalhadores das salinas, no interior do Ceará (Camocim); assuntos de dimensão internacional, como o ataque ao “imperialismo norte-americano”, e até mesmo, o roteiro livre de censuras dos filmes em cartaz. Em comum, o tratamento dado às questões tinha a liberdade de noticiar, contribuindo, assim, para a criação de um jornalismo contestador.

A escola de jornalismo construída na prática, apesar das dificuldades diárias encontradas para escrever a notícia, ajudou a preparar uma geração de jornalistas cearenses que despontou em redações de jornais espalhados pelo Brasil. São exemplos os integrantes do primeiro grupo de redatores de *O Democrata*: Oswaldo Peralva, Aluísio Gurgel do Amaral e Aluísio Medeiros¹⁷⁰. E mais: Annibal Bonavides, Odalves Lima, Francisco Teodoro Rodrigues, Mário Pontes, Carlos Pontes, Moraes Neto, Durval Aires, Tarcísio Holanda, Tiago Otacílio de Alfeu, Batista Neto, Alberto Galeno, Lauro Brígido Garcia, Luciano Barreira, Jaime Callado, entre outros.

O jornalista Luciano Barreira conheceu, de perto, a escola de formação dos profissionais da escrita, cuja formação dos seus quadros estava baseada, também, no idealismo e na paixão de fazer um jornalismo engajado nas questões sociais. Falar sobre o passado de lutas para a construção do jornal ainda emociona o veterano das causas comunistas:

“(...) O Democrata foi uma grande escola de jornalismo (...), a maioria dos jornalistas do Democrata eram autodidatas que chegavam aqui jovens semi-analfabetos, que vinham do interior na carroceria de um caminhão aqui e depois de anos ia para dentro da redação do jornal trabalhar e estudar, queimar as pestanas, e alguns se destacaram (...) Quem passou

¹⁷⁰ No primeiro ano de atividades do jornal *O Democrata* constavam no expediente de redatores os nomes de Oswaldo Peralva, Aluísio Gurgel do Amaral e Aluísio Medeiros. Mas a partir do momento em que o PCB volta para ilegalidade (1947), os nomes dos repórteres e redatores desaparecem do jornal. Acredito que esse procedimento poderia ser uma forma de evitar identificar os nomes dos seus funcionários ou colaboradores, a fim de despistar a repressão policial.

*pelo Democrata aprendeu aquela coisa de fazer jornal e, sobretudo de que fazer jornal era o exercício da cidadania em nome da liberdade*¹⁷¹.

Talvez a liberdade de escrever sobre os mais variados temas surgisse dos questionamentos e o senso crítico que norteavam a escrita. Era um jornalismo que servia de canal permanente para ouvir o cidadão comum dos bairros de Fortaleza até, as autoridades mais importantes da cidade. A coleta dos registros era feita pelo contato nas ruas, conversas em praças, bares, restaurantes, cafés e outros espaços públicos. Nessa relação de sociabilidade, o fazer da notícia surgia, era o que Alberto Galeno chama de “*jornalismo falado*”¹⁷², o jornalismo das conversas informais dos bancos das praças.

A informalidade da mesa do bar, ou mesmo, as conversas dos companheiros trabalhadores das fábricas de Fortaleza, as denúncias dos militantes do Partido Comunista, no interior do Ceará, enfim, a teia de informação ligada, de alguma maneira, ao jornal formavam uma espécie de escuta. Desta forma, a notícia chegava à redação pelos ouvidos apurados dos militantes e simpatizantes, e ganhava as páginas do jornal como espaço de reverberação da notícia. *O Democrata* era a trincheira de luta dos comunistas em defesa das causas populares, contra a exploração dos trabalhadores, em favor das conquistas sociais. A vanguarda do jornalismo contribuiu significativamente para formar nova escola de jornalistas cearenses.

“(...) O Democrata torna-se, pois, uma trincheira de luta em defesa das causas populares e nacionais. O povo compreendia a nossa luta financiando o jornal com suas parcas economias. Ora, senhores, fazer-se

¹⁷¹ Trecho de entrevista de Luciano Barreira, concedida em 03/04/2002. Arquivo do autor.

¹⁷² O termo “*jornalismo falado*” é usado por Alberto Galeno para definir a comunicação informal usada para difundir a notícia, a partir das conversas nos bancos da Praça do Ferreira, em Fortaleza – “Ao comentarem os acontecimentos políticos e sociais de sua época, antes da existência do rádio e da televisão, os papeadores estavam, sem que soubessem, criando um tipo novo de jornalismo. Era o jornalismo falado que surgia. Pois, o que é comentar, criticar, comunicar, senão fazer jornalismo? Certos acontecimentos que os jornais escritos dificilmente conseguiram divulgar, dado os rigores da censura oficial, chegariam ao conhecimento do povo graças ao trabalho desses divulgadores anônimos”. (Galeno. Alberto S. “A Praça e o Povo - Homens e acontecimentos que fizeram a história da Praça do Ferreira. Fortaleza. Stylus Comunicações. 1991. p. 16)

*jornalismo de vanguarda na época tornara-se tarefa das mais difíceis e arriscadas. Expúnhamos a nossa liberdade e a própria vida a cada momento*¹⁷³.

O discurso acima é de autoria do jornalista Alberto Galeno. Nas palavras emocionantes, proferidas por ocasião da solenidade em comemoração aos 80 anos do PCdoB, em Fortaleza-Ce, ele fala do jornalismo que experimentou a maneira diferente de fazer notícia. A escrita subversiva percorria os espaços da cidade, criando novas leituras no jornalismo cearense. Usando as palavras de Galeno, *O Democrata* se transformou na “*trincheira de luta*” de abnegados militantes da causa comunista, expressão de luta em épocas de perseguições e ditaduras. Para fazer o “*jornalismo de vanguarda*”, era necessário combater a ordem vigente, discordar do poder constituído, resistir à hegemonia da política conservadora. Mas para “alimentar” o jornalismo combativo, o jornal não tinha somente a participação de jornalistas: ele tinha a ajuda dos companheiros.

2.3 Simpatizantes, colaboradores e leitores

Para fazer um jornal diário, os comunistas não tinham apenas a valorosa ajuda dos companheiros militantes da “*causa revolucionária*”. Havia ainda a participação e a mobilização de algumas figuras-chave na empreitada. Os simpatizantes davam contribuição importante para a concretização do jornal nos meios sociais e culturais da cidade. Essas pessoas podiam alcançar os limites proibidos da militância, ajudando a formar uma rede de sustentação do jornal, conforme leituras e pesquisas. Ao buscar conhecer os simpatizantes e colaboradores, tento encontrar o universo de leitura de *O Democrata*.

Às vezes, os simpatizantes eram membros do partido, sem filiação partidária¹⁷⁴. Essas pessoas tinham atuação importante para o jornal. Conseguiam

¹⁷³ Trecho de discurso do jornalista Alberto Galeno, proferido na Assembléia Legislativa, na ocasião das comemorações alusivas aos 80 anos de fundação do Partido Comunista, no dia 23/03/2002. Arquivo do autor.

levar o impresso aos diferentes segmentos sociais, nem por isso, sofriam rejeição, tendo em vista não serem reconhecidamente defensores do comunismo. Em alguns momentos, porém, os simpatizantes eram os próprios agentes condutores de ações subversivas, sem deixar transparecer a missão confiada. Essa figura dúbia, disfarçada, dava certa mobilidade e penetração para o partido.

O simpatizante era o “elemento” importante em missões estratégicas, a exemplo do que aconteceu na compra de *O Democrata*, que teve a contribuição de uma dessas figuras. O simpatizante do PCB, Barbosa Oliveira, era filho do senador Olavo Oliveira, proprietário do vespertino. Pela aproximação com os comunistas, Barbosa chegou a intermediar a venda do impresso¹⁷⁵, o que demonstra participação ativa desses personagens na história do jornal. Filho de tradicional político do Estado, pertencia à alta sociedade de Fortaleza. Aliás, muitos simpatizantes tinham origem em classes mais abastadas, reduto de profissionais liberais, políticos, advogados, médicos, comerciantes e outros profissionais.

Caso representativo da relação do partido com simpatizantes aconteceu no período de sua legalidade (1945-1947), envolvendo o médico Alísio Mamede¹⁷⁶. Profissional conceituado, Alísio era bem relacionado, não media esforços para atender a população carente. O “médico dos pobres”, como ficou conhecido, tinha consultório na Rua Senador Pompeu, no coração da cidade. Em alguns dias da semana, costumava atender a população sem cobrar consulta, o que causava transtornos, na via pública, pelas enormes filas na porta do consultório.

O prestígio de Mamede, junto aos soldados da Polícia e outros militares de baixa patente, credenciava-o de regalias no trânsito da cidade. Nos anos de 1940, “*ele costumava andar com o carro sem placas pelas ruas de Fortaleza sem nunca ter sido multado*”, segundo revelou o amigo do médico, José Ferreira de Alencar. A relação de generosidade com os moradores mais humildes fazia do médico um

¹⁷⁴ CAVALCANTI, Berenice Oliveira. *O Juramento da lealdade e fidelidade: a militância no PCB*. In: *Religião e Sociedade*. n.12, ago, v.1, p 64. Rio de Janeiro: Campus, 1985.

¹⁷⁵ A informação de que houve a participação de Barbosa Oliveira na venda do jornal para os comunistas foi confirmada pelos jornalistas Luciano Barreira e José Ferreira de Alencar, todos ex-integrantes do Partido Comunista Brasileiro (PCB).

¹⁷⁶ As informações sobre o médico Alísio Mamede são relatadas com base na entrevista realizada com o ex-integrante do PCB, José Ferreira de Alencar.

admirador das lutas implementadas pelos comunistas em defesa dos trabalhadores. Alísio conhecia de perto os militantes do Partido Comunista, costumava atender os filhos dos camaradas, no seu consultório, localizado na mesma rua do jornal *O Democrata*.

A aproximação de Alísio Mamede com os comunistas não motivara o médico à filiação ao partido, até que um dia foi convocado a comparecer ao gabinete do governador Faustino de Albuquerque (1947). Mamede ocupava também chefia da Delegacia da Criança, da Secretaria de Saúde do Estado. Ao receber o chamado da maior autoridade do Estado, saiu da repartição pública, na Avenida Imperador, caminhou em direção à Igreja do Rosário, até chegar ao Palácio do Governo, conforme relato de José Ferreira de Alencar:

“ - O governador quer falar comigo com urgência. Pode entrar doutor.

Aí ele entrou, quando chegou lá na porta do gabinete, era mais pra dentro do palácio com a janela pra Praça dos Leões, né?! Aí, ele falou com o oficial de gabinete.

– Eu sou o chefe de gabinete. O governador está a sua espera, pode entrar./ Entrou, aí naquele canto almofadado, ele sentou-se, cumprimentou, ele disse:

- Bom dia governador.

– Dr. Alísio Mamede é um prazer recebê-lo aqui. Dr. Alísio Mamede eu o chamei para uma questão política muito simples e rápida, né? O senhor não vai perder o seu expediente lá na delegacia da criança, que é rápido. Agora eu quero também o seguinte: eu quero sinceridade de sua parte, é só isso que eu quero. Ele ficou admirado. - Pois não, terá governador sua confiança, tem toda minha confiança. – Eu quero lhe fazer uma pergunta e quero que você me responda com a maior honestidade: você é membro do Partido Comunista?

Aí o Alísio, não senhor, eu tenho muitos amigos comunistas, sou simpatizante, mas não sou membro e nem filiado ao Partido Comunista.

– Dr. Alísio eu estou aliviado, era só isso. Dr. Alísio, muito obrigado! Está terminada a nossa audiência e vá logo continuar o seu trabalho e terá todo o meu apoio. - Muito obrigado, governador.

Aí quando foi saindo, ele disse:

- Governador me permita fazer também uma pergunta e quero que o senhor me responda com a mesma franqueza, com a mesma sinceridade e com a mesma confiança que eu tive com o senhor, governador. Aí ele disse: - Pode fazer. E se eu fosse membro do partido? – Aí, doutor Alísio, as coisas mudavam porque eu não posso admitir como governador, ter um auxiliar nomeado por mim que seja membro do partido. Eu teria que demiti-lo, estou lhe sendo franco, não poderia continuar na frente da delegacia da criança. Eu não tenho comunistas na minha administração e teria que demiti-lo. Eu estou sendo franco, não é grosseria. - Está bem eu fico muito agradecido pela sua franqueza, governador. Mas eu queria agora lhe fazer um pedido, pode bater a minha demissão, porque agora quando eu sair daqui, eu vou me filiar no partido. A partir de amanhã, o senhor tem motivo para me demitir. – Não faça isso, não tome isso como um insulto. Muito obrigado, governador, um abraço e até mais”¹⁷⁷.

Após a filiação ao Partido Comunista Brasileiro (1947), o médico Alísio Mamede foi candidato a vereador (Dezembro de 1947), com a maior votação da cidade de Fortaleza. Eleito pela legenda do Partido Republicano (PR), pois na época, os comunistas tiveram o registro do PCB cassado pela Justiça Eleitoral. Ainda segundo informação de José Ferreira de Alencar, pela expressiva votação do médico Alísio Mamede, o quociente eleitoral permitiu ao PR eleger quatro vereadores, formando uma bancada de 7 vereadores ligados ao PCB.

A narrativa do antigo militante do PC, ajuda a recuperar a história de vida dessa gente que, de alguma maneira, contribuiu para a construção do PC. Alísio Mamede nunca havia sido militante do partido, embora fosse confundido como tal. A relação do médico com os seguidores do partido influenciou, de alguma

¹⁷⁷ O diálogo foi reproduzido em entrevista concedida por José Ferreira de Alencar, em agosto de 2004. Arquivo do autor.

maneira, no engajamento. O simpatizante não teria a identidade do militante revolucionário. Sua entrada no PC demonstra limite tênue entre ser militante e simpatizante. Ora, os simpatizantes se confundiam com o próprio partido, ora chegavam a assumir o papel da causa comunista.

Nesta pesquisa, ao tentar descobrir a ligação dos médicos com o Partido Comunista, não conseguia entender a aproximação. Aos poucos, fui percebendo que integrantes da categoria tinham uma tradição de lutas ligadas ao PC. Em plena Ditadura Vargas, profissionais de medicina lançaram manifesto em defesa da participação do Brasil na II Guerra Mundial (1942) ¹⁷⁸. O documento era assinado pelos médicos Pontes Neto, Elcias Camurça, Isnard Teixeira e Vulpiano Cavalcante, integrantes do Conselho Médico Cearense (CMC), ligados ao Partido Comunista.

Três anos depois do lançamento do documento do CMC, Pontes Neto foi eleito deputado estadual pelo PCB e Isnard Teixeira, candidato a deputado federal mais votado pelo PCB¹⁷⁹. As conexões entre médicos e partido demonstram a possível ligação que teria levado o médico Alísio Mamede a entrar nas fileiras do PC. Mamede é o exemplo de simpatizante que acabou se integrando à própria causa.

Ao buscar conhecer os militantes ou simpatizantes do Partido Comunista, tento descobrir os leitores do jornal. Pelas relações de sociabilidade dos comunistas podemos visualizar os leitores do vespertino. Os militantes e simpatizantes conduziam o projeto de fazer o jornal diário, levando-o à comunidade. Sendo assim, verifico as relações de leitura do periódico com os moradores da cidade. Afinal, quem eram os leitores do jornal? Para quem os comunistas escreviam? Quando o jornal tratava de questões dos bairros de Fortaleza, delineava o canal de leitura voltado às reivindicações das comunidades.

¹⁷⁸ Ver no primeiro capítulo, página 68, trecho em que falo sobre as manifestações na cidade de Fortaleza contra os regimes fascistas e nazistas (1942). Procuo mostrar que, naquele período, embora os comunistas estivessem na clandestinidade, eles participavam dos protestos em favor do envio de tropas brasileiras para combater na Europa. Médicos ligados ao PC tinham atuação significativa nos protestos.

¹⁷⁹ De acordo com os dados do Tribunal Regional Eleitoral do Ceará (1945), Pontes Neto foi eleito deputado estadual com 4.295 votos, enquanto Isnard Teixeira obteve 2.691 votos para deputado federal.

O mesmo acontecia, ao partir em defesa dos trabalhadores. Acredito que as relações mantidas do partido com a comunidade ajudaram a pautar a escrita e demarcar os leitores.

Mas *O Democrata* não era apenas espaço de reivindicações e denúncias da população carente, era também um jornal de múltipla cobertura da sociedade cearense. Quando o PC abrigava em seus quadros médicos, advogados, comerciantes, militares, funcionários públicos e outros profissionais, o partido entendia serem essas pessoas importantes para a construção do partido. Desta forma, o impresso comunista dedicava páginas às atividades do “*high society*”, por perceber que mantinha contatos com aquele reduto de alto poder aquisitivo. Na seção “*Folhinha*”, de *O Democrata*, encontravam-se datas de aniversários, reuniões de amigos e outras notícias dos clubes sociais de Fortaleza.

Na seção de esportes, constavam informações sobre as corridas de cavalos, no Jockey Club de Fortaleza. O local era um dos mais freqüentados pela alta burguesia cearense. Embora parecesse contraditório o jornal comunista anunciar eventos sociais da elite, ao mesmo tempo em que dava espaço para afrontar a própria burguesia, a folha talvez buscasse outros leitores para trafegar em suas páginas. Assim como o partido acolhia integrantes da burguesia, o jornal abria canais de leitura para este núcleo privilegiado. A partir dessas relações traçadas pelos comunistas com o meio social, podemos encontrar os leitores do impresso.

Para ampliar a pesquisa, no intuito de achar os caminhos da leitura do jornal, tratei de investigar a distribuição do periódico para conhecer assinantes e compradores. Um dos “meninos gazeteiros” de *O Democrata*, percorria de bicicleta as ruas, de segunda-feira a sábado: Zelito Magalhães, hoje, com 70 anos de idade, presidente da Associação Cearense de Imprensa (ACI). Depois de conversa anotada, o jornalista lembrou dos momentos de infância humilde e o sofrimento do pai, pela luta encampada em defesa do comunismo. Morador do bairro da Piedade, em Fortaleza, tradicional reduto de gráficos, Zelito lembra os livros queimados e enterrados no fundo do quintal da pequena casa. Um dia, o

garoto com 14 anos de idade teve o seu primeiro emprego como entregador do jornal *O Democrata*.

Todos os dias, a partir do meio dia, ele saía sob sol escaldante pelo Centro, seguia pela Rua Costa Barros, em direção ao bairro Aldeota, e chegava à área de poucos moradores. Aos poucos, o peso das pedaladas ia diminuindo. Em cada casa, deixava um jornal, em outros pontos, entregava quantidade maior de jornais. Para Zelito, a distribuição, às vezes, *“era um tanto misteriosa”*, pois, em locais predeterminados, despejava jornais e não sabia o destino daquelas edições. Pelas contas, Zelito chegava a percorrer 20 pontos de distribuição, saindo da Rua Senador Pompeu, 814, sede do jornal, passando pela Aldeota e terminando na pista de pouso, hoje conhecido como o bairro Aerolândia.

Um assinante assíduo do jornal, lembra Zelito, era o senhor Eugênio Porto Gurgel do Amaral, *“homem que morava numa casa boa, perto da Piedade”*. Ali, o gazeteiro deixava dois jornais, sem saber do destino do segundo exemplar. Até que um dia Zelito perguntou de quem era o jornal e o senhor Eugênio respondeu: - *Pode deixar que esse aqui eu entrego para o Arnon*”. Para o entregador aquilo parecia estranho: - *E por que eu não posso entregar o jornal na casa desse homem?* As dúvidas de Zelito surgiam, cada dia de trabalho, montado na bicicleta cheia de jornais. Até que uma vez conseguiu entender o mistério que rondava os caminhos do jornal.

Ele nunca esqueceu a discriminação na rua, por ser identificado, de alguma maneira, como *“um garoto que andava naquele jornal comunista”*. Isso aconteceu no dia em que levou para casa os canos das bobinas de papel. A criatividade do menino fez dos cilindros as rodinhas do carrinho de *“rolimã”* ou *“patinete”*, como a garotada costumava chamar. Quando passeava na calçada com aquela *“engenhoca”*, o filho do vizinho pediu ao pai um *“carrinho igual aquele”*. O pai indagou a Zelito: - *“Menino aonde foi que tu arranjou isso”*. Zelito, respondeu inocentemente: - *“Eu mesmo fiz com as bobinas que arranjei lá no jornal Democrata”*. O velho falou asperamente: - *“Pois trate de passar bem longe da minha calçada! Eu não quero coisa de comunista andando por aqui!”*.

A resposta rude soava na cabeça do garoto como ofensa, afinal de contas, por que o jornal *O Democrata* era tão odiado por esse homem? Depois, Zelito entendeu a antipatia do vizinho, “*era porque o velho vivia com o pessoal da igreja do bairro e aquela gente odiava os comunistas*”. Aos poucos, os “caminhos tortuosos” de entrega da folha foram desvendados e Zelito entendeu que alguns leitores não gostavam de ser identificados. Os pontos de entrega eram estrategicamente localizados. A partir daqueles pontos outras pessoas buscavam o jornal. Os leitores e assinantes trafegavam entre os bairros mais pobres e ricos de Fortaleza, algumas vezes, escondidos em casarões e residências humildes.

O exemplo do garoto Zelito serviu para que pudéssemos desvendar dúvidas quanto à distribuição e à identificação dos leitores do jornal. A longa jornada de trabalho do adolescente tinha sido confiada a um filho de comunista, longe de qualquer suspeita que comprometesse o trabalho acertado com o “*doutor Annibal Bonavides*”, diretor do jornal. Zelito calcula que levava em torno de 200 jornais, todos os dias, aos locais estrategicamente pontuados. Os endereços vinham das mãos de pessoas da maior confiança do jornal, sempre funcionários mais graduados.

Pela teia de distribuição do jornal é possível perceber até onde *O Democrata* conseguia alcançar os leitores. No Ceará, a operação era cuidadosamente articulada com os militantes, simpatizantes e colaboradores do partido. As entidades de classe ligadas ao PC participavam diretamente da distribuição e venda do vespertino. Os chamados “obreiros”, militantes que executavam tarefas braçais e estafantes, encarregavam-se da venda do jornal, de mão em mão, pelas cidades. Cada sindicato e cada integrante do partido, todos tinham a obrigação de viabilizar o projeto de fazer o jornal chegar às ruas.

A complexa rede montada para o jornal passava por várias etapas até chegar aos olhos dos leitores. Os personagens que participavam ativamente da jornada ajudavam a manter viva a missão de difundir a *Imprensa Comunista* no Ceará. Eram, às vezes, pessoas simples, ou personalidades públicas. Algumas acabaram ficando para a história da cidade. É o caso do português Manoel Batista

Ferreira¹⁸⁰, que veio do Rio de Janeiro para o Ceará, em 1943, e acabou ajudando a construir o Partido Comunista.

Batista era um ex-anarquista que havia passado maus momentos no presídio da Ilha Grande, no Rio de Janeiro. Na cadeia, partilhou da companhia do escritor Graciliano Ramos. O português de estatura alta, porte físico avantajado, rosto rosado, acabou saindo das celas para se perpetuar nas páginas do livro *“Memórias do Cárcere”*. Era o personagem que literalmente “cantava de galo”, todos os dias, na Ilha Grande. Ao chegar a Fortaleza, Manoel Batista alugou pequeno espaço na Praça do Ferreira, onde montou um boteco freqüentado pela intelectualidade boêmia. Aquele ponto passou a ser um dos lugares de encontro dos comunistas que iam em busca das empadinhas de bacalhau e do bom-papo dos amigos:

“Nascia, desta forma, mais um boteco na Praça do Ferreira, ao qual o proprietário dava o nome de ‘O Papão’, como homenagem ao partido político de sua opção. Ora, o comunismo era o bicho-papão para muitos, e ele sendo comunista se julgava como o tal. O estabelecimento teve curta duração. Faliu deixando ao dono o nome como alcunha”¹⁸¹.

É possível que a falência do boteco do português tenha sido consequência da venda a crédito (“fiado”) e a ausência da cachaça no balcão, como admite o jornalista Alberto Galeno. Papão era figura divertida, gostava de contar histórias do velho comunismo, experiências vividas em visita à União Soviética. Ele circulava pelas ruas da cidade sempre vendendo os jornais comunistas, conhecido pelos companheiros de partido como um dos militantes mais combativos. A obstinação pela causa revolucionária acabou levando Papão a mudar de profissão, saindo do pequeno comércio falido para assumir a função de professor de “Ciências Sociais”. O militante criou um cursinho de formação marxista, no

¹⁸⁰ Os dados relativos à história do português Manoel Batista, vulgo “Papão”, foram compilados do livro *“A Praça e o Povo – Homens e acontecimentos que fizeram a história da Praça o Ferreira”*, de autoria de Alberto S. Galeno, ex-militante do Partido Comunista, no Ceará.

¹⁸¹ Galeno, Alberto S. *A Praça e o povo - homens e acontecimentos que fizeram a história da Praça do Ferreira*. Fortaleza: Stylus Comunicações, 1991, p. 55.

Beco dos Pocinhos, onde hoje fica a Rua Pedro Borges, próximo à Igreja do Pequeno-Grande, no Centro de Fortaleza:

“(...) ele funda na espelunca do Beco dos Pocinhos, onde era hospedado, o cursinho dito de iniciação marxista. Nas aulas de mestre Papão havia muito de pessoal, de pitoresco, de folclórico até. Sempre que abordava o tema da produção e da apropriação na sociedade capitalista, ele recordava o episódio do Porto de Lisboa, acontecimento que o levava a interessar-se pela questão social. Batista encontrava-se no porto fazendo não sabemos o que, quando chegam de alto mar três embarcações carregadas de sardinhas. Esperando os navios achava-se um informante. No comércio de Lisboa sobrava a mercadoria. Sabedor da situação, o empresário dos barcos ordena que despejem no mar o carregamento do pescado. – Mas isso é uma loucura, isso é um crime! – protestava o jovem Batista. Jogar-se peixes no mar quando há tanta gente passando fome em Lisboa! Ao que responde o dono dos barcos e das sardinhas: a canalha tem fome mas não tem com que comprar. (...) Ora rapazes! – observa Papão – isso somente se vê nos países capitalistas, onde a produção é social, mas apropriação é individual. Quer dizer, quando é a vez de produzir, todos produzem em conjunto. Mas produzem para o patrão. O contrário do que acontece na União Soviética, onde a produção pertence ao Estado e não ao patrão. Lá o Estado é o povo”¹⁸².

As vivências de Papão entraram para a história do Partido Comunista como um dos quadros mais representativos do folclore da esquerda no Ceará, nos anos de 1940. Ele era conhecido pelas brincadeiras nas aulas do cursinho, pois gostava de misturar as figuras do imaginário católico e comunista. Papão desenhava, nos cadernos dos alunos, o símbolo da foice e do martelo com a inscrição em latim – *“In hoc signo vincit”* (“Com este sinal vencerás”). *“Acontece que originariamente aquela legenda não havia sido escrita em redor da foice e do martelo – o emblema*

¹⁸² Galeno, Alberto S. *A Praça e o povo - homens e acontecimentos que fizeram a história da Praça do Ferreira*. Fortaleza: Stylus Comunicações, 1991, p. 59 e 60.

*dos marxistas – mas, da cruz, o emblema dos cristãos. E havia sido adotada por um monarca, o rei Constantino, considerado o primeiro rei dos cristãos. Engano? Fraude? Apropriação indébita? Uma gaiatice do Papão. Ele havia bolchevisado Constantino, o rei dos cristãos*¹⁸³.

Conhecer personagens como Papão ajuda a compreender, de certa maneira, a história dos homens que integravam os quadros do Partido Comunista. Eles faziam da luta permanente, em prol do partido, o projeto de vida. Manoel Batista Ferreira, “O Papão”, foi preso várias vezes na Delegacia de Ordem e Política Social (Deops/Fortaleza-CE). De acordo com os registros de amigos, ele foi detido pela última vez em 1964, no 23º. Batalhão de Caçadores do Exército (Fortaleza-CE), aos 80 anos de idade. Segundo os companheiros de cela, o comandante do quartel tentou soltar Papão, sensibilizado pela avançada idade do português. Mas ele se recusava e dizia que só saía dali “*quando todos fossem soltos*”. Papão foi libertado, mas acabou morrendo na Santa Casa de Misericórdia, enterrado como indigente no Cemitério São João Batista, em Fortaleza.

Assim como Papão, jornalistas, gráficos, gazeteiros e simpatizantes participavam da luta diária para fazer *O Democrata*. Nas aulas do cursinho de Papão, nas praças, nas ruas, em casa, nos bares... O jornal era vendido graças ao esforço dos camaradas. A vontade de viabilizar a folha era tamanha, que os militantes chegavam a arriscar a própria vida em “*nome da revolução*”. Os perigos faziam parte da rotina de longas datas na clandestinidade. Eram situações de medo como os encontros escondidos no “*Café Globo*”, onde as conversas cifradas entre “*Timosenko*”¹⁸⁴ e outros companheiros atualizavam as últimas informações sobre a II Guerra Mundial.

Outro ponto de encontro dos comunistas era o “*Bar do Oliveira*”, dois quarteirões da Praça do Ferreira, na Rua Guilherme Rocha, onde ao contrário de muitos lugares freqüentados pelos comunistas, ali era proibido falar de política. O

¹⁸³ Galeno, Alberto S. *A Praça e o povo - homens e acontecimentos que fizeram a história da Praça do Ferreira*. Fortaleza: Stylus Comunicações, 1991, p. 60.

¹⁸⁴ *Timosenko* era o nome do general russo, conhecido pelas estratégias de combate durante a II Guerra Mundial. Na verdade, *Timoshenko*, foi o apelido herdado pelo advogado Aluísio Gurgel do Amaral, um dos homens responsáveis pelas finanças do jornal *O Democrata*, como iremos mostrar adiante.

dono do estabelecimento, amigo dos camaradas, não permitia os temas políticos. Desta maneira, um dos atrativos da casa, além das rodas de conversa e bom papo de Oliveira, ficava por conta da velha caninha com limão e mel de abelha. Quanto às instalações, uma velha mesa e vários tamboretes ficavam espalhados no ambiente sem qualquer higiene. A “*meizinha*” era outra bebida de sucesso da casa, indicada para o tratamento de gripes e resfriados. O “remédio” continha uma mistura de cascas de imburana de cheiro, folhas de eucalipto e raízes de mussambê.

No ambiente dos bares, em momentos de descontração, é que se permite conhecer os prazeres que também movem os agentes da história. Conhecer as vivências que extrapolam o mundo da política “*stricto sensu*” faz entender que muitas motivações para as ações políticas surgem nas relações sociais. Essas motivações podem se estabelecer fora dos espaços do partido e do próprio jornal. Compreender as práticas da militância, recuperar as vivências possibilita o entendimento de forma mais ampla das relações que ajudaram a perdurar a *Imprensa Comunista* no Ceará. No cotidiano dos militantes e colaboradores, encontramos os modos de viver de uma época em que a defesa dos ideais permitia o sacrifício da própria vida.

Procurei descobrir bares, praças, pessoas, enfim, busquei conhecer os espaços de sociabilidade a fim de recuperar parte do passado dos personagens que contribuíram, de alguma maneira, para a história do jornal. Entendo que não eram apenas os jornalistas e gráficos que contribuíam para jornada diária da escrita. Pensar de forma complexa sobre a rede de sustentação do impresso, possibilita adentrar no universo dos agentes históricos que espalhavam a leitura do jornal. Sendo assim, os militantes, simpatizantes e colaboradores ajudavam de forma significativa a construir o jornal das palavras subversivas.

2.4 Os intelectuais no jornal

O PCB manteve estreita relação com a vanguarda da escrita por longos anos de história do partido (Feijó, 1986; Rubim, 1988 e 1999; Camurça, 1998). A ligação vinha da tradição de abrigar os artistas que buscavam os caminhos alternativos da escrita rebelde, cujo trabalho era marginalizado pelos meios de difusão da produção da intelectualidade burguesa. De certa maneira, a aproximação da intelectualidade crítica com o partido era decorrente da política de estímulo à produção cultural, em que o PC buscava acolhê-los através das editoras e jornais. Sendo assim, esses homens e mulheres se viam prestigiados e identificados pela política do partido.

A adesão da intelectualidade rebelde, na opinião de Marcelo Camurça¹⁸⁵, poderia ser motivada pela “*busca de status*” e a “*adesão pelo encantamento*”. Na primeira questão, o autor acredita que “*a atração que os Partidos Comunistas exerceram sobre esta intelectualidade periférica, está na razão direta do desejo deste segmento penetrar em um campo político acessível apenas pelos instrumentos tradicionais (partidos e instituições conservadoras)*”. Em relação ao encantamento, Camurça acredita que “*poderíamos arrolar como causa desta adesão, dimensões explicativas de outra ordem que não a de utilitarismo. Estamos nos referindo a uma ordem de gratuidade, do encantamento diante de uma causa, que fez indivíduos aderirem a projeto de enfrentamento às iniquidades do mundo (...)*”.

Os escritores rebeldes trouxeram, à tona, obras consideradas regionais e proletárias que documentavam o cotidiano dos oprimidos. As abordagens da literatura social deixavam os refinados temas urbanos de lado para tratar de questões sociais, o drama dos trabalhadores, temas voltados à miséria da cidade. Com a inserção, a literatura proletária produz obras mais “realista”, distantes dos salões da burguesia. Como diria Tristão de Athayde, “*passou a hora das coisas bonitas*”. São obras que tratam de imigrantes operários ou de experiências na

¹⁸⁵ Camurça, Marcelo A. *A intelectualidade rebelde e a militância política: adesão dos intelectuais ao partido Comunista Brasileiro (PCB) 1922 – 1960*. In: LOCUS – Revista de História. No. 1, v. 4, p. 69-73.

Amazônia (*O Gororoba* – 1931, de Juvêncio Campos); *A Escada Vermelha* – 1934, de Oswald Andrade, sobre as transformações econômicas de São Paulo; *Parque Industrial* – 1933, de Patrícia Galvão (Pagu), entre outros escritores, precursores da escrita engajada, à maneira comunista.

“O grito possante da chaminé envolve o bairro. Os retardatários voam, beirando a parede da fábrica, granulada, longa, coroada de bicos. Resfolegam como cães cansados para não perder o dia (...) O apito acaba num sopro. As máquinas se movimentam com desespero. A rua está triste e deserta. (...) Na grande penitenciária social os teares se elevam e marcham esgoelando. (...) Saem para o almoço das onze e meia. (...) Pão com carne e banana. (...) Na grade ajardinada um grupo de homens e mulheres procura uma sombra. Discutem (...) Um rapazinho se espanta. Ninguém nunca lhe dissera que era um explorado. ‘Rosinha você pode me dizer o que é que a gente deve fazer?’ Rosinha Lituana explica o mecanismo da exploração capitalista. ‘O dono da fábrica rouba de cada operação o maior pedaço do dia de trabalho. É assim que enriquece à nossa custas!’”¹⁸⁶.

Os textos subversivos falavam de uma cidade diferente, cheia de contradições. Os atores sociais eram gente comum, evidenciados pela escrita dos comunistas. Sendo assim, é importante fazermos reflexão sobre a participação dos intelectuais no partido, a fim de compreendermos o papel que esta relação exerceu sobre as publicações do PCB e seus leitores. Os escritores atuavam na estrutura do partido através de jornais, revistas, editoras e a produtora cinematográfica (Liberdade Filmes). Com a volta da legalidade do PCB, no final de 1945, o partido passou de 3 mil filiados para 200 mil integrantes, em 1947 (Rubim, 1988, p.138). À quantidade significativa de militantes, somava-se ainda considerável grupo de intelectuais.

¹⁸⁶ Poema *Parque Industrial*, de Patrícia Galvão, a Pagu, de 1933.

Nomes como Caio Prado Júnior, Mário Schenberg, Di Cavalcanti, Jorge Amado, Edison Carneiro, Oswald Andrade, Raquel de Queiroz, Patrícia Galvão (Pagu), Carlos Marighella, entre outras figuras, integravam os quadros do partido desde os anos de 1930. Com a legalidade do PCB, mais artistas e escritores se filiam ou se aproximam do partido, a exemplo de Cândido Portinari, Carlos Drummond de Andrade, Monteiro Lobato, Nelson Pereira dos Santos, Oscar Niemeyer, Dorival Caymmi, Ruy Santos, Walter da Silveira, Floriano Teixeira e outros.

Para a máquina partidária, os intelectuais serviam para apresentar imagem diferenciada do PCB, um partido ligado ao meio cultural, diferente da figura do militante sectário. Esta espécie de “*parede protetora*”, denominação de Berenice Cavalcanti (1985, p.64), era uma função desempenhada pelos intelectuais do partido, “*que nunca foi assumida no nível da formulação e do discurso, embora tivesse dela consciência, tanto intelectuais, em momentos de desconforto, quanto dirigentes ao constatar que aquele mecanismo auferia dividendos ao partido*” (Camurça, 1997, p. 74). Se por um lado os intelectuais ocupavam os meios de comunicação do partido, por outro, garantiam credibilidade para as publicações da instituição.

Essa “*parede protetora*” estava presente nas publicações do PCB, alicerçada por jornalistas, escritores e artistas plásticos. Profissionais de renome nacional como Jorge Amado, Austregésilo de Athayde, Carlos Drummond de Andrade, Portinari, Di Cavalcanti, entre outros, formavam seleto grupo que chegou a conquistar projeção internacional ao longo dos anos. No Ceará, alguns destes nomes assinavam nas páginas do jornal *O Democrata* artigos, colunas e matérias. Escritores como Austregésilo de Athayde, Carlos Drummond de Andrade e Jorge Amado, além dos jornalistas Oswaldo Peralva e Astrojildo Pereira, chegaram a ocupar as páginas de *OD* em 1946. O escritor baiano mantinha a coluna diária “*Hora do Amanhecer*”, transcrita do jornal *Tribuna Popular*¹⁸⁷, publicada em jornal cearense:

¹⁸⁷ O jornal *Tribuna Popular* era publicado no Rio de Janeiro e pertencia ao Partido Comunista Brasileiro. A coluna “*Hora do Amanhecer*” foi publicada até o mês de julho no jornal *O Democrata*.

“Sabemos bem quem são esses que falam do ‘fascismo russo’. A provocação anda solta, amigos, o que ela deseja é que a guerra corra novamente solta como um vento de desgraça sobre os homens hoje no trabalho de reconstrução do mundo, na insana tarefa de firmar os alicerces da democracia. Ontem, esses mesmos que ladram sobre o ‘fascismo russo’ estavam em torno de Hitler e Mussolini e lhe apontavam o caminho de Moscou. (...) São os pregadores da guerra entre os pátrios latino americanos, são os amigos de Teotônio Pereira, são os defensores de Franco, os que se agarram a Carta de 37, como a uma âncora de salvação. Porém, mais fortes que eles, é o povo. Esse povo que faz justiça à União Soviética, que vê nela a garantia de paz, uma democracia sem os exploradores e explorados, defensora da liberdade e da dignidade do homem. E o povo liquidara os provocadores”¹⁸⁸.

O texto de Jorge Amado mostra o militante e jornalista engajado em questões político-partidárias, em postura de autêntico guardião do PCB. Na coluna diária, ele critica os fascistas que condenavam o registro do PCB na Justiça Eleitoral, baseados na Constituição imposta por Getúlio Vargas em 1937. O homem que escrevia com raiva nas folhas de jornais, era o mesmo que nas páginas dos livros descrevia com ternura a gente miserável da Bahia, em romances como *Cacau* (1933), *Suor* (1934), *Jubiabá* (1936), *Capitães de Areia* (1937), *Terras do Sem-Fim* (1942) e *O Cavaleiro da Esperança* (biografia de Luís Carlos Prestes- 1942).

Jorge Amado chegou ainda a dirigir a coleção *Romances do Povo do Editorial Vitória do Povo*, publicação do PCB que ajudou a projetar, no mercado editorial do leste europeu, escritores como Dalcídio Jurandir (*“Chove nos Campos de Cachoeira”*) e Aline Paim (*“Sol do Meio Dia”*)¹⁸⁹. Para Albino Rubim, o PCB consegue organizar um espaço cultural alternativo, agregando filiados e

¹⁸⁸ Coluna *“Hora do Amanhecer”*, de Jorge Amado, publicada no dia 01/03/1946, página 5, no jornal *O Democrata*.

¹⁸⁹ Berno de Almeida, Alfredo Wagner. *Jorge Amado, Literatura e militância no PCB in Religião e Sociedade*, n 12/1. Rio de Janeiro. ISER. 1985.

simpatizantes – “(...) *a rede cultural somada ao intercâmbio e ao conjunto de aparelhos dos movimentos comunistas, funcionam como elementos cativantes* (...)”¹⁹⁰. Esses “*elementos cativantes*” foram trazidos para o jornal *O Democrata* e podem ser entendidos como forma de conquistar leitores.

Com a mesma contundência, o discurso em nome da causa era seguido à risca por Carlos Drummond de Andrade. Conforme leituras, o poeta Drummond não escrevia com frequência no vespertino cearense. As contribuições do escritor pareciam esporádicas, sem a periodicidade de Jorge Amado. Mesmo assim, deixava a marca de uma escrita sensível, engajada em questões sociais, carregada de ódio contra o regime ditatorial da Espanha:

Notícias da Espanha

*Aos navios que regressam
Depois de negra viagem,
aos homens que nele vêm
com cicatrizes no corpo
ou com o corpo cortado,
peço notícias da Espanha*

Não tenho notícias da Espanha

(...)

*Ah! se eu tivesse navio!
Ah! se eu soubesse voar!
Meu sonho apenas meu canto,
E um canto é nada. O poeta,
Imóvel dentro do verso,
Cansado de vã pergunta,
Farto da contemplação,
Queria fazer do canto*

¹⁹⁰ Rubim, Antonio Albino Canelas. *Partido Comunista, Cultura e Política Cultural*. Tese de Doutorado em Ciências Sociais. São Paulo: FFLCH/USP, 1986.

*Não uma flor: uma bomba
E com essa bomba romper
O muro que envolve Espanha*

*Carlos Drummond de Andrade*¹⁹¹

Enquanto a poesia ocupava as páginas de *OD*, dando certa leveza à pretensa revolução, outra vertente mais sectária fazia o contraponto nos textos. Alguns tinham o conteúdo panfletário, neste caso, as palavras objetivavam (in)formar a militância. Os escritos dos camaradas Luís Carlos Prestes e Oswaldo Peralva buscavam um leitor mais comprometido com as questões do comunismo. A saudação do “*Cavaleiro da Esperança*” estava estampada, por várias vezes, na primeira página do vespertino cearense:

“Ao ter início a circulação de mais um jornal do povo, congratulo-me com o Comitê Estadual do Ceará e com os militantes do partido do proletariado e do povo desse Estado, fazendo voto de prosperidade para O Democrata pt Estou certo de que O Democrata será um digno porta-voz das reivindicações do povo cearense, defensor da democracia e lutador pelo progresso de nossa terra, além de eficiente e honesto educador político das massas trabalhadoras das cidades e dos campos pt Saudações fraternais (a)”

*Luiz Carlos Prestes*¹⁹²

Da mesma maneira como os escritores comunistas figuravam nas páginas de *OD*, o artista plástico maranhense, Floriano Teixeira¹⁹³, teve passagem nos

¹⁹¹ Poema de Carlos Drummond de Andrade, publicado na página “*Literatura-Arte-Ciência*”, no jornal *O Democrata*, em 24/08/1946, p. 5.

¹⁹² Saudação de Luís Carlos Prestes publicada na edição número de *O Democrata*, dia 01/03/1946, p.1.

¹⁹³ Os dados sobre a vida de Floriano Teixeira foram compilados através de pesquisas nos jornais *Diário do Nordeste* (Fortaleza-CE), nos anos de 1990 e 2000, além de dados que constam em

primeiros anos do jornal. Ele trabalhou como ilustrador, em 1950. Alguns dos trabalhos em xilogravura são vistos nas páginas, podendo ser reconhecidos pelos traços refinados do talento maranhense. As relações de amizade construídas no partido, permitiram Teixeira conhecer outros artistas cearenses, acabando por fundar com Zenon Barreto, Antônio Bandeira, entre outros, o “grupo dos Independentes”, importante movimento das artes plásticas no Brasil (1950).

A passagem de Floriano Teixeira pela folha comunista é lembrada com saudosismo pelo jornalista Alberto Galeno. “*Homem simples, de pouca conversa mais de muito talento*”, como lembra o jornalista que conviveu com ele nas salas apertadas do jornal, na Rua Senador Pompeu, 814. No salão de entrada, segundo recorda Galeno, existia enorme painel do artista, cujos traços chamavam a atenção de quem passava. Galeno acredita que *O Democrata* contribuiu para divulgar os trabalhos do maranhense:

“(...) o pintor Floriano Teixeira, por exemplo, chegou aqui era um anônimo, aqui no Ceará, né? Era um anônimo aqui, ia lá para o jornal e dormia lá em cima das carteiras dos jornais e fazia as ilustrações. Ele fazia as ilustrações. (...) o Fran Martins, por exemplo, era do jornal *O Estado* então descobriu o valor dele e levou lá para o *Estado*. Ele trabalhava lá pro *Estado* fazendo ilustrações e por último veio o Jorge Amado e acabou convidando para ir pra Bahia. Ele deu apoio a ele e ele tornou-se um mentor nacional, viu?! Conhecido!”¹⁹⁴.

A entrevista de Galeno trouxe a importante informação da participação de Teixeira na *Imprensa Cearense*, embora Floriano não fosse um “anônimo”, pois já vinha do Maranhão com carreira promissora, onde havia ganhado o *I Prêmio do Salão de Dezembro*, em São Luís-Ma (1941). De ilustrador de jornal comunista, Teixeira desponta, nos espaços da cultura, e ocupa a direção do Museu de Arte

obras do escritor baiano (Amado, Jorge. *Dona flor e seus dois maridos: história moral e de amor*. 37ª. Edição. Rio de Janeiro. Record. 1982. Entre outras obras do escritor baiano, ilustradas por Floriano Teixeira). Escritores da literatura nacional e internacional também compartilharam dos traços de Floriano Teixeira, a exemplo de Graciliano Ramos e Mário Vargas Llosa.

¹⁹⁴ Trecho de entrevista com Alberto Galeno. Arquivo do autor.

da Universidade Federal do Ceará (1962). Depois da experiência acadêmica, Floriano Teixeira foi convidado por Jorge Amado para morar em Salvador-BA (1964). Em terras baianas, o artista buscou inspiração para ilustrar as páginas de obras como *“A Morte e a Morte de Quincas Berro D’Água”*, *“Gato Malhado”*, *“Dona Flor e seus Dois Maridos”*, entre outros romances e contos do baiano, traduzidos para o alemão, espanhol, francês, holandês, húngaro, inglês, italiano, russo e tcheco.

O endereço do jornal comunista, em Fortaleza, parecia estar no caminho dos intelectuais ligados ao PCB. Embora a antiga camarada Rachel de Queiroz tivesse rompido com o partido (1946)¹⁹⁵, o fato é que a residência dos familiares da escritora cearense foi a sede de *O Democrata*. A casa onde funcionava o jornal pertenceu ao bisavô dela, major Cícero Franklin, depois passada às mãos do seu tio, general Benévolo, mais tarde chegando ao domínio dos comunistas¹⁹⁶. Neste trabalho, não consegui obter qualquer informação que levasse a participação da escritora na negociação da residência na Rua Senador Pompeu.

Ao contrário de Rachel Queiroz, que não mais compartilhava das diretrizes do partido, *OD* chegou a abrigar no corpo de redatores, importante ativista da história do Partido Comunista Brasileiro: Oswaldo Peralva. Ele chegou a Fortaleza depois de transferido da Base Aérea da Bahia (1945), onde havia formado um grupo de militares comunistas – *“Isso me valeu a antipatia e a perseguição do comandante da Base e uma severa advertência do general Dermeval Peixoto, que comandava a região militar”*¹⁹⁷. Advertido e transferido pelo comando militar, Peralva continuou militando, desta vez, com incursões na imprensa cearense:

¹⁹⁵ É importante ressaltar que Raquel de Queiroz deixou o PCB em 1937, após a publicação do livro *“Caminhos de Pedra”*, onde a escritora cearense critica a proletarização do partido (Rubim, 1999, p.85). *“Raquel nos propõe em ‘Caminhos de pedras’ um romance de participação social direta, o drama da luta social, da própria luta de classe, no estreito cenário da vida urbana da província, uma espécie de transição entre o rural e o urbano, a tensão extrema da perspectiva revolucionária”* (Antônio Carlos Villaça. In Queiroz. Rachel de. *Campos de Pedra*. 11ª. Edição. São Paulo. Siciliano. 1992). A escritora já vinha em discordância com a direção do partido desde a publicação do livro *“João Miguel”* (1932), quando houve uma tentativa de censura da publicação, por parte do PCB (Rubim, 1999, p.85).

¹⁹⁶ Azevedo. Miguel Ângelo de (NIREZ). *Cronologia Ilustrada de Fortaleza: roteiro para um turismo histórico e cultural*. V.1. Fortaleza. Banco do Nordeste. 2001. p.338.

¹⁹⁷ Peralva. Oswaldo. *Memórias Dum Comunista*. Lisboa. Editorial Áster. 1956. p. 9.

“(...) ignorava minha condição, porquanto, servindo na Aviação, não me encontrava sob o seu comando – verberou o esquerdismo de meus artigos e ameaçou-me de processo e prisão. Obtive então transferência para a Base Aérea de Fortaleza e depois para a de Recife, continuando nessas duas capitais a escrever artigos esquerdistas, a recrutar e organizar em células militares que mostravam simpatias por Prestes ou pela URSS”¹⁹⁸.

A experiência na profissão de radiotelegrafista, nas agências noticiosas do Rio de Janeiro (1937), possivelmente contribuiu para Peralva se integrar à redação de *O Democrata* em 1946. Entretanto, seu nome consta somente no expediente do jornal durante aproximadamente seis meses. A partir de setembro de 1946, o nome de Peralva sai do quadro de redatores do jornal, em virtude de transferência para a Base Aérea de Recife. Conforme biografia (Peralva, 1956, p. 10 e 11), em 1946, ele deixou o Ceará e foi para Recife. Em 1947, o jornalista trabalhava como repórter da *Tribuna Popular*, no Rio de Janeiro, depois vindo a dirigir a oficina gráfica do jornal *Imprensa Popular*, período em que ocupou ainda a secretaria da revista teórica do PCB, *Problemas* (1948):

“A bibliografia marxista é certamente intensa e cresce dia a dia. Todos os ramos de conhecimento humano – política, arte, ciência, pedagogia, filosofia, religião, etc, etc – vêm sendo estudadas a luz da teoria marxista. Chega a ser espantoso como apenas dois homens, dois grandes sábios, apenas, puderam penetrar em alguns terrenos, abordar tantos temas relevantes, estudá-los e explicá-los. No entanto, Carlos Marx e Frederico Engels, fizeram isso. Observe-se que a bagagem de livros dos fundadores do socialismo científico é relativamente pequena. Explica-se isso de vários modos. Primeiro porque ambos dedicaram grande parte do seu tempo ao estudo, pois não nasceram sábios. Segundo porque não foram apenas teóricos, mas homens de ação (deve-se recordar que foram

¹⁹⁸ Peralva. Oswaldo. *Memórias Dum Comunista*. Lisboa. Editorial Áster. 1956. p. 9.

*eles os fundadores da Primeira Internacional Comunista). Terceiro que tinham que ganhar o proprio sustento. E, finalmente, porque possuíam notável poder de síntese*¹⁹⁹. (...)

Oswaldo Peralva era um dos principais nomes de referência do Partido Comunista, na América do Sul. Integrante da Escola Revolucionária de Moscou, no período de 1953 a 1956, o jornalista conheceu, como poucos militantes brasileiros, a burocracia do Partido Comunista da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (PCURSS). Mas a devoção à causa comunista sofreu ruptura na vida de Peralva. Ele vivenciou de perto as revelações do relatório secreto de Krushev, que denunciava os crimes de Stalin e o terror vigente na Rússia:

*“Para mim, foi como se de súbito se houvessem acendido as luzes nas catacumbas do movimento comunista: após longos anos de rijo combate, em que empenhei todas as minhas forças, ao lado de tantos companheiros, compreendi, porém, que seu defeito era estrutural, incorrigível, e com ele rompi definitivamente*²⁰⁰.

2.5 O aparelho do PCB

Na medida em que passei a entender a complexidade de fazer o jornal, consegui descobrir as formas pelas quais o Partido Comunista fazia uso do impresso para difundir suas práticas e idéias. O jornal era instrumento de comunicação que dava visibilidade às ações estratégicas de divulgação do partido²⁰¹. *O Democrata* permitia circular, nos espaços da cidade, as notícias sob

¹⁹⁹ Este foi um dos poucos textos assinados por Oswaldo Peralva, no jornal *O Democrata*, edição de 01/03/1946, p. 4 (Suplemento).

²⁰⁰ Peralva, Oswaldo. *Memórias Dum Comunista*. Lisboa. Editorial Áster. 1956. p. 12.

²⁰¹ A criação de jornais ligados ao Partido Comunista Brasileiro (PCB) foi uma das ações mais importantes de afirmação do partido no país, segundo informação de Ricardo Maranhão: “A atividade de imprensa era um fator decisivo para a afirmação do PCB e a difusão do movimento operário; o partido chegou a ter oito jornais diários em 1946; sendo os principais: *Tribuna Popular* no Rio (...); *Hoje*, em São Paulo; *O Momento*, na Bahia; *Folha do Povo*, em Pernambuco; *O*

visão crítica, voltada para as tensões sociais e políticas. As palavras interferiam, nos ambientes de sociabilidade, espalhavam-se nas leituras do cotidiano ou nos registros do passado e documentavam a escrita dos comunistas.

A partir das leituras de *OD* e na proporção em que passei a conhecer os personagens que participaram do jornal, comecei a compreendê-los, também, na perspectiva de que os mesmos seriam uma extensão do próprio partido. A análise parte do princípio de que os comunistas eram formados dentro de uma doutrina uniforme, totalizante, que fazia dos seguidores algo parecido como “soldados do partido”. A presença da entidade não se fazia permanente apenas na pessoa física dos militantes. O partido estava presente em todos os aspectos, principalmente sob o ponto de vista do que se escrevia.

Portanto, a escrita em “*O Democrata*” estaria sujeita as interferências dos olhares e às regras do PC. O jornal falava sobre aquilo que o partido pretendia mostrar, como pude perceber em matérias cujo teor opinativo enfocava apenas a visão de quem escrevia. A condução da palavra tinha o poder de transformar os fatos em verdades do partido. A percepção ora avaliada não pretende desqualificar o trabalho implementado pelos comunistas. Pretende sim questionar a forma de escrever imposta pela instância superior. Com o olhar diferenciado, pretendo analisar o documento não somente por aquilo que está escrito no jornal, mas também pelos significados do que se escreveu.

Quero entender as interferências da escrita dos comunistas. Para isso, busquei fazer uma leitura cuidadosa do impresso, a fim de analisar o conteúdo de forma criteriosa. Os textos opinativos, carregados de palavras de ordem, são encontrados ao longo das páginas. A eloquência da escrita demonstra algo parecido com uma vontade de gritar, algo como uma necessidade de falar alto para poder ser ouvido. Em alguns momentos, percebi que essa fala era construída em meio aos artifícios da escrita, forjada em nome da “*causa revolucionária*”. Para

Democrata, no Ceará; e a *Tribuna Gaúcha*, no Rio Grande do Sul. Possuía duas editoras e publicava grande quantidade de livros, panfletos, opúsculos, além de possuir vários semanários, como *Diretrizes*, *O Esteio* e a mais velha e renascida revista *A Classe Operária*”. (In Segatto, José Antônio. *Breve História do PCB*. 2ª. Edição. Belo Horizonte-MG. Oficina de Livros. P. 60).

ser mais claro, cito o exemplo de pequena chamada de capa do jornal – “*Regulamentada a profissão de empregada doméstica na Inglaterra*”²⁰².

De que forma poderia interessar aos leitores do jornal, a regulamentação de uma profissão na Europa? O jornal valorizava a profissão de doméstica? As perguntas surgiram em meio às leituras de matérias, onde o registro sobre as domésticas estrangeiras parecia demasiadamente valorizado, na primeira página do jornal. Nas páginas seguintes, a surpresa ao prosseguir na investigação. Descobri, em outras edições, que o tema estava sempre destacado de alguma maneira. Percebi assim, a clara intenção do periódico em querer mobilizar as domésticas cearenses.

Na edição de 09/03/1946 (sábado), na página 4, ou seja, dois dias após publicação sobre as domésticas da Inglaterra, *O Democrata* faz uma convocatória com os seguintes objetivos: “*convocamos para reunião de formação da Associação das Empregadas Domésticas de Fortaleza, no dia 10 (domingo), a ser realizada às 14 horas, na sede do Sindicato dos Gráficos, na Rua Major Facundo, 53 (altos), em Fortaleza*”. O chamado tinha o cuidado de convocá-las no domingo, à tarde, portanto, em dia e horário que possivelmente as profissionais estariam liberadas das atividades. O local do encontro era a sede de um sindicato, notadamente ligado ao PC.

De acordo com matéria da edição de 11/03/1946 (segunda-feira), o encontro parece ter alcançado os objetivos – “*Fundada, ontem, a Associação das Empregadas Domésticas de Fortaleza – Sucesso cerca de 100 domésticas compareceram à reunião inaugural, nos gráficos*”²⁰³. O jornal voltava a tratar do assunto em 16/03/1946 (sábado), com o seguinte título de matéria, na página 4: “*Entusiasmo na Associação das Servidoras Domésticas – Cerca de 150 empregadas de casas estiveram presentes a última reunião da nova entidade*”. Comparando as duas chamadas, percebe-se o erro, tendo em vista que a última reunião da entidade teria acontecido com as presenças de 100 domésticas e não 150, conforme havia publicado o próprio jornal.

²⁰² Título de matéria publicada na capa de *O Democrata*, em 07/03/1946, p.05. Trata-se de material da agência de notícias *Inter Press*.

²⁰³ Título de matéria publicada no jornal *O Democrata*, edição do dia 11/03/1946, página 4.

Outras “sutilezas” que chamaram atenção dizem respeito à condução dos trabalhos da organização da Associação das Empregadas Domésticas de Fortaleza. De acordo com dados de OD²⁰⁴, as atividades haviam sido coordenadas sob a orientação do metalúrgico Alúcio Severo Peixoto, secretariadas pelo gráfico João Magalhães, alegando que “*faltava experiência das domésticas para conduzir o encontro*”²⁰⁵. Na ocasião do encontro, foi divulgado que “*uma comissão daria assistência e orientação às domésticas, compostas pelos srs. Antônio Louro, Joaquim Alexandre Valentim, Martiliano Alves Moreira e Antônio Vieira de Sousa*”²⁰⁶. A referida comissão também ficou encarregada de elaborar o regulamento interno da entidade.

Conforme o material transcrito, o processo de formação da entidade “coincidentalmente” teve o ponto de partida em matéria publicada em *O Democrata*. A convocação das reuniões contava com a ajuda do vespertino, tinha à frente entidades e militantes reconhecidamente identificados com o PC. Talvez, sem perceber, deixaram transparecer o entusiasmo e exageraram quanto ao número de empregadas presentes ao encontro (100 ou 150?). Outro questionamento está ligado ao fato de a categoria ser tipicamente de características femininas, mas curiosamente os homens do partido estavam sempre à frente da condução dos trabalhos. A partir da concepção dos comunistas, podemos observar a ausência de mulheres nos organismos dirigentes do partido.

Com a ajuda de casos registrados no jornal, é possível analisar a escrita do jornal, sob a perspectiva de que o impresso funcionava como espécie de “*aparelho do partido*”. *O Democrata* servia para instrumentalizar as ações do PC, forjando, de alguma maneira, estratégia de criação da entidade. O partido entendia que a base de formação era originada na associação, junto aos trabalhadores. Para isso, a folha foi o canal de conexão para comunicação com o mundo do trabalho, além de divulgar as ações das mulheres trabalhadoras, serviços do patrão. Tudo parecia ser pensado de forma induzida, uma ação conduzia a outra e assim,

²⁰⁴ Edição do dia 16/03/1946, página 4.

²⁰⁵ Ibidem.

²⁰⁶ Ibidem.

sucessivamente, vai-se mobilizando para construir a base de sustentação do partido.

Mas ao que parece, a mobilização das domésticas nas páginas de *O Democrata*, não agradou a segmentos da imprensa cearense. O jornal *O Nordeste* teceu severas críticas ao concorrente, tentando desqualificar as matérias da folha comunista. Em matéria intitulada “*O Sindicato Comunista das Domésticas*”, o impresso ligado à Igreja Católica faz o seguinte comentário:

*“Estão os comunistas organizando um sindicato de domésticas, com o intento, pré-concebido de subverter a ordem e perturbar a paz dos lares. (...) Mas esses fascistas vermelhos deviam ao menos nesse caso, dizer a verdade. Pois eles sabem muito bem que não é possível, conforme as nossas leis trabalhistas, a criação de sindicato de doméstica. (...) as próprias domésticas quando descobrirem a armadilha que lhes está sendo preparada pelo comunismo, serão as primeiras a repudiá-la, batendo o pé dos seus sapatos à porta do tal sindicato comunista que as quer escravizar e, talvez, arrastá-las pelas ruas da prostituição.”*²⁰⁷

Se, por um lado os comunistas traçavam as suas estratégias para estimular a criação de entidades, por outro, a questão é entendida como “perturbação dos lares”. Os contrários demarcam claramente o campo da escrita, pois, enquanto de um lado se forja, do outro, tenta-se impedir a ação com um discurso ordeiro e moralizador. A subversão criava maneiras de atuar, procurando alcançar os leitores. Enquanto isso, os católicos respondiam com estratégias semelhantes: as páginas do jornal confrontavam a escrita rebelde, tentando desconstruir a fala dos contrários. Comparando os dois jornais, mais uma vez, compreendi as disputas, afinal de contas, as palavras não eram construídas em vão.

O olhar crítico na leitura de *OD* levou a perceber as influências do partido sobre o jornal. Essa visão foi reforçada pelo alerta de um dos profissionais que participaram diretamente da elaboração da notícia. Em entrevista, o jornalista

²⁰⁷ *O Nordeste*, edição do dia 25/04/1946, p. 5. A matéria é assinada por Gerardo Magela da Silva.

Luciano Barreira fez autocrítica das formas usadas para escrever determinados temas, que, segundo ressaltou, algumas vezes demonstravam ligações com os ensinamentos do stalinismo:

“O Democrata saiu com uma manchete que era o seguinte: ‘Cadete preso por ordem de Truman’. Só que o cadete era um camponês do interior, lá do Iguatu, né. O Truman era o presidente dos Estados Unidos, então nem Truman sabia quem era o cadete, nem o cadete sabia quem era o Truman. Agora era um negócio para caracterizar o espírito antiimperialista do movimento de esquerda. (...) como nós sabemos, acabou ficando aquele grande confronto entre o lado capitalista e o lado comunista. O lado capitalista era dos Estados Unidos e o lado comunista é o lado pela União Soviética”²⁰⁸.

Alimentar disputas entre russos e norte-americanos fazia parte das ações da militância. O jornal, uma vez que difundia as práticas e idéias do PC, chegava a ser confundido com a própria instância de deliberações do partido. O periódico pertencia à base de sustentação do partido, pois fazia parte da estrutura que incluía sindicatos, associações, militantes, simpatizantes, entre outros colaboradores da máquina partidária. Sendo assim, o uso do jornal ia ao encontro dos interesses da estrutura articulada pelo PC. O trabalho de conjunção entre o jornal e o partido era muito bem planejado, com a interação de ambas as partes. Em alguns momentos, um fazia o uso do outro e vice-versa.

Para melhor exemplificar a análise, cito a articulação entre categorias, cujos integrantes faziam a conexão entre o partido e o jornal. Os trabalhadores ferroviários eram conhecidos colaboradores do vespertino, em campanhas de arrecadação de fundos – *“Reconhecemos em vocês de O Democrata nossos fieis amigos na luta contra o poder do latifúndio e do imperialismo – Os ferroviários da R.V.C. enviam Cr\$ 1.035,00 de ajuda para a imprensa popular e dirigem calorosa*

²⁰⁸ Trecho de entrevista feita com o jornalista Luciano Barreira, em 03/04/2002. Arquivo do autor.

*mensagem aos trabalhadores desta fôlha*²⁰⁹. Ainda como forma de contribuição, os ferroviários chegavam a usar as estruturas da própria empresa para consertar a máquina impressora do jornal, segundo informação do ex-integrante do PC, José Ferreira de Alencar, o Zezé:

*“Vinha o pessoal da R.V.C. que desmontava o prelo todinho, quem consertava o prelo, a manutenção era do chefe da oficina, que era seu, eu agora estou esquecido... Ele era o responsável pela manutenção das máquinas, que vinha lá do Urubu, e dava manutenção ao prelo. Várias vezes foi consertado, mandando fazer peças lá no chalanga, de bronze, e depois botava no lugar para o prelo funcionar”*²¹⁰.

A contribuição dos ferroviários era de fundamental importância para OD, haja vista que, além das colaborações materiais, os militantes ajudavam a fazer a distribuição do vespertino, no interior do Ceará. Os trens da Rede de Viação do Ceará (R.V.C.) cruzavam o estado de norte a sul. Desta maneira, o impresso comunista alcançava as cidades da região do Cariri e os municípios próximos à região do Apodi. Para cada estação onde o trem despejava os jornais, um membro do partido ou simpatizante fazia a distribuição, segundo revelou Luciano Barreira, que chegou a morar no município de Quixadá, região central do estado. Naquela cidade, o jornalista era correspondente e ajudava na distribuição do periódico:

“Era distribuído para o interior, era um vespertino, nesse tempo. Hoje já não existe mais jornais vespertinos em lugar algum, mas nesse tempo tinham jornais que circulavam de manhã e à tarde. O Democrata começava a circular de manhã e a grande glória de qualquer vespertino era pegar o trem que saía a linha sul até o Cariri e a linha norte até Crateús. Então, a

²⁰⁹ Nota publicada em *O Democrata*, edição do dia 02/01/1950, p. 1.

²¹⁰ Trecho de entrevista feita com o ex-tesoureiro do jornal *O Democrata*, José Ferreira de Alencar, em agosto de 2004. Arquivo do autor.

*grande glória de um jornal era pegar o trem para ele ser difundido no interior. No interior tinha os correspondentes*²¹¹.

O depoimento de Luciano Barreira deixa dúvidas quanto ao período. Talvez seja no final da década de 1940, quando os jornais faziam a transição de vespertinos para matutinos. Ao confrontar as informações de Luciano Barreira com a entrevista de José Ferreira de Alencar, ex-tesoureiro de OD, percebi que o período poderia ficar entre os anos de 1949 a 1952. Isso porque os comunistas tentavam penetrar no território de distribuição de *O Nordeste*, que já havia iniciado uma grande campanha de vendas no interior do Ceará – *“O Nordeste é o jornal de maior assinatura no Estado – Lembre-se disto sr. anunciante*²¹².

Para fazer a distribuição nas demais cidades do estado, mais uma vez, entrava em cena a figura do militante partidário. Existia uma estrutura montada para levar os jornais até as mãos dos leitores, no interior e na capital. De acordo com informação de José Ferreira de Alencar, existia até mesmo a *“brigada de venda”* do jornal comunista:

*“Tinha a brigada de vendas, principalmente a juventude*²¹³. *Militantes do partido. E tinha o pessoal nos municípios que era a base do partido. O partido tinha uma organização que era o seguinte: secretário político, secretário de organização, secretário de agitação e propaganda. O responsável pelo jornal era o secretário de agitação e propaganda. Então, era ele que ia buscar e lá ele distribuía no município dele e pronto. As cotas do partido e as cotas dos vendedores. Por exemplo, em Iguatu, nós tínhamos o irmão do Figueirão, o Aluísio Figueira*²¹⁴.

²¹¹ Trecho de entrevista feita com o jornalista Luciano Barreira em 03/04/2002. Arquivo do autor.

²¹² Anúncio publicado na edição do jornal *O Nordeste*, dia 29/01/1946, p.1.

²¹³ Sobre a participação dos jovens nas atividades do PCB, no Capítulo 3 falo sobre a atuação da *Juventude Comunista*.

²¹⁴ Trecho de entrevista com o ex-tesoureiro do jornal *O Democrata*, José Ferreira de Alencar, em agosto de 2004. Arquivo do autor.

A divisão de funções no partido demonstra que o jornal tinha relevância nas atividades do militante. *OD* e o PC estavam intrinsecamente ligados, inclusive com função no organograma do partido diretamente voltada para o impresso (secretário de agitação e propaganda). Ao que tudo indica, a máquina partidária procurava se adaptar ao momento de existência do jornal, cumprindo as tarefas distribuídas e planejadas pela direção, como mostra a resolução número um do Encontro do Pleno Ampliado do Comitê Estadual do PCB, em 1946:

*“Mobilizar todo o partido na Capital e no Interior do Estado para a ajuda ao jornal de massa, O Democrata, o qual não sendo uma propriedade do P.C., está talhado a, obedecendo uma orientação política genuinamente democrática, defender os interesses do povo e do proletariado, levando aos mais longínquos sertões e paragens, a palavra de ordem do esclarecimento, ou que seja a luz da realidade da democracia nacional”*²¹⁵.

Na fase de ressurgimento do partido (1946), o PC fazia o uso da imprensa para difundir as suas práticas e idéias. O jornal também fazia uso da estrutura partidária em proveito próprio. A resolução do Pleno dava a entender a dubiedade entre jornal e partido, embora dissesse que o jornal não era *“uma propriedade do P.C.”*. Partido, Jornal, entidades de classe, militantes, eram todos muitos próximos das ações político-partidárias. As interferências, em benefício de cada um, eram uma das formas subversivas de manter a rede de solidariedade entre os camaradas. Para manter atividade cara e dispendiosa, como a produção de um jornal diário, era necessário multiplicar ajudas. Desta maneira, os comunistas precisavam das contribuições de cada membro do partido, no sentido de manter a grande máquina partidária de fazer notícia²¹⁶.

²¹⁵ Resolução do Pleno Ampliado do Comitê Estadual do Ceará do P.C.B., publicada na edição do dia 01/03/1946, no jornal *O Democrata*, p. 2.

²¹⁶ De acordo com informações de José Ferreira de Alencar, nos anos de 1950 *O Democrata* chegou a possuir em seus quadros de pessoal, 58 funcionários registrados na folha de pagamento do jornal.

2.6 Movimento Sindical – páginas de história e memória

A articulação do jornal com o movimento operário era uma das mais importantes inserções do impresso comunista no mundo do trabalho. Percebi essa postura do jornal desde as primeiras leituras, ao visualizar as manchetes e títulos voltados às questões de denúncias e reivindicações – *“Ferroviários dirigem-se a Luiz Carlos Prestes”*²¹⁷; *“Calçamento para ligar os subúrbios proletários de Fortaleza – Não é este o momento ideal para prefeitura construir galerias e prolongar avenidas bonitas no centro da cidade – Medidas que se impõem”*²¹⁸; *“Os sindicatos do Ceará mobilizam-se para lutar contra a paralização das obras do porto”*²¹⁹.

Entretanto, espaço privilegiado no vespertino chamou atenção pela maneira de instruir e até procurar mobilizar a classe trabalhadora. Trata-se da página *“Movimento Sindical”*, cujo conteúdo estava dividido entre as agendas de encontros dos sindicatos e associações; dicas e informações sobre a legislação trabalhista; matérias sobre as questões relativas aos trabalhadores da capital e interior, além de informes internacionais. O material apresentava o rico cenário de formação dos mais variados sindicatos cearenses, após legalidade do Partido Comunista. Sindicatos, associações, células do partido, enfim, ali pareciam ser ponto de confluência das ações organizativas:

“Esta secção é dedicada á divulgação mais ampla das atividades sindicais no Estado do Ceará. Os sindicatos e as organizações operarias de qualquer tipo poderão dispor, deste modo, do espaço suficiente, neste jornal do povo e do proletariado, para o noticiário completo em torno de suas reuniões, assembléias e de todos os problemas que interessem á classe operaria. Toda correspondencia dos sindicatos sobre assunto dessa

²¹⁷ *O Democrata*, 01/03/1946, p. 1.

²¹⁸ *O Democrata*, 11/04/1946, p. 8.

²¹⁹ *O Democrata*, 20/04/1946, p. 1.

*natureza, deve ser remetida para a secção << Movimento Sindical >>, redação de O DEMOCRATA*²²⁰.

Como mostra o texto, a coluna possibilitava arregimentar os trabalhadores pela divulgação das ações da militância sindical. Para isso, a direção do impresso comunista poderia entender que a página dedicada aos trabalhadores era espaço de leitura das entidades que não encontravam acolhida nos jornais de Fortaleza. A estratégia do partido estava voltada à criação de novas entidades de classe, o que justificaria a existência de um espaço exclusivo dedicado para divulgação das ações sindicais. Esta avaliação está baseada nos informes nacionais do partido, que orientavam a criação de instituições e pedia para “*desenvolver condições junto às massas*”:

*“Aproveitar e desenvolver condições junto às massas para criação de Sindicatos ou Associações Profissionais, Cooperativas Mixtas, Comitês Populares Democráticos, Ligas Camponesas, Sociedade Benéficas, Clubes Recreativos e Esportivos, Centros Culturais e levantar as organizações de massa existentes, mas inativos, inclusive os religiosos”*²²¹.

A página “*Movimento Sindical*”, espaço de leitura destinado à classe trabalhadora, tinha condições de mobilizar e arregimentar novos filiados para as entidades ou até mesmo criar novas instituições, tendo em vista que o foco direcionado de leitura atendia a segmento especializado. O alcance do meio impresso, nas demais cidades do interior do Ceará, abria o leque de atuação da página, para atender à população desprovida de informações do meio sindical. A possibilidade de atender também ao núcleo do operariado engajado nas ações da militância, demonstra ainda a articulação do jornal com as tarefas partidárias.

A seção fazia um trabalho de serviço na imprensa cearense, prestando informações aos trabalhadores mais carentes – “*Bolsa de Estudo para formação*

²²⁰ *O Democrata*, 01/03/1946, p. 3.

²²¹ *O Democrata*, 01/03/1946, p.2.

*de operários*²²². A matéria sobre bolsa de estudo trazia dicas e informações às pessoas interessadas em participar do curso de formação técnica no Senai, em Fortaleza. Desta maneira, o jornal comunista cumpria o papel de prestador de serviços à comunidade, buscando preparar os leitores para encaminhá-los ao mercado de trabalho. Essa aproximação possibilitaria conquistar futuros leitores, simpáticos à postura do jornal.

Os mais variados temas eram abordados na coluna *Movimento Sindical*, o que caracterizava o espaço como fonte de informação do trabalhador. Questões relativas à ordem mundial do trabalho, protestos na cidade de Fortaleza e, até mesmo, orientações sobre manifestações faziam, da página quatro, elo entre o jornal e os trabalhadores. Pensar na perspectiva do universo de lutas do operariado, ajudava a construir naquela folha uma agenda com as reuniões e horários dos encontros nas entidades. A coluna poderia ser caracterizada como verdadeira cartografia do movimento sindical:

“Os sindicatos de Fortaleza unidos numa poderosa entidade de classe”(*O Democrata*, 04/03/1946, p.4)

“Rebentou uma greve geral dos trabalhadores Uruguaios” (*O Democrata*, 06/03/1946, p.4)

“Os Sindicatos do mundo inteiro contra a política de blocos” (*O Democrata*, 17/04/1946, p.4)

“Como o proletário e o povo devem comemorar o 1º. de Maio” (*O Democrata*, 27/04/1946, p.4)

“Uma grande noite, hoje, na Feira de Amostras – Hoje o ‘O Pote da Felicidade’ e amanhã ‘Corrida de Jumentos’” (*O Democrata*, 27/04/1946, p.4)

Tamãha amplitude de cobertura discorria sobre questões curiosas, a exemplo da abordagem no tópicu de “*Orientação Sindical*” - “*A unidade sindical não será fruto de um decreto e nem cairá por descuido nas mãos dos*

²²² *O Democrata*, página *Movimento Sindical*, 01/03/1946, p.4.

*trabalhadores. Será conquistada na luta sem tréguas pela melhoria das condições de vida dos trabalhadores e nas campanhas de sindicalização, pela liberdade e autonomia para os sindicatos*²²³. Além de orientações e dicas, naquele espaço informativo das questões sindicais, era permitida a publicação de editais, notificando empresas a efetuarem o desconto do imposto sindical dos empregados.

Fazer a articulação entre os comunistas e as entidades de classe poderia ser um dos objetivos daquela página diária. Para tanto, os camaradas pareciam costurar estrategicamente os espaços de luta na escrita subversiva. Nas leituras do jornal, é possível observar os redutos das bases políticas do PCB, no meio sindical. O partido tinha ligações com as categorias de garçons, motoristas, metalúrgicos, gráficos, jornalistas, entre outras bases de apoio. Isso fazia com que o jornal desse visibilidade às reivindicações das entidades:

“Dissídio coletivo suscitado por cerca de 2 mil garçons”

“Os trabalhadores no comércio hoteleiro, em virtude da má situação em que se encontram motivada pela ineficiencia dos salários que recebem, os quais absolutamente não dão para enfrentar a crise que atravessamos, comparecerão á Justiça do Trabalho, suscitando dissídio para lutar pelas suas reivinidcações justas(...). O aumento pleiteado pelos trabalhadores no comercio hoteleiro e similar deve ser feito nas seguintes bases:

Salarios de Cr\$ 240,00 a Cr\$ 600,00 aumento de 70%

Salarios de Cr\$ 610,00 a Cr\$ 1.000,00 aumento de 60%

Salarios de Cr\$ 1.000,00 a Cr\$ 1.500,00 aumento de 50%

Salarios de Cr\$ 1.500,00 a Cr\$ 2.000,00 aumento de 40%

*Salarios de Cr\$ 2.000,00 acima, aumento de 30%”*²²⁴

²²³ *O Democrata*, 07/01/1946, p.4.

²²⁴ *O Democrata*, edição de 11/03/1946, p. 4. *Movimento Sindical*.

O contato permanente do jornal com as entidades de classe permitia aos comunistas penetrar, cada vez mais, no meio sindical. Conectar-se com as questões trabalhistas, dar voz às mais diversas categorias contribuía para o partido fomentar a criação de novas entidades, como orientava a direção nacional do PCB. Sendo assim, os camaradas buscavam defender a instituição que pudesse congrega a luta dos mais diversos sindicatos, tendo à frente a União Sindical do Ceará (USC). A entidade era presidida pelo gráfico Antônio Louro, membro do PCB, que ocupava a presidência do Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Gráficas de Fortaleza. Na coluna *Movimento Sindical*, têm-se as incursões da USC junto às categorias de trabalhadores:

*“O presidente do Sindicato dos Metalúrgicos, em nome dessa organização trabalhista, convida todos os membros da mesma para uma reunião a ser realizada amanhã, às 19,30 horas, em sua sede oficial. Referida reunião, que se reveste da mais alta importância, terá por fim tratar da adesão do Sindicato dos Metalúrgicos à grande campanha em prol da União Sindical do Ceará, que já congrega muitas outras entidades de trabalhadores de Fortaleza”*²²⁵.

Ainda que se observe a dimensão organizativa da página e seus objetos, é importante ressaltar que este tipo de página ou coluna, tem presença em outros periódicos da imprensa operária e, em alguns casos, quando dos períodos de forte repressão, jornais de extração liberal abrigaram em suas páginas o noticiário junto ao movimento operário, ou a este dirigido. Apesar de toda abrangência de temas e o foco voltado para a classe trabalhadora, a criação da página *“Movimento Sindical”* poderia ter sido inspirada em página “semelhante” à outra publicada no jornal católico cearense, *O Nordeste*. Na folha católica, o espaço tinha o registro de *“Página Trabalhista”*, *“sob a direção da Secretaria da Federação dos Círculos Operários do Ceará”*.

²²⁵ *O Democrata*, edição de 11/03/1946, p. 4. *Movimento Sindical*. Na edição do dia 13/01/1946, o jornal comunista informava que os metalúrgicos haviam declarado apoio a USC.

Entretanto, a página de *ON* tinha conduta mais prescritiva das questões religiosas, além de procurar fazer um trabalho de caráter moralizador. Enquanto em *O Democrata*, procurava-se afrontar a classe patronal, em *O Nordeste*, a perspectiva era abordar as questões trabalhistas dentro da ordem e em respeito às leis do poder vigente. A busca pelo mesmo foco temático provocou ainda uma troca de farpas entre os dois jornais concorrentes (*O Democrata* e *O Nordeste*) e outros órgãos de imprensa da cidade. Para responder aos ataques, a página *Movimento Sindical* (OD) procurava fazer ironia aos adversários. Com a coluna “*Tudo passa sobre a terra*”, publicada na página quatro, os comunistas procuravam dialogar com os outros jornais, respondendo aos petardos de que sempre eram alvo:

“Tudo passa sobre a terra”...

“O muro das lamentações...”

“Quando o Partido Comunista, dissimulando os seus intuitos de perturbações da ordem constitucional modificou a letra dos estatutos para o seu registro no Tribunal Eleitoral, logo compreendemos que se abriu para o Brasil uma fase tempestuosa de subversão social” (O Nordeste – 2/03/1946 – Do editorial às avessas: “Ação fascista dos soviéticos”)

Saudade... doce mal que nos tortura!

(De uma modinha antiga)²²⁶

Apesar de a página *Movimento Sindical* ser espaço permanente de divulgação das ações do segmento trabalhista, a seção teve curta duração na história do jornal *O Democrata*. A leitura desse espaço privilegiado do trabalhador desaparece a partir do segundo semestre de 1946, deixando uma lacuna

²²⁶ A coluna “*Tudo passa sobre a terra...*” publicada sempre nas páginas do *Movimento Sindical* (*O Democrata*), trazia ainda uma alusão à frase como sendo de autoria do escritor cearense José de Alencar.

significativa no espectro de cobertura do vespertino. Entretanto, para suprir a demanda, os assuntos relativos aos trabalhadores foram diluídos em diversas páginas do jornal. Suponho que duas questões teriam influenciado a retirada da seção: 1) a página cumpriu o objetivo de arregimentar novas entidades, na visão dos camaradas; 2) a falta de recursos para manter uma página segmentada, em detrimento de outros assuntos considerados mais relevantes, levou a direção do jornal a retirar a seção²²⁷. Em fevereiro de 1947, a página volta a circular em dias aleatórios, com espaço reduzido, sem a mesma “relação umbilical” com o movimento sindical.

2.7 Formas de sustentação do jornal

Uma das tarefas mais complexas do jornal era a manutenção da publicação diária, tendo em vista os custos de papel, tinta, manutenção da máquina, pagamento de funcionários, e outros custos referentes ao fornecimento de água e energia elétrica. Colocar o impresso, a cada dia, nas ruas, parecia batalha difícil diante das dificuldades como a própria aquisição do papel importado. Com o fim da Segunda Guerra Mundial, as rotas dos navios estavam sendo restabelecidas, o que causava até a falta de produtos de primeira necessidade no comércio da cidade :

- “O povo carioca ameaçado de ficar sem café – Crise idêntica se esboça no Ceará – Há criminosa especulação no comércio do café” (O Democrata, 06/07/1946, p.1)

-“Uma firma cearense espera 6 mil sacos de farinha” (O Democrata, 05/07/1946, p.5)

-“Açougues abrindo à meia noite; Cambio negro no comércio de cigarros” (O Democrata, 22/10/1946, p. 8)

²²⁷ A partir do segundo semestre de 1946, percebe-se uma forte campanha para arrecadar fundos, destinados à manutenção do impresso comunista.

O jornal não faz qualquer referência aos problemas de aquisição do papel importado, entretanto, há preocupação com a arrecadação de fundos. No primeiro mês de funcionamento do vespertino, a maior parte dos anunciantes era de alfaiates, advogados, médicos, farmácia e livraria. Contavam-se nos dedos os poucos ilustres figurantes a divulgar suas atividades profissionais ou mesmo o comércio anunciando nas páginas do jornal. Apesar do reduzido número de anúncios, é possível reconhecer que os primeiros nomes apontavam como possíveis militantes, colaboradores ou simpatizantes do Partido Comunista.

“Alfaiataria Santos – Roupas civis e militares – Pontualidade na entrega – Lauro Santos, Rua Guilherme Rocha, 405”; “Agencia Alaor – Livros escolares e Literatura – Material para escritório – Revistas nacionais e estrangeiras. Telefone: 27-32 – Praça do Ferreira”; “Aos leitores do O Democrata – A FARMACIA CONCEIÇÃO de Mamede & Cia.. Ltda concede descontos de 5% em suas compras mediante apresentação deste anuncio – Valido em março de 1946 – Guilherme Rocha, 814, Fortaleza-Ceará”; “Dr. Pontes Neto – Cirurgia – Partos – Consultório: casa de Saúde César Cals – Fone: 25-43. Resid: Rua Dr. Antonio Pompeu, 840 – Fone: 29-02”.

O jornal novo, com a chancela comunista, poderia ser um dos motivos dos poucos anunciantes, pois os demais impressos da cidade ilustravam os mais variados lojistas, profissionais e tantos outros pagantes. Lentamente os comunistas parecem conseguir penetrar no mercado e angariam mais verbas, a partir do segundo mês de funcionamento de *O Democrata*. Os anúncios populares de pequeno tamanho são forma de fazer caixa: - *ANUNCIOS POPULARES – Referidos anúncios serão cobrados a razão de Cr\$ 5,00 por três centímetros e Cr\$ 10,00 por cinco centímetros cada vez, pagar na ocasião da entrega o anúncio”.*

Tudo indica que as ações visando angariar recursos não dariam para manter a folha, era necessário buscar mais verbas. Nas próprias páginas do jornal, é possível encontrar alguns dos caminhos que mantiveram a atividade

jornalística. O partido começa a mobilizar os militantes, numa verdadeira tarefa de gincana, procurando diversificar os meios de arrecadação. Desta maneira, são realizados pic-nics, rifas, festivais, vendas de livros e selos, e outras formas de angariar recursos. Pela coluna “*Notícias do Partido Comunista*”²²⁸, acompanhei os passos da empreitada que parecia ser tarefa de todo os membros do partido:

“Comitê Municipal de Fortaleza (P.C.B.)”

Aos Secretários de Organização e Finanças de todas as células do Município de Fortaleza

Devem recolher com urgência, a tesouraria do Comitê Municipal, o produto das contribuições mensais, inclusive as atrasadas, as porcentagens correspondentes aos festivais, pic-nics, rifas, bem como as quantias provenientes da venda de selos. Horário: das 15 as 17,30 diariamente. Secretario da Organização - Clodomiro Silveira

Com as primeiras ações implementadas, era visível a diversificação de anunciantes nas páginas de *OD*. A classe médica liderava as contribuições de profissionais liberais, com até 15 anúncios diários, enquanto os alfaiates ficavam em segundo lugar, com uma média de cinco anúncios, seguidos dos comerciantes que começavam a ganhar espaço. Profissionais da medicina, como Pontes Neto, Simões de Menezes, Alísio Mamede, e o advogado Aldy Mentor eram conhecidos anunciantes do jornal, todos ligados ao Partido Comunista. Isso leva a crer que, além de militantes e simpatizantes, essas pessoas foram as primeiras “contribuintes” do vespertino. O movimento operário e os estudantes contribuíam à sua maneira com gincanas, pic-nics e outras formas.

Outra maneira encontrada de gerar recursos eram os anúncios referentes às publicações de editoras ligadas ao PCB. A Livraria Alaor aparece como a

²²⁸ A coluna “*Notícias do Partido Comunista*” era publicada todos os dias no jornal *O Democrata*, na página dois. O espaço tratava das atividades internas do partido através da publicações de informes, editais de convocações e outras circulares internas do PCB.

pioneira na venda de títulos marxistas, no comércio da cidade, em 1946. O negócio interessava ao jornal, pois estaria faturando em nome de uma boa causa, além disso, ia de encontro aos interesses do partido que estava ajudando a difundir as obras dos autores comunistas. Com a ajuda dos anúncios, é possível encontrar ainda as leituras indicadas pelo PCB, bem como os autores de coleções que formaram toda uma geração de militantes da causa comunista. Senão, vejamos alguns dos livros abaixo:

Edições Horizonte Ltda.

Uma editora a serviço do povo – apresenta suas últimas publicações autorizadas pelo Partido Comunista do Brasil

Clássicos do Marxismo:

- “A doença infantil do Esquerdismo no Comunismo”- V.I. Lenin Cr\$ 10,00
- “Manifesto Comunista”- Karl Marx e F. Engels Cr\$ 5,00
- “A Luta contra o Trotskismo” – J. Stalin Cr\$ 4,00
- “Materialismo Dialético e Materialismo Histórico” – J. Stalin Cr\$ 4,00

Clássicos Nacionais:

- “União Nacional para a Democracia e o Progresso” – Luiz C. Prestes.. Cr\$ 1,50
- “Os Comunistas na Luta pela Democracia” – Luiz C. Prestes..... Cr\$ 4,00
- “O P.C.B. na luta pela Paz e pela Democracia” – Luiz C. Prestes..... Cr\$ 4,00

Cultura Popular:

- “Os Cartéis” – A.B. Mogil Cr\$ 4,00
- “Patriotismo” – W. Boltzky Cr\$ 1,50

Procure estas obras na Biblioteca do Comitê Estadual do P.C.B e na

LIVRARIA ALAOR

Edições Horizonte Ltda. Rua do mercado, n. 9 – 1º. Andar – Rio de Janeiro

Procuro descrever o anúncio na forma original, para podermos conhecer a relação de livros e as suas respectivas configurações. Desta maneira, facilita a compreensão do anúncio publicado em *O Democrata*²²⁹. Entendo que esse procedimento permite ainda a reflexão sobre o que os comunistas liam e, conseqüentemente, sobre o que escreviam, seja nas páginas do jornal ou em outras publicações. A doutrina era prescrita, à risca, pelos militantes. As leituras indicadas e autorizadas pelo partido faziam parte dos procedimentos de formação dos quadros do partido. Sendo assim, pela lista publicada no jornal, podemos compreender parte da formação doutrinária.

As publicações de Lenin e Stalin figuravam na primeira lista dos livros indicados. Os dois autores eram expoentes das idéias comunistas. Pelas obras, encontramos vertentes da leitura contra os trotskistas, considerado um dos maiores inimigos da “*Revolução Russa*”, por conseguinte, dos militantes do PCB. O “*Manifesto Comunista*” era uma espécie de bíblia dos comunistas, estava sempre nas prateleiras de leitura ou debaixo do braço. Entre as obras nacionais, o único autor autorizado a falar sobre o comunismo seria Luís Carlos Prestes, considerado o grande líder do partido no país. Por fim, na lista das obras autorizadas, estava em último lugar o que era considerado “*Cultura Popular*”.

Mas outro anúncio de venda de livros chamou atenção pelo preço e acabamento da obra, com o título seguinte: “*História do Partido Comunista na URSS*”. O anúncio da *Editoria Vitória*²³⁰ destacava a venda da obra ao preço de Cr \$ 30,00 e ainda alertava os compradores: “*Um livro indispensável para a formação de sua cultura marxista*”. O detalhe do valor diferenciado, ou seja, acima dos preços das demais publicações, era em razão das características de feitura da publicação, segundo explica o texto – “*Um volume brochado – Cr\$ 30,00 – NAS LIVRARIAS*”.

Podemos perceber que a leitura destes “pequenos” anúncios ajuda a descobrir estratégias usadas para a arrecadação de fundos. Entretanto, podemos analisar ainda, pela relação de anunciantes, os locais freqüentados pelos comunistas na cidade de Fortaleza. Isso porque as livrarias poderiam ser os

²²⁹ *O Democrata*, edição de 27/03/1946, p. 6.

²³⁰ *O Democrata*, edição de 28/03/1946, p. 4.

pontos de encontros das conversas e a troca de informações. Era lá que se buscava a literatura de praxe dos comunistas. Da mesma forma que os livros eram vendidos no comércio, os cafés também prestavam o serviço em nome da causa. No *Café Globo*, um dos mais tradicionais pontos freqüentados pelos camaradas²³¹, o anúncio de teatro indicava o local dos encontros:

“Teatro José de Alencar”

Companhia de Comedia ALMA FLORA (Direção Salú Carvalho) - Hoje - às 8 e 15
“Mulher para Inglês ver” 3 atos finos e engraçados, de Croisset e Gressac.
*Ingressos á venda no Café Globo*²³²

Com a chegada de novos anunciantes nas páginas de *O Democrata*, a pluralidade chega ao ponto de o jornal comunista publicar anúncios de títulos de capitalização, com nome bastante sugestivo – *“Prudência Capitalização - VINTEM POUPADO VINTEM GANHO”*²³³. Contrariando aos ensinamentos marxistas, o anunciante fazia a campanha em nome do acúmulo de capital. O mais curioso era que a empresa gozava de tanto prestígio junto à direção do vespertino, que o jornal chegava a fazer matéria sobre a convenção dos funcionários da *“Prudência Capitalização”*²³⁴. Também podiam ser vistos anúncios de empresas aéreas – *“Pelos Caminhos do Ceu – Sempre Cruzeiro do Sul”* e dos mais variados lojistas – *“A CASA VICTOR acaba de receber **Vitrolas** marca PAILLARD”*; *“Vinhos de Portugal – Aguardem nova remessa **Sanguinhal** (maduro) e **Tamegão** (verde)”*; *“Casa Parente Importadora S.A.”*; *“Creme dental ATLAS”*.

A ampliação do leque de atuação do impresso demonstra a penetração ou ainda aceitação perante o público, o que justificaria o interesse do anunciante em colocar a sua marca na folha. Embora houvesse contradição da parte do jornal em publicar alguns anúncios, pela formação ideológica dos comunistas, a

²³¹ Galeno. Alberto S. *“A Praça e o Povo – Homens e acontecimentos que fizeram a história da Praça do Ferreira.* Fortaleza-CE. Stylus Comunicações. 1991. p. 59.

²³² *O Democrata*, edição de 28/03/1946, p. 5.

²³³ *O Democrata*, edição de 09/04/1946, p. 2.

²³⁴ *O Democrata*, edição de 29/05/1946, p. 3.

necessidade de angariar recursos justificaria o recebimento de dinheiro de empresas em nome da causa. A diversidade de anunciantes aponta indícios da boa relação dos comunistas com as variadas camadas sociais na cidade, através dos profissionais liberais pertencentes aos quadros da militância. Esses profissionais poderiam fazer os contatos para trazer os anunciantes ao jornal.

Apesar do aumento de anúncios, isso não pareceu suficiente. O jornal inicia campanha de mobilização com o objetivo de sensibilizar os leitores. Anúncios de meia página faziam apelo, no sentido de preparar grande mutirão de ajuda ao *“jornal do proletariado”* – *“Ele agora precisa de apoio moral e material de todos os democratas e patriotas, afim de prosseguir na luta contra os piores inimigos da nossa pátria e nosso povo (...). Organize, portanto, no seu bairro ou no seu local de trabalho, uma comissão ampla de ajuda ao O Democrata (...).”*²³⁵. Os comunistas deflagram, ainda, a *“Campanha Popular de Ajuda ao O Democrata”*, como forma de centralizar as ações em favor do periódico comunista do Ceará.

Ao mesmo tempo em que deflagrava campanha para arrecadar recursos, o jornal anunciava, em julho de 1946, a chegada de nova máquina linotipo, além de quantidade considerável de papel – *“Chegou papel e vai chegar uma nova linotipo para O Democrata”*²³⁶, dizia o título de informe: *“(...) esse jornal já recebeu um grande estoque de papel que o aparelho precisa para enfrentar as crescentes solicitações da profunda divulgação que vai alcançando o nosso vespertino”*. A nova impressora vinha dos Estados Unidos. Com a aquisição de papel e outro equipamento, acredita-se que o impresso vinha despontando nas tiragens de edições, pois no quinto mês de funcionamento, ampliava o parque gráfico.

A campanha de arrecadação de fundos vinha com plena força para tentar garantir o fôlego dos comunistas. Na primeira semana, o jornal apresentava em suas páginas²³⁷ o saldo de doações, no valor de Cr\$ 9.477,00. Na metade de agosto de 1946, desta vez grande campanha nacional encampava a luta pela *impressa comunista* no Brasil. A **“Campanha dos 10 milhões”**, lançada em

²³⁵ O Democrata, edição de 28/06/1946, p. 4.

²³⁶ O Democrata, edição de 04/07/1946, p.1.

²³⁷ O Democrata, edição de 10/07/1946, p. 4.

Fortaleza pelo jornal *O Democrata*²³⁸, em 14 de agosto, informava que se devia arrecadar referida quantia no prazo de 10 meses, cabendo a cada estado uma cota de participação. Para o Ceará, estava estipulado o valor de Cr\$ 200.000,00:

Campanha Nacional de Finanças pró-Imprensa Democrática

“Um jornal popular independente serve, entre outras coisas para ajudar a solução dos problemas do povo (...). E o povo só tem um meio de esclarecimento das razões desta tremenda crise: é a imprensa popular independente. Mas não há jornal inteiramente independente sem oficina própria. Uma oficina significa casas e maquinas. É preciso dinheiro para adquiri-los. Se você é um homem do povo ou um amigo do povo, preste, pois, o seu apoio concreto”.

Nas leituras das páginas da folha comunista, é possível acompanhar o entusiasmo e a abnegação dos camaradas na defesa da manutenção da atividade jornalística. A campanha de arrecadação já era um prenúncio, tentando antever as dificuldades que viriam a enfrentar pela frente. Em nível nacional, o partido conseguiu a isenção do imposto na compra de papel para jornais e livros, de acordo com a lei projeto de lei de autoria do deputado Jorge Amado, na Assembléia Nacional Constituinte²³⁹. Os comunistas se articulavam desde as cidades nas quais mantinham jornais até o Congresso, modificando leis, no sentido de dar suporte ao funcionamento dos seus periódicos.

A operação de mobilização nacional movia uma grande rede humana de articuladores. No Ceará, por exemplo, a tarefa de arrecadação estava dividida em 32 municípios, cabendo a cada cidade um valor a ser cumprido. O trabalho tinha penetração nas localidades onde o partido parecia ter vínculos. Segundo quadro publicado em *O Democrata*²⁴⁰, foram estipuladas as seguintes quantias com seus respectivos municípios: Cr\$ 150.000,00, Fortaleza; Cr\$ 14.000,00 – Camocim; Cr\$

²³⁸ *O Democrata*, edição de 14/08/1946, p.5.

²³⁹ *O Democrata*, edição de 22/08/1946, p. 01.

²⁴⁰ *O Democrata*, edição de 09/09/1946, p. 08.

8.000,00 - Itapagé; Cr\$ 5.000,00 - Caucaia e Maranguape; Cr\$ 4.000,00 - Crateús e Baturité; Cr\$ 3.000,00 - Canindé, Ipú, Sobral, Cascavel e Quixadá ; Cr\$ 2.000,00 - Pacatuba, Jaguaribe, Acaraú, Crato, Granja, Cedro, Iguatu e Juazeiro; Cr\$ 1.500,00 – Itapipoca; Cr\$ 1.000,00 – Pacajus, Içó e Uruburetama; Cr\$ 500,00 – Nova Russas, São Benedito, Russas, Pentecoste, Araripe, Aquiraz, Reriutaba e Morada Nova.

Esta espécie de “regionalização” para o cumprimento de cotas de arrecadação, oferece ao pesquisador indício das localidades em que o partido estava melhor estruturado, ou pelo menos, consegue agregar um razoável contingente de simpatizantes. É de se destacar que esta responsabilização pelo jornal é outro elemento comum na história da imprensa de corte socialista, anarquista ou comunista, funcionando também como mecanismo de educar pela propaganda.

Ainda como forma de manter permanentemente a campanha nas ruas, foi instituída a *Comissão de Campanha Pró-Imprensa Popular* com reuniões diárias, na redação de *O Democrata*²⁴¹. Os militantes ou simpatizantes mais empenhados nas atividades de finanças em prol do jornal eram agraciados pela direção do partido, com as seguintes premiações: “*‘Flâmula Luiz Carlos Prestes’ para o município que primeiro ultrapassar sua quota – ‘Flâmula O Democrata’ para a Comissão vitoriosa em outras emulação – Prêmios para células recordistas e para os heróis da campanha*”²⁴². Mas isso não parecia suficiente, os comunistas estavam dispostos a contribuir ainda mais.

A *Comissão Executiva da Campanha Pro-Imprensa Popular*, presidida por Américo Barreira, determinou “*que todos os militantes do partido Comunista do Brasil, neste Estado, façam a entrega ao tesoureiro de seu organismo de base da importância correspondente a UM DIA DE SALARIO, até o próximo dia 31 de outubro*”²⁴³. A missão de arrecadação não era apenas dos militantes, as páginas estampavam com euforia o trabalho mobilizador que procurava envolver ainda os leitores do jornal: “*‘Está empolgante a campanha’ – Ajudar a imprensa popular é a*

²⁴¹ O Democrata, edição de 05/09/1946, p. 02.

²⁴² O Democrata, edição de 20/09/1946, p. 01.

²⁴³ O Democrata, edição de 21/10/1947, p. 02.

*palavra de ordem para todos os democratas e patriotas (...) Mário Lima, industrial e comerciante, remete Cr\$ 740,00. De Reriutaba chegam Cr\$ 212,00. Iguatu manda mais Cr\$ 820,00, firmando-se como o mais operoso contribuinte do interior (...)*²⁴⁴.

Para coroamento do trabalho da militância, o vespertino publicava na primeira página, “*Galeria dos Heróis*”²⁴⁵, com os nomes dos vencedores da campanha de arrecadação. O anúncio trazia as fotos de cada um: Aldy Mentor, advogado, militante do partido e anunciante no jornal, tirou a primeira colocação, com a quantia de Cr\$ 9.350,00. Em segundo, o advogado e militante do partido com Cr\$ 9.300,00. Em terceira posição, o médico e anunciante do jornal, Vulpiano Cavalcante, com Cr\$ 8.450,00. Mas a grande manchete para os comunistas estava reservada para segunda-feira, dia quatro de novembro, com a publicação do resultado final da campanha:

“Ultrapassamos a Quota – Mais de 200 mil cruzeiros arrecadados”²⁴⁶

“(...) Foi uma vitória magnífica do povo e do proletariado cearense. Comitês Municipais, Distritais e Células do P.C.B. dão uma prova de vitalidade orgânica e política. Prossegue o recolhimento de donativos e contribuições na redação de O Democrata. (...) até o presente momento já foi arrecadada a quantia de 230 mil cruzeiros”.

A capacidade de mobilização dos militantes foi decisiva para o sucesso da campanha de arrecadação, conforme demonstram as páginas do jornal. Em nível nacional, *O Democrata* informava ainda que a *Campanha dos Dez Milhões* ultrapassava a previsão estipulada – “*Mais de 10 milhões foram arrecadados em todo o Brasil. A realização da Campanha Pró-Imprensa Popular constituiu grande*

²⁴⁴ *O Democrata*, edição de 24/10/1946, p.08.

²⁴⁵ *O Democrata*, edição de 31/10/1946, p. 01.

²⁴⁶ *O Democrata*, edição de 04/11/1946, p. 01.

*vitoria da democracia*²⁴⁷. O fôlego dos comunistas, ao longo da campanha, envolvendo os militantes e simpatizantes, demonstra, antes de tudo, a capacidade de articulação. O trabalho de arrecadação parecia envolver a grande teia de articuladores.

Tudo seria válido em nome do *jornal do proletariado*. Não importava o sacrifício para mantê-lo. Quanto mais difícil fosse a tarefa, mais importante era a missão de permanência do vespertino. Os camaradas defendiam a imprensa popular, numa batalha que movia as mais variadas atividades da militância. Em casa, no bar, no partido, na fábrica, enfim, todos os lugares estavam inseridos na luta pela defesa de *O Democrata*. A articulação de militantes e simpatizantes contribuiu para a circulação do único jornal diário comunista no Ceará. Descobrir as formas de ação/participação desses agentes históricos, ajuda a compreender a existência do jornal. A vida do vespertino era extensão daquelas próprias vidas.

²⁴⁷ *O Democrata*, edição de 04/11/1946, p. 01.

Capítulo 3

O Democrata e as eleições

O terceiro capítulo desta dissertação analisa a participação do jornal nas eleições de 1947 (Governador e Prefeito), na Capital do Ceará. Faço uma avaliação do debate travado no campo da luta política, onde as diferenças são externadas por meio de embate agressivo. Apesar da perseguição e a volta à ilegalidade do PCB, em maio de 1947, os comunistas resistem à repressão e traçam estratégias para manter o jornal na rua. Nesta etapa final do trabalho, apresento uma das mais importantes descobertas da pesquisa. Trata-se do único número do jornal “*Folha Cearense*” (1948), apreendido pela Polícia cearense, mas que era o mesmo “*O Democrata*”, com nome modificado para burlar a lei vigente. Encontrei dois exemplares “perdidos” em meio aos maços de processos do Arquivo Público do Estado do Ceará (APEC).

Considero o segundo ano de existência do jornal dos mais relevantes do ponto de vista da pesquisa, tendo em vista que o partido se preparava para enfrentar a primeira eleição na capital. Neste contexto, o periódico era instrumento de divulgação das candidaturas do partido, assumindo a condição de espaço político para dar visibilidade às ações partidárias. Mas ao contrário do que estava previsto, a cassação de registro do PCB leva novamente os seus militantes a operarem na clandestinidade. Militantes foram presos, a sede do partido invadida e o medo nas ruas fizeram com que os camaradas usassem o impresso como mecanismo de resistência. O jornal foi um dos instrumentos de luta, em meio às perseguições, podendo ser considerado ainda o meio de difusão de táticas e estratégias de subversão da ordem.

Para entendimento da participação do impresso, naquele ano, é importante contextualizar o período, a fim de compreendermos as interferências do jornal no processo eleitoral. O jornal e o partido atuavam de forma unificada, difundindo as diretrizes e orientando os militantes quanto à conduta partidária. O ano de 1946 havia sido relevante para afirmação do PCB como partido de classe, defensor das lutas dos trabalhadores. Era o partido político identificado com as causas populares (Chilcote, 1982; Carone, 1983; Feijó, 1986; Zaidan, 1986; Rubim, 1988; Segatto, 1989 e 1995).

Os 25 meses de legalidade do PCB (18/04/1945 a 07/05/1947) fizeram com que os militantes se apresentassem à população, mostrassem suas caras nas ruas, locais de trabalhos e em outros lugares da militância político-partidária. Isso contribuía para a massificação do partido, pois as ações visavam ocupar os espaços políticos, no sentido de arregimentar novos adeptos. A formação de entidades era uma das práticas que contribuía nesse crescimento, tendo em vista que os sindicatos e associações de classe eram o aparelho-partidário da militância. Sendo assim, a militância caía em campo buscando novas adesões e simpatizantes da causa comunista.

Somente em Fortaleza, de acordo com os dados compilados no jornal *O Democrata*²⁴⁸, a partir de março de 1946, o partido chegou a constituir 35 células nos bairros da Capital (Pirambu, Praia Mansa, Centro, Piedade, Aldeota, Campo de Pousos, Prainha e outras localidades), indústrias têxteis, escola (Lyceu do Ceará), fora a atuação em sindicatos dos Gráficos, Metalúrgicos, Padeiros, *Chauffeurs*, Têxteis, Pedreiros, Garçons, Ferroviários. O partido ainda tinha membros em associações e dirigia a União Sindical Cearense (USC). Os núcleos da militância visavam constituir organismos de base conectados às direções intermediárias do Partido.

O mapa da militância comunista revela o crescimento da cidade em direção às indústrias e bairros proletários, configurando assim, o processo de formação das localidades que deram origem aos grandes aglomerados urbanos da Capital. Essa capilaridade do partido ajuda ainda a descobrir a estruturação da instituição, tendo em vista que essa “geografia militante” demonstra o campo de atuação política. O mapa do partido contribui também para compreender a capacidade de organização do PCB, nas eleições para a Constituinte Estadual de 1946. O partido havia lançado 23 candidatos, elegendo pela primeira vez dois parlamentares para a Assembléia Legislativa: o médico Pontes Neto e o operário José Marinho de Vasconcelos.

Os candidatos do PCB eram conhecidos nas fileiras do partido: Euclides Maia (ferroviário), Pontes Neto (médico), Isaac Maciel (metalúrgico), Francisco

²⁴⁸ Os dados são referentes ao período a partir do dia 1º de março de 1946, quando o jornal dos comunistas iniciou a circulação.

Mendes (fazendeiro), Pedro Teixeira de Oliveira (motorista e secretário Político do PCB, em Camocim-Ce), Américo Barreira (professor), João Luis de Deus (estivador), Lafite Barreto Brasil (gráfico), Aluísio Medeiros (escritor), José Severo Peixoto (operário têxtil), Aldy Mentor (advogado), José Marinho de Vasconcelos (pedreiro e Secretário Político do PCB), José Almir Moreira (transviário), Humberto Lopes (agricultor e Secretário de Organização do PCB), Stélio Lopes Mendonça (jornalista e Secretário de Educação e Programa do Comitê Estadual do PCB), José Bento de Souza (garçom e Secretário Geral do Comitê Estadual), Antônio dos Santos Teixeira (metalúrgico e Secretário Sindical do PCB), Rosendo Anselmo de Lima, Raimundo Fonseca Coelho (aeroviário e membro do PCB), Rui Simões de Menezes (agrônomo), Elias Trindade (militar da reserva e membro do PCB), Raimundo Vieira Cunha (médico) e João farias de Souza (ferroviário)²⁴⁹.

Enquanto nas eleições de 1945, o partido no Ceará não atingia o quociente eleitoral para a Câmara dos Deputados²⁵⁰, em janeiro de 1946, elegeu dois deputados comunistas na Assembléia Estadual. Na disputa pelo senado cearense, o PCB havia apoiado os candidatos do Partido Popular Sindicalista e União Democrática Nacional, respectivamente, Olavo Oliveira (PPS), e Plínio Pompeu (UDN). Os dois candidatos, apoiados pelos comunistas, derrotaram o ex-Interventor do Estado, Menezes Pimentel, e César Cals de Oliveira, do Partido Social Democrático (PSD).

Em nível nacional, o Partido Comunista elegeu 14 deputados para a Câmara Federal (Jorge Amado, Carlos Marighela, João Amazonas, entre outros) e um senador, Luis Carlos Prestes. Para o partido que vinha de um período de 10 anos na clandestinidade (1935-1945), a experiência nos pleitos (1945-1946) demonstrava resultado considerável. O partido chegava à legalidade pregando a “*União Nacional*”, tese defendida pelo secretário geral do PCB, Luis Carlos Prestes, como afirma Marco Aurélio Garcia:

²⁴⁹ *O Democrata*, edição de 21/10/1946, p.1; Ribeiro, Francisco Moreira. *O PCB no Ceará: ascensão e declínio 1922 – 1947*. Fortaleza. Stylus. 1989. p. 79.

²⁵⁰ De acordo com os dados do Tribunal Regional Eleitoral do Ceará, em 1945, o PCB ficou na quarta posição nos votos por legenda para Câmara dos Deputados com o total de 4,25% dos votos (12.098 votos), não atingindo o quociente eleitoral.

“No início, a ‘União Nacional’ seria feita em torno de Getúlio; depois com a queda do ditador, passou a se referir ao breve governo de José Linhares (presidente do Supremo Tribunal Federal, que sucedeu a Vargas); e, por fim, ao presidente eleito Eurico Gaspar Dutra”²⁵¹.

Prestes pretendia liderar uma mobilização nacional política baseada na união dos partidos políticos, com objetivo de redemocratizar o país. Em 1946, o “Cavaleiro da Esperança” lançava o livro “*União Nacional para a Democracia e o Progresso*”, um título que possivelmente influenciou a marca doutrinal do jornal *O Democrata*, cujo dístico afirmava: “*Unidade – Democracia – Progresso*”. Mas no Ceará, o período que antecede as eleições de 1946 apresenta um cenário conflituoso, cheio de disputas entre as tradicionais forças políticas do Ceará, divididas entre o PSD, UDN e PSP.

O então Interventor do Estado, Menezes Pimentel, foi exonerado em 25 de outubro de 1945, depois de ocupar o cargo por 11 anos. O presidente José Linhares nomeou para a função, Benedito Augusto Carvalho dos Santos (Beni Carvalho), que assumiu a interventoria cearense em 31 e outubro de 1945. Eleito deputado federal pela UDN, Beni Carvalho passa a função para o secretário de Agricultura, Tomaz Pompeu Filho, no dia 12 de janeiro de 1946, que por sua vez deixa o cargo no dia seguinte. Em 14 de janeiro assume a função de Interventor do Ceará, Acrísio Moreira da Rocha (PSD), depois exonerado pelo presidente Eurico Gaspar Dutra (PSD). Em seu lugar assume o cargo, em 9 de fevereiro, o ministro do Tribunal de Contas da União, Pedro Firmeza.

Após oito meses, o Interventor Pedro Firmeza era demitido pelo presidente Gaspar Dutra, em 9 de outubro de 1946. Para o cargo é nomeado o coronel José Machado Lopes, em dia 28 de outubro. Por 19 dias, Luis Sucupira substitui interinamente Firmeza. Mas no dia 31 de janeiro de 1947, o presidente da República exonera Machado Lopez e nomeia para o seu lugar, José Feliciano de Ataíde, presidente do Conselho Administrativo do Ceará. Num espaço de 15

²⁵¹ Garcia, Marco Aurélio. *Cooptação e Alianças (1930 – 1964)*. In: Revista Trabalhadores. No. 5, São Paulo: Fundo de assistência à Cultura. 1990, p. 25.

meses, oito pessoas chegam a ocupar a Interventoria no Estado, o que demonstra um período de instabilidade na política local²⁵².

A tensão preparava o terreno de disputas entre as principais forças políticas do Estado, que iriam concorrer, num mesmo ano (1947), a duas eleições: governador do Estado (19/01/1947); prefeitos e vereadores (07/12/1947). O PCB acompanhava as disputas procurando compor com alguns partidos. Os comunistas declararam apoio à candidatura do desembargador Faustino de Albuquerque para o governo do Ceará, embora o próprio Faustino recusasse tal apoio, temendo perder votos dos católicos. Em nota publicada no jornal *O Povo* (14/01/1947, p.1), Faustino de Albuquerque recusava o apoio dos comunistas: “(...) não aceito a colaboração do PCB no meu governo, porque sou católico e pretendo governar dentro da doutrina social da igreja, em harmonia com os programas fundamentais dos partidos políticos que levantaram a minha candidatura”.

Faustino era presidente do TRE/Ce e acabou vitorioso no pleito pela coligação UDN, PSP e PR. A união dos três partidos tinha o apoio declarado de setores da Igreja Católica. O comandante da 10^a. Região Militar, general Onofre Gomes saiu derrotado pela coligação PSD-PTB. A partir do governo de Faustino de Albuquerque, o cerco contra os comunistas começa a fechar-se e os camaradas são traídos pelos supostos aliados e colaboradores da política.

3.1 Jornalismo, articulador da política

O ofício da escrita fazia do jornal um veículo articulador da política partidária do PCB. Isto porque o impresso participava ativamente das ações de campanha, ora divulgando os candidatos, ora sendo o próprio instrumento do partido usado para fazer as negociações com as forças políticas do Estado. O meio impresso era um instrumento de divulgação valorizado nos períodos eleitorais. Por isso, o jornal

²⁵² Os dados referentes ao período de interventoria no Ceará foram pesquisados nas seguintes publicações: Mota, Haroldo. *História Política do Ceará (1945-1947)*. Fortaleza. ABC Editora. 2001; Mota, Haroldo. *História Política do Ceará (1947-1966)*. São Paulo-Fortaleza. ABC Editora. 2005; Montenegro, Abelardo. *Os Partidos Políticos do Ceará*. Fortaleza. UFC. 1980.

tinha valor quanto ao poder de mobilização e influência da opinião pública, até porque o impresso vinha se firmando na linha editorial voltada aos bairros pobres da cidade e às lutas e reivindicações dos trabalhadores.

No período da campanha eleitoral, é possível entender o jornal como força mobilizadora e arregimentadora de eleitores. *OD* trafegava pelos bastidores da política e levava a mensagem do partido aos leitores. No ambiente de conflitos em que se configura o pleito de 1947, percebe-se a participação do jornal de forma estratégica, buscando aliados para compor o quadro sucessório estadual. Na escrita de *O Democrata*, as pistas vão surgindo quando o partido expõe seus posicionamentos ideológicos, em espaços generosos concedidos a candidatos ou até mesmo pela divulgação do programa mínimo de campanha.

A partir das pistas, a investigação vai tomando sentido e as palavras vão se formando no ambiente de leitura. Juntar os elementos que estão nas páginas de *OD*, ajuda a compreender as interferências do jornal no espaço da política. Mesmo com as dificuldades e perseguições que ameaçavam as atividades do partido, o vespertino contribuía no sentido de driblar os problemas conjunturais, levando um discurso mobilizador para a militância. O jornalismo engajado nas lutas do povo mais carente tinha a capacidade de arregimentar votos do cidadão carente das ações do Estado e o eleitor consciente, excluídos da sociedade burguesa.

Deste modo, nos últimos meses de 1946 o jornal intensifica as matérias sobre o pleito no primeiro mês de 1947. Os comunistas preparam o terreno das negociações junto aos demais partidos políticos e começam a apresentar os candidatos. Nas páginas de *O Democrata*, observa-se a postura e o posicionamento quanto ao pleito, por conta das matérias que ofereciam espaço a determinados nomes conhecidos na política local. Um desses personagens parece ser do gosto dos camaradas: Acrísio Moreira da Rocha²⁵³. Ex-interventor do Estado, rompido com o partido de origem, o PSD, Acrísio ganhava manchetes no

²⁵³ Acrísio Moreira da Rocha era filho de tradicional político cearense, deputado Manuel Moreira da Rocha (Mané Onça), do Partido Democrata. Os irmãos também entraram na política: Crisanto Moreira da Rocha, deputado federal (PSD), e Péricles Moreira da Rocha, deputado pelo Distrito Federal e administrador do famoso Cassino da Urca, no Rio de Janeiro.

jornal, abordando fatos da política estadual – “*A facção pimentelista do P.S.D. não terá prestígio neste estado*”²⁵⁴, declarava em primeira página.

A declaração, em entrevista exclusiva ao vespertino comunista, não parecia ser mais um fato da cobertura jornalística, mas certa aproximação entre o político dissidente e os vermelhos rebeldes. Acrísio tinha sido exonerado do cargo de interventor, depois de 26 dias na função (janeiro de 1946). Atacava os antigos aliados, buscando alcançar projeção nos pleitos seguintes. Os comunistas pareciam simpáticos ao perfil populista de Acrísio. No período de interventoria, Acrísio ficou conhecido por abrir as portas do Palácio da Luz, sede do governo, para atender a população carente (Job, 1986, p. 226). Ele atacava os “*pimentelistas*”, facção do PSD ligada ao antigo interventor Menezes Pimentel, um dos maiores perseguidores dos comunistas no Ceará (1935-1946).

Mesmo sem declarar apoio a qualquer candidato ao governo do Estado, os camaradas vão às ruas e lançam os próprios quadros na disputa²⁵⁵. O palco dos discursos inflamados era a Praça José de Alencar, centro de Fortaleza. Sábado, dia 19 de outubro, estava marcado o primeiro comício de lançamento dos seus candidatos, com a leitura do Programa Mínimo elaborado pela direção do partido. O programa consistia dos seguintes pontos básicos: “**a)** *autonomia política e administrativa para os municípios do Estado, inclusive o da Capital; b)* *Equilíbrio orçamentário, rigorosa redução de despesas, suspensão imediata de todas as obras urgentes, quer estaduais quer municipais; c)* *Reforma do sistema tributário estadual, agravando fortemente de maneira progressiva o imposto territorial e a transmissão ressalvadas as isenções asseguradas pela constituição federal e eliminação ou diminuição dos impostos que recaem sobre o povo; d)* *Desapropriação, quando for o caso, loteamento e distribuição gratuita aos camponeses pobres, das terras constitutivas das bacias de irrigação dos açudes públicos, bem como das terras loteadas das bacias hidráulicas dos mesmos; e)* *Distribuição de terras devolutas ou mal aproveitadas junto aos grandes centros de consumo, aos camponeses sem terras, que as queiram trabalhar; f)* *Revisão dos contratos que exploram serviços de utilidade pública, como a Light e outras; g)*

²⁵⁴ *O Democrata*, edição de 02/10/1946, p. 1.

²⁵⁵ Ver a relação com os nomes dos candidatos do PCB nas páginas 2 e 3.

Efetivação dos serviços extra-numerários do Estado e do município; h) Aquisição de material rodante e tração, reaparelhamento das oficinas da RVC e execução dos planos rodoviários e ferroviários já elaborados; i) Construção do porto de Fortaleza, dragagem dos portos de Camocim e Aracati; j) Desenvolvimento dos serviços científicos da pesca nos açudes e lagoas, bem como no mar, com utilização de melhores pesqueiros e de uma rede de frigoríficos para armazenamento e distribuição; k) Construção e aproveitamento das grandes barragens, principalmente as de Crateús e Orós, intensificação da construção de pequenos açudes em cooperação; l) Instalação para imediato funcionamento em todo o Estado, de agência da Caixa de Crédito da Pesca; m) Preferência aos pescadores no aforamento de terras de marinha.

O programa estava centrado nas diretrizes partidárias que se voltavam para o campo e a cidade, tendo como foco os trabalhadores rurais e os operários. Alguns itens acrescentavam questões relativas ao campo de atuação do partido, como trabalhadores da pesca, ferroviários, agricultores, além de reivindicações voltadas aos municípios de Camocim, Aracati e Crateús, além de questões que buscavam moralizar ou reestruturar a administração pública estadual. O programa traça as vertentes que norteiam as ações partidárias, tendo ainda, como propostas esboço de reforma agrária no Estado, embora o programa não o declare nestes termos. A reivindicação (Reforma Agrária) de forma declarada poderia assustar o eleitor e afugentar a votação no interior.

É possível, ainda, enxergar no programa o formato de Estado proposto pelos comunistas. Uma visão estatizante da economia voltada à revisão de contratos públicos, melhoria do sistema de transporte público, bem como ampliação da participação do Estado no setor de infra-estrutura. As propostas de reforma administrativa e tributária, nacionalização de setores estratégicos, contratos de exploração de concessões públicas (Light) e o reaparelhamento dos equipamentos básicos indicavam a forma de governar na perspectiva de o Estado ser o agente indutor da própria economia.

A economia planejada descentralizava o foco de desenvolvimento voltado a Capital, pois dotava as regiões de estrutura (portos, açudes, investimentos,

créditos e etc) para o crescimento econômico-social. A problemática social apontava encaminhamentos através da Reforma Agrária, propondo condições estruturais de fixação da população no interior do Estado, com a criação de pólos microrregionais de desenvolvimento e geração de emprego e renda.

A amplitude do programa tinha, nas páginas de *OD*, campo de discussão e reflexão sobre as propostas apresentadas pelos comunistas. O jornal abria as páginas para apresentar suas diretrizes e ainda apresentava os “*candidatos do povo cearense*”²⁵⁶. Entretanto, os encaminhamentos se davam com alguns cuidados, na intenção de trabalhar alguns nomes e as plataformas de campanha. As estratégias de campanha vão se configurando aos poucos, de modo que paulatinamente vão surgindo nomes e rostos dos candidatos. O candidato ao governo do Estado apoiado pelos comunistas começa a mostrar o perfil, próximo das eleições: – “*Defenderei intransigentemente a autonomia municipal*”²⁵⁷. A fala do desembargador Faustino Albuquerque, candidato à presidência do Estado, estava na primeira página de *OD* e pedia o fim da intervenção nos municípios. Para o PCB interessava a autonomia municipal, tendo em vista que o partido colocava a questão como o primeiro item do programa mínimo. A consolidação da democracia, no país, tinha que alcançar os municípios, como defendia o PCB. Nas capitais estavam localizados os maiores redutos de filiados e simpatizantes do partido.

Em novembro de 1946 a campanha ganha mais força nas páginas do jornal, quando o partido convoca a população para o alistamento eleitoral – “*Siga o exemplo de PRESTES – Aliste-se Eleitor/ É um Direito e Um Dever de Todo Cidadão Brasileiro Maior de 18 anos*”²⁵⁸. O anúncio indicava o endereço da sede do PCB, na Rua Guilherme Rocha, 250, 2º. andar, como sendo o *Posto Central Eleitoral*. Embora o partido não tivesse declarado o apoio ao cargo majoritário, o impresso mostrava que a atividade de campanha eleitoral intensificava-se nas bases de apoio. O jornal indicava os caminhos e as pistas a serem seguidas nessa jornada.

²⁵⁶ *O Democrata*, edição de 21/10/1946, p.1.

²⁵⁷ *O Democrata*, edição de 24/10/1946, p.1.

²⁵⁸ *O Democrata*, edição de 16/11/1946, p.8.

A campanha de arrecadação de fundos em prol do jornal (*Campanha Pró-Imprensa Popular*) parece ter inspirado nova mobilização nacional em torno das eleições. Sendo assim, em 19 de novembro de 1946, o PCB lança campanha cuja meta no Brasil era obter 1 milhão de votos. Cada estado era responsável por determinado número de votos, conforme matéria publicada na edição de *O Democrata* – “*O Partido Comunista do Brasil lutará por 1 milhão de eleitores nas eleições de 19 de janeiro*”²⁵⁹. De acordo com o planejamento do PCB, o país ficou dividido em cinco macrorregiões, com o Ceará no segundo grupo junto com os estados do Rio de Janeiro, Bahia e Minas Gerais. Para esse grupo, estava estimada a cota de 300 mil votos de legenda, cabendo aos comunistas cearenses o total de 30 mil votos.

Pela divisão de tarefas, o Ceará figurava entre os estados mais importantes do País do ponto de vista da militância partidária. Com base em dados da última eleição de 1945, o número estipulado pelo PCB para o Ceará correspondia a pouco mais de 10% dos eleitores votantes no Estado²⁶⁰. Em três zonas eleitorais da Capital, existiam 54.049 eleitores inscritos. A disciplina dos militantes mostrava que a meta poderia ser alcançada, embora fosse bastante expressiva em número, afinal o partido não tinha candidato ao governo e disputaria apenas vagas na Assembléia Legislativa Estadual.

Mesmo assim, o vespertino continuava na campanha de arregimentação dos militantes, convocando eleitores para buscar os títulos na sede do partido – “*Posto Eleitoral Central do Partido Comunista do Brasil – Títulos prontos para serem entregues. Os abaixo relacionados devem comparecer com toda urgencia possivel, a um dos cartórios das zonas infra-mencionadas afim de receber o seu titulo de eleitor*”²⁶¹. As listas de eleitores eram publicadas sistematicamente nas edições de dezembro, como forma de prestar serviço à população. O jornal estabelecia o canal direto com os leitores e eleitores, identificando sempre “os candidatos do povo”.

²⁵⁹ *O Democrata*, edição de 19/11/1946, p.3.

²⁶⁰ De acordo com os dados do IBGE/Ce, no quadro geral das eleições de 1945, o número de eleitores votantes foi de 291.739 pessoas de um total de 354.905 eleitores inscritos no Estado.

²⁶¹ *O Democrata*, edição de 12/12/1946, p.4.

O ano de 1947, ano de eleição, parecia ser de mudanças, seja na política ou nas próprias páginas do jornal. A partir de janeiro, o vespertino passa a veicular em tamanho *standard*, deixando de lado o formato tablóide. Na verdade, *OD* se adaptava ao formato dos demais jornais da cidade, entretanto, enquanto os concorrentes circulavam com uma média de 8 a 12 páginas, o jornal comunista chegava, ao máximo, a 4 páginas em edições diárias. As dificuldades materiais perseguiram *OD*, mas a determinação e a disciplina dos comunistas conseguiam superar os empecilhos.

Mas o pior estava por vir. O tormento da volta à ilegalidade do PCB rondava o Congresso Nacional e as repercussões chegam ao Ceará. O ministro da Justiça, Benedito Costa Neto, tinha enviado aos interventores dos Estados, ofício solicitando a proibição de manifestações do PCB. Em 11 de janeiro, faltando oito dias para o pleito, o partido consegue mandado de segurança permitindo a realização de comícios e manifestações:

ÚLTIMA HORA

*Foi concedido Mandado de Segurança impetrado pelo Partido Comunista. Foi preliminarmente concedido, por unanimidade, em sessão de hoje, pelo T.R.E., o mandado de segurança impetrado pelo P.C.B. no Ceará*²⁶².

No Ceará, o Tribunal acatou o mandado de segurança do PCB, permitindo aos comunistas livre manifestação nas ruas. O fato deve ser ressaltado e analisado: o candidato Faustino de Albuquerque era ex-presidente do TRE, no Ceará. Dois dias após a decisão da justiça eleitoral, *O Democrata* estampa manchete com letras garrafais – “O PARTIDO COMUNISTA RECOMENDA: Faustino de Albuquerque. Decisão do Comitê Estadual do P.C.B. no Ceará”²⁶³. Faltando apenas seis dias para as eleições, o partido resolveu externar apoio ao

²⁶² *O Democrata*, edição de 11/01/1947, p.3.

²⁶³ *O Democrata*, edição de 13/01/1947, p.1.

desembargador, candidato da coligação UDN-PPS-PR. Estrategicamente a aliança vai se formando no momento final de campanha.

Ao analisar os partidos e os políticos da chapa majoritária, é possível entender tal posicionamento do PCB. A UDN tinha na cabeça de chapa o desembargador, ex-presidente do TRE que, de alguma maneira, poderia ter favorecido o Partido Comunista nas vésperas das eleições. O senador Olavo Oliveira, integrante do PPS, era antigo aliado dos comunistas, e o jornal *O Democrata* foi de sua propriedade, como mostramos anteriormente nesta dissertação. O PR era conduzido pelo ex-interventor do Ceará, Acrísio Moreira da Rocha, político que gozava de privilégios no espaço editorial do jornal *OD*.

No afunilamento da campanha, também era possível perceber, pelas páginas do jornal, que o partido concentrava o trabalho nas candidaturas de alguns nomes, como Pontes Neto, José Marinho Vasconcelos, Aldy Mentor, Vulpiano Cavalcante, Antônio Teixeira, Euclides Maia e José Severo. O espaço editorial destacava estas pessoas em matérias sobre propostas de mandato, além de manifestações de apoio nos bairros de Fortaleza. Na reta final de campanha, os candidatos estariam sendo “trabalhados” pelo partido, no intuito de alcançar vagas no legislativo estadual – “*Comitê Pró-Candidatura José Marinho de Vasconcelos e Pontes Neto. Edital de Convocação para reunião*”²⁶⁴; “*Aldy Mentor – Um Vereador do Povo*”²⁶⁵.

Durante as atividades de campanha dos comunistas, fato notório há de ser lembrado: o dia em que Jorge Amado foi ameaçado de morte no interior do Ceará. O parlamentar fazia visitas às cidades cearenses. Após comício em Fortaleza, na Praça José de Alencar, viajou para o interior. A atividade de campanha em Itapagé, acabou em confusão na praça principal da cidade. O comício previsto para o dia 6 de janeiro, com a presença do escritor baiano, causou rebuliço entre as facções políticas. A oposição tentou impedir a manifestação, mas Jorge Amado acabou cumprindo a agenda. No dia seguinte, o fato virou manchete em *OD* - “*GRAVES OCORRÊNCIAS NO INTERIOR - Ameaçado de morte em Itapagé o*

²⁶⁴ *O Democrata*, edição de 03/01/1947, p.3.

²⁶⁵ *O Democrata*, edição de 04/01/1947, p.1.

*deputado Jorge Amado – Os agentes do capital colonizador se utilizam de “padres” integralistas e desordeiros mercenários*²⁶⁶.

O conflito entre igreja e comunistas é constante, não somente no período eleitoral. No interior, os padres usavam os sermões para condenar os candidatos comunistas. A campanha tomava maior dimensão, parecia tomar conta das rodas de conversas nas praças e cafés da cidade. Com a aproximação da votação, o PCB designou 108 fiscais para acompanhamento do pleito. As pessoas eram treinadas em cursos ministrados por três dias, conforme orientação expressa no jornal comunista²⁶⁷. O desfecho da campanha apresentava muitas surpresas com a abertura das urnas no domingo.

Numa quinta-feira, dia 16 de janeiro, último dia de campanha, os comunistas convocam a população para grande comício na Praça José de Alencar. As expectativas estavam direcionadas aos candidatos do partido. Militantes e simpatizantes se unem em corrente e conseguem arregimentar uma multidão. Nos dias que antecedem o comício, *OD* convocava os eleitores para a última concentração da campanha política. As matérias sobre o comício, na Praça José de Alencar, eram destaque de primeira página. No dia seguinte da manifestação, a manchete do impresso demonstrava euforia:

*“Quarenta mil pessoas – Aclamaram os candidatos e oradores da Chapa Popular, no gigantesco comício de encerramento da Campanha Eleitoral do Partido Comunista no Ceará, na Praça José de Alencar. Aclamados os nomes de Prestes, Faustino de Albuquerque, e dos candidatos da Chapa Popular”*²⁶⁸.

Passaram 10 dias para divulgação do resultado final do pleito. Para alegria dos comunistas dois candidatos foram eleitos: o médico Pontes Neto²⁶⁹ com 3.979

²⁶⁶ *O Democrata*, edição de 07/01/1947, p.1.

²⁶⁷ *O Democrata*, edição de 09/01/1946, p.3.

²⁶⁸ *O Democrata*, edição de 16/01/1947, p.1.

²⁶⁹ José Pontes Neto, nasceu no município de Massapê-Ce, em 1º. de dezembro de 1915, filho de João Pontes, deputado constituinte de 1935, e de Aury Pontes. Médico, formado em medicina pela Faculdade Fluminense de Medicina e diplomado em 1940. Deputado à Constituinte Estadual em

votos e o líder sindical José Marinho de Vasconcelos²⁷⁰, com 749 votos. O candidato ao governo do Estado, Faustino Albuquerque, também saiu vitorioso. Mas a consagração dos comunistas estava por vir das urnas de Fortaleza: o Partido Comunista do Brasil obteve a maior votação por legenda na Capital. O resultado do pleito, em Fortaleza, ficou da seguinte maneira: 1º.) PCB, 8.777 votos; 2º.) UDN, 8.771 votos; 3º.) PSD, 7.894 votos; 4º.) PRP, 1.695 votos e 5º.) PTB, 1.405 votos.

As eleições demonstraram a liderança dos comunistas no principal reduto eleitoral do Estado. Observe-se ainda que este resultado foi obtido apesar das dificuldades, tanto de recursos materiais ou até mesmo pelos preconceitos nas ruas. Os problemas pareciam alimentar a força da militância. A união e a organização superavam as dificuldades. O que parece explicar o êxito é a aliança entre disciplina e determinação em nome da causa comunista. Desta maneira, *O Democrata* teve participação relevante nessa luta, o jornal mantinha uma relação de cumplicidade com os comunistas no embate eleitoral. A escrita subversiva trafegava pelos ambientes de sociabilidade, divulgando táticas e estratégias dos camaradas.

1946, foi reeleito em 1959. Foi presidente da Assembléia Legislativa do Estado em 1962, novamente eleito em 1963, tendo o mandato cassado pelo Golpe de 1964 e preso no 23º. Batalhão de Caçadores, em Fortaleza-Ce. Faleceu em 20 de junho de 1994, no município de Quixeramobim-Ce, onde escolheu para morar por opção. (Farias, 1997. p. 93-95)

²⁷⁰ José Marinho de Vasconcelos, pedreiro, nasceu em Natal-RN, em 13 de junho de 1913. Filho de Antônio Marinho de Vasconcelos, marceneiro, e a mãe, Antônia Francisca de Vasconcelos. Em 1930 ingressou para Juventude Comunista, depois ocupando a função de membro da direção do Comitê Regional da Juventude (1934) no estado de Pernambuco. Morou em Fortaleza-CE, a partir de 1943, onde passou a ocupar cargos como Secretário da Organização do Comitê Estadual do PCB do Ceará (1945). Eleito em 1946, teve o mandato de deputado estadual cassado em 1948. Foi preso em 1964, no 23º. Batalhão de Caçadores, em Fortaleza-CE. Viajou a convite do governo da Rússia, em 1983, e veio a falecer em 23 de junho de 1984, em Fortaleza-CE (Farias, 1997. p. 86-88).

3.2 Camaradas na ilegalidade

A participação do PCB nas eleições em 1947 (janeiro) credenciava o partido ao próximo pleito, munido de prestígio junto ao eleitorado da Capital. A superação das tradicionais forças políticas do Estado era um trunfo que os comunistas poderiam negociar na composição de alianças políticas para as eleições municipais de dezembro (1947). Mas ao mesmo tempo em que o partido despontava em Fortaleza, isso seria motivo de preocupação dos adversários. A cassação do registro do partido era o caminho para encurtar o crescimento dos comunistas no país. O cerceamento do direito de concorrer ao pleito anularia a participação da legenda, mas não impediria os camaradas de resistir à repressão.

Sendo assim, os comunistas temiam a reação do governo. Terminadas as eleições, o impresso voltava a destacar questões relativas aos problemas dos bairros e as reivindicações dos trabalhadores da cidade e do campo. A falta de recursos, mais uma vez, reduzia o número de páginas do jornal, de seis para quatro páginas. Isso contribuía para limitar os assuntos abordados. Por isso, os temas de pauta eram devidamente planejados pelos jornalistas e a direção do jornal, como forma de maximizar o espaço editorial. A partir de fevereiro de 1947, *OD* passa a focar as atividades da prefeitura de Fortaleza, com críticas à atuação do poder público junto à comunidade. Na periferia, é mostrada a ausência das ações públicas, dando a entender que a máquina administrativa era inoperante.

Isso leva a crer que o resultado obtido pelo PCB na Capital, credenciava-o a questionar ainda mais a situação de miséria dos bairros de Fortaleza. Nas últimas eleições (janeiro/1947), os moradores tinham dado a resposta aos governantes com votação de maioria oposicionista. Somados os resultados dos dois partidos mais votados na Capital, era notória a superioridade em número de votos junto aos demais concorrentes. Mas isso era apenas número, o quadro podia mudar até o final do ano quando os comunistas voltariam às urnas. Desta forma, é necessário analisar as abordagens do impresso, no contexto de disputas, em que o jornal é uma espécie de porta-voz das estratégias eleitorais do partido:

O POVO ESTÁ CANSADO DE TANTOS AUMENTOS !

Vertiginosa alta nos preços dos gêneros de primeira necessidade – Leite a 3 cruzeiros e carne a 15 – Os donos de padarias também planejam um novo assalto – Um imposto absurdo sobre a venda de peixe – O cambio negro campeia livremente – É calamitosa a gestão do sr. Clóvis Matos á frente da Prefeitura de Fortaleza – Comercia com os exploradores do povo²⁷¹.

A prefeitura de Fortaleza é uma repartição que há mais de dez anos vive sob o regime de irresponsabilidade administrativa. O sr. Clovis Matos atual gestor, precisa mostrar que não se enlameou nas trapaças do Estado Novo, dizendo ao povo como recebeu a edilidade – São três os agiotas que transformaram a Prefeitura numa casa de negócios ilícitos²⁷².

O jornal atuava com pauta de questões voltadas ao direito do consumidor, bem como denunciava os desmandos da administração pública. A falta de produtos de primeira necessidade, no comércio de Fortaleza, provocava o aumento de preços dos produtos alimentícios e ainda dava margem a que especuladores determinassem ofertas e demandas do mercado consumidor. O jornal atacava o problema que afetava o trabalhador assalariado. Também criticava a inoperância da administração municipal, envolvida em desmandos e apadrinhamento em órgãos públicos. Os temas urbanos tinham forte apelo ao eleitor da cidade de Fortaleza.

Janeiro de eleições e fevereiro de denúncias completam-se com a chegada do carnaval. O jornal incorpora a festa da cidade, mostrando Fortaleza dos tempos de concreto, na Rua Senador Pompeu. Na mesma rua onde ficava a sede do jornal *O Democrata*, desfilavam as escolas de samba, maracatús e os blocos dos sujeitos. Os moradores faziam das tensões motivo de manifestação, transformando o centro da cidade em palco de alegrias e tristezas. A concentração dos desfiles

²⁷¹ *O Democrata*, edição de 07/02/1947, p.1.

²⁷² *O Democrata*, edição de 14/02/1947, p.1.

começava na Avenida Aquidabã, hoje, Avenida historiador Raimundo Girão. Os brincantes se aglomeravam próximo ao prédio da Receita, perto do cabaré do *Tatá*. Nas calçadas, ricos e pobres circulavam:

“Foi o maior carnaval dos últimos anos em Fortaleza. O povo se divertiu desde o sábado gordo até a madrugada de hoje – Grandes batalhas carnavalescas tiveram lugar na Rua Senador Pompeu – Estava animadíssimo o carnaval de rua – A Escola de Samba Luiz Assunção constituiu-se a atração do concreto. Também se destacaram as baianas, o Maracatu As de Ouro, Os Alfiates Veteranos, Os Coca-Cola, o Prova de Fogo e a Turma Bamba”.

Passada a folia, o bloco da política formava os “cordões”. Acrísio Moreira da Rocha, do PR, que apoiou o candidato da UDN, era nomeado secretário da fazenda, no governo de Faustino de Albuquerque²⁷³. Nenhum comunista compunha o quadro de secretários do governo. Aos poucos, o governador vai se distanciando das páginas de *OD*. O impresso continua na posição firme de atacar os desmandos e denúncias que chegavam à redação – *“Reino brutal de exploração nas fabricas de Fortaleza – Patrões reacionários impõem um regime de fome e tirania contra os operários, desrespeitando a Constituição Federal. Crianças que trabalham 10 horas por dia, ganhando o salário mínimo do tempo dos ‘pais dos pobres’ - Aviso prévio para quem pretende defender os seus interesses*²⁷⁴”.

A escrita contundente marca a nova fase do jornal, com a passagem do jornalista Annibal Bonavides à função de diretor de *OD*²⁷⁵. Profissional experiente, Annibal traça um jornalismo conectado com as questões populares e, ao mesmo tempo, voltado à prestação de serviço. A mulher ganha mais espaço nas matérias, dando destaque às ações de entidades ligadas ao público feminino. Os assuntos domésticos, relativos ao orçamento familiar, ocupam as páginas. Existe clara

²⁷³ *O Democrata*, edição de 24/02/1947, p.1.

²⁷⁴ *O Democrata*, edição de 26/02/1947, p.4.

²⁷⁵ *O Democrata*, edição de 03/03/1947, p.1.

mobilização em torno de temas ligados à carestia na mesa do consumidor fortalezense. O vespertino amplia sua cobertura e aumenta o número de páginas, voltando a circular com seis folhas.

O jornalismo dinâmico fomentava a leitura de público diferenciado, visava o leitor mais seletivo dotado de conhecimento, talvez com o perfil de classe média. Isso não implicava o distanciamento dos temas relativos aos bairros mais carentes ou mesmo à pauta voltada para as questões sociais. Pelo contrário, o vespertino ampliava sua cobertura, buscando temas de economia popular que atingiam tanto o público de maior poder aquisitivo, como os trabalhadores de baixa renda. Isso pode ser entendido como forma de o impresso atuar em segmentos da notícia carentes de espaço, haja vista que setores da economia cearense especulavam diante da escassez de alimentos e outros produtos.

Essa vertente possibilitava o debate sobre a participação das mulheres nas lutas dos trabalhadores. Enquanto jornais, como *O Nordeste*²⁷⁶, estavam mais preocupados com a catequização das mulheres, *O Democrata* trabalhava na perspectiva de mostrar a mulher engajada nas questões sociais, um público feminino participante das questões relativas à política e à cultura. Como prova da postura diferenciada, o jornal denunciava os abusos cometidos no comércio da cidade e conclamava o público feminino a protestar contra a carestia e a especulação dos atravessadores de produtos industrializados. A preparação da passeata de protesto contra os preços exorbitantes marca a mobilização sob a liderança de mulheres.

*“União Feminina da Prainha / Formação de Comitês para a participação na luta contra a fome e a carestia”*²⁷⁷; *“Foram consideravelmente aumentadas as taxas e mensalidades nos colegios – Os estudantes de Fortaleza a braços contra a exploração do ensino – Luta contra os abusos”*²⁷⁸. A intenção das matérias indica que a folha comunista pretendia encampar a luta, em favor do consumidor cearense e se legitimar como porta-voz dos interesses econômicos dos setores

²⁷⁶ O jornal *O Nordeste* publicava semanalmente a página *“Juventude Feminina Católica”*. O conteúdo estava voltado à catequização do segmento feminino com artigos assinados, informações de retiros religiosos, além da divulgação de palestras, debates e seminários da Igreja.

²⁷⁷ *O Democrata*, edição de 14/03/1947, p.1.

²⁷⁸ *O Democrata*, edição de 18/03/1947, p.1.

médios, historicamente, penalizados em variadas conjunturas. Neste ponto, o jornal tem como estratégia a diferenciação em relação aos demais jornais da cidade, cumprindo o papel de (in)formar, mobilizar o público e veicular, em tom exacerbado, assuntos que são do interesse material e objetivo do leitor (carestia, alta de preços, etc).

Assim, os espaços de discussão de temas sociais e econômicos saem das páginas e ocupam o espaço físico do próprio jornal, quando o mesmo convoca as donas de casa para debater o assunto na sede do vespertino²⁷⁹, conforme matéria de *O Democrata*. O vespertino dirige o foco à leitora dona-de-casa, que é, em termos concretos, responsável pela “administração da economia familiar”. Tem-se aqui o jornal comunista cumprindo, de modo retórico e prático-político, o programa eleitoral. O impresso é uma espécie de “galvanizador” dos debates que mobilizam as “estruturas de sensibilidade” do leitor, assim como “paladino” de certas causas que mobilizam interesses coletivos e de massa.

Desta forma, o jornal agrega a qualidade intrínseca de “tribuna” e “arena”, além de cumprir a função organizativa, no momento em que o público é convidado ao jornal para combinar “o campo de debate e o campo de combate”, conforme apreciou os estudos sobre a imprensa dos trabalhadores. Vale ressaltar ainda que os estudantes também são importantes aliados nessa mobilização, pois o partido iniciava a preparação de nova entidade, a *União da Juventude Comunista*²⁸⁰. A penetração do segmento jovem pode ser entendida como futura base de apoio, cujo público se caracteriza pela formação acadêmica, dotado de conhecimentos, portanto, importante para qualificação dos quadros do partido, além de serem militantes designados para as tarefas de campo (venda de jornais, arrecadação de rifas, atividades de agitação, entre outras práticas da militância estudantil).

Mobilizações, arregimentações, encontros, debates e discussões, enfim, estes temas estavam na pauta do dia da folha comunista, entretanto, todos os esforços mudavam as atenções para o grande golpe que estava sendo preparado

²⁷⁹ *O Democrata*, edição de 31/03/1947, p.1.

²⁸⁰ Na edição do dia 29/03/1947, *O Democrata*, publica na página 3 os estatutos da União da Juventude Comunista – “Uma entidade que trabalha no sentido de organizar os jovens para uma vida digna e feliz”.

contra o partido. O ministro da Justiça, Benedito Costa Neto, mais uma vez, atacava a legitimidade das atividades políticas dos comunistas, em articulação direta com o presidente da República, Eurico Gaspar Dutra. Desta vez, a decisão chegava ao Tribunal Superior Eleitoral. A questão acabou sendo o principal ponto de discussão na conferência estadual do PCB. Em todo o país, a medida começava a ganhar corpo nos bastidores políticos. A reação dos opositores consegue interromper o curto ciclo da legalidade do PCB (1945-1947).

“Os mesmos golpistas de 37 tramam contra a democracia. Mas o povo e o proletariado estão confiantes na dignidade e no espírito democrático da Justiça Brasileira. O Partido de Prestes, garantia de ordem no país, recomenda calma e serenidade ao povo, seja qual for a decisão do Tribunal Superior Eleitoral”²⁸¹.

A manchete do vespertino, no início da tarde do dia 7 de maio de 1947, trazia certo tom de derrota mostrando qual devia ser a postura dos camaradas diante de tal decisão. O tribunal confirmou, nesse mesmo dia, por três votos a dois, o fim do partido, em decisão de caráter político que respaldava o conservadorismo no poder (Giovanetti Netto, 1986, p.191). O ministro da Justiça determinou o encerramento das atividades do PCB. Em 27 de outubro de 1947, o senado federal aprova o projeto de cassação dos mandatos parlamentares e, no ano seguinte, 10 de janeiro, estavam extintos os mandatos de deputados e suplentes do PCB:

“A própria mensagem anual de Eurico Gaspar Dutra, enviada ao Congresso em 1947, apontava a infiltração de ideologia alienígenas e enfatizava a defesa de ordem como a prioridade primeira na vida do Estado e elogiava a sabedoria dos legisladores que inscreveram na Constituição a proibição ao registro de funcionamento de qualquer partido político cujo

²⁸¹ *O Democrata*, edição de 07/05/1947, p.1.

*programa ou ação viessem contrariar o regime democrático, o pluralismo partidário e os direitos básicos por ela assegurados*²⁸².

O relator do processo do TSE, juiz F. Sá Filho, era contra o pedido de cassação do PCB, alegando que o caso não se enquadrava em nenhum dispositivo constitucional, conforme os quatro pontos que sustentavam a solicitação: 1) “*Recebimento de contribuição pecuniária ou qualquer auxílio do estrangeiro*”; 2) “*Recebimento de orientação político-partidária de procedência estrangeira*”; 3) “*Manifestação, por atos, inequívocos dos órgãos partidários autorizados e contra o seu programa, de objetivos colidentes com os princípios democráticos*”; 4) “*Atos inequívocos de órgãos autorizados do PCB, manifestando objetivos diversos de seu programa, colidentes com os direitos fundamentais do homem, definidos na Constituição*”:

*“O juiz relator observa que no primeiro caso não foi encontrada prova de origem estrangeira dos recursos do Partido; no segundo caso, a lei não veda, nem poderia fazê-lo a similitude entre idéias políticas entre homens e partidos; no terceiro caso, tratava-se de questão julgada quando da concessão do registro partidário e no quarto caso, conclui o juiz pela não-existência de acusação formalmente articulada*²⁸³.

A cassação provoca uma série de matérias publicadas no jornal *O Democrata*, mostrando o posicionamento de parlamentares cearense e entidades de classe. As medidas repressivas foram cumpridas: os sindicatos ligados ao Partido Comunista são invadidos pelos representantes da Delegacia Regional do Trabalho, que vão à busca de documentos e registros das entidades, decretando a intervenção nos órgãos. A sede do PCB, em Fortaleza, é tomada pela Polícia, os

²⁸² Giovanetti Netto, Evaristo. *O PCB na Constituinte de 1946*. São Paulo. Novos Rumos. 1986. p. 191.

²⁸³ Giovanetti Netto, Evaristo. *O PCB na Constituinte de 1946*. São Paulo. Novos Rumos. 1986. p. 188.

bens são confiscados por ordem judicial. Os comunistas assistiam a tudo de forma atônita, sem acreditar que seria a retomada da repressão:

- *“Veemente protesto dos trabalhadores cearenses contra a invasão dos sindicatos”*²⁸⁴
- *“Fechadas pela Polícia a sede do P.C.B em Fortaleza – Arrolados todos os bens”*²⁸⁵
- *“A imprensa carioca contra o fechamento do PCB”*²⁸⁶
- *“A Constituição Federal vem sendo rasgada á vista de todos os brasileiros”*²⁸⁷
- *“Por um governo de confiança nacional”*²⁸⁸

Nas matérias que denunciavam a repressão contra o partido e as entidades sob sua orientação, as lideranças comunistas condenavam as intervenções de representantes da Delegacia Regional do Trabalho, no Ceará. Os líderes sindicais Isaac Maciel, João Luiz de Deus, José Miranda, José Hugo Nunes, Rosendo Ancelmo, Joaquim Alexandre e Luiz de Oliveira eram vozes que criticavam o cerceamento das instituições sindicais. Desta maneira, o partido apresentava no jornal os principais nomes da linha de frente para combater a repressão, podendo se constituir em forma de convocar os demais militantes e simpatizantes para fazer frente aos ataques dos inimigos.

Pela dimensão da conjuntura do país, os pecebistas estavam sob linha de fogo do governo. *O Democrata* procurava informar os leitores sobre as questões relativas à repressão nos demais estados e, ao mesmo tempo, buscava repercutir em primeiro momento, as medidas do governo Dutra. Como os adversários detinham a lei para contrapor a doutrina no Congresso e na Justiça, o partido se apegava à Constituição na defesa das liberdades democráticas e mostrava que os poderes Executivo e Judiciário tramavam contra a nação (*“Por um governo de*

²⁸⁴ *O Democrata*, edição de 09/05/1947, p.4.

²⁸⁵ *O Democrata*, edição de 13/05/1947, p.1.

²⁸⁶ *O Democrata*, edição de 13/05/1947, p.3.

²⁸⁷ *O Democrata*, edição de 14/05/1947, p.1.

²⁸⁸ *O Democrata*, edição de 14/05/1947, p.1.

confiança nacional”). O jornal informava e convocava para o enfrentamento, destacando sua participação efetiva na mobilização.

As manchetes buscavam o apoio da população contra a medida do TSE, mas a decisão da Justiça parecia fazer parte de um plano mais amplo de desarticulação dos comunistas do Brasil. O governo do presidente Dutra desencadeava grande reação no campo político-social contra os comunistas e mantinha a política externa alinhada aos Estados Unidos, de acordo com a análise de Gerson Moura²⁸⁹. Em matéria reveladora, o impresso procurou mostrar a articulação do governo brasileiro com o governo norte-americano, como prova de que as manobras, no âmbito jurídico, extrapolavam as decisões em nível nacional. *O Democrata* apresentou documento assinado por oficial do Exército dos Estados Unidos, endereçado ao representante militar do Brasil na Flórida (EUA), dando pistas do comprometimento daquela nação estrangeira. O documento datado de 7 de maio de 1947, data da cassação do registro do PCB, alertava ao governo brasileiro para possíveis reações nas ruas:

Seção do Exército dos Estados Unidos

Comissão Militar Conjunta Brasileira-Americana (Miami, Flórida)

1º.) *Espera-se que uma importante decisão política seja tomada pelo Governo Brasileiro, amanhã, 8 de maio. É possível que, durante os próximos dias, haja demonstrações públicas.*

2º.) *Em vista disso, todo o pessoal fica avisado para estar especialmente alerta (...).*

Por ordem do Brigadeiro – General Saville

às) Masen H. Grower Jr. Tenente Coronel.

A.C. Oficial executivo

7 de maio de 1947²⁹⁰

²⁸⁹ Moura, Gerson. *Sucesso e ilusões: relações internacionais do Brasil durante e após a Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro. FGV. 1991, p. 59 - 77.

²⁹⁰ *O Democrata*, edição de 16/05/1947, p.1.

O documento fac-símile publicado na íntegra, na primeira página de *OD*, foi manchete do jornal naquele dia – “*Quem mandou Dutra fechar o P.C.B. FOI TRUMAN*”. A matéria não revelava a origem do documento e nem a forma como o jornal teve acesso ao comunicado do Exército norte-americano – “*Antes do julgamento pelo T.S.E os imperialistas já sabiam do seu resultado. Um documento irresponsável da intervenção do governo americano em nossos negócios internos. Não podemos permanecer na situação de ‘quintal’ do imperialismo*”. A prova dos comunistas referendava os ataques que o impresso fazia, em edições sucessivas, contra o governo norte-americano.

Apesar da medida arbitrária endossada pela justiça eleitoral, o partido procurava resistir frente ao ataque que havia abalado os comunistas. Em 22 de maio de 1947, a direção estadual do PCB entra com mandado de segurança tentando assegurar o direito de registro do partido resguardado pela Constituição Federal²⁹¹. Buscar solução pela legalidade, mostra que o partido refugiava-se no marco institucional burguês, recorrendo à justiça. Além de procurar o canal de solução legal, o PCB fez a opção por via pacífica, ao contrário de anos anteriores quando militantes partiram para o confronto direto. Talvez fosse a estratégia de evitar o acirramento ou mesmo apelar para sensibilizar a nação:

*Fecharam o meu partido (Hugo Madureira)*²⁹²

*“E o homem que viera da pequena burguesia,
com a cabeça repleta de teorias
e o espírito cheio de ilusões,
sentiu abrir-se um vácuo em sua vida.
Tinha no cérebro uma densa nebulosa
Em cujo bojo os pensamentos mais confusos
Dispersavam (...) Fecharam o meu partido!*

²⁹¹ *O Democrata*, edição de 22/05/1947, p.1.

²⁹² Trecho de poema publicado em *O Democrata*, edição de 11/08/1947, p.2.

Os versos falam da desilusão pela impossibilidade de utopia da nova sociedade representada pelo partido do proletariado. O vácuo parecia apresentar caminhos nebulosos e difíceis para os camaradas. O PCB não teria como reverter a medida, no âmbito da justiça, até porque a decisão vinha de instância superior. Com a ilegalidade, os meses seguintes seriam dos mais complicados do ponto de vista da organização partidária, tendo em vista que, a cada dia, a repressão fechava o cerco às atividades políticas. Isolados e perseguidos, os comunistas buscavam formas de sobreviver e enfrentar os próximos desafios da vida na clandestinidade.

3.3 O abandono dos aliados

A ilegalidade traz à tona os velhos problemas tão vividos em toda a história dos comunistas do Brasil: perseguição, violência, prisões, clandestinidade... Mas, talvez, algumas destas questões não sejam tão intrigantes quanto à traição enfrentada pelos camaradas. Aqueles que compartilhavam dos momentos de vitória passaram a se esconder nos bastidores do poder, negando as relações políticas, passando a trafegar pelo outro lado, evitando o contato com os subversivos. O quadro se configurava da maneira mais crítica. Os comunistas exauriam os recursos, o jornal *O Democrata* sentia nas páginas a redução de tamanho, os anunciantes desapareciam. Estava começando a dura jornada da sobrevivência, resistir seria a solução encontrada:

Envie sua contribuição para O DEMOCRATA

O Democrata mais do que nunca precisa de ajuda do povo e do proletariado de nossa terra, para continua sua luta em defesa intransigente dos interesses coletivos (...). Hoje mesmo, mande a sua ajuda para O Democrata. Envie qualquer ajuda, organize uma lista de contribuição,

*promova uma festa, um pique-nique, uma rifa, fazendo qualquer coisa de construtivo para manter vivo o jornal do proletariado e do povo.*²⁹³

O apelo estava feito. O recado mostrava a situação difícil. Sendo assim, os comunistas desencadeiam campanha de arrecadação de recursos. Nos bairros, as células do partido procuravam fazer festas, rifas e outras atividades de lazer. Mais uma vez a mobilização dos militantes e simpatizantes encetava a luta pela sobrevivência do jornal, mostrando que a manutenção da atividade jornalística era importante para permanecer viva a chama da resistência. O jornal fazia a convocação, tentando sensibilizar a população – *“Festa nos bairros para ajudar O Democrata – Organize uma comissão e promova qualquer iniciativa em prol do jornal do povo e do proletariado (...). Contra os restos fascistas e para barrar a mancha sinistra da ditadura, fortaleçamos o nosso vespertino”*²⁹⁴.

Isso mostra também que uma das características mais singulares dessa imprensa, é a tentativa de responsabilizar os leitores pela própria existência do jornal. Dito de outro modo, o jornal não tem um ou vários proprietários no sentido do jornalismo empresa, mas ele tem adeptos, apoiadores, simpatizantes e se articula na esfera pública como auto-requerido pelas demandas do tempo e dos sujeitos, cuja história estampa e ajuda a construir. Para fazer esse jornalismo, *O Democrata* entendia que os colaboradores eram co-participantes da notícia, desta maneira, assumindo as diretrizes da escrita contundente e crítica.

Em trabalho publicado sobre a história e a memória do PCB, Dulce Pandolfi acredita que a campanha de finanças realizada pelos comunistas no período da ilegalidade (1947), foi de fundamental importância até mesmo para estrutura partidária – *“Com a clandestinidade, inúmeros dirigentes e militantes de base tornaram-se funcionários do partido. Para atender as exigências da máquina partidária, a comissão de finanças, sob a direção de Agildo Barata, transformou-se em um dos organismos mais importantes da estrutura partidária”*²⁹⁵. Isso

²⁹³ *O Democrata*, edição de 24/05/1947, p.8.

²⁹⁴ *O Democrata*, edição de 02/06/1947, p.4.

²⁹⁵ Pandolfi, Dulce. *Camaradas e companheiros: história e memória do PCB*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995, p. 172.

demonstra o poder de força que o jornalismo tinha para alavancar a sobrevivência do partido, podendo ainda ser considerado aparelho partidário relevante no que diz respeito às ações da militância subversiva.

A campanha de arrecadação, no Ceará, parecia sensibilizar os leitores. As contribuições começavam a chegar – “*Um burguês progressista libera seis mil cruzeiros – Uma contribuição espetacular determina um salto formidável de ajuda ao O Democrata*”²⁹⁶. Não importava a origem social do doador, mais relevante seria a destinação em favor do *jornal do proletariado*. Pela contribuição e destinatário, é possível perceber, mais uma vez, as relações que o partido e o jornal mantinham com as classes sociais abastadas, demonstrando certa penetração ou simpatia dos leitores, nos mais variados redutos. Os colaboradores contumazes do meio artístico também davam a sua parcela de ajuda.

Algumas das fontes de recursos vinham das atividades culturais realizadas na cidade. Artistas do teatro cearense ajudaram a campanha com a realização de espetáculos, no Teatro José de Alencar, cuja arrecadação era destinada ao jornal: “*Teatro José de Alencar - Renato Viana e seu teatro Anchieta, na grande peça - A COMÉDIA SEXUAL - Sabado, 12, ÀS 20HS - Ingressos á venda no Café Globo, com o sr. Eliezer, na Livraria Alaor, no Laboratório Gaspar Viana e na gerencia de O Democrata*”. Em agosto, a campanha em prol do vespertino comunista alcançava a cifra de Cr\$ 41.542,00, segundo balanço divulgado no jornal²⁹⁷. Mesmo assim, no dia seguinte à publicação da arrecadação, o impresso era obrigado a reduzir de tamanho, passando de *standard* para *tablóide*²⁹⁸.

A ilegalidade do partido leva a uma das piores crises desde a fundação do jornal. Na política, o quadro também era grave, os aliados de ontem agora estavam lado a lado com os inimigos. O ex-Interventor do Ceará, Menezes Pimentel, um dos principais adversários dos comunistas, era eleito na Assembléia Legislativa como vice-governador de Faustino de Albuquerque. No campo político,

²⁹⁶ *O Democrata*, edição de 05/07/1947, p.4.

²⁹⁷ *O Democrata*, edição de 19/08/1947, p.4.

²⁹⁸ O jornal reduziu o tamanho da publicação na edição do dia 20/08/1947, somente retornando ao tamanho normal (*standard*) no dia 04/10/1947. Essa redução pode ter ocorrido em função da falta de papel ou mesmo como forma de economizar o papel, devido às dificuldades financeiras enfrentadas pelo jornal.

isso significava a união do PSD e UDN, ou seja, uma aliança que reunia o conservadorismo e o poder de volta aos velhos tempos de perseguição aos camaradas. Embora o PCB tivesse apoiado Faustino de Albuquerque, chega o momento do rompimento, é declarado o fim da “boa convivência”:

O sr. Faustino cede á Ditadura

“S. Excia não tomou nenhum providencia agora, no Ceará, contra os desmandos dos remanescentes fascistas. Escolas foram fechadas e as sedes do P.C.B foram ilegalmente ocupadas, seus acervos arrebatados pela policia. O governador cearense ainda terá, entretanto, o apoio do povo e do proletariado, desde que se decida a assegurar, em nossa terra, o respeito á Constituição”²⁹⁹.

A relação entre Faustino Albuquerque e Menezes Pimentel revela os laços com o poder conservador, além da ligação com a Capital Federal, o que não era de se estranhar, tendo em vista que as medidas repressivas tomadas pelo governador eram alinhadas ao pensamento do presidente Dutra. Conta o jornalista Alberto Galeno que, certa feita, Eurico Gaspar Dutra fez visita de cortesia ao Ceará, para atribuir o apoio do governador cearense. A recepção festiva reuniu batalhões de soldados e estudantes nas ruas. Mas o detalhe da viagem de Dutra a Fortaleza ficou por conta de caloroso almoço servido no Palácio da Luz, cuja narrativa Galeno faz com maestria em livro de sua autoria:

O cú do peixe

“(...) Do cardápio constava um ensopado de pirarucu no leite de côco, quitute muito do gosto do governador. Dutra comeu do pirarucu, gostou, logo perguntando: - ‘Mas, que peixe gostoso é este? – Pirarucu! – respondeu Faustino com a boca cheia. E Dutra sem compreender: - Como

²⁹⁹ *O Democrata*, edição de 04/06/1947, p.1.

*é, tiraram o cú do peixe? – Tiraram! retornou Faustino. E continuaram os dois a comer pirarucu até cair de costas*³⁰⁰.

Enquanto Faustino gozava das regalias do poder, os comunistas estavam sob o crivo da ditadura. Nesse contexto, *OD* era canal de interlocução do partido, procurando abrir o diálogo com o antigo aliado (Faustino), conduzindo as discussões junto ao público, sobre as diretrizes da política estadual. A sinalização do partido, pelas páginas do jornal, buscava barganhar junto ao poder repressivo. Mesmo assim, a resposta de Faustino vinha com o fechamento de sindicatos e outras instituições ligadas ao PCB. No plenário da Assembléia Legislativa do Ceará, o deputado Pontes Neto questionava os encaminhamentos do governo, a exemplo das eleições indiretas para vice-governador:

*“Foi a bancada do Partido Comunista que primeiro levantou a sua voz contra o voto indireto, fomos nós que votamos para que não existisse Vice-Governador do Estado porque o Presidente da Assembléia deveria substituir o Governador nas suas faltas e impedimentos. Mas, na Comissão Constitucional fomos votos vencidos, tanto pela UDN como pelo PSD*³⁰¹.

A reação dos comunistas procurava levar o debate para o parlamento nacional, como fazia o deputado João Amazonas, na Câmara Federal – *“O povo brasileiro saberá transformar a tentativa de cassação dos mandatos em campanha, mais enérgica ainda, pela renúncia do ditador Dutra e o conseqüente afastamento dos postos-chefes do governo dos Costa Neto, Alcio Souto, Corambert e demais parceiros*³⁰². No legislativo, as medidas contra os comunistas acabavam respaldadas pelos parlamentares aliados ao presidente Eurico Gaspar

³⁰⁰ Galeno. Alberto S. *Padres e Soldados no folclore cearense*. Fortaleza. Multigraf Editora. 1992. p. 47.

³⁰¹ Trecho do discurso do deputado estadual, Pontes Neto (PCB/Ce), na ocasião da votação para a escolha do vice-governador do Estado, no plenário da Assembléia Legislativa, dia 26 de junho de 1947. In Mota, Aroldo. *História Política do Ceará (1947-1966)*. Fortaleza. Editora ABC. 2005. p. 42.

³⁰² *O Democrata*, edição de 16/08/1947, p.1.

Dutra. O cerco começa a fechar em todo o país. As decisões partiam da esfera federal e alcançavam os estados.

Do parlamento às ruas da cidade, a estratégia de discussão parecia ocupar os mais variados espaços públicos. Em *OD*, percebe-se a intenção de sensibilizar a população, quanto às medidas repressivas do governo. Desta forma, o jornal começa a publicar uma série de matérias, entrevistas com moradores da cidade, tentando sensibilizar o leitor para a questão. As pessoas escolhidas pela reportagem eram conhecidas em Fortaleza, a exemplo do sr. Sebastião Cordeiro, proprietário do *Atlântico Bar* – “*Depois do fechamento do P.C.B., como partido político convenci-me de que tudo agora é possível acontecer*”; Edgar Oliveira Lima, gerente do *Bar Oliveira*, tradicional reduto da boemia – “*Somente o povo que elegeu seus legítimos mandatários é quem deve opinar sobre a cassação pretendida pelos inimigos do povo brasileiro*”³⁰³.

Nas declarações de personagens conhecidos da cidade, é importante analisar a ação do jornal enquanto veículo indutor de política editorial voltada ao engajamento de moradores aos problemas do partido. O jornal buscava conectivos junto às pessoas e ambientes de sociabilidade, uma espécie de “paisagem social” que repercute as ações arbitrárias para além do escopo propriamente político-partidário. Essa conexão do impresso com pessoas de reconhecido destaque no meio social, possibilitava adesões ao discurso contra o fechamento do partido, bem como novas adesões à luta em prol da instituição partidária.

A situação delicada do partido levava o jornal a expor, em variadas formas, o problema para os leitores. Em raras vezes de publicação, *O Democrata* mostra no editorial de primeira página, a opinião da direção sobre o difícil momento político que o partido enfrentava no país. Foi assim que, em 28 de junho de 1947, o diretor de *OD*, Annibal Bonavides, assina editorial intitulado “*As ambições de grupos conduzem á internação no Ceará*”, demonstrando o rompimento com tradicionais partidos do Estado:

³⁰³ *O Democrata*, edição de 18/06/1947, p.1.

“Ambições e interesses de grupos criaram a presente situação política estadual. Divorciado do povo e por cima do povo, os líderes do PSD, do PSP e da UDN esqueceram os compromissos que assumiram antes das eleições, e hoje se entregaram, de corpo e alma, á disputa dos postos de mando, como se esta correria louca e desabalada fosse a prática da democracia.”³⁰⁴

O editorial traça a conjuntura política do Estado, mostrando que as tradicionais forças políticas se agrupavam naquele momento de perseguição ao PCB. O PSP fundado por Olavo Oliveira, antigo integrante do PSD, estava se definindo pela via da legalidade constitucional. O PSD trazia em seus quadros o Ex-Interventor do Ceará, Menezes Pimentel, que mais tempo permaneceu no cargo (11 anos), cuja relação era das mais privilegiadas junto ao governador Faustino de Albuquerque (UDN). As disputas políticas antes existentes entre partidos (PSD e UDN), agora pareciam contornadas em nome das boas relações clientelistas. A conjuntura parecia acomodar de um lado UDN, PSP e PSD e, do outro, sobravam os comunistas isolados.

De acordo com as críticas elaboradas por Annibal Bonavides, o quadro político começava a definir de que lado estavam os antigos aliados. Desta vez, nem mesmo o PSP de Olavo Oliveira ficou de fora da intriga. O senador, que foi dono do jornal *O Democrata*, apoiado pelos comunistas, nas eleições de 1945, também deixava as boas relações de convivências juntando-se aos demais partidos contra os camaradas. A primeira reação tinha vindo do governador Faustino Albuquerque, que sinalizava favorável à orientação do presidente Dutra. Depois veio o abandono de Olavo Oliveira:

A traição de Olavo

O Senador Olavo Oliveira deu mais uma demonstração de seu desprezo pela democracia, cometeu mais uma traição contra o povo que o

³⁰⁴ *O Democrata*, edição de 28/06/1947, p.1.

*elegeu para Câmara Alta. Na Comissão de Constituição e Justiça do Senado, o Senador de Granja votou, antecipadamente, em favor do projeto elaborado pela fina flôr da reação e do fascismo indígenas*³⁰⁵.

Isolados, traídos pelos aliados de anos anteriores, os camaradas amargam a repressão nas ruas. A partir de julho de 1947, a ação policial contra as instituições ligadas aos comunistas age de forma deliberada, sob a orientação do Estado e dos órgãos de repressão. *OD* mostra a ação dos órgãos repressores, que fecham sindicatos, células e sedes do PCB:

Violência contra os trabalhadores

*A intervenção ministerialista nos Sindicatos dos Gráficos e dos Metalúrgicos de Fortaleza prova que estamos em plena ditadura. Os líderes sindicais fazem declarações ao O Democrata sobre o inominável atentado de agentes da ditadura Dutra – Mais uma vez rasgada a Constituição – Integralistas transformados em ‘interventores’*³⁰⁶.

Os alvos da repressão acertavam em cheio os principais redutos dos comunistas. O jornal procurava denunciar práticas do governo estadual contra a liberdade de funcionamento das instituições, importantes lugares da militância comunista. O trabalho de base estava esfacelado pela intervenção nos sindicatos. O cerco minava os passos dos camaradas. Mas, apesar das articulações para reprimir o avanço dos camaradas, o vespertino era a voz que parecia atuar de forma incisiva, carregando bandeiras de luta junto à sociedade. O trabalho do jornal foi de fundamental importância no momento em que os setores de base popular do partido eram reprimidos e acuados.

O impresso formava uma trincheira frente à reação conservadora. As estratégias de resistência, diante do novo contexto de perseguição, faziam das

³⁰⁵ *O Democrata*, edição de 08/09/1947, p.2.

³⁰⁶ *O Democrata*, edição de 01/07/1947, p.1.

palavras do vespertino uma das mais representativas ações contra a repressão. Pela maneira de inserção do jornal, voltado aos temas populares, ligados às reivindicações dos trabalhadores, ajudava a manter os focos de resistência no âmbito da militância comunista. No momento em que a ditadura procurava anular a participação das instituições democráticas, o jornal abria um canal de comunicação entre os comunistas e a população. Sendo assim, o impresso cumpria o papel de elemento indutor da palavra subversiva, permanecendo viva a resistência dos comunistas.

3.4 “*Jornal amaldiçoado*”

*“Sou semi-analfabeto. Escrevo mal e leio mal. Porém, tive a felicidade de receber uns números deste jornal, vindos de um amigo que ainda se lembra do matuto sem ser para caçar votos. Com o pouco que sei comecei a ler os jornais. Alguém me disse depois que o jornal era amaldiçoado, por ser dos comunistas. Mas, quando disseram eu já tinha lido três números e achei bom porque dizia muita coisa, defendendo os agricultores (...)”*³⁰⁷.

A carta do sr. Alfredo de Souza Lobo, endereçada ao OD, é o ponto de partida para a análise da relação conflituosa entre o jornal e a Igreja Católica. O registro pode representar uma leitura favorável à folha comunista, mas, ao mesmo tempo, o discurso encontrava a rejeição nas palavras do anônimo. A aceitação (“... *achei bom porque dizia muita coisa, defendendo os agricultores*”) e a negação vinda do desconhecido (“*Alguém me disse depois que o jornal era amaldiçoado*”) demonstravam os conflitos que permeavam a cabeça do homem semi-analfabeto. O embate transpunha meras palavras, ganhava as ruas e identificava a publicação comunista como *amaldiçoada*. A luta entre o sagrado direito da leitura e as

³⁰⁷ Trecho de carta do leitor Alfredo de Souza Lobo, de Mombaça-Ce, enviada para a redação do jornal *O Democrata*, edição de 21/02/1947, p. 3.

palavras profanas tinha por trás uma relação construída pela Igreja, de negação aos escritos comunistas.

Na perspectiva do pensamento católico, os comunistas deviam ser combatidos em todos os níveis, por representar ameaça à moral e aos bons costumes, além de negar a própria religião. Por isso, os religiosos procuravam condenar as palavras do que era entendido como profano. O jornal dos comunistas era alvo constante dos ataques da Igreja. Na boca dos leigos e pregadores da palavra de Cristo, *O Democrata* poderia ser entendido como o “*Jornal amaldiçoado*”, “*Jornal dos vermelhos*”, “*Jornal de Moscou*”, “*Jornal comunista*”, “*Jornal do satanás*”. Quanto mais pejorativas fossem as denominações, mais caíam ao gosto do conservadorismo católico.

Mas o conflito entre comunistas e católicos antecede ao período dos anos de 1940, quando os adversários trocavam farpas nas ruas. A questão era mais complexa do que as intrigas locais. Para que se tenha dimensão mais ampla da discussão no campo religioso, é importante ressaltar que a postura mais agressiva contra os comunistas se dá a partir da necessidade que a Igreja tem de repelir o crescimento da doutrina no mundo. A Encíclica *Divinis Redemptoris*, do papa Pio XI (1937), refletia sobre a ameaça, fazia a conclamação dos católicos para atuação no campo social, visando anular a ação dos comunistas (Motta, 2002). A Carta trazia, em linhas objetivas, a condenação do inimigo, que devia ser combatido sob o pretexto de “*salvar a civilização cristã*”.

*“Velai, Venerais Irmãos, para que não se deixem iludir os fieis. Intrinsecamente o mau é o comunismo e não se póde admitir, em campo algum, a colaboração recíproca, por parte de quem quer que pretenda salvar a civilização cristã. E si alguém, induzido em erro, cooperasse para a vitória do comunismo em seu país, seria o primeiro a cair como vítima do proprio erro”*³⁰⁸.

³⁰⁸ Pio XI. “*Carta Encíclica Divinis Redemptoris*”, *Cartas Encíclicas*. Rio de Janeiro. ABC. 1938. p. 45-46.

A Encíclica defendia os princípios cristãos de justiça social, criticava os dogmas da “economia liberal” e alimentava as esperanças de que o sistema corporativo resultaria na colaboração entre as classes e a paz social. Os temas em discussão não eram novidades, tendo em vista que o Pontífice teria tratado das questões, no final do Século XIX. Os católicos demonstraram preocupação com as questões sociais em face da Encíclica *Rerum Novarum* (Papa Leão XIII, 1891). Entretanto, a Encíclica *Divinis Redemptoris* era bem mais incisiva, pois apontava o inimigo e conclamava os católicos de todo o mundo para combater o “*máu*”.

A figura do mal identificada como o comunismo levou a Igreja a atuar em todas as frentes, a fim de combater o perigo vermelho. A imagem mítica do diabo, personificada em forma de gente, era creditada aos que compartilhavam das idéias marxistas, não importando as matizes de origem social. Quanto mais aguerrida fosse a atuação, mais atendia as normas de combate ao regime da doutrina comunista, liderada pela Rússia – “*Em que pesem as singularidades notadas nas diferentes conjunturas, os comunistas foram representados por seus inimigos sempre na qualidade de personagens nefastos: violentos, ateus, imorais (ou amorais), estrangeiros, traidores, tiranos etc. Nas versões mais extremadas, eles foram apresentados como parceiros do próprio diabo*”³⁰⁹.

No Brasil, a difusão da imagem do mal, na forma do comunismo, era feita pela Igreja em sermões religiosos, publicações católicas e demais formas de atuação dos padres e bispos, nos espaços de lazer, cultura e política (Motta, 2002; Ferreira, 2002; Noca, 1996; Rodeguero, 1998; Moreira, 1983). O destaque do PCB nos pleitos, após a queda da Ditadura Vargas, acirrou ainda mais a disputa entre católicos e comunistas. Conforme análise de Rodrigo Patto Sá Motta, o desempenho do PCB, nas eleições de 1945, “*causou grande ansiedade nas lideranças católicas, temerosas de que o apoio ao partido crescesse entre os seus fiéis*”³¹⁰.

³⁰⁹ Motta, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o “Perigo Vermelho”: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. São Paulo. Perspectiva, FAPESP. 2002. p. 280.

³¹⁰ Motta, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o “Perigo Vermelho”: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. São Paulo. Perspectiva, FAPESP. 2002. p. 23.

Desta maneira, a Igreja Católica procurava disseminar a imagem do “*diabo vermelho*”³¹¹ (Rodeguero, 1998), como forma de “amedrontar” e impedir o avanço do comunismo. A construção do imaginário de profanação se concebe nas figuras criadas pela Igreja, simbolizadas pelo demônio, o capeta, a maldição. Ao mesmo tempo em que a Igreja atacava os seguidores de Stalin, Lenin, Marx e Engels, os subversivos buscavam estratégias de se juntar aos próprios católicos, para anular essa rejeição. Por isso, os comunistas encontravam formas de aceitar a participação dos católicos nos movimentos populares, visando à arregimentação para as ações políticas³¹².

O partido tentava desvencilhar-se do ateísmo procurando conquistar o eleitorado católico, como pregava o comandante Luiz Carlos Prestes durante as campanhas políticas³¹³. Identifica-se esse posicionamento dos comunistas cearenses após as eleições de 1946, quando o PC cearense tenta arregimentar os católicos. A conduta é percebida a partir da leitura das resoluções do *Encontro Estadual do Ceará do P.C.B.*, publicadas em *O Democrata*, onde encontramos a mesma estratégia do “*Cavaleiro da Esperança*”, traçada sob a perspectiva de formar as bases político-partidárias junto aos movimentos populares:

“Aproveitar e desenvolver condições junto às massas para criação de Sindicatos ou Associações Profissionais, Cooperativas Mixtas, Comitês Populares Democráticos, Ligas Camponesas, Sociedades Benéficas, Clubes Recreativos e Esportivos, Centros Culturais e levantar as organizações de massas existentes, as inativas, **inclusive as religiosas**”³¹⁴. (Grifo meu)

A estratégia de aproximação dos comunistas era vista como ameaça, pois o inimigo tentava se juntar ao próprio rebanho para anular a pregação religiosa

³¹¹ Rodeguero, Carla Simone. *O diabo é vermelho: imaginário anti-comunista e igreja católica no Rio Grande do Sul (1945-1964)*. Dissertação de Mestrado. Passo Fundo: UPF, 1998.

³¹² Motta, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o “Perigo Vermelho”: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. São Paulo. Perspectiva, FAPESP. 2002. p. 23.

³¹³ Fairbanks. João Carlos. *Refutação Científica ao Comunismo*. São Paulo. Companhia Editora Panorama. Sem data. Pág. 43.

³¹⁴ *O Democrata*, edição de 01/03/1946, p. 2.

anticomunista (*Divinis Redemptoris*). Mas o perigo *vermelho* não vinha somente da ameaça de adesão dos católicos à doutrina subversiva, além do desempenho dos comunistas nas eleições. Essa temeridade tinha atuação mais ampla, penetrava em segmentos específicos, dotados de conhecimentos e leituras. As publicações eram campos férteis para disseminar a ira dos padres e religiosos. Contra os comunistas, o espaço da escrita perpetuava nas publicações da Igreja a figura do capeta, símbolo do imaginário católico.

O meio impresso era uma das formas buscadas para levar esse discurso em favor da Igreja Católica. Em todo o percurso do jornal *O Democrata*, permanentemente, o jornal *O Nordeste* ajudava a construir a fala da negação contra os comunistas. Nas eleições (1945 e 1947), a batalha era travada de maneira acirrada, procurando demarcar os espaços da política. Rejeitado pela cúpula da Igreja, o comunismo era considerado inimigo, “*um desafio à sobrevivência da igreja ao qual só poderiam responder com luta*”, como afirma Rodrigo Patto Sá Motta³¹⁵. As leituras subversivas, por sua vez, representavam ameaça ao pensamento católico, pois insuflavam as massas contra a ordem estabelecida pelas instituições constituídas, contrariando a lógica da obediência e a servidão do catolicismo.

Desta maneira, *OD* representava perigo iminente à conduta cristã. O surgimento do vespertino comunista, em terra cearense, provocou a reação imediata do jornal dos católicos, que procurou responder com a publicação do “*Suplemento Anti-Comunista*”. O encarte de quatro páginas circulava todos os sábados em *O Nordeste*, trazia textos bem elaborados, sempre focando a temática de combate aos ensinamentos marxistas. A escrita dos católicos tinha, nos baluartes da *Revolução Russa*, a preferência no ataque, através de artigos assinados. Os textos enviados por agências de notícias internacionais tentavam desconstruir a imagem do país do proletariado. Era a maneira de negar o discurso dos comunistas e evitar a “propagação do mal”:

³¹⁵ Motta, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o “Perigo Vermelho”: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. São Paulo. Perspectiva, FAPESP. 2002. p. 18.

TRAIDOR!

As palavras que o líder vermelho no Brasil estampou no órgão do Partido Comunista do Rio fizeram tremer os espíritos mais tolerantes para com a ideologia russa, importada para o Brasil. Falando à Tribuna Popular, Luiz Carlos Prestes, numa demonstração de revoltante de estar inteiramente vendido a Moscou, disse que se houvesse uma guerra entre o Brasil e a Rússia, os comunistas brasileiros sabotariam todo o nosso esforço afim de sermos derrotados³¹⁶.

A publicação do suplemento era uma das formas encontradas pelos católicos cearenses de combater o periódico comunista, atacando com a mesma linguagem escrita as palavras da subversão. O jornal *O Nordeste* tentava desacreditar a figura de Luis Carlos Prestes, principal dirigente do PCB, buscando, nas palavras do líder, a imagem de homem traidor. Os ataques eram constantes ao símbolo da liderança. Às vezes, usavam a figura do homem simples, tentando sensibilizar o leitor para as “artimanhas” do comunismo. Desta feita, o ataque estava voltado à liderança local, fazendo elo com as palavras do dirigente maior:

“Eu, sr. Redator, homem de poucas luzes, operário honesto, fiquei atordoado com fogosidade do dr. Américo Barreira, que ensaiou uma defesa às declarações do sr. Luiz Carlos Prestes, acabando porém em afirmar que recebia ordens de Moscou.(...) Fique certo, sr. Redator, que os maus companheiros são brasileiros acima de tudo e que o operariado cearense já não se deixa ludibriar, como dantes pela sereia moscovita.”³¹⁷.

A reclamação do leitor anônimo de *O Nordeste* leva a atentar para as declarações publicadas em *O Democrata* (ver no início deste tópico carta do sr. Alfredo de Souza Lobo, leitor de Mombaça-Ce). No primeiro caso, o leitor se dizia *homem de poucas luzes*, alertava para o perigo moscovita, enquanto que, na carta

³¹⁶ *O Nordeste*, edição de 02/03/1946, *Suplemento anti-Comunista*, p. 1.

³¹⁷ *O Nordeste*, edição de 26/03/1946, p.4.

do segundo jornal, o leitor que se identificava como *semi-analfabeto*, esboçava a satisfação na leitura do *jornal amaldiçoado*. As abordagens distintas entre as duas publicações ajudam a compreender o universo de disputa entre católicos e comunistas. Se por um lado a publicação católica condenava o regime comunista, por outro, o impresso comunista procurava desmistificar a leitura pretensamente condenável.

Entretanto, os dois periódicos usavam de método semelhante na escrita para descrever o que consideravam o bem e o mal. Como se percebe, os dois jornais evidenciavam a figura do homem simples (*homem de poucas luzes e o semi-analfabeto*), para depois lançar a reflexão sobre o que o catolicismo condenava (comunismo) e o que o comunismo tentava combater (preconceito). As duas vertentes se diferenciavam na essência, mas combatiam em campos semelhantes da palavra, pois entendiam que o meio impresso seria importante para a afirmação das ideologias comunista e católica. Para os católicos, a ameaça comunista se esboçava também a partir da inexperiência da gente comum:

“O maior perigo dos escritos comunistas seria a sua influência sobre aquelas pessoas consideradas ‘inexperientes’ e sem cultura suficiente para julgá-los e deles se proteger. Certamente, sua influência intelectual e a interpretação que esses escritos faziam da realidade levariam muitos fiéis a perderem a fé, a deixarem de freqüentar a Igreja e a descumprirem suas obrigações religiosas”³¹⁸.

O confronto das palavras, porém, não se apresentava apenas nas páginas de jornais e outras publicações. O temor ao comunismo e a adesão à doutrina eram motivos de discussões nas ruas, dividindo opiniões. No período eleitoral (1945 e 1947), o acirramento da campanha levava católicos e comunistas ao confronto físico, deixando de lado a razão para fazer valer a emoção. Os sermões, nas missas, serviam de palco da política (Noca, 1992). Fiéis e religiosos se

³¹⁸ Rodeghero. Carla Simone. *O diabo é vermelho: imaginário anti-comunista e Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1945-1964)*. Passo Fundo-RS. Ediupf. 1998. p. 119.

juntavam em defesa da moral e os bons costumes para combater os comunistas. Desta maneira, a Igreja assumia a postura de indutor da política, procurando interferir no processo eleitoral. Em vários momentos da pesquisa, é possível encontrar essa participação mais efetiva dos católicos nas páginas dos jornais.

No Interior e na Capital, a catequização política era conduzida pelo próprio Arcebispo de Fortaleza, dom Antônio de Almeida Lustosa, através dos Círculos Operários, Centro Social Arquidiocesano, União de Moços Católicos do Ceará e a Ação Católica (Moreira, 1983, p. 86). Comprovação da destacada atuação, é a publicação da Circular No. 64, da Igreja Católica no Ceará, em que o religioso alerta para a escolha dos candidatos no sufrágio de 1947:

“Nestes tempos tão conturbados, quando o anticatolicismo está mobilizado e em plena atividade, há necessidade inadiável dos dirigentes da Igreja imortal de Cristo tomarem suas naturais precauções. A luta está travada em todos os recantos da terra. (...) Nos partidos políticos de orientação democrática do Ceará, há muitos candidatos de bons princípios. (...) Como irrevogável imposição de consciência, o católico deverá escolher um homem merecedor da confiança da Igreja”³¹⁹.

O recado da Igreja recomenda aos católicos a reflexão na hora do voto e ainda impõe “os candidatos de bons princípios”. A cúpula da Igreja conduz as orientações políticas, demonstrando certa influência sobre o processo sucessório. Por outro lado, a Igreja procurava criar mecanismos de atuação junto ao público carente, como forma de impedir a ação dos comunistas nas comunidades. Assim, é criada ampla rede assistencialista amparada nas ações católicas espalhadas em todo o Ceará, distribuídas por meio de doações de alimentos, melhorias da habitação, distribuição de remédios e outras práticas. Essas ações possibilitavam que a Igreja se tornasse a instituição religiosa atuante e influente no processo eleitoral:

³¹⁹ Jornal “A Ação”, Crato-Ce, edição de 12/01/1947, p.1. In Noca. Francisco Wilson. *Sermões, matracas e alcatrão: religiosos e comunistas na luta pelo poder (1946-1950)*. Fortaleza-Ce. Expressão Gráfica e Editora. 1996. p. 127.

“A intensificação das obras assistencialistas no Ceará, neste período, faz parte de um projeto mais amplo da Comissão Especial de Ação Católica, que cria o Departamento de Ação Social, aconselhando sua ramificação por todo o país”³²⁰.

A importância da participação da Igreja no processo eleitoral, pode ser compreendida em momentos das eleições de 1947, quando os comunistas apóiam Faustino de Albuquerque, mas o candidato da UDN recusa a aproximação. O candidato trata de esclarecer a adesão do PCB à sua candidatura ao governo do Estado, negando qualquer ligação com os comunistas, embora tenha recebido apoio declarado dos camaradas, em 13 de janeiro de 1947. Em nota publicada em jornal da cidade, Faustino explica o apoio: “- (...) *não aceito a colaboração do Partido Comunista no meu governo, porque sou católico e pretendo governar dentro da doutrina da Igreja, em harmonia com os programas fundamentais dos partidos políticos que levantaram e sustentaram a minha candidatura*”³²¹.

Os comunistas pareciam entender a estratégia de Faustino, que não queria se incompatibilizar com a Igreja, muito menos, perder os votos dos seguidores. Apesar da recusa declarada, o comício final da campanha dos comunistas reuniu uma multidão de 40 mil pessoas³²², terminando em passeata, na porta da casa de Faustino de Albuquerque. A direção do partido entendia que Faustino representava “*sem a menor sombra de dúvidas, (...) um candidato de tendências democráticas, sem embargo da influência que sobre ele exerceu até há pouco o grupelho mais reacionário e impopular da UDN*” (Noca, 1996. *In O Democrata*, 20/01/1947, p. 1).

Desconfiados da aproximação com os comunistas, as entidades conservadoras ligadas à Igreja haviam cobrado, do outro candidato ao governo,

³²⁰ Souza, Simone. *A Redemocratização e a Prática Político-Social da Igreja Católica no Ceará*. In D.O. Letras. Publicação Cultural do Diário Oficial do Ceará. Abril/Maio, de 1988. Ano III, No. 11, p. 4.

³²¹ Trecho de nota intitulada “*Faustino, apoiado pela consciência católica da Terra da Luz, não tem qualquer ligação com o Partido Comunista*”, publicada na edição de *O Povo*, dia 14/01/1946, p.1.

³²² *O Democrata*, edição de 14/01/1947, p.1.

general Onofre Muniz (PSD), o compromisso de respeito às orientações do catolicismo. Um questionário de oito perguntas, formulado pela Ação Católica, cobrava de Onofre o posicionamento por escrito, a fim de documentar as declarações e torná-las públicas. Entre algumas questões abordadas, constavam no questionário, perguntas assim: 1º.) *Como encara V.Excia. o papel da igreja católica na formação da mentalidade do povo cearense?* Resposta – *Como essencial por ser um dos fortes laços de coesão nacional;* 8º.) *E no seu governo dará apoio ao Partido Comunista?* Resposta – *Não. Cumprirei, entretanto, as disposições legais referentes ao assunto* (Moreira, 1983. *In O Estado*, 27/12/1947, p. 1).

As respostas do general Onofre credenciavam-no junto ao clero como candidato que gozava da confiança da alta cúpula, como afirma Francisco Moreira Ribeiro – *“Com o beneplácito da igreja a seu candidato ao governo do Estado o PSD encetaria a campanha pelo interior cearense recebendo o apoio inflamado dos religiosos municipais que o denominaram de ‘Defensor de nossa religião’ ”*. Com o apoio da Igreja, no interior, o conflito entre comunistas e religiosos se deu de forma mais acentuada, através da troca de insultos e agressões físicas. Nos municípios onde os camaradas pareciam ter representatividade significativa (Sobral, Crateús, Itapajé, Juazeiro do Norte, e Crato), o embate era constante nos comícios políticos e locais públicos.

“O Padre Sabino Loiola, vigário da cidade de Sobral, havia incitado a população quando da realização de um comício anti-comunista, a apedrejar a casa de um comunista, saindo ferido sua mulher e filha” (O Democrata, 19/11/1947, p.1).

“Clero desta cidade chefiado Padre Sabino Loiola vem há vários dias promovendo comícios anti comunistas. (...) Aconteceu que na ocasião, falava o padre à multidão, quando Marinete saiu à porta depois de dar viva

*ao comunismo, dirigiu insultos a pessoa do padre, no que foi repelida pelo mesmo*³²³.

A trajetória de confrontos no período eleitoral já vinha desde as eleições de 1945, quando católicos e comunistas trocavam insultos por ocasião da campanha para presidente da República e representantes das Constituintes Federal e Estadual. Alguns exemplos dessa disputa chegam a ser marcantes pela reação à presença dos comunistas nas cidades do interior. Em Juazeiro do Norte, as filhas de Maria, padres, mendigos e romeiros fizeram protesto, na Praça Almirante Alexandrino, para impedir que os comunistas levassem os ossos de Padre Cícero para Moscou³²⁴. Integrantes da comitiva que iriam participar de comício do PCB, nessa cidade, foram afugentados pelos romeiros do *Padim Ciço*:

“Em pouco tempo, a cidade inteira já sabia da presença dos comunistas e do comício programado. Dois estudantes da caravana procuravam um restaurante, onde pediram café, sendo cercados, de repente, por dezenas de romeiros. Um deles cravou um punhal na mesa do restaurante, dizendo: - Se for homem diga que é comunista! Para evitar um linchamento coletivo, o grupo se refugiou na casa do juiz da comarca (...)

*”*³²⁵.

Histórias como estas faziam parte das disputas eleitorais no interior do Ceará, evidenciando assim, os níveis de acirramento e confronto. As perseguições deixavam as discussões no campo ideológico e partiam para o confronto físico, não importando a maneira de agir contra o inimigo. Os conflitos ganhavam as páginas dos jornais nas mais variadas versões: o relato do delegado culpava a comunista pelo conflito na cidade, procurando mostrar o preconceito dos religiosos

³²³ Trecho de telegrama do Delegado Regional de Sobral, J.B.Gondim, publicado no jornal *O Estado*, 26/11/1947.

³²⁴ Noca. Francisco Wilson. *Sermões, matracas e alcatrão: religiosos e comunistas na luta pelo poder (1946-1950)*. Fortaleza-Ce. Expressão Gráfica e Editora. 1996. p. 121.

³²⁵ Noca. Francisco Wilson. *Sermões, matracas e alcatrão: religiosos e comunistas na luta pelo poder (1946-1950)*. Fortaleza-Ce. Expressão Gráfica e Editora. 1996. p. 125.

em relação aos comunistas. As questões levam a refletir sobre tais embates. Tudo indica que os camaradas pareciam ser ameaça ao projeto político-teológico da Igreja no Ceará, tendo em vista a reação das lideranças religiosas.

As diferenças ajudam a entender o processo e o contexto em que se deram o período de legalidade do partido. A repressão significava exclusão, representava a negação do que se chamava de “liberdades democráticas”. Para serem aceitos no meio social excludente, os comunistas traçavam estratégias para romper as barreiras das diferenças, buscando o apoio dos próprios católicos e a elite burguesa. Contraditoriamente, os camaradas negavam a doutrina comunista, que entende a religião como mecanismo de alienação da classe trabalhadora. Os objetivos político-eleitorais levam a crer que os fins justificavam os meios de arregimentação do voto. Embora fosse contraditório apoiar as forças políticas conservadoras do Estado, o partido visava à quantificação, não importando a qualificação da massa votante.

O PCB crescia nos grandes centros urbanos, conquistava novos adeptos, formava o aparato doutrinário visando à preparação das bases políticas junto à classe trabalhadora. Os comunistas entendiam que a nova etapa de mudanças na conjuntura seria atuar no processo eleitoral. A política era uma forma de atuação nas decisões do poder, portanto, a “*União Nacional*” conclamada pelo líder Luís Carlos Prestes, em 1945, era uma forma de participar e ser aceito diante das mudanças políticas. Mas o contexto em que se dava essa relação na política não permitia uma relação harmoniosa: o embate político se dava de forma conflituosa e contraditória.

3.5 A vingança dos comunistas

O partido permanecia na ilegalidade enquanto as eleições municipais de 1947 se aproximavam. As alianças começam a definir os possíveis apoios aos adversários que disputariam o pleito em Fortaleza. Os comunistas estavam isolados, a intervenção do governo nas entidades de classe restringia a atuação das bases. O fechamento das sedes do partido reduzia o aparato que dava

suporte às atividades de campanhas político-eleitorais. Mesmo assim, a repressão não conseguia impedir a resistência dos camaradas no embate nas urnas. Eles preparam estratégia de campanha que indicaria reduzido número de candidatos participantes nas eleições. Entretanto, de que forma o partido poderia lançar candidatos, se estava na ilegalidade?

O campo político era cuidadosamente analisado, para que fossem traçadas as estratégias de campanha. Sem partido, mas com nomes capazes de disputar os votos, os pecebistas ensaiam os primeiros conchavos, não dispensando, nem mesmo, os políticos das agremiações contrárias. Somente a partir de setembro de 1947, faltando três meses para as eleições, o PCB começa a revelar apoio e as formas de atuação da campanha política. As pistas quanto aos procedimentos são apresentadas no comício da “*União Estadual*”, realizado, na Praça José de Alencar. Comunistas e filiados a UDN e PPP (Partido Popular Progressista) estavam lado a lado:

Num grande comício de união estadual discursaram líderes da UDN, PPP e PCB

Alcançou retumbante sucesso a festa democrática de instalação pública do Partido Popular Progressista. Os deputados Eretides Martins e Torres de Melo, da UDN, e Pontes Neto, do PCB, representaram a Assembléia Legislativa Estadual no comício e falaram ao povo. Discursaram ainda o deputado federal Agostinho de Oliveira e os dirigentes do PPP no Ceará, Teófilo Cordeiro, Moacir Diógenes, Júlio César Gurgel, Maria de Paula Leite e Carlosnaik de Alencar. Elogios ao Democrata³²⁶.

Os camaradas, mais uma vez, procuravam refúgio nos partidos conservadores, para resistir ao processo de exclusão da política imposto pelo poder vigente. Os dois candidatos da UDN estavam insatisfeitos com o partido de origem, a aproximação com os comunistas representava o protesto. O pequeno

³²⁶ *O Democrata*, edição de 09/09/1947, p. 1.

partido que se formava (PPP) abrigava os excluídos da política cearense, alguns deles ligados à UDN e PSD. Este parecia ser o refúgio dos nomes aliçados e os partidos preteridos pela política, entretanto, as disputas nos bastidores estavam apenas começando. O jornal era o porta-voz dessa disputa, pois evidenciava os nomes recusados pelo sistema dominante da política. A chancela do jornal vinha ao final do texto: “*Elogios ao Democrata*”.

Ao mesmo tempo em que sinalizavam negociações junto aos partidos políticos, os comunistas organizavam uma ofensiva, no sentido de desmistificar o partido como de orientação estrangeira, ligado à União Soviética. Um dos motivos alegados pela Justiça Eleitoral, ao arbitrar em favor da cassação do registro do PCB, teria sido a relação que a organização mantinha com a Rússia. Deste modo, o PCB enaltece as campanhas de cunho nacionalista, buscando quebrar os paradigmas de exclusão da agremiação, na perspectiva estratégica de atuação.

A campanha “O Petróleo é nosso” inicia os primeiros encontros e discussões no Ceará, com a participação dos mais variados segmentos da sociedade, reunindo entidades de classe, partidos políticos, estudantes, militares e outros setores. O Theatro José de Alencar era o palco do encontro pioneiro, na Capital cearense, promovido pela classe estudantil – “*Foi empolgante a reunião de abertura da Campanha do Petroleo, promovida ontem á noite, no Theatro José de Alencar, pela União Estadual dos Estudantes. Colossal massa humana aplaudiu, delirantemente, o conferencista deputado Pontes Neto. Foi lida uma mensagem de Monteiro Lobato á mocidade brasileira. Estiveram presentes á reunião os secretários de Educação, Fazenda, Interior e Justiça e representantes do QG da 10ª. RM*”³²⁷.

Mesmo diante das dificuldades do contexto político, o jornal abraçava a campanha em prol das riquezas minerais do país, demonstrando a defesa intransigente das questões relativas à soberania nacional. Isso ajudava a demarcar o campo de interesses econômicos, tendo em vista que o vespertino havia defendido a nacionalização de empresas de concessão pública, lutando pela revisão do contrato da Light, no Ceará. A estatização da Light constava do

³²⁷ O Democrata, edição de 11/10/1947, p. 1.

programa mínimo do PCB, em janeiro de 1947. Embora a campanha “O Petróleo é nosso” estivesse nos primórdios, o registro demonstra a vanguarda do jornalismo nas discussões sobre questões de interesse nacional.

Como analisa o ex-dirigente comunista e integrante da direção do jornal, José Ferreira de Alencar, ao contrário de outros jornais, *O Democrata* fazia a defesa intransigente das questões de interesse da nação:

“Era justamente isso, esse toque de defesa intransigente dos problemas da população e dos trabalhadores. Não tinha um problema da população e dos trabalhadores que não tivesse a defesa do jornal O Democrata, diferente dos demais que noticiavam mas não defendiam. O jornal era a defesa. A Campanha do Petróleo é Nosso, rapaz, que foi feita por aqueles comunistas, Campanha da Paz Mundial, onde nós fizemos aqui uma cota brasileira”³²⁸.

A defesa intransigente da soberania nacional não era apenas bandeira de luta do PCB. Os estudantes também se mostravam conectados com as questões polêmicas e de repercussão nacional. Aliás, a relação entre os comunistas e a juventude estudantil vinha se construindo ao longo dos anos, mesmo antes da legalidade do PCB. A categoria parecia atuar de maneira significativa nas escolas, colégios e grêmios estudantis da Capital. Essa participação é percebida em algumas atividades de campanha do PCB, como a arrecadação de fundos (Campanha em Defesa da Imprensa Popular), manifestações de protestos (Passeata contra a carestia), comícios de campanhas políticas (1947), entre outras atividades.

O núcleo estudantil crescia ao ponto de surgir, em março de 1947, a União da Juventude Comunista, o que demonstra a participação efetiva do segmento nas bases partidárias. Podemos ressaltar ainda que o meio estudantil exercia papel relevante na articulação do jornal e o partido, tanto assim que, em alguns momentos, os jovens atuavam como “olheiros” na comunidade, denunciando os

³²⁸ Trecho de entrevista com José Ferreira de Alencar, o Zezé, realizada em agosto de 2004. Arquivo do autor.

problemas da carestia, a exemplo da especulação de preços de produtos alimentícios, praticados nos anos de 1946 e 1947. A circularidade desse público, além da atuação aguerrida, contribuía para a penetração do PCB no meio social.

Segundo informação do ex-tesoureiro de OD, José Ferreira de Alencar, os comunistas chegavam a contar com as “*Brigadas do Partido*”, que vem a ser o grupo de jovens militantes, encarregados da arrecadação de finanças para a agremiação. O mês de outubro, em alusão ao mês da Revolução Russa (1917), eram dias de buscar recursos junto aos colaboradores, principalmente no período de eleição. Sendo assim, integrantes da classe estudantil ajudaram a fazer o caixa de campanhas eleitorais para os candidatos comunistas em Fortaleza. É importante lembrar que, apesar de não disporem do apoio das tradicionais forças políticas do Estado, os estudantes foram importante suporte político dos comunistas.

Mesmo na ilegalidade, os comunistas dispunham de forte aparato político-eleitoral, a exemplo do trabalho desenvolvido pelos estudantes. Em diversos segmentos junto aos estratos médios e setores populares, representados por estudantes, profissionais liberais, gráficos, têxteis, comerciários, metalúrgicos e outras categorias, o partido formava a teia de militantes e ativistas partidários. A capilaridade permitia ao PCB vislumbrar estratégias de participação no pleito municipal de 1947. Para isso, faltava apenas a sigla partidária para garantir presença nas urnas. Os comunistas pareciam dispor de saída política para encaminhar a questão, rejeitando a composição com outros tradicionais partidos.

A possibilidade de participação no pleito se configurava com a aproximação dos comunistas ao candidato à Prefeitura de Fortaleza, Acrísio Moreira da Rocha, político rompido com o PSD, fundador do inexpressivo Partido Republicano (PR), no Ceará. Acrísio deixou o partido de origem, em virtude de ter sido exonerado da função de Interventor do Estado, em 1946. Mesmo tendo apoiado o candidato Faustino de Albuquerque ao governo do Estado e participado da sua administração como secretário da Fazenda, Acrísio Moreira da Rocha tinha ambições políticas e queria autonomia para participar do pleito municipal.

As primeiras impressões do acordo entre o PCB e o PR surgem nas páginas de *OD*, quando o candidato Acrísio diz, em manchete do jornal comunista, que irá apresentar as diretrizes de campanha política – “*Apresentarei 4ª. feira próxima a minha plataforma eleitoral. O sr. Acrísio Moreira da Rocha faz importantes declarações a “O Democrata”*: - ‘Só tenho compromisso com o povo e , se for eleito, farei um governo municipal e democrático’ ”³²⁹. No início de novembro, estava sacrementada a aliança entre os comunistas e o candidato Acrísio: “*Candidatos do proletário e do povo – Os comunistas apóiam a candidatura de Acrísio Moreira da Rocha*”³³⁰.

Faltando apenas um mês para o pleito, os comunistas definem apoiar o PR, embora tenham sido procurados por integrantes da UDN e PSD, segundo revelou o deputado Pontes Neto, em entrevista publicada (*OD*): “*Fomos procurados, em Fortaleza, para acordos tanto pela U.D.N. como pelo P.S.D. Encaramos as eleições municipais como um meio de consolidar a democracia do país e isolar o grupo ditatorial e fascista que manobra com o general Dutra*”³³¹, afirmou o parlamentar comunista. A disputa pelo apoio dos pecebistas demonstra a representatividade do partido na Capital cearense. Mesmo reprimidos pelos próprios partidos que buscavam fazer alianças, os adversários não ignoravam o provável desempenho dos comunistas nas eleições de dezembro de 1947. Portanto, procuravam composição, como fizeram em pleitos anteriores (1945/ dezembro e 1947/ janeiro).

Entretanto, as experiências na política ensinavam que os aliados de ontem eram os repressores de hoje. Desta forma, a campanha eleitoral de Fortaleza se configurava de um lado os comunistas junto com o PR, de Acrísio Moreira da Rocha, e o PTB. Do outro, estavam divididas as duas maiores forças políticas do Estado: a UDN lançava o industrial Diogo Vital de Siqueira, e o PSD e PSP, o deputado Stênio Gomes da Silva. O Partido Republicano tinha 21 candidatos concorrentes à Câmara Municipal, sete deles integrantes do PCB: Alísio Mamede (médico), Lauro Brígido Garcia (ferroviário), Teófilo Cordeiro (*chauffer*), Américo

³²⁹ *O Democrata*, edição de 24/10/1947, p.1.

³³⁰ *O Democrata*, edição de 08/11/1947, p.1.

³³¹ *O Democrata*, edição de 11/11/1947, p.1.

Barreira (advogado e professor), Isaac Maciel (construção civil), Manuel Feitosa (motorista) e Joaquim Alexandre Valentim (padeiro).

A Câmara dispunha de 21 vagas para os vereadores eleitos. O PCB optou pelo número de candidatos que daria exatamente um terço das vagas. O partido centrava os trabalhos de divulgação em nomes conhecidos nos segmentos sociais da cidade, ao contrário das eleições de janeiro de 1947, em que os comunistas tiveram 23 candidatos à Assembléia Legislativa. Os sete comunistas que disputavam vagas na Câmara Municipal eram chamados pelo *O Democrata* de “*Candidatos de Prestes*”. Nas matérias ou em qualquer referência ao pleito, figurava a chancela das lideranças do PCB. Em 14 de novembro de 1947 foram registrados no TRE/CE³³² os sete candidatos.

Na medida em que as eleições se aproximavam, *OD* vai se transformando no próprio panfleto de campanha, estampando nas páginas a propaganda em forma de matérias. O jornal usava o espaço editorial para divulgar as ações de campanha dos “*Candidatos de Prestes*” e ainda contribuía com a candidatura de Acrísio à Prefeitura. Os comícios e os discursos do candidato majoritário eram manchetes, dando visibilidade às questões voltadas aos bairros carentes e às comunidades mais necessitadas da Capital. Na proporção em que os candidatos do PR faziam seu proselitismo de campanha, o projeto parecia seguir o mesmo discurso do vespertino comunista.

A partir desse perfil de campanha política, é possível entender o jornal como importante suporte dos comunistas nas eleições municipais de 1947. O impresso referendava os nomes e abria o debate para o eleitor refletir sobre a escolha dos vereadores. Enquanto os demais partidos apresentavam tradicionais políticos e empresários, os candidatos do PR tinham forte apelo popular com nomes identificados com as reivindicações dos trabalhadores e as problemáticas sociais da cidade. *O Democrata* procurava demonstrar que os “*Candidatos de Prestes*” tinham referências com a Fortaleza dos subúrbios. Os candidatos comunistas tinham ligações afetivas e pessoais com a gente comum que tráfegava nas ruas esburacadas da cidade carente das ações governamentais.

³³² *O Democrata*, edição de 13/11/1947, p.4.

O médico, o padeiro, o trabalhador da construção civil, o *chauffeur*, o metalúrgico... Eram pessoas simples que se apresentavam como candidatos na primeira eleição municipal. O impresso reforçava a imagem do político ligado aos trabalhadores, portanto, mostrava um diferencial dos demais concorrentes do pleito, caracterizado pela divisão dos partidos políticos. Ou seja, cada agremiação apresentava nomes para concorrer às eleições e, diante do quadro político, ao que tudo indica, os comunistas pareciam apresentar algo de novo para a massa votante. Os nomes não vinham de tradicional elite política, mas de base representativa de trabalhadores.

Além de contribuir na divulgação dos candidatos comunistas e procurar diferenciá-los dos concorrentes, seja por meio da designação (*Candidatos de Prestes*) ou mesmo pela maneira de atuação na comunidade, o jornal contribuía com o público leitor para o esclarecimento dos locais de votação. *OD* divulgava os locais das seções eleitorais com os seus respectivos endereços em destaque na página – “*Já sabe onde votar?*”³³³. O anúncio teria como objetivo informar o eleitor menos esclarecido, possivelmente aquelas pessoas moradoras da periferia e trabalhadores semi-analfabetos sem acesso aos meios de comunicação.

Nessa perspectiva de campanha eleitoral, o partido buscava o voto nas áreas periféricas da cidade, com a realização de comícios em bairros como o Pirambu, Porangabuçu, Otávio Bonfim e outros, conforme matéria publicada em *OD*³³⁴ – “*Comício Central de Porangabuçu. Domingo, a partir das 16,30 hs. Na praça do futuro mercado. Oradores: dr. Aldy Mentor, operário Manuel Feitosa (candidato de Prestes), José Júlio Cavalcante, dr. Renato Castro e dr. Marcelo Pinto (do PR) e Acrísio Moreira da Rocha*”. Embora estivessem juntos no mesmo partido (PR), os *Candidatos de Prestes* são destacados no contexto da chapa. Os comunistas demarcavam o espaço do PCB, embora estivessem na clandestinidade.

Com a aproximação das eleições, os candidatos do PR procuravam o voto na periferia. Pelo *O Democrata*, observa-se a estratégia de campanha focada nos bairros mais pobres da cidade. A propaganda da folha comunista demonstra o

³³³ *O Democrata*, edição de 21/11/1947, p.3.

³³⁴ *O Democrata*, edição de 22/11/1947, p.4.

direcionamento dos esforços, algumas vezes, fazendo verdadeira conclamação ao eleitor – *“Dos bairros e subúrbios virá uma gigantesca massa humana. A população de Fortaleza ficará de boca aberta com o comício de amanhã. Porangabuçu, Vila Monteiro, Mucuripe, Otávio Bonfim, Monte Castelo, Porangaba, Campo de Aviação, preparam-se ativamente para o grande comício de 5ª. feira”*³³⁵. Eram os preparativos para o último comício da campanha.

Na reta final das eleições, os comunistas começam a apresentar os primeiros sinais de dificuldades. O jornal reduz de tamanho sem qualquer esclarecimento para o leitor, a partir de cinco de novembro de 1947, voltando à normalidade, uma semana depois. Coincidentemente, o problema se apresenta no momento em que o partido inicia a divulgação dos seus candidatos nas ruas de Fortaleza, o que poderia levantar a hipótese de que o papel do jornal era utilizado para a confecção do material de divulgação dos *“Candidatos de Prestes”*. O jornal sacrificaria a matéria-prima em função da confecção dos cartazes e panfletos da campanha dos comunistas.

Além dos problemas de recursos, os comunistas continuavam sob ataque ferrenho do arcebispo de Fortaleza, dom Antônio de Almeida Lustosa. Desta vez, os religiosos não livraram nem mesmo os liberais integrantes da chapa do PR. Liberais e comunistas eram repudiados pela Igreja de forma contundente, em campanha nas paróquias da Capital, como informa José Cláudio de Oliveira³³⁶ – *“Os padres liam em todas as missas, recomendações do Arcebispo Dom Antônio de Almeida Lustosa, condenando os candidatos do PR, ‘por serem comunistas maçons’ ”*. A declaração de José Cláudio de Oliveira consta em livro sobre os políticos do Ceará. Ele disputou o pleito de 1947, concorrendo a Câmara Municipal pelo Partido Republicano (PR), eleito o vereador mais jovem do Brasil com 21 anos de idade.

Enquanto eram execrados nos salões das Igrejas, na boca dos conservadores e nas ruas, a popularidade dos candidatos do PR ganhava simpatias dos eleitores. A criatividade da campanha procurava sensibilizar o

³³⁵ *O Democrata*, edição de 03/12/1947, p. 1 e 3.

³³⁶ Oliveira. José Cláudio de. *“Estórias dos que fizeram a História – Reportagens publicadas no jornal Tribuna do Ceará”*. Gráfica O Povo. Fortaleza-Ce. 1986. p.388.

eleitor nos comícios-relâmpago e passeatas na cidade. Enquanto os candidatos da elite circulava em carros importados, os comunistas e Acrísio faziam protestos que marcaram o calendário político-eleitoral. A passeata das carroças foi um dos protestos mais significativos da campanha do PR. Dezenas de carroças movidas por animais desfilaram pelas ruas, em protesto contra a carestia e os desmandos do governo:

“(...) houve pela primeira vez a passeata das carroças. Foi tanta carroça nessa Fortaleza... E os carroceiros faziam a maior parte do transporte de mudança de residência. Carroceiro era uma espécie de taxista da época pra mudança de gente da classe média. No caminhão era muito caro, ia de carroça, né? Não tinha esse negócio de ar-condicionado, ia de carroça mesmo”³³⁷.

A característica de campanha popular tinha a marca do político e de um dos principais articuladores da chapa do PR. Concorrendo à Prefeitura de Fortaleza, despontava um nome popular da cidade: Acrísio Moreira da Rocha, dentista que gostava de caminhar no meio do povo, dispensava paletó e vestia camisa listrada. Interventor do Estado durante 26 dias (1946), Acrísio abriu as portas do Palácio da Luz, sede do governo, e doou o salário para a Santa Casa de Misericórdia. Ex-jogador do Fortaleza Esporte Clube, era conhecido nos meios esportivos. O homem público vinha de tradicional família do Interior.

Ele era irmão de “*Pekim*”, Péricles Moreira da Rocha, deputado federal, homem bem relacionado na sociedade cearense e carioca. Pekim administrou o cassino da Urca, no Rio de Janeiro, nos anos de 1940, também assumiu a função de Delegado Regional do Serviço de Alimentação da Previdência Social (SAPS). Na administração de “*Pekim*”, o SAPS abriu o primeiro restaurante popular em Fortaleza (1946), responsável pela distribuição de refeições aos operários, comerciários, bancários e autônomos. A trinca dos irmãos Moreira da Rocha era

³³⁷ Trecho de entrevista com José Ferreira de Alencar, ex-integrante do PCB. Arquivo do autor.

completada por Crisanto Moreira da Rocha, médico-oftalmologista, outro político de reputação popular, que havia migrado para o pequeno partido (PR).

Acrísio, Péricles e Crisanto eram filhos do deputado federal Manuel Moreira da Rocha, conhecido como “*Mané Onça*”, por ser considerado homem destemido. Enfrentou uma das mais tradicionais oligarquias do Ceará (Aciolly) e fundou o Partido Democrata. De certa forma, os irmãos haviam herdado do pai a altivez e a independência de assumir posições polêmicas na política, como o rompimento deles com o PSD, em 1946, após a exoneração de Acrísio da Interventoria do Ceará. A fundação do Partido Republicano (PR) era fruto de desavença entre os irmãos Moreira da Rocha e as demais lideranças do PSD, no Ceará.

Políticos liberais uniam-se aos comunistas e formavam nova força na política cearense. A aliança do PR, PCB e PTB juntava a capacidade de mobilização, trabalho de base junto às entidades de classe, representatividade dos comunistas no meio social e a popularidade dos seus candidatos. A modesta campanha, feita no corpo a corpo ou através de comícios e passeatas, conquistava os eleitores pela relação mantida com a gente simples, sem distinções. Da periferia ao Centro da cidade, os candidatos do PR percorriam as ruas de Fortaleza, procurando levar a mensagem dos “políticos rejeitados”, já que os comunistas estavam na clandestinidade e o grupo de Acrísio era dissidente do PSD.

Desta maneira, caminhavam juntos para enfrentar os tradicionais partidos (UDN, PSP e PSD) e a Igreja Católica, no Ceará. O último comício de campanha do PR, marcado para o dia 04/12/1947, às 19h30 min, trazia à Praça José de Alencar, o deputado Gregório Bezerra, importante liderança do PCB. No palanque, os oradores foram escolhidos criteriosamente: Alísio Mamede (candidato de Prestes), professor José Cláudio de Oliveira (PR), jornalista Caio Cid (PTB), Gregório Bezerra (PCB) e Acrísio Moreira da Rocha. No dia seguinte, o jornal *O Democrata* prometia edição especial de 12 páginas³³⁸.

À véspera das eleições, *OD* transformou a capa em cartaz de campanha: “*Para Prefeito de Fortaleza, ACRÍSIO MOREIRA DA ROCHA. Prestes recomenda*

³³⁸ A edição do dia 05/12/1947 não se encontra arquivada na Biblioteca Menezes Pimentel, em Fortaleza-Ce. A direção do órgão não soube explicar o motivo da ausência daquela publicação.

para vereadores da Câmara Municipal os 7 nomes: Alísio Mamede, Lauro Brígido Garcia, Teófilo Cordeiro, Américo Barreira, Isaac Maciel, Manuel Feitosa e Joaquim Alexandre Valentim”³³⁹. Entretanto, as expectativas para o dia das eleições eram de preocupações para os comunistas: no Congresso Nacional, a Comissão de Constituição e Justiça cerceava o direito de voz do deputado José Maria Crispim, no Rio de Janeiro, a Polícia fechava a sede do *Tribuna Popular*, um dos mais importantes jornais do PCB.

Mas a resposta dos comunistas parecia vir nas urnas, em 7 de dezembro de 1947. A repressão não conseguiu impedir o direito de escolha. Com a abertura das urnas, os votos para os *Candidatos de Prestes* disparavam à frente dos outros. Foi um dos resultados mais surpreendentes das eleições na Capital cearense. A cada urna contada pela Justiça Eleitoral, os comunistas conseguiam a maior parte dos votos para os seus representantes. Os três candidatos mais votados para a Câmara Municipal de Fortaleza pertenciam ao extinto PCB: em primeiro lugar disparava o médico Alísio Mamede; em segundo, o advogado e professor Américo Barreira e, em terceira posição, o motorista Manuel Feitosa.

Os sete candidatos comunistas ficaram entre os nove vereadores mais votados da Capital, com destaque para as três primeiras posições. O resultado final do pleito foi divulgado na edição de *OD*, de 12/12/1947, com os seguintes números e classificação: 1) Alísio Mamede (2.255 votos); 2) Américo Barreira (1074 votos); 3) Manuel Feitosa (1022 votos); 4) José Júlio Cavalcante (938 votos); 5) Isaac Maciel (806 votos); 6) Lauro Brígido Garcia (757 votos); 7) Joaquim Valentim (624 votos); 8) Leôncio Botelho (493 votos); 9) Teófilo Cordeiro (466 votos); 10) José Cláudio de Oliveira (453 votos); 11) José Cícero (379 votos); 12) José Batista (370 votos); 13) Luiz Pinheiro (357 votos); 14) José Airtton (173 votos); 15) Benjamin Estevam (129 votos); 16) Teofilo Romcy (123 votos); 17) José Marcelo Pinto (102 votos); 18) Constancio Ataíde (97 votos); 19) Ferdinando Tamburim (79 votos); 20) Maria de Paula Leite (68 votos) e 21) Matos Pereira (61 votos).

³³⁹ *O Democrata*, edição de 06/12/1947, p.1.

O povo de Fortaleza elegeu os 7 candidatos de Prestes

“Esmagadora vitória das forças populares e democráticas de nossa terra. Fracassou todos os planos dos reacionários e fascistas. Derrotados nas urnas de Fortaleza, Távora e Olavo, Stênio Gomes e Pimentel. Também receberam uma tremenda resposta do povo, os falsos democratas Torres de Melo, Amadeu Furtado e seus amigos de campanha de estilo nazista do Dioguinho. A espetacular vitória de Acrísio representa uma grave advertência aos mercadores dos templos, o sr. Arcebispo dom Lustosa, que pretende abandonar o sacerdócio pela militância política nos partidos da reação”³⁴⁰.

A votação expressiva dos comunistas nas urnas de Fortaleza pode ser analisada como uma convergência de fatores que contribuíram para a vitória do pleito. Embora desprezados e perseguidos, eles tinham uma base forte junto aos setores médio e popular da cidade. A representatividade social dos candidatos, bem como as relações que mantinham com a sociedade, contribuíam na aceitação dos nomes nas urnas. Votar nos comunistas era uma escolha diferente dos demais candidatos apresentados. Assim como os pecebistas, o candidato majoritário do PR traçava um caminho independente na política, alijando as tradicionais forças conservadoras.

Em campanha marcada pelo conservadorismo da Igreja e políticos tradicionais, os candidatos do PR faziam diferença no universo de escolha. Os comunistas haviam construído uma plataforma de lutas com os trabalhadores, o PCB era identificado como partido do proletariado. Embora estivessem na clandestinidade, os camaradas permaneciam resistindo à repressão através das atividades políticas e ideológicas. Isso ajudava a sedimentar o voto nas eleições de 1947, pois os comunistas tinham um histórico de lutas contra a tradição do conservadorismo. Eles subverteram a ordem e os valores cultuados pela elite burguesa de Fortaleza.

³⁴⁰ *O Democrata*, edição de 12/12/1947, p.1.

Para os comunistas não prevalecia a moral e os bons costumes, ou mesmo, a orientação pacífica e ordeira cultuada pela Igreja Católica. A subversão de valores e crenças era força que movia a ideologia dos contrários. Talvez, a rebeldia aproximasse os comunistas das questões sociais, políticas e culturais que afligiam a gente comum da cidade, gente distante do poder e dos interesses que moviam a política. A utopia de uma nova sociedade pode ter alimentado as urnas, fazendo com que o eleitor buscasse caminho alternativo para construir um governo voltado às problemáticas sociais da cidade.

3.6 Câmara de comunistas

Enquanto os sete *Candidatos de Prestes* comemoravam a vitória no pleito de Fortaleza, a direção de *O Democrata* mergulhava em mais um período de dificuldades. No dia seguinte ao anúncio do resultado final das eleições, o jornal veiculou texto de capa informando aos leitores sobre os problemas de falta de papel. Para reduzir os custos, houve diminuição na tiragem do vespertino, além do cancelamento da distribuição do jornal aos assinantes. A direção avisava aos leitores que o impresso podia ser adquirido na sede do jornal ou nos postos dos bairros e subúrbios da cidade.

Apesar dos problemas enfrentados, o sacrifício parecia valer a pena. Faltava papel, mas sobrava entusiasmo diante de vitória tão significativa para os comunistas cearenses. Os desafios enfrentados naquelas eleições criaram um mapa diferente na composição política da Câmara Municipal de Fortaleza. Naquele pleito era eleita a maior bancada de vereadores comunistas na história política do Ceará. O feito foi conseguido pelo pequeno partido (PR), que também elegeu o vereador mais jovem (José Cláudio de Oliveira, 21 anos de idade) e o mais idoso (Teófilo Cordeiro, 83 anos de idade).

O resultado do pleito, com tantas peculiaridades, criou expectativas quanto a posse dos primeiros vereadores da Câmara de Fortaleza. Era o fim das interventorias na administração municipal. A solenidade de diplomação dos parlamentares aconteceu no “foyer” do Theatro José de Alencar, em 1º. de janeiro

de 1948. O salário de cada vereador custava aos cofres do erário a quantia de 3 mil cruzeiros (um terço do salário dos deputados estaduais). O primeiro presidente da Casa, vereador Leôncio Botelho (PR), militar estreante na política-partidária com os demais companheiros de bancada. A posse do novo prefeito foi dia 6 de janeiro de 1948, no Palácio de Iracema (antigo Clube de Iracema), com as presenças do governador Faustino de Albuquerque, general Otávio da Silva Paranhos (comandante da 10ª. Região Militar), e representante do arcebispo de Fortaleza, Monsenhor Rosa, além da multidão nas dependências.

A formação da Câmara Municipal era a seguinte: Partido Republicano (PR) – Alísio Borges Mamede (médico), Américo Barreira (advogado e professor), Manuel Feitosa (motorista), José Júlio Cavalcante (securitário), Isaac Maciel (construção civil), Lauro Brígido Garcia (ferroviário), Joaquim Alexandre Valentim (padeiro), Leôncio Botelho (capitão da PM), José Cláudio de Oliveira (professor), Teófilo Cordeiro (*chauffeur*), João Batista Barbosa (líder popular). União Democrática Nacional (UDN) – Sebastião Gonçalves (empresário), Edival de Melo Távora (advogado), Francisco Edmilson Pinheiro (professor) e Expedito Maia da Costa (professor). Partido Social Democrático (PSD) - Sebastião Alves Albuquerque (jornalista), Mário de Assis Batista (médico) e José Diogo da Silveira (funcionário público). Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) – Aldenor Nunes Freire (advogado) e Guttenberg Braun (desportista). Partido de Representação Popular (PRP) – José Denizard Macedo de Alcântara (professor)³⁴¹.

O ex-vereador José Cláudio de Oliveira descreve, em livro de sua autoria, os trabalhos da legislatura. Segundo informa, o legislativo municipal dispunha de apenas cinco funcionários. Nos primeiros meses da administração, os salários ficaram atrasados porque a Prefeitura de Fortaleza não tinha dinheiro em caixa para fazer o pagamento dos servidores. As sessões e debates na casa legislativa aconteciam nas próprias dependências do Theatro José de Alencar (*foyer*). As questões mais polêmicas ocupavam o palco principal da casa de espetáculos. A

³⁴¹ Dados pesquisados no livro de José Cláudio de Oliveira (Oliveira. José Cláudio de. “*Estórias dos que fizeram a História – Reportagens publicadas no jornal Tribuna do Ceará*”. Gráfica O Povo. Fortaleza-Ce. 1986. p.388).

improvisação se dava em função das atividades legislativas estarem suspensas desde o período do Estado Novo:

*“Foi uma Câmara atuante, de debates acalorados, mas havia muito respeito e fraternidade. Depois das “brigas” saíamos quase todos para um cafezinho na Praça do Ferreira ou uma cerveja no Bar Fortaleza. Os populares, que assistiam ‘as brigas’, não entendiam todos juntos pelas ruas, como se nada tivesse havido nas sessões matinais”*³⁴² (Oliveira, 1986, p.389).

Assim como a Câmara Municipal reunia a maior bancada de vereadores comunistas, a cidade também tinha as suas peculiaridades de juntar no espaço urbano o moderno e o arcaico. A cidade dos bondes elétricos, dos cinemas *Majestic* e *Moderno*, das melhores lojas situadas nos arredores da Praça do Ferreira contrastava com a pobreza nos arredores. A periferia começou a ser vista de maneira diferente. Os bairros mais distantes eram ligados por calçamentos de pedra tosca. O primeiro ano de Acrísio à frente da Prefeitura trouxe uma série de melhorias nas vias públicas da cidade. A Avenida 13 de Maio, que terminava à altura da Escola Técnica Federal do Ceará, teve prosseguimento até o bairro Atapu, nas imediações da Avenida Visconde do Rio Branco, além de obra de drenagem do riacho Aguanambi.

A Rua padre Valdevino seguia até a Vila Morena, depois prolongada até a Avenida Rui Barbosa. Os bairros Parangaba, Mondubim, Barra do Ceará, Mecejana (sic) e Lagoa Redonda foram ligados por extensas vias de calçamento. Outro trecho interligado foi o Centro até o Porto do Mucuripe, percurso feito anteriormente pela beira da praia. As primeiras intervenções na cidade faziam parte do grande plano de integração dos bairros periféricos junto as demais localidades de Fortaleza. Isso facilitou o acesso e o percurso dos moradores de bairros mais distantes até a parte central da cidade. As primeiras feiras-livres

³⁴² Oliveira. José Cláudio de. *Estórias dos que fizeram a História – Reportagens publicadas no jornal Tribuna do Ceará*. Gráfica O Povo. Fortaleza-Ce. 1986, p.389.

ocupavam as ruas da Capital, criando polêmicas por causa da ocupação de camelôs em praças públicas (Galeno, 1991, p.43; Oliveira, 1986, p.124).

Ação ousada daquela administração pode ser caracterizada pela primeira estatização de multinacional no Brasil (Ceará Light). A Ceará Tramway Light Power and Company Limited, empresa inglesa de fornecimento de energia elétrica, responsável pela concessão dos serviços públicos de energia e transportes (bondes elétricos), tinha o seu contrato encerrado há cerca de 10 anos. Porém, a concessão era mantida por influências da direção da empresa no poder público municipal. O advogado da companhia inglesa, José Martins Rodrigues, ocupou a função de secretário do Interior e Justiça no governo do Interventor Estadual, Menezes Pimentel (1935-1945). A empresa gozava de tanto prestígio na cidade que, em 1927, o empresário do setor de transportes públicos de Fortaleza, Oscar Pedreira, foi condenado à prisão, porque os ônibus circulavam sobre os trilhos da Light (Galeno, 1991, p.82).

Para reduzir os custos de operacionalização da empresa, os serviços de transportes da Light entraram num processo de sucateamento. Cerca de 20 bondes elétricos foram parando as atividades, aos poucos, e os que ainda restavam eram alvo de protestos na cidade. A solução apresentada pelo prefeito Acrísio Moreira da Rocha seria a estatização da empresa, cuja concessão estava vencida. A questão havia sido colocada pelos comunistas nas eleições de janeiro de 1947, através do *Programa Mínimo* divulgado pelos candidatos do PCB - “Somos por uma revisão nos contratos da Light. Os trabalhadores nas oficinas e escritórios da companhia inglesa apóiam uma justa medida levantada no Programa Mínimo do P.C.B.”³⁴³.

O direito de cassar a concessão da Light foi amplamente discutido pelos vereadores, na Câmara Municipal, mas a pressão dos comunistas, detentores de um terço do número de vereadores, prevaleceu sobre a administração municipal. Depois de dois encontros do presidente Eurico Gaspar Dutra com o Prefeito Acrísio e a participação do deputado federal Péricles Moreira da Rocha, a medida foi tomada. Em 15 de julho de 1948, o decreto municipal 25.232 autorizava a

³⁴³ *O Democrata*, edição de 13/12/1946, p.1.

estatização da Ceará Light, primeira empresa multinacional, no Brasil, a ser encampada pelo Município. Uma multidão se fez presente ao pátio da empresa no ato de posse do acervo da Light³⁴⁴.

Aos poucos, os bondes foram recuperados e os serviços de transportes tiveram melhorias no serviço de atendimento à população. Sem aumentar a tarifa de transporte, o poder público tornou a empresa deficitária numa atividade rentável para os cofres da administração pública. No período de julho a dezembro de 1948, o engenheiro José Pontes Fiúza, responsável pelo setor de bondes elétricos, conseguiu arrecadar a quantia de Cr\$ 9.975.227,50, com uma despesa de Cr\$ 7.558.995,70, e o lucro de Cr\$ 2.416.236,80³⁴⁵. O Município também ficou responsável pela usina geradora de energia elétrica localizada no Mucuripe.

A ousadia do poder público pode ser entendida pela participação dos comunistas nas decisões do prefeito da cidade. Acrísio havia mantido aliança com a ala mais radical da política, pelo rompimento com o PSD. De alguma maneira, ele colocava em prática os compromissos de campanha assumidos com os aliados, procurando dar ênfase à atuação do poder público nos bairros mais carentes. A maneira de fazer política, na esfera administrativa, permitia o rompimento com os tradicionais políticos comprometidos com o apadrinhamento de cargos e interesses econômicos da elite burguesa.

Junto com os comunistas, Acrísio procurou manter proximidade com a base eleitoral, formada por trabalhadores assalariados. A ocupação dos espaços públicos da cidade, nos anos de 1940, dos vendedores ambulantes nas praças, pode ser entendida como prática subversiva, tendo em vista que os espaços eram locais freqüentados pela elite burguesa. O confisco de bens de empresa estrangeira, mesmo amparado na legislação, também era forma de contravenção, haja vista que as regras de manutenção do sistema capitalista não permitiam a expropriação dos bens e das riquezas. A rebeldia da administração também ocupava as ruas da cidade.

³⁴⁴ Oliveira. José Cláudio de. *Estórias dos que fizeram a História – Reportagens publicadas no jornal Tribuna do Ceará*. Gráfica O Povo. Fortaleza-Ce. 1986. p.124.

³⁴⁵ Oliveira. José Cláudio de. *Estórias dos que fizeram a História – Reportagens publicadas no jornal Tribuna do Ceará*. Gráfica O Povo. Fortaleza-Ce. 1986. p.125.

Trabalhadores, donas de casa e outros moradores caminhavam, lado a lado, com o poder público (vereadores e prefeito) contra os poderosos e especulações de preços praticadas pelos comerciantes de Fortaleza. As pessoas eram convocadas para irem as ruas de forma inusitada. As “*passeatas de tamancos*” eram maneiras diferentes de “gritar” em favor do bolso do consumidor. O apelo populista unia ingredientes pitorescos de uma Fortaleza conservadora, ao mesmo tempo, rebelde. Essas diferenças ajudam a compreender os mecanismos de participação dos comunistas e suas práticas na política.

Mas essas percepções não seriam possíveis sem que tivéssemos buscado as leituras do jornal *O Democrata* e recorrido a outras fontes de consultas. O vespertino atuava de forma estratégica na consolidação das práticas e idéias dos camaradas, e contribuía na afirmação do projeto político-partidário que conseguiu eleger a maior bancada de vereadores comunistas do Ceará. Pelo documento, entendemos as interferências e a participação dos comunistas. O jornal possibilitou a compreensão do passado e ajudou a interpretar o período de tensão. O diálogo com a escrita ajudou na investigação dos fatos históricos neste período da ilegalidade do PCB (1946-1947).

A partir dos questionamentos das leituras, procurei ampliar o entendimento dos fatos registrados no documento. A vitória dos comunistas, a eleição do prefeito Acrísio, bem como as ações de vanguarda daquela administração não se deram de maneira fortuitas, mas aconteceram pelas conquistas, através das experiências vividas no campo das lutas sociais e políticas dos moradores, donas de casa e outros agentes participantes. Buscando extrapolar a leitura do documento, recorrendo às entrevistas, publicações da época, entre outras fontes, percebi novas evidências que ajudaram a entender a história de conflitos entre conservadores e rebeldes.

Foi dentro dessa perspectiva de procurar compreender, não explicar, a escrita do vespertino, deparei com novas evidências da temática estudada. Embora o jornal seja a principal fonte desta pesquisa, na medida em que passei a questionar aquilo que estava escrito, senti a necessidade de recorrer a outras fontes. Desta maneira, busquei os personagens que vivenciaram a história. Os

entrevistados possibilitaram a compreensão de questionamentos que a fonte principal (jornal) não conseguia esclarecer. A cada momento que recorremos a novas fontes podemos descobrir outras evidências que estavam escondidas nas palavras escritas. Essa possibilidade de encontrar novos caminhos na pesquisa me ajudou a descobrir um dos documentos mais importantes desta dissertação.

3.7 Folha Cearense

No decorrer das leituras de *O Democrata*, após a vitória dos comunistas nas eleições municipais de 1947, um fato intrigava os trabalhos de pesquisa: por que a coleção do jornal estava incompleta no ano de 1948? A pergunta suscitou dúvidas em relação ao destino do jornal. A coleção do vespertino estava incompleta ou teria sido extraviada? De que maneira conseguiria entender aquela ausência? O documento sofria interrupção em setembro de 1948 e depois retornava em 1949. Embora o período de análise desta dissertação compreenda os anos de 1946 e 1947, achei importante contribuir para a recuperação daqueles jornais, haja vista que estaria ajudando a recompor parte de uma história “perdida”.

A única pista que poderia levar ao esclarecimento da questão foi uma pequena observação feita na entrevista com Luciano Barreira³⁴⁶. A conversa era a primeira de uma série desta pesquisa. Luciano recordava as perseguições sofridas pelo jornal, principalmente após a ilegalidade do PCB. Ele informou ainda que o impresso teria sido suspenso numa das piores fases da repressão. A informação “escapou” ao longo da conversa, sem que se detivesse na questão. Embora não tenha conseguido mais detalhes, não subestimei o relato daquele velho comunista, posto que ele parecia conhecer bem as histórias de lutas e o passado do jornal comunista.

Sentado numa rede, jeito descontraído, Luciano falava com satisfação das experiências. Procurei não interrompê-lo, deixando-o à vontade, para que pudesse falar de suas vivências. Talvez, essa maneira de proceder, procurando deixar fluir

³⁴⁶ Luciano Barreira é ex-militante do PCB, trabalhou como correspondente do jornal *O Democrata* e foi um dos ex-militantes comunistas entrevistados nesta dissertação.

os encaminhamentos das perguntas, demonstrando posição de igualdade, seja uma condição necessária para o bom andamento da entrevista, como explica Alessandro Portelli (1997, p.9):

“Uma parte não pode realmente ver a outra a menos que a outra possa vê-lo ou vê-la em troca. Os dois sujeitos, interagindo, não podem agir juntos a menos que alguma espécie de mutualidade seja estabelecida. O pesquisador de campo, entretanto, tem um objetivo amparado em igualdade, como condição para uma comunicação menos distorcida e um conjunto de informações menos tendenciosas”³⁴⁷.

Desta forma, recorri ao entrevistado para descobrir parte da história que as páginas dos jornais e livros não contavam. No decorrer da entrevista, após uma longa conversa introdutória sobre as aventuras do Partidão, Luciano falava das perseguições sofridas, quando recordou de um fato “curioso”, conforme mencionou. A Polícia havia fechado o jornal em determinada época. Mesmo assim, os comunistas conseguiram colocar outra publicação nas ruas de Fortaleza. Em nenhum momento o entrevistado conseguia recordar o período do acontecimento. Embora fosse um registro sem muita precisão, aquela pista não constava nas leituras da pesquisa:

“Há verdades que são gravadas nas memórias das pessoas mais velhas e em mais nenhum outro lugar; eventos do passado que só eles podem lembrar. Documentos não podem responder; nem, depois de um certo ponto, eles podem ser instigados a esclarecer, em maiores detalhes, o que querem dizer, dar mais exemplos, levar em conta exceções, ou explicar discrepâncias aparentes na documentação que sobrevive. A evidência oral, por outro lado, é infundável, somente limitada pelo número de

³⁴⁷ Portelli, Alessandro. *O que faz história oral diferente*. In Projeto História, n.14. São Paulo: Educ. Fev. 1997, p. 9.

*sobreviventes, pela ingenuidade das perguntas do historiador e pela sua paciência e tato*³⁴⁸. (Raphael Samuel; 1989, p.230)

A evidência foi o ponto de partida para a jornada de buscas. Percebi ainda que, as investigações sobre o fechamento do jornal, poderiam apresentar nova etapa de pesquisa do próprio documento. A informação abria outra perspectiva de investigação: era a possibilidade de encontrar um documento “perdido”. Pela sua característica, o outro jornal mencionado por Luciano Barreira mostrava outra forma de resistência. A permanência do impresso, nas ruas de Fortaleza, mostrava a importância de manter a publicação na rua, apesar da perseguição. Pensar nos detalhes dessa composição, descobrir os momentos importantes de existência desse jornal, recuperar as articulações, tudo isso, poderia proporcionar maior amplitude da pesquisa.

O relato de Luciano Barreira conduziu, novamente, as leituras do jornal. Em 1948, havia o forte embate do impresso com o governo estadual, por conta da perseguição aos comunistas que estavam na clandestinidade. No período da ilegalidade, a publicação era interrompida no mês de setembro de 1948. Em princípio, não conseguia encontrar justificativas para o desaparecimento do impresso. Nem mesmo na Biblioteca do Estado Menezes Pimentel, onde o material está guardado, os funcionários tinham informação sobre a interrupção do jornal.

Havia a possibilidade de o jornal ter sido extraviado, como foi dito por um dos funcionários da biblioteca, mas não fiquei convencido. Após fazer algumas avaliações, verifiquei que a “*evidência oral*” estaria me reportando a uma possível descoberta, como analisa Raphael Samuel: “*A evidência oral pode também ser crucial para a compreensão do pano de fundo. Ela pode nos dar contextos novos que os documentos, por si mesmos, apesar de muito trabalhados, não fornecem.*”(Raphael Samuel; 1989, p.233). Sendo assim, a informação de Luciano Barreira sobre a interrupção da circulação do jornal, estava ligada à ausência de OD na Biblioteca.

³⁴⁸ Samuel, Raphael. *História Local e História Oral*, In Revista Brasileira de História, n.19, pp.219-243, set. 1989.

Analisei o contexto de repressão política, alguma pista do desaparecimento do jornal poderia ser encontrada nas prateleiras do Arquivo Público do Estado do Ceará em processos ou inquéritos instaurados contra os comunistas. Debrucei-me no trabalho de "garimpagem" no Arquivo Público. À cata de fontes, acabei descobrindo preciosidades. Seguindo os passos da investigação, em busca das evidências, encontrei documentos valiosos do ponto de vista da pesquisa. No Arquivo Público, localizei duas peças³⁴⁹ importantes do inquérito policial que suspendia a circulação de um jornal, cujas características eram semelhantes às de *O Democrata*.

Na verdade, havia encontrado, em meio a pilha de processos da Fazenda Pública do Estado, duas peças do inquérito relativo à ordem de apreensão da "*Folha Cearense*", com data de 20 de setembro de 1948. Ao desenrolar o maço de processos e inquéritos que estavam misturados em datas alternadas, o lote empoeirado e danificado ainda guardava, intactos, documentos importantes para desvendar o sumiço do jornal *O Democrata*, em 1948. Estavam ali os inquéritos que determinavam o recolhimento do jornal *Folha Cearense*, que, segundo as investigações, era o mesmo "*O Democrata*". De acordo com o inquérito, o impresso "*Folha Cearense*" circulava nas ruas porque *O Democrata* estava suspenso por 15 dias, por determinação do ministro da Justiça, conforme medida publicada em 19/09/1948. Para afrontar à repressão imposta pelo presidente Dutra, os comunistas imprimiram o mesmo jornal com nome diferente.

Finalmente, havia encontrado a resposta para o "desaparecimento" de *OD* das ruas de Fortaleza. As buscas no Arquivo Público foram certeiras: catei nos lotes alguns processos relativos aos anos de 1940. A pesquisa no acervo do Arquivo Público durou um mês. Além desse achado, que considero de suma importância para minha pesquisa, tendo em vista a descoberta da nova fonte, ainda pude ver de perto dois únicos exemplares originais da "*Folha Cearense*",

³⁴⁹ Uma das peças, datada de dezembro de 1948, onde constam três depoimentos, foi encontrada graças à contribuição da historiadora, Dra. Edilene Toledo, professora do mestrado de História Social (Universidade Federal do Ceará), que desenvolve trabalho de pesquisa no Arquivo Público do Estado do Ceará.

anexados ao inquérito. Através dessas "formas fraturadas" de montar as fontes pesquisadas, posso estabelecer conexões entre os fatos, o contexto e o processo.

Entendo que, a nova fonte da pesquisa, faz parte do trabalho onde procuro ampliar as análises sobre *O Democrata*, no sentido de extrapolar o documento escrito. Esse "achado" está dentro da perspectiva mais ampla do trabalho de pesquisa, em que procuro dialogar com o documento, tentando entendê-lo a partir das suas intercessões. Vou em busca dos questionamentos sobre o que está escrito no jornal. O confronto entre a fonte principal e as fontes secundárias ajudou a chegar à nova documentação. Como lembra Hobsbawm, não devemos acreditar somente naquilo que o documento diz:

*"Não podemos ser positivistas, acreditando que as perguntas e as respostas surgem naturalmente do estudo do material. Em geral, não existe material algum até que nossas perguntas o tenham revelado"*³⁵⁰.

A revelação do novo documento aconteceu a partir das dúvidas e questionamentos que elaborei sobre o jornal. Não busquei somente as certezas do que estava escrito, mas procurei questionar a documentação. Tentei encontrar caminhos que ajudassem a compreender a ausência de *O Democrata* nas prateleiras da biblioteca. Para isso, recorri a outras fontes. Essas contribuições são importantes na construção de outro olhar sobre o jornal, no sentido de compreender a participação dos comunistas no Ceará.

Mesmo suspenso, por que o jornal voltava às ruas? De que forma este novo jornal era feito? Quem eram os jornalistas que trabalhavam no impresso? Pela documentação encontrada, o jornal mudava apenas o nome. O conteúdo editorial e a direção do jornal permaneciam no corpo redacional, o que deixa a entender que a alteração visava driblar a medida repressiva. Aquela parecia ser a forma encontrada pelos comunistas de resistir. O impresso afrontava o poder vigente, questionava a repressão imposta pela ditadura. A folha era um dos focos de resistência contra a elite política conservadora. Calar o instrumento de voz da

³⁵⁰ Hobsbawm, Eric. *Sobre história*. São Paulo: Companhia das Letras. 1998, p.220.

subversão, era um dos mecanismos utilizados pelo poder para impedir o avanço dos comunistas no Ceará.

Para avaliar a documentação encontrada no Arquivo Público, comecei a analisar o inquérito que determinava a apreensão do jornal *“Folha Cearense”*. A acusação estava baseada no *“Delito contra a Ordem Política e Social”*, cujo termo de apreensão fora encaminhado pelo secretário de Polícia e Segurança Pública, major Humberto Sales de Moura. O termo de apreensão, com data de 20 de setembro de 1948, alegava que a medida seria em *“virtude de conter na primeira e na terceira página publicações e sub-títulos (...) de caráter subversivo de ordem política e social, conforme preceitua o decreto-lei de número 431, de 18 de maio de 1938, que é o diploma legal ainda em vigor, para a defesa de nossas instituições democráticas”*³⁵¹.

A medida estava baseada na Lei de Segurança da *Ditadura Vargas* (1938). Entretanto, apesar da queda do ditador, o regime de opressão ainda vigorava nas instituições governamentais, bem como pelas leis do *Estado Novo*. Os resquícios da repressão faziam valer as arbitrariedades contra quaisquer sinais de resistência ao poder conservador implantado pelo presidente Dutra e seus representantes. Aos poucos, o suposto clima de liberdades democráticas vivido no Brasil, começava a mostrar a face escondida da repressão. O comunismo representava perigo à ordem estabelecida. Baseados em medidas constitucionais, os contraventores da ordem seriam uma espécie de ameaça *“a defesa de nossas instituições democráticas”*.

Se fizermos uma avaliação das medidas repressivas nos anos de 1947 e 1948, podemos observar que as chamadas liberdades democráticas se reverteram paulatinamente. Em primeiro momento, a perseguição se apresentou de forma mais clara a partir da cassação do registro do PCB. Depois, as instituições ligadas aos pecebistas sofreram intervenção do governo. Em seguida, cassaram o direito de voz do senador e deputados federais comunistas. Em outra etapa, fecharam os jornais ligados ao PCB. O cerco se dava em todas as instâncias que estivessem ao alcance dos *vermelhos*. Mas os comunistas procuravam enfrentar a repressão,

³⁵¹ Trecho do inquérito instaurado na Delegacia de Ordem e Política Social. Acervo do Arquivo Público do Estado do Ceará.

organizando novas estratégias de luta. A *imprensa comunista* era um dos instrumentos de enfrentamento do regime opressor:

– Foi suspenso pela ditadura o vespertino O DEMOCRATA – Portaria fascista do ministro da Justiça, baseada na ‘lei de segurança’ do Estado Novo – *Impõe-se a luta cada vez mais alta e vigorosa de todo o nosso povo em defesa das liberdades democráticas.*³⁵².

A manchete do jornal “*Folha Cearense*” traz o nome de *O Democrata* acima da logomarca (Ver anexo). A intenção, na elaboração daquela manchete, era dar destaque ao nome de *O Democrata*. Tanto assim que, ao olharmos a primeira página da *Folha Cearense*, tem-se em negrito, bem destacado, o nome do antigo jornal (*O Democrata*). Aquela única folha que foi às ruas de Fortaleza teria a intenção de despistar as autoridades públicas, conforme consta no inquérito policial. Pelas indicações do termo de apreensão da portaria 832, assinada pelo secretário de Segurança Pública do Ceará, major Humberto Sales, a *Folha Cearense* nunca mais voltou a circular na cidade de Fortaleza:

*“Estando sendo editado, nesta Capital, o jornal ‘Folha Cearense’, em substituição ao O Democrata, que foi suspenso mediante determinação do Exmo. Sr. Ministro da Justiça e como a mudança de nome importa em mera fraude, para não haver interrupção na circulação do jornal comunista entre nós, mando que se abra inquérito, a fim de se demonstrar a identidade de orientação, de sede, de corpo redatorial e de tipografia, onde é impresso*³⁵³”.

Conforme os autos do inquérito, foram arroladas quatro testemunhas: Francisco Wilson Maia, brasileiro, acadêmico, residente em Fortaleza, na Rua Barão do Rio do Branco, 1.835; Miguel Romero Torres Portugal, brasileiro,

³⁵² *Folha Cearense*, edição de 20/09/1948, p. 1. Acervo do Arquivo Público do Estado do Ceará.

³⁵³ Trecho do termo de apreensão do jornal *Folha Cearense*, assinado pelo delegado da Ordem Política e Social, João Bezerra Campos, datado no dia 1º. de outubro de 1948.

funcionário público estadual, residente em Fortaleza, sem a notificação do endereço; Bruno Correa Barbosa, brasileiro, auxiliar do comércio, residente na Rua Arariús, 34; e João Nogueira de Freitas, ferroviário, residente em Fortaleza, na Rua Aprendiz Marinheiro, 448. Entretanto, conforme documentação encontrada no Arquivo Público, somente consta o depoimento de Francisco Wilson Maia, realizado no dia 5 de outubro de 1948. A declaração da testemunha reforça as convicções do aparato repressor, de que a *Folha Cearense* tinha as mesmas características de *O Democrata*:

“(...) sabe que ‘Folha Cearense’ veio circular após a suspensão do jornal ‘O Democrata’; que sabe ser o Dr. Américo Barreira, Diretor do dito jornal, Odalves Lima, Redator-Chefe e Elias Trindade, Gerente; que, o mesmo jornal é editado nas oficinas da ‘Empresa Editora O Democrata’, sita á Rua Senador Pompeu, 814; que os dirigentes são pertencentes ao extinto Partido Comunista Brasileiro (...)”

Não seria necessário recorrer aos depoimentos das testemunhas para verificar que, no próprio jornal “*Folha Cearense*”, está registrado o expediente funcional do vespertino (página 2), com os nomes dos seus respectivos diretores. O endereço da publicação é o mesmo de *O Democrata*. A diagramação, configuração de páginas e a tipologia se assemelham ao *OD*. A mesma contundência nas palavras também pode ser vista nas matérias publicadas na *Folha Cearense* (*FC*). A única diferença percebida na leitura da *FC* está no próprio nome da publicação. Este foi o recurso usado pelos comunistas para burlar a determinação da Justiça.

Nas matérias de capa da *FC*, os comunistas fazem ampla divulgação da perseguição contra *O Democrata*. De acordo com a informação do texto sobre a suspensão do impresso comunista, a determinação do ministério da Justiça proibia a circulação de *OD* pelo período de 15 dias – “*Baseada na famigerada ‘lei de segurança’ do Estado Novo, lei fascista que serviu à ditadura para oprimir a liberdade de imprensa e todas as outras liberdades democráticas do povo*

*brasileiro, o ministro da Justiça da Ditadura Dutra baixou uma portaria infame suspendendo o valente vespertino O DEMOCRATA, que se edita nesta capital, por 15 dias*³⁵⁴.

A mesma matéria dizia que “outros órgãos de imprensa surgirão, como agora está surgindo a FOLHA CEARENSE, para substituir aquele valoroso intérprete de pensamento do proletariado e do povo da nossa terra”³⁵⁵. O texto ataca o governador Faustino de Albuquerque: “Sabemos que para consumação do crime de suspensão de O DEMOCRATA, muito contribuiu a passividade de auxiliares imediatos do governador. A própria denúncia encomendada pelo ministro da ditadura foi alinhavada pelo delegado João Campos, aqui no Ceará, o que se prestou ao papel de instrumento de Adroaldo Mesquita”³⁵⁶.

O texto aponta os autores da determinação judicial e mostra a cumplicidade das autoridades estaduais, pela mobilização governamental, para reprimir a imprensa comunista. As palavras são estampadas como apelo de denúncia ao regime ditatorial, que agora assumia a perseguição declarada aos jornais. No Ceará, os comunistas se mobilizavam no sentido de buscar apoio contra o fechamento das publicações. O diretor de *O Democrata*, jornalista Annibal Bonavides, enviou telegrama ao deputado comunista Pedro Pomar solicitando o apoio dos congressistas no Rio de Janeiro – “O DEMOCRATA acaba ser suspenso portaria ministro Justiça pt Nome todos companheiros trabalham nosso querido jornal peço valoroso representante trabalhadores levantar enérgico movimento Câmara Federal contra mais este atentado fascista nossa liberdade imprensa”³⁵⁷

Na Câmara Municipal de Fortaleza, os parlamentares ocupavam a tribuna para denunciar a suspensão dos jornais. Em matéria de capa da *Folha Cearense*, os vereadores comunistas revelam a posição de dois parlamentares (Denizard Macêdo e Edival Távora) “os únicos, aliás, que tiveram o cinismo de votar contra por ‘desconhecerem o motivo’ da arbitrária medida da ditadura”³⁵⁸. O requerimento

³⁵⁴ *Folha Cearense*, edição de 20/09/1948, p. 1.

³⁵⁵ *Folha Cearense*, edição de 20/09/1948, p. 1.

³⁵⁶ *Folha Cearense*, edição de 20/09/1948, p. 4.

³⁵⁷ *Folha Cearense*, edição de 20/09/1948, p. 1.

³⁵⁸ *Folha Cearense*, edição de 20/09/1948, p. 1.

aprovado no plenário determinava o envio de telegrama de protesto ao ministro da Justiça e ao governador Faustino de Albuquerque. Na mesma sessão, aprovaram o envio de telegrama dando ciência do acontecimento em Fortaleza aos presidentes da Associação Brasileira de Imprensa (ABI) e Associação Cearense de Imprensa (ACI).

Apelos e denúncias dirigidos aos órgãos e instituições do país procuravam mobilizar em torno da questão, mas a repressão parecia sufocar os comunistas. Os recursos financeiros esgotavam diante das perseguições e, agora, suspendiam o canal de comunicação dos pecebistas na comunidade. As campanhas de arrecadação de fundos, mais uma vez, tentavam sensibilizar os simpatizantes e militantes da causa comunista. Na *Folha Cearense*, o anúncio da rifa de um rádio fazia campanha em prol de *O Democrata* – “*Um Rádio Magnífico – Adquira, hoje mesmo, a sua cautela, e concorra ao Sorteio do dia 30 de outubro. E assim você estará participando da grande campanha de Ajuda ao O DEMOCRATA*”³⁵⁹.

A luta pela sobrevivência fazia parte da história do jornal comunista, assim como as arbitrariedades são constantes na história de luta dessa escrita transgressora. As leituras dos inquéritos que determinavam à suspensão da publicação da *Folha Cearense*, possibilitaram descobrir ainda que, a medida tomada pelo ministro da Justiça, endossada pelo governador Faustino de Albuquerque, carecia de subsídio jurídico. Portanto, não cabia suspender o jornal comunista com base na Lei de Segurança (1938), conforme consta nos autos do processo. A punição do ministro devia ser encaminhada com base na Lei de Imprensa (1934), por se tratar de ofensa ao presidente da República. A revelação consta no parecer do representante do Ministério Público (MP):

Ora, os processos por crime de imprensa, são regulados por lei especial, conforme o disposto no artigo 1º, Número V, do Código do Processo Penal, e, essa lei que é o decreto número 24.776 de 14 de julho de 1934, dispõe em seu artigo 43, parágrafo 1º, que quando o ofendido for o presidente da República, como no caso em especial, a iniciativa do M.P.

³⁵⁹ *Folha Cearense*, edição de 20/09/1948, p. 2.

fica dependendo de aviso do ministro da Justiça, dispositivo esse que está em perfeita harmonia com o artigo 24 do citado Código do Processo Penal. Nos presentes autos não consta, porém, esse aviso, e, assim mando que baixem os mesmos a Cartório, até que o M.P. faça promoção da respectiva ação penal, seja provocada por quem de direito. Intime-se.

Fortaleza, 17 de dezembro de 1948

Joaquim Praxedes

O jornal *Folha Cearense* foi proibido de circulação, em 20 de setembro de 1948, por entenderem as autoridades legais que o impresso era o mesmo *O Democrata*, também suspenso de circulação por 15 dias. Quase três meses após o recolhimento de a *FC*, o Ministério Público pede o arquivamento do processo referente ao vespertino. Pela análise da decisão do Ministério Público, observa-se a arbitrariedade contra os meios de comunicação. Apesar de a medida não estar respaldada em lei adequada, a sentença foi postergada a fim de favorecer o cumprimento da decisão. Ao MP emitir o parecer, o jornal já havia sido punido e recolhido. Essa prática arbitrária tinha o intuito de enfraquecer o jornal, que era importante instrumento de voz do PCB.

O partido incomodava as lideranças políticas conservadoras do Estado, assim, havia interesse em punir o jornal. Quem referendava a medida punitiva era o governador Faustino de Albuquerque, conhecedor dos caminhos da Justiça, por se tratar de ex-desembargador e ex-presidente do Tribunal Regional Eleitoral do Ceará. Quanto ao processo referente ao jornal *Folha Cearense*, a Justiça caminhou a passos largos para punir, mas foi claudicante no reconhecimento do erro jurídico. Essas questões se deram de forma articulada, envolvendo Estado e União. A estratégia tinha o intuito de enfraquecer os instrumentos que davam suporte ao Partido Comunista.

O jornal era um dos sustentáculos do *partido do proletariado*. O *Democrata* ajudou a consolidar os *candidatos de Prestes*. O PCB despontava com

parlamentares em todas as capitais do Brasil³⁶⁰. No Ceará, nas eleições de 1945, o partido conseguiu eleger dois deputados estaduais. Nas eleições para governador (janeiro de 1947) o candidato eleito, Faustino de Albuquerque, teve o apoio dos comunistas. No pleito municipal de dezembro de 1947, mesmo sem partido, o PCB alojado em pequena sigla (PR) conseguiu eleger a maior bancada de vereadores na Câmara Municipal de Fortaleza (sete vereadores) e ainda contava com o apoio do prefeito eleito, Acrísio Moreira da Rocha (PR).

O fechamento dos jornais comunistas era forma de interromper o ciclo de ascensão, tendo em vista que os impressos permaneciam alimentando as práticas e idéias do projeto político-partidário. Os meios de comunicação davam sustentação aos comunistas, pois circulavam e difundiam nos espaços da cidade as leituras contrárias ao sistema hegemônico. A escrita dos vespertinos contraventores interferia no cotidiano, influenciava as práticas diárias de vida e propunha vias alternativas da política e da cultura. Esses jornais cobriam as lacunas sobre aquilo que os outros impressos não escreviam, contrariando os interesses da elite conservadora.

Suspender a circulação dos vespertinos comunistas (*OD* e *FC*) demonstra seu papel relevante no período de existência do PCB. O impresso fazia a articulação entre o partido e os leitores, buscando interpretar o discurso dos contrários. Nessa perspectiva, o jornal circula as idéias, registrando os fatos do cotidiano e opinando sobre o que parecia sensibilizar e/ou incomodar o público leitor. A contundência das palavras provocava o debate, suscitava polêmicas sobre as mais variadas abordagens dos temas da cidade e de outros universos da cobertura jornalística.

A retirada dos dois jornais comunistas simbolizou o reconhecimento da imprensa comunista. A ausência dessas publicações mostrou, na prática, que o regime não admitia convivência com a escrita dos contrários. A interrupção da circulação dos jornais mostra ao público quem são os defensores das liberdades

³⁶⁰ Segundo informação publicada em artigo de Gildo Marçal Brandão, os comunistas conseguiram eleger cerca de 250 vereadores no Brasil, durante as eleições municipais de 1947. (Brandão, Gildo Marçal. *A ilegalidade mata: O Partido Comunista e o sistema partidário entre 1945 e 1964*. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. No. 33, fev. p. 26. São Paulo. ANPOCS. 1997).

democráticas. A repressão expôs os métodos de exclusão, não admitindo o embate sobre o que incomodava. O fechamento dos jornais demonstrou, para os leitores, a impossibilidade de o poder constituído compreender o processo de mudança. Por isso, o fechamento dos jornais foi a demonstração de que muito do que se dizia era motivo para perturbar e incomodar.

Os jornais comunistas representavam a resistência ao sistema dominante. Calar esses jornais, era sufocar a voz de pessoas simples, moradoras da periferia da cidade. O jornal compreendia a luta em favor do trabalhador e conseguia traduzir na escrita os anseios dos homens e mulheres explorados. Nas palavras de *O Democrata* e *Folha Cearense*, estavam registradas versões não contadas pelos jornais comprometidos com o poder dominante. Os movimentos em defesa do homem do campo, contra a dominação das empresas estrangeiras, tiveram espaço de discussão no jornal comunista. Desta maneira, a *imprensa comunista* contribuiu para a construção da história de conflitos contada a partir da escrita transgressora e rebelde.

Considerações finais

No começo desta pesquisa, a proposta consistia na análise do jornal *O Democrata*, no período de 1946 a 1950. Aos poucos, fui descobrindo a riqueza do documento, conheci histórias de vida, descobri a cidade das contradições e aprendi que as minúcias fazem parte da teia complexa da ação humana. Como parte das redefinições no trajeto da pesquisa, alterei o recorte temporal, reduzindo a escala de pesquisa para os anos de 1946 e 1947. Isso ajudou a perceber os pormenores da escrita, bem como as suas nuances nos momentos de legalidade do PCB e perseguições ao jornal comunista nas conjunturas de repressão aberta ou velada. Encontrar os caminhos da escrita por meio do trabalho investigativo, ajudou a compreender o fazer jornalístico.

Neste trabalho, procurei recuperar a discussão sobre a *Imprensa Comunista no Ceará*. Inserir *O Democrata* no campo do debate das idéias contribui para repensarmos a temática comunista tão exaustivamente pesquisada, porém, razoavelmente esquecida nos tempos de hoje. Entendo que esse debate passava à margem dos estudos, tendo em vista que *O Democrata* era percebido apenas como suporte das pesquisas, como fonte em alguns estudos que exploravam a história do PCB ou em outros que examinavam determinadas dimensões do cotidiano dos pobres e desvalidos na cidade de Fortaleza, no meado dos anos 1940. Em suma, *O Democrata* consta como fonte em alguns trabalhos acadêmicos, cuja centralidade é a história dos partidos políticos ou as contendas eleitorais no Ceará, como ainda de pesquisas voltadas à história urbana e à história da imprensa. Cumpre ressaltar, que OD é tratado como sujeito/objeto das ações militantes nos escritos dos memorialistas, bem como no registro de memórias de velhos comunistas.

Nesta dissertação, tentei demonstrar que o periódico pode ser compreendido de forma mais ampla, em sua dimensão de fonte/documento/memória, como indica a reflexão metodológica de Maria Helena Capelato, cabendo ao historiador dialogar com os significados da escrita, buscando entender sua repercussão no ambiente social, assim como seus modos

de representação da “paisagem social”, dos embates políticos, das disputas de projeto no campo das idéias, posto que *OD* é parte da política cultural desenhada e implementada pelo PCB.

Procurei os caminhos da escrita, trafeguei em meio às leituras historiográficas, em busca de documentos, publicações, entrevistas, registros de memória, e fui compondo um vasto repertório de fontes. Não é o caso de hierarquizar tal repertório, mas é imperativo destacar as conversas com velhos militantes do Partido Comunista, quando deparei-me com homens e mulheres que, ao rememorar a vida vivida, enfatizam com emoção o percurso militante e os ideais de luta, como algo que, de fato, conferiu sentido às suas existências. Estes personagens ajudaram a enriquecer a pesquisa, contribuindo para trazer à lume, histórias e memórias que ampliaram a perspectiva de conhecimento do jornal *O Democrata*. Os relatos enfáticos de Zezé Alencar, acentuando tal ou qual elemento da conjuntura, nomeando lugares sociais da vivência militante, identificando sujeitos que de maneira vária se inscreveram na história das lutas sociais no Ceará e, em particular, na adesão à causa comunista como “ato de fé”, deram-me a descobrir vivências, lugares e a recompor diálogos esmaecidos pela ação do tempo. As gradas horas de entrevista com Alberto Galeno constituíram bem mais que exercício de pesquisa. Com ele compreendi como tantos velhos comunistas temperavam a vida militante com a tradição do humanismo socialista, como nem tudo pode ser explicado apenas pelas histórias do partido, com suas regras e rígidos códigos. Com Alberto Galeno, foi-me dado a conhecer o funcionamento do jornal, os gazeteiros, de que matéria humana se nutria o fazer jornalístico, com certo sentido de missão. A entrevista com Luciano Barreira, descortinou ângulos do que se convencionava chamar máquina partidária; trazendo significativos aportes ao entendimento da realização da política partidária, das alianças, das reviravoltas e surpresas eleitorais. Nas conversas com Zelito Magalhães, pude perceber algumas significativas dimensões do imaginário comunista.

A variada tipologia das fontes - orais, impressas, hemerográficas, iconográficas - possibilitou o entendimento acerca da complexidade da *Imprensa*

Comunista como fenômeno social, bem como sobre o funcionamento do jornal comunista *O Democrata*.

Ainda que pudesse circunscrever o estudo ao período originalmente demarcado e, sem sucumbir à armadilha metodológica do “ídolo das origens”, fiz um recuo no tempo, como esforço de compreender uma dada tradição da escrita insurgente, ou de como diria Bernardo Kucinski, mesmo quando se estuda a chamada imprensa alternativa de combate à ditadura civil-militar de 1964, é imperativo estabelecer certos conectivos com a escrita insurgente de outros tempos. Assim é que, ao pesquisar a *Imprensa Comunista*, observei as características e a função dessa imprensa rebelde como construção de sujeitos sociais, desde o meado do Século XIX, quando os artesãos da palavra – tipógrafos, gráficos, entre outros - tecem as primeiras palavras da dissidência nas pequenas tipografias, num meio acanhado e rústico. A tradição dos escritos se espalha nos contatos entre as primeiras categorias de trabalhadores e dissemina as idéias socialistas que chegavam do outro lado do continente. Trabalhadores, estudantes, profissionais liberais fazem parte da escola de uma dada imprensa, que teve a sua formação na prática das lutas sociais.

Assim como a imprensa dos trabalhadores, o jornalismo combativo ajudou a preparar o terreno das primeiras experiências da *Imprensa Comunista no Ceará*. Com o surgimento de *O Democrata* no Estado (1946), o jornalismo engajado nas questões sociais e culturais assumiu o papel de formador das idéias e das práticas do PCB. O jornalista militante da causa comunista era o articulador da notícia e fazia do jornal um instrumento de ligação entre o partido e o público/leitor. O impresso era elemento central na política cultural e de agitação e propaganda definidas desde o aparelho partidário. A manutenção das atividades diárias era garantida por meio da teia de colaboradores e simpatizantes espalhados na cidade. As contribuições dessas pessoas ajudavam a fazer de *OD* o canal de enfrentamento das forças políticas conservadoras, entre outras funções de igual destaque analisadas nesta dissertação.

Nesta dissertação, procuro evidenciar a participação do vespertino durante as eleições nos anos de 1946 e 1947, destacando ainda a atuação do jornal no

sentido de fortalecer as candidaturas dos vereadores comunistas, na Capital cearense. No período de repressão aberta, na ilegalidade, o meio impresso desenvolve papel relevante em relação ao enfrentamento dos mecanismos da opressão. Enquanto a sede do partido era fechada, os sindicatos sofrem intervenções e os militantes são presos, o jornal consegue resistir ante as investidas e mesmo a campanha anticomunista desencadeada via Igreja e Estado. As estratégias de resistência dos comunistas fizeram de *OD* um dos mais destacados instrumentos de luta contra a hegemonia e o mandonismo das oligarquias políticas do Ceará.

O uso do vespertino como um instrumento de enfrentamento fez com que os comunistas reinventassem o próprio jornal, criando um outro vespertino (*Folha Cearense*) nos períodos de repressão. A descoberta da *FC* representa para esta dissertação uma fase instigante na trajetória de pesquisa, tendo em vista que a nova fonte possibilitou descortinar novos ângulos para o estudo d'*O Democrata*. A *FC* e *OD* eram os mesmos jornais, mas ao mesmo tempo diferenciavam-se pelo contexto de existência. Enquanto *OD* nascia num momento de relativa convivência entre as forças políticas no país, a *FC* surgia como forma de enfrentamento da censura e mecanismos de repressão na conjuntura de 1948.

Como pode-se observar, nesta dissertação, seus rumos não foram demarcados exclusivamente pela leitura da fonte principal, mas procurei alargar os horizontes da escrita, a partir do diálogo com outras fontes e, de realce, as leituras dos estudos historiográficos, cujos aportes teóricos metodológicos incidiram diretamente no processo de investigação. Muito dessa percepção deve-se ao valioso índice de leituras propiciado ao longo do Mestrado.

Uma palavra deve ser dita em relação ao problema dos Arquivos e demais lugares de pesquisa histórica. Creio que nesta pesquisa, que é a um só tempo, exigência intelectual e de ofício, experimentei também a possibilidade de atentar mais para a necessidade de preservação dos acervos, colaborando na recuperação da coleção do jornal *O Democrata*. O material encontrava-se em péssimas condições de uso pela forma de acondicionamento, além de ter sido “guardado” durante muitos anos nos porões da biblioteca. Quando comecei a fazer

as leituras do documento, na Biblioteca Pública Menezes Pimentel, apenas as publicações do ano de 1958 estavam microfilmadas. Depois de procurarmos sensibilizar a direção da biblioteca para a recuperação do documento, agora toda a coleção do primeiro ano de existência do jornal (1946) encontra-se microfilmada e disponível ao público.

Tentei, ainda, recuperar parte das imagens referentes aos personagens e acontecimentos que marcaram a pesquisa. Isso possibilitou visualizar figuras como o “lendário” Papão; fotos da primeira diretoria do periódico, as oficinas do jornal; imagens de comícios no ano de 1947, entre outras fotografias da época, conforme atestam os Anexos desta dissertação.

Os desafios, as dificuldades de todo dia, interpostas nos caminhos desta dissertação e, mais ainda, as descobertas de fontes inéditas fortaleceram minha formação como pesquisador e, hoje, impõem a continuidade da trajetória. Ainda nos instantes finais de acertos e correções, quando fotografava alguns personagens e recortes textuais d'O Democrata, continuei encontrando novos indícios e valiosas pistas que podem levar a retirar do esquecimento outros impressos comunistas e até mesmo um outro jornal, que presumo, de duração efêmera, circulando em poucas edições em Fortaleza, no ano de 1949. Portanto, esta dissertação é, ao mesmo tempo, um passo na recuperação da história da *Imprensa Comunista*, colaborando para formar com outros estudos o mosaico deste campo de pesquisas, como ainda a continuidade de próximas investigações acadêmicas. Assim, entendo, que o *Jornal do Ceará*, de 1949, é o argumento para o exercício de pesquisa no passo seguinte de minha formação acadêmica.

BIBLIOGRAFIA E FONTES

1- LIVROS, TESES E DISSERTAÇÕES

- ABREU, Alzira. *Intelectuais e guerreiros*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1992.
- ALEM, Sílvio Frank. *Os trabalhadores e a 'redemocratização' (Estudo sobre o Estado, partidos e participação dos trabalhadores assalariados urbanos e do pós-guerra imediato) 1942-1948*. Dissertação de Mestrado em História do Brasil. Campinas: IFCH/UNICAMP, 1981.
- ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. *Jorge Amado: política e literatura*. Rio de Janeiro: Campus, 1979.
- ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de; AMADO, Jorge. *Literatura e militância no PCB*. In: *Religião e Sociedade*, n. 12/1. Rio de Janeiro: ISER, 1985.
- AMADO, Jorge. *A luz do túnel*. São Paulo: Martins, 1970.
- _____. *O Cavaleiro da Esperança. Vida de Luis Carlos Prestes*. 2. ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1945.
- _____. *Os subterrâneos da liberdade*. São Paulo: Martins, [s.d.].
- _____. *Dona flor e seus dois maridos: história moral e de amor*. 37. ed. Rio de Janeiro: Record, 1982.
- _____. *Homens e coisas do Partido Comunista*. Rio de Janeiro: Horizonte, 1946.
- _____. *O mundo da paz: União Soviética e democracias populares*. Rio de Janeiro: Vitória, 1952.
- AMADO, Jorge; POMAR, Pedro; NERUDA, Pablo. *O Partido Comunista e a liberdade de criação*. Rio de Janeiro: Horizonte, 1946.
- ARAÚJO, Ângela M. C. (org.) *Trabalho, cultura e cidadania: um balanço da história social brasileira*. São Paulo: Scritta, 1997.
- AZEVEDO, Débora Bithiah de. *Em nome da ordem: democracia e combate ao comunismo no Brasil, 1946-1950*. Brasília. Dissertação de Mestrado UNB, 1992.
- AZEVEDO, Miguel Ângelo de (NIREZ). *Cronologia ilustrada de Fortaleza: roteiro para um turismo histórico e cultural*. Fortaleza: Banco do Nordeste, v. I, 2001.
- _____. *Índice Analítico e Iconografia da Cronologia Ilustrada de Fortaleza: roteiro para um turismo histórico e cultural*. Fortaleza: Banco do Nordeste, v. II, 2001.
- BANDEIRA, Moniz. *O ano vermelho: a Revolução Russa e seus reflexos no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.
- _____. *O caminho da revolução brasileira*. Rio de Janeiro: Mero, 1962.
- _____. *Trabalhismo e socialismo no Brasil. A Internacional Socialista e a América Latina*. São Paulo: Global, 1985.

- BARATA, Agildo. *Vida de um revolucionário. Memórias*. 2. ed. São Paulo: Alfa-Ômega, 1978. Biblioteca Alfa-Ômega de Ciências Sociais; série 1. Política, v. 6.
- BASBAUM, Hersch Wladimir. *Cartas ao Comitê Central: história sincera de um sonhador*. São Paulo: Discurso Editorial, 1999.
- BASBAUM, Leôncio. *Uma vida em seis tempos. Memórias*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1976.
- BASTOS, Abguar. *História da política revolucionária no Brasil*. Rio de Janeiro: Conquista, 1969. 2 Volumes.
- _____. *Prestes e a Revolução Social*. Rio de Janeiro: Calvino, 1946.
- BATINI, Tito. *Memórias de um socialista congênito*. Campinas: EDUNICAMP, 1991.
- BEHAR, Regina Maria Rodrigues. *PCB: duas políticas culturais (1945-1958)*. Dissertação de Mestrado, Brasília: UNB, 1992.
- BEZERRA, Gregório. *Memórias*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- BORIN, Jair. & CATANI, Afrânio. *Marx e Engels jornalistas*. In: COGGIOLA, Osvaldo. (org.) *Marx e Engels na história*. São Paulo: Xamã, 1996.
- BRANDÃO, Gildo Marçal. *A Esquerda positiva: as duas almas do Partido Comunista (1920-1964)*. São Paulo: HUCITEC, 1997.
- _____. *Partido Comunista, capitalismo e democracia (um estudo sobre as gênese e o papel político da esquerda brasileira: 1922-1964)*. Tese de Doutorado, Departamento de Ciência Política. São Paulo: USP, 1992.
- BRANDÃO, Octávio. *Combates e batalhas: memórias*. São Paulo: Alfa Omega, 1978.
- BRAYNER, Flávio Henrique Albert. *Partido Comunista em Pernambuco: mudança e conservação na atividade do Partido Comunista Brasileiro em Pernambuco: 1956-1964*. Série Estudos e Pesquisas, 58. Recife: FUNDAJ/Massangana, 1989.
- BURKE, Peter. *História e Teoria Social*. Trad. Klauss Brandini Gerhardt, Roneide Verôncio Majer. São Paulo: Unesp, 2002.
- BUONICORE, Augusto César. *Os comunistas e a estrutura sindical corporativa (1948-1952): entre a reforma e a ruptura*. Dissertação de Mestrado. Campinas: UNICAMP, 1996.
- CALDAS, Breno. Depoimento a José Antonio Pinheiro Machado. *Meio século de Correio do Povo - glória e agonia de um grande jornal*. São Paulo: L & PM Editores, 1987.
- CALLADO, Antônio. *Tempo de Arraes: padres e comunistas na revolução sem violência*. Rio de Janeiro: José Álvaro, 1964.
- CAMPELO DE SOUZA, Maria do Carmo. *Estado e partidos políticos no Brasil (1930 a 1964)*. São Paulo: Alfa Ômega, 1976.
- CAMURÇA, Marcelo A. *A Intelectualidade rebelde e militância política: adesão dos intelectuais ao Partido Comunista Brasileiro (PCB) 1922 – 1960*. In: LOCUS – Revista de História. No. 1, v. 4. Juiz de Fora – MG: EDUFJF, 1997.

- CAPELATO, Maria Helena R. *Imprensa e História*. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1994.
- CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Livros proibidos, idéias malditas: o DEOPS e as minorias silenciadas*. São Paulo: Estação Liberdade, 1997.
- CARONE, Edgard. *Difusão da literatura comunista. O Caso de 'O País'*. In: Classes sociais e o movimento operário. São Paulo: Ática, 1989, pp. 118-125.
- _____. *O P.C.B. (1943 a 1964)*. v. 2. São Paulo: DIFEL, 1982.
- CARVALHO, Apolônio de. *Vale a pena sonhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- CASTORIADIS, Cornelius. *A Experiência do Movimento Operário*. São Paulo: Zahar, 1981.
- CAVALCANTE, Berenice. *Certezas e ilusões: os comunistas e a redemocratização da sociedade brasileira*. Niterói-RJ: Universidade Federal Fluminense/ EDUFF/PROED Tempo brasileiro, 1986.
- CAVALCANTI, Berenice Oliveira. *O Juramento da lealdade e fidelidade: a militância no PCB*. In: Religião e Sociedade. n.12, ago, v.1. Rio de Janeiro: Campus, 1985.
- CAVALCANTI, Paulo. *Nos tempos de Prestes*. Recife: Guararapes, 1982.
- _____. *O caso eu conto como o caso foi - da Coluna Prestes à queda de Arraes*. Memórias. 3. ed. Recife: Guararapes, 1980.
- _____. *O caso eu conto como o caso foi. A luta clandestina. Memórias políticas*. v. 4. Recife: Guararapes, 1985.
- _____. *O caso eu conto como o caso foi. Memórias políticas*. v. 2. Recife: Guararapes, 1980.
- _____. *Vale a pena ainda ser comunista?* Recife: INOJOSA, 1991.
- CERTEAU, Michael de. *A Invenção do cotidiano – Artes de fazer*. v. 1. Petrópolis-RJ: Vozes, 1994.
- CHACON, Vamireh. *História das idéias socialistas no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.
- _____. *História dos partidos brasileiros*. Brasília: UNB, 1981.
- CHAVES NETO, Elias. *Minha vida e as lutas de meu tempo*. São Paulo: Alfa Ômega, 1977.
- CHILCOTE, Ronald H. *O partido comunista brasileiro: conflito e integração (1922 - 1972)*. Trad. Celso Mauro Paciornik. Col. Política, v. 22. Rio de Janeiro: Graal, 1982.
- CLAUDIN, Fernando. *A crise do movimento comunista*. São Paulo: Global, 1986.
- CLAUDINO, Assis. *O monstro sagrado e o amarelinho comunista*. Gilberto Freire Dom Hélder e a Revolução de 64. Recife: Opção, 1985.
- CLEWS, John C. *Técnicas da propaganda comunista*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1966.
- CORDEIRO JR., Raimundo Barroso. *A Legião do trabalho – políticas e imaginário no integralismo cearense (1931-1937)*. Dissertação de mestrado em Ciências Sociais. Fortaleza: UFC, 1992.

- CORRÊA, Hércules. *A classe operária e seu partido*. Textos políticos do exílio. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.
- _____. *Memórias de um Stalinista*. Rio de Janeiro: Ópera Nostra, 1994.
- COSTA, Hélio da. *Em busca da memória*. Comissão de fábrica, partido e sindicato no pós-guerra. São Paulo: Scritta, 1995.
- COSTA, Luiz Flávio de Carvalho. *O PCB e a questão do sindicalismo rural (1954-1964)*. São Paulo: Tese de Doutorado, FFLCH/USP, 1990.
- DEL PICCHIA, Pedro. *O PCB no quadro atual da política brasileira*. Entrevistas com seis membros do Comitê Central. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980. (Coleção Retratos do Brasil, v. 136)
- DEL ROIO, Marcos & PINHEIRO, Paulo Sérgio (orgs.). *Combates na história. A trajetória de Heitor Ferreira Lima*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- DEL ROIO, Marcos. *A classe operária na Revolução Burguesa. A política de Alianças do PCB: 1928-1935*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1990.
- DIAS, Eduardo. *Um imigrante e a revolução: memórias de um militante operário. (1934-1951)*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- DIAS, Everardo. *História das lutas sociais no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Alfa Ômega, 1977.
- DIAS, Giocondo. *Os objetivos dos Comunistas*. São Paulo: Novos Rumos, 1983.
- DULLES, John Foster. *Anarquistas e comunistas no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.
- _____. *O Comunismo no Brasil, 1935-1945: repressão em meio ao cataclismo mundial*. Trad. de Raul de Sá Barbosa. Col. Brasil SéculoXX. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- ENGELS, F. *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1985.
- FAIRBANKS, João Carlos. *Refutação Científica ao Comunismo*. São Paulo: Companhia Editora Panorama. [s.d.].
- FALCÃO, João. *Giocondo Dias, a vida de um revolucionário: meio século de história política do Brasil*. Rio de Janeiro: Agir, 1993.
- _____. *O Partido Comunista que eu conheci: 20 anos de clandestinidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.
- FALEIROS, Maria Isabel Leme. *Percursos e percalços do PCB no campo (1922-1964)*. Tese de Doutorado. São Paulo: FFLCH/USP, 1989.
- FEIJÓ, Martin Cezar. *Formação política de Astrojildo Pereira 1890-1920*. 2. ed., Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1990.
- _____. *O Revolucionário cordial*. Astrojildo Pereira e as origens de uma política cultural. São Paulo: Boitempo, 2001.
- FERREIRA NETO, Edgard Leite. In *Os Partidos Políticos do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1989.

- FERREIRA SOBRINHO, José Hilário. *Catirina minha nega, teu sinhô ta te querendo vende, pero Rio de Janeiro, pero nunca mais ti vê. Amaru mambira”: o Ceará no tráfico interprovincial. 1850-1881*. Dissertação de Mestrado. Fortaleza: UFC, 2005.
- FERREIRA, Jorge. *Prisioneiros do mito: cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil. (1930-1956)*. Niterói: EdUFF: Rio de Janeiro: MAUAD, 2002.
- FERREIRA, Maria Nazareth. *Imprensa operária no Brasil*. Série Princípios, v. 130. São Paulo: Ática, 1988.
- FRANCO, Afonso Arinos de Melo. *História e teoria dos partidos políticos no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Alfa Ômega, 1974.
- FRENCH, John. *O ABC dos operários. Conflitos e alianças de classe em São Paulo (1900-1950)*. São Paulo: HUCITEC, 1995.
- GADAMER, Hans-Gerog. *O problema da consciência histórica*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.
- GALENO, Alberto S. *A Praça e o povo - homens e acontecimentos que fizeram a história da Praça do Ferreira*. Fortaleza: Stylus Comunicações, 1991.
- _____. *Padres e Soldados no folclore cearense*. Fortaleza: Multigraf, 1992.
- GALVÃO, Patrícia de. *Parque Industrial*. Pagu, 1933.
- GARCIA, Marco Aurélio. *Cooptação e Alianças (1930 – 1964)*. In: Revista Trabalhadores. No. 5, São Paulo: Fundo de assistência à Cultura. 1990.
- GIOVANETTI NETTO, Evaristo. *O PCB na Assembléia Constituinte de 1946*. São Paulo: Novos Rumos, 1986.
- GIRÃO, Blanchard. *O Liceu e o bonde na paisagem sentimental da Fortaleza- Província*. Memórias. Fortaleza: ABC, 1997.
- GIRÃO, Raimundo. *A Academia de 1894*. Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1975.
- GOMES, Ana Cláudia Massagão de Paula. *A cruzada anticomunista de Carlos Lacerda: a Tribuna da Imprensa na crise de 1964*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUC, 1995.
- GOMES, Ângela de Castro. (coord.) *Velhos militantes*. Depoimentos de Elvira Boni, João Lopes, Eduardo Xavier, Hilcar Leite. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- GONÇALVES, Adelaide. *Ceará Socialista; anno 1919*. Florianópolis: Insular, 2001.
- _____. *História e Memória da Imprensa dos Trabalhadores no Ceará*. In: Uma nova história do Ceará. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2000.

- _____. *A Imprensa Libertária do Ceará 1862 aos anos 1920*. Tese de Doutorado (História). Florianópolis: UFSC, 2001.
- GONÇALVES, Adelaide & BRUNO, Alisson. *O Trabalhador Gráfico*. Fortaleza: UFC, 2002.
- GONÇALVES, Adelaide; FUNES, Eurípedes. Fac-símile de *O Caixeiro*. Theóphilo, Rodolpho. Coleção Outras Histórias, vol.18. Fortaleza: Museu do Ceará, 2005.
- GONÇALVES, Adelaide; SILVA, Jorge e (Org.). *A Imprensa Libertária do Ceará 1908-1922*. São Paulo: Imaginário, 2000.
- GOENDER, Jacob. *Combate nas trevas. A esquerda brasileira, das ilusões perdidas à luta armada*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1987.
- HALBWACHS, Maurice. *Memória Social*. São Paulo: Zahar, 1990.
- HOBBSAWM, Eric (org.). *História do Marxismo; o marxismo na época da III Internacional: problemas da cultura e da ideologia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- _____. *Sobre história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- IANNI, Octávio et al. *Política e Revolução Social no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.
- IANONI, Marcos. *O PCB e a Revolução Brasileira*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUC-SP, 1991.
- JOB, Daniel Carneiro. *Revivendo o passado. Homens e fatos que a história nem sempre registra*. Fortaleza: 1986.
- JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. *Verso e reverso do perfil urbano de Fortaleza (1945-1960)*. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 2000.
- KONDER, Leandro. *A democracia e os comunistas no Brasil*. Col. Biblioteca de Ciências Sociais, série política, v. 15. Rio de Janeiro: Graal, 1980.
- _____. *Intelectuais brasileiros e marxismo*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1991.
- _____. *Os marxistas e a arte; breve estudo histórico-crítico de algumas tendências da estética marxista*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.
- KOVAL, Boris. *História do Proletariado Brasileiro*. São Paulo: Alfa ômega, 1982.
- LAGO, Mário. *O povo escreve a história nas paredes*. Rio de Janeiro: Horizonte, 1948.
- LENIN, Vladimir. *A organização do partido e a literatura do partido*. In: Obras Completas. v. 12. Moscou: Progresso, 1980.
- _____. *Acerca de la prensa*. Moscú: Editorial Progresso, [s.d.]
- _____. *Arte, cultura y prensa*. México: Grijalbo, 1969.

- _____. *Cultura e Revolução Cultural*. Trad. de Lincoln Borges Júnior. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- _____. *Propaganda e agitação*. Moscou: Progresso, 1984.
- LIMA, Heitor Ferreira. *Caminhos percorridos (memórias de militância)*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- LIMA, João Batista de Azevedo. *Memórias de um carcomido*. Rio de Janeiro: E.A., 1957.
- LIMA, Joaquim Celso de. *Navegar é preciso: memórias de um operário comunista*. São Paulo: Diniz, 1984.
- LIMA, Marcelo Ayres Camurça. *A Concepção da história na cultura comunista*. Série Estudos, n. 86. Rio de Janeiro: IUPERJ, 1991.
- LINHARES, Hermínio. *Contribuição à história das lutas operárias no Brasil*. Rio de Janeiro: Baptista de Souza, 1955.
- LOPES, Luiz Roberto. *Produção cultural e Revolução Soviética*. In: VIZZENTINI, Paulo (org.). *A Revolução Soviética: o socialismo num só país*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1989.
- LOWENTHAL, David. *Como conhecemos o passado*. In Projeto História. n.17. Trabalhos da memória. São Paulo: PUC, 1998.
- LOWY, Michel (org.). *O marxismo na América Latina*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1999.
- _____. *Para uma sociologia dos intelectuais revolucionários*. São Paulo: Ciências Humanas, 1979.
- MARIANI, Bethania. *O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989)*. Rio de Janeiro: Revan; Campinas: UNICAMP, 1998.
- MARIGHELLA, Carlos. *Escritos de Carlos Marighella*. 2. ed. Fortaleza, Popular Editora LTDA, 1989.
- _____. *O que é o nosso partido*. Rio de Janeiro: T.P., 1945.
- MARTINS, Celso. *Os Comunas: Álvaro Ventura e o PCB Catarinense*. Florianópolis: Paralelo 27; Fundação Franklin Cascaes, 1995.
- MARTINS, L. R. *As bases sociais do PCB; 1930-1964*. São Paulo: Ciências Humanas, 1979.
- MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira*. v. 1. São Paulo: Cultrix/EDUSP, 1978.
- MELO, Clóvis. *História do PCB de Pernambuco*. Caderno do Militante Comunista n. 2. Recife: Impressão Dijer, 1986.
- MIRANDA, Júlia. *O Poder e a fé: discurso e prática católicos*. Fortaleza: UFC, 1987.
- MOLINARI FILHO, Germano. *Controle ideológico e imprensa: o anticomunismo n'O Estado de São Paulo 1930-1937*. Dissertação de Mestrado PUC/ São Paulo. São Paulo: 1992.

- MONTAGNA, Wilson. *A Aliança Nacional Libertadora e o Partido Comunista Brasileiro (1934-1935)*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUC, 1988.
- MONTENEGRO, Abelardo F. *História dos partidos políticos cearenses*. Fortaleza: UFC, 1965.
- _____. *Os Partidos Políticos do Ceará*. Fortaleza: UFC, 1980.
- _____. *Soriano de Albuquerque, um pioneiro da sociologia no Brasil*. 2. ed. Fortaleza:UFC, 1977.
- MONTENEGRO, João Alfredo de S. *História das Idéias Filosóficas da Faculdade de Direito do Ceará*. Fortaleza: UFC, 1996
- MORAES FILHO, Evaristo de. (org.). *O Socialismo brasileiro*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1981.
- _____. *A Proto-história do marxismo no Brasil*. In REIS FILHO, Daniel Aarão e outros. *História do marxismo no Brasil. O Impacto das revoluções*. v. 1. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- MORAES, Dênis & VIANA, Francisco. *Prestes: lutas e autocríticas*. Petrópolis: Vozes, 1982.
- MORAES, Dênis de. *O imaginário vigiado: a imprensa comunista e o realismo socialista no Brasil (1947-53)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.
- _____. *O jornal partidário como instrumento ideológico na busca pelo poder: o caso do Voz da Unidade*. Dissertação de Mestrado em Comunicação. Rio de Janeiro: UFRJ, 1986.
- MORAES, Francisco Viana de. *Prestes: lutas autocríticas*. Rio de Janeiro: Vozes, 1980.
- MORAES, João Quartim de. *História do Marxismo no Brasil. O impacto das revoluções*. v. I. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- _____. *História do Marxismo no Brasil. Os influxos teóricos*. v. II. Campinas: UNICAMP, 1995.
- _____. *História do Marxismo no Brasil. Teorias e Interpretações*. v. III. Campinas: UNICAMP, 1998.
- MOREL, Edmar. *A marcha da Liberdade. A vida do repórter da Coluna Prestes*. Petrópolis: Vozes, 1987.

- MOTA, Aroldo. *História política do Ceará 1945-1985*. Fortaleza: Stylus, 1985.
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o "Perigo Vermelho": o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. São Paulo: Perspectiva/FAPESP, 2002.
- MOURA, Gerson. *Sucesso e ilusões: relações internacionais do Brasil durante e após a Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: FGV, 1991.
- MUNAKATA, Kazumi. *Cenas brasileiras*. Dissertação de Mestrado IFCH/UNICAMP. São Paulo: 1982.
- NOBRE, Geraldo Silva. *Introdução à história do jornalismo cearense*. Coleção Estudos Cearenses, n. 5. Fortaleza: Gráfica Editorial Cearense Ltda., 1975.
- NOCA, Francisco Wilson. *Sermões, matracas e alcatrão: religiosos e comunistas na luta pelo poder (1946-1950)*. Fortaleza-Ce. Expressão Gráfica e Editora. 1996.
- NOGUEIRA, Marco Aurélio (org.). *PCB: vinte anos de política, 1958-1979*. São Paulo: Ciências Humanas, 1981.
- NUNES, Antonio Carlos Félix. *PC, linha leste. Fragmentos da vida partidária*. São Paulo: Livramento, 1980.
- OLIVEIRA FILHO, Moacyr de. *Praxedes: um operário no poder. A Insurreição Comunista de 1935 vista por dentro*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1985.
- OLIVEIRA, Francisco de Assis Santos de. *Os Caixeiros no Ceará: Trabalho e Educação na Revista Phenix – 1891-1916*. Dissertação de mestrado. Fortaleza: UFC, 2005.
- OLIVEIRA, Ilca Maria de. *A Literatura na Revolução*. Contribuições literárias de Astrojildo Pereira e Alina Paim para uma política cultural do PCB nos anos 50. Dissertação de Mestrado. Campinas: IEL/UNICAMP, 1998.
- OLIVEIRA, José Cláudio de. *Estórias dos que fizeram a História – Reportagens publicadas no jornal Tribuna do Ceará*. Fortaleza: Gráfica O Povo, 1986.
- PACHECO, Eliezer. *O Partido Comunista Brasileiro (1922-1964)*. São Paulo: Alfa Ômega, 1985.
- PALACIOS, Manoel. *Pensamento e formação do Partido Comunista Brasileiro*. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado, IUPERJ, 1991.
- PALLARES. Burke, M. L. *As muitas faces da história*. Nove Entrevistas. São Paulo: UNESP, 2000.

- PANDOLFI, Dulce. *Camaradas e companheiros: história e memória do PCB*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.
- _____. *Rasgando a fantasia; um estudo sobre a identidade do PCB*. Tese de Doutorado. Depto. de História. Niterói: UFF, 1994.
- PARENTE, Josênio C. *Anauê: os camisas verdes no poder*. Fortaleza: UFC, 1986.
- PECAUT, Daniel. *Os intelectuais e a política no Brasil (entre o povo e a nação)*. São Paulo: Ática, 1990.
- PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. *O Trem da história. A Aliança PCB/CSCB/O Paíz*. São Paulo: Marco Zero, 1994.
- PERALVA, Oswaldo. *Memórias Dum Comunista*. Lisboa: Áster, 1956.
- _____. *O retrato*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1950.
- _____. *Pequena história do mundo comunista*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1964.
- PEREIRA, Astrojildo. *Construindo o PCB (1922-1924)*. São Paulo: Ciências Humanas, 1980.
- _____. *Ensaio histórico e políticos*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1979.
- _____. *Formação do PCB (1922-1928)*. Lisboa: Prelo, 1976.
- _____. *URSS, Itália, Brasil*. São Paulo: Novos Rumos, 1985.
- PIERRE, Nora. *Entre memória e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- PIMENTEL, José Ernesto Filho. *Urbanidade e Cultura Política – a cidade de Fortaleza e o Liberalismo Cearense no Século XIX*. Fortaleza: Casa de José de Alencar – Programa Editorial. Fortaleza: UFC, 1998.
- PINHEIRO, Paulo Sérgio & HALL, Michael M. *A Classe Operária no Brasil*. Documentos (1889 a 1930). O Movimento Operário. v. 1. São Paulo: Alfa Omega, 1979.
- POLLACK, Michael. *Memória e identidade social*. In Estudos Históricos, Rio de Janeiro. CPDOC, vol.5, n.10, 1992.
- PONTE, Sebastião Rogério de Barros da. *A Legião Cearense do Trabalho*. In: História do Ceará. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1995.
- _____. *Fortaleza Belle Époque: reformas urbanas e controle social (1860 – 1930)*. 3 ed. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2001.
- PORTELLI, Alessandro. *O que faz história oral diferente*. In Projeto História, n.14. São Paulo: Educ. Fev. 1997.
- PRESTES, Luis Carlos. *Informe político à Comissão Executiva do Comitê Nacional*. Rio de Janeiro: T. P., 1946.
- _____. *Carta aos Comunistas*. São Paulo: Alfa Ômega, 1980.
- _____. *Os comunistas na luta pela democracia*. Rio de Janeiro: Horizonte, 1945.

- _____. *Problemas atuais da democracia*. Prefácio de Pedro Pomar. Rio de Janeiro: Vitória, 1947.
- _____. *Processo de Cassação do Registro do PCB (1947)*. Belo Horizonte: Aldeia Global, 1980.
- RAMOS, Graciliano. *Memórias do Cárcere*. Rio de Janeiro: Record, 1979.
- REIS FILHO, Daniel Aarão. *A Revolução faltou ao encontro: os comunistas no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- REIS, Dinarco. *A luta de classes no Brasil e o PCB*. v. 1. São Paulo: Novos Rumos, 1981.
- REZENDE, Antônio Paulo. *História do Movimento Operário no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1990.
- RIBEIRO, Francisco Moreira. *A redemocratização de 1945 a 1947*. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1982.
- _____. *O PCB no Ceará: ascensão e declínio - 1922-1947*. Fortaleza-CE: UFC/Stylus Comunicações, 1989.
- RIDENTI, Marcelo. *O fantasma da revolução brasileira*. São Paulo: UNESP, 1993.
- ROCHA, Heitor Costa Lima da. *A face radical do PCB*. Dissertação de Mestrado. Recife: UFPE, 1989.
- RODEGHERO, Carla Simone. *O diabo é vermelho: imaginário anti-comunista e igreja católica no Rio Grande do Sul (1945-1964)*. Dissertação de Mestrado. Passo Fundo: UPF, 1998.
- ROMANO, Roberto. *Brasil: igreja contra Estado - uma crítica ao populismo católico*. São Paulo: Kairós, 1979.
- RUBIM, Antonio Albino Canelas. *Imprensa Operária*. In: QUEIROS E SILVA, R. P. de. *Temas básicos de comunicação*. São Paulo: Paulinas/Intercom, 1983.
- _____. *Marxismo, Cultura e intelectuais no Brasil*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1995.
- _____. *Partido Comunista, Cultura e Política Cultural*. Tese de Doutorado em Ciências Sociais. São Paulo: FFLCH/USP, 1986.

SACCHETTA, Hermínio. *O caldeirão das bruxas e outros escritos políticos*.

Apresentação de Ricardo Antunes. Campinas: Pontes: Ed. da Univ. Est. de Campinas, 1992.

SADER, Emir. *O anjo torto*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SAMUEL, Raphael. *História Local e História Oral*, In Revista Brasileira de História, n.19, pp.219-243, set. 1989.

SANTANA, Marco Aurélio. *Homens partidos: comunistas e sindicatos no Brasil*.

Coleção Mundo do Trabalho. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2001.

_____. *Partido e militância sindical: a atuação comunista no Sindicato dos Metalúrgicos do Rio de Janeiro (1947-1964)*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ, 1992.

SANTOS, Carlos Augusto Pereira dos. *Cidade vermelha. A Militância comunista em Camocim – CE (1927-1950)*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.

SANTOS, Geraldo Rodrigues dos. *O poder dos intelectuais*. Lincoln de Abreu Penna (org.). In: A trajetória de um comunista. Rio de Janeiro: Revan, 1997.

SANTOS, Jovelina Silva. *Círculos Operários no Ceará: Instruindo, Educando, Orientando, Moralizando. (1915-1963)*. Dissertação de Mestrado (História). Fortaleza: UFC, 2005.

SANTOS, Raimundo. *A primeira renovação pecebista (Reflexos do XX Congresso do PCUS no PCB. 1956-1957)*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1988.

_____. *Crise e pensamento moderno no PCB nos anos 50*. In: História do Marxismo no Brasil. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

_____. *O pecebismo incluso*. Escritos sobre idéias políticas. 2. ed. Rio de Janeiro: Sociedade do Livro, 1994.

SEGATTO, José Antônio. *A Formação da classe operária no Brasil*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

_____. *Breve história do PCB*. 2. ed. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1989.

_____. *Reforma e Revolução: as vicissitudes políticas do PCB (1954 - 1964)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

- SERRA, Sônia. *O Momento: história de um jornal militante*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Bahia. Salvador- BA: UFBA, 1987.
- SILVA, Carla Luciana. *Onda Vermelha: imaginários anticomunistas brasileiros (1931-1934)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- SILVA, José Borzacchiello da. *Fundamentos de Fixação do Espaço Cearense*. In: SOUSA, Simone (org.) *História do Ceará. O Algodão na Organização do Espaço*. 3. ed. 1995.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *Contribuição à História do PCB*. São Paulo: Global, 1984.
- _____. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1977.
- _____. *Memórias de um escritor*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.
- SOUZA, Simone. *A Redemocratização e a Prática Político-Social da Igreja Católica no Ceará*. In D.O. Letras. Publicação Cultural do Diário Oficial do Ceará. Abril/Maio, de 1988. Ano III, No. 11, p. 4.
- SPINDEL, Arnaldo. *O Partido Comunista na gênese do populismo*. Análise da Conjuntura da Redemocratização no Após-Guerra. Col. Ensaio e Memória, v. 27. São Paulo: Símbolo, 1980.
- STALIN, Joseph. *Fundamentos do Leninismo*. Coleção Bases. São Paulo: Global, 1933.
- THEÓPHILO, Rodolfo. *Violência: Lyceu do Ceará*. Edição Fac-similar. Fortaleza: Museu do Ceará, 2005.
- THOMPSON, E. P. In: *A Miséria da teoria ou um planetário de erros – uma crítica ao pensamento de Althusser*, 1978.
- TROTSKY, León. *O Jornal e seu leitor*. In Imprensa e marxismo: uma coletânea de textos básicos. São Paulo: ECA/USP, 1983, pp. 102-112.
- VARGAS, Getúlio. *Getúlio Vargas: diário*. Rio de Janeiro: FGV, 1995. (2 volumes)
- VELLOSO, Mônica Pimenta. *Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo*. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 1987.
- VESENTINI, Carlos Alberto. *Imprensa e Política*. In: Anais do Museu Paulista. São Paulo: Museu Paulista, 1984.
- VIEIRA, Solange Gomes. *Roma ou Moscou: o Imaginário Anticomunista da Igreja Católica, O Horizonte (1924-1931)*. Belo Horizonte: PUC/MG, 1989.
- VIEITEZ, Cândido Giraldez. *Reforma e Contra-Reforma em Santo André. (A política do PCB no coração do ABC paulista, 1956-1964)*. Tese de Doutorado. São Paulo: PUC/SP, 1986.

- VILELA, Gileide et al. *Os baianos que rugem: a imprensa alternativa na Bahia*. Salvador: EDUFBA, 1996.
- VILLAÇA, Antônio Carlos. In: Queiroz, Rachel de. *Campos de Pedra*. 11. ed. São Paulo: Siciliano, 1992.
- VINHAS, Moisés. *O Partidão: a luta por um partido de massas (1922-1974)*. Prefácio de Paulo Sérgio Pinheiro. São Paulo: HUCITEC, 1982.
- WILLIAM, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Companhia das Letras, 1979.
- ZAIDAN FILHO, Michel. *Comunistas em céu aberto (1922 - 1930)*. Belo Horizonte: Oficina de livros, 1989.

2- ARTIGOS, LIVROS, REVISTAS E JORNAIS

- AFANASIEV, Victor. *A cerca de alguns ensinamentos do jornalismo partidário*. In: Problemas da paz e do socialismo. n. 1, abril/junho. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- A imprensa dos partidos comunistas e sua luta pelas massas. In: *Revista Problemas da paz e do socialismo*. n. 12, pp. 78-82. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1961.
- ALEM, Sílvio Frank. O PCB e as outras esquerdas. Da Anistia de 1945 à Posse de Dutra. In: *Escrita/Ensaio*. São Paulo: n. 10, 1982.
- ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno. As Bibliotecas Marxistas e as Escolas Marxistas. In: *Religião & Sociedade*. v. 10, n. 1, 1983.
- ALTMAN, Breno. Adeus a um comunista. In: Teoria e Debate. *Revista Trimestral da Fundação Perseu Abramo*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, ano 14, n. 46, pp. 37-39, nov./dez. 2000/jan./2001.
- AMORIM, Elaine. *As esquerdas no Brasil*. In: Cadernos da Graduação. Campinas, n. 1, ano 1, jan.-jun., pp. 107-126, IFCH/ UNICAMP, 1988.
- ANTUNES, Ricardo. Os comunistas no Brasil: as repercussões do VI Congresso da Internacional Comunista e a Primeira Inflexão Stalinista no PCB. In: *Cadernos AEL - Comunistas e Comunismo*. Campinas, n. 2, pp. 11-34, Arq. Edgard Leuenroth/ IFCH, 1995.
- ARARIPE, J. C. Alencar. Jornais e associações de imprensa no Ceará. In: *Revista de Comunicação Social*. Fortaleza, v. 1, pp. 53-57, Imprensa Universitária, 1971.
- ARAUJO, Maria Paula Nascimento. Por uma história da esquerda brasileira. In: *Topoi. Revista de História*. Rio de Janeiro: Programa de Pós-graduação em História Social da UFRJ/ 7 Letras, n. 5, set., pp. 333-353. 2002.
- BACZKO, Bronislaw. Stálin: a fabricação de um carisma. In: *Religião & Sociedade*. Rio de Janeiro, v. 9, pp.27-34, junho de 1983.

- BATALHA, Cláudio H. de M. & PEREIRA, Sandra Lúcia. Periódicos comunistas do Arquivo Edgard Leuenroth. In: *Cadernos AEL - Comunistas e Comunismo*. Campinas: Arq. Edgard Leuenroth/ IFCH, n. 2, pp. 103-130, 1995.
- BEHAR, Regina Maria Rodrigues. PCB: Política e Cultura. In: *Debates Regionais - História: Pesquisa e Ensino*. João Pessoa, n. 1, 2º semestres, pp. 181-185, UFPB - Editora Universitária, 1993.
- BELOCH, Israel & ABREU, Alzira Alves. (coord.). O Partido Comunista Brasileiro. In: *Dicionário Histórico - Biográfico Brasileiro, 1930-1983*. São Paulo: Forense, v. 3, 1984. pp. 2490-2506.
- BRANDÃO, Gildo Marçal. Sobre a fisionomia intelectual do Partido Comunista (1945-1964). In: *Lua Nova - questões da democracia e do socialismo. Revista de Cultura e Política*. São Paulo, n. 15, v. 4, out., pp. 133-149, Marco Zero, 1988.
- _____. A ilegalidade mata: O Partido Comunista e o sistema partidário entre 1945 e 1964. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo: ANPOCS, n. 33, fev., pp. 23-34. 1997.
- BRANDÃO, Octávio. *Vida vivida. Recordações*. In *Revista Brasiliense*. São Paulo: Brasiliense, n. 33, jan.-fev., pp. 128-153, 1961.
- _____. Combates da classe operária. In: *Revista Brasiliense*. São Paulo, n. 46, mar/abr, 1965.
- CAMURÇA, Marcelo A. Intelectualidade rebelde e militância política: adesão dos intelectuais ao Partido Comunista Brasileiro (PCB) 1922 - 1960. In: *LOCUS - Revista de História*. Juiz de Fora: EDUFJF, n. 1, v. 4, pp. 63-80, 1997.
- CÂNDIDO, Tyrone Appollo Pontes. In: Os Trilhos do Progresso: episódios das lutas operárias na construção da Estrada de Ferro de Baturité (1872-1926). *Trajeto. Revista do Programa de Pós Graduação em História Social e do Departamento de História da Universidade Federal do Ceará*. v. 1, n.2, jun/2002.
- CAPELATO, Maria Helena. Imprensa, uma mercadoria política. In: *Revista História & Perspectivas*. Uberlândia: Univ. Federal de Uberlândia, n. 4, jan/jun, pp. 131-139, 1991.
- CAVALCANTI, Berenice Oliveira. O juramento de lealdade e fidelidade: a militância no PCB. In: *Religião e Sociedade*. Rio de Janeiro: Campus, n. 12, ago, v. 1, pp. 56 - 71, 1985
- CORDEIRO, Cristiano. *Depoimento*. In: *Plural Revista de Debates*. São Paulo: Rumo Gráfica, 1979, pp. 37-45.

DA MATTA, Roberto. Uma Igreja do diabo? Reflexões sobre a legalização do Partido Comunista. In: *Explorações: Ensaios de Sociologia Interpretativa*. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

DE DECCA, Edgar, Salvadori. Memórias, Histórias e crises do Comunismo. In: *Cadernos AEL - Comunistas e Comunismo*. Campinas: Arq. Edgard Leuenroth/ IFCH, n. 2, pp. 35-46, 1995.

DIAS, Giocondo. *As contradições dos veículos de comunicação*. In: *Unidade e Ação*. Rio de Janeiro, n. 13, mar, 1985.

_____. Entrevista. *Suplemento Especial do Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 19 de julho de 1979.

FEIJÓ, Martins César. "Literatura e Revolução: relações entre vanguardas estéticas e vanguardas políticas". *Revista Novos Rumos*. Ano 1, n. 4, pp. 95-116, out-dez, 1986,

FREDERICO, Celso. *A presença de Lukacs na política cultural do PCB e na*

Universidade. In: MORAES, João Quartim de. (org.) *História do Marxismo no Brasil*, v. II. Os influxos Teóricos. Campinas/UNICAMP, 1995. pp. 183-222.

_____. *A política cultural dos comunistas*. In: MORAES, João Quartim de. (org.)

História do Marxismo no Brasil, v. III. Teorias e Interpretações.

Campinas/UNICAMP, 1998. pp. 275-304.

FUCS, José. Entrevista com Giocondo Dias - Secretário Geral do PCB. In:

Socialismo & Democracia. São Paulo: Alfa-Ômega, n 5, pp. 61-76, 1985.

_____. Entrevista com Armênio Guedes - Ex-dirigente do PCB. In: *Socialismo &*

Democracia. São Paulo: Alfa-Ômega, n. 6, pp. 35-42, 1985.

GARCIA, Hamilton. Nos primórdios do PCB. In: *Revista Novos Rumos*. São Paulo:

Instituto Astrojildo Pereira, n. 25, Ano 11, pp. 63-66, 1996.

GRABOIS, Maurício. "Agitação e Propaganda para milhões, fator decisivo para a vitória do programa do partido". In: *Problemas*. n. 64, pp. 198-204, dez/1954/fev 1955.

GRACINDO, Eliane. *As Armas da política: a imprensa na história do PCB em Goiás*. In Colóquio História e Imprensa. Rio de Janeiro: UERJ/IFCH, 1998, pp. 41-49.

HENRIQUES, Luis Sérgio. Fazendo Política nas Origens do PCB. In: *Voz da Unidade*. n. 25; 15 de setembro de 1980.

HOBBSBAWM, Eric. Intelectuais e comunismo. In: *Revolucionários*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. A História de Fortaleza através da Imprensa e dos depoimentos dos idosos. In: *Trajeto - Revista de História da UFC*. Fortaleza: Depto. de História da UFC, n. 1, v. 1, nov, pp. 45-60, 2001.

KONDER, Leandro. Cultura e Liberdade na política dos comunistas. In: *Voz da Unidade*, Rio de Janeiro, 20-26 de março de 1981.

_____. O PCB no imediato Pós-Guerra. (1945-1946). In: *Temas de Ciências Humanas*. São Paulo, v. 8, 1980. pp. 103-115.

_____. História dos intelectuais nos anos 50. In: FREITAS, Marcos Cezar de. (org.) *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998.

LEVI, Giovanni. In: *Les usages de la biographie*. Annales. Paris: 1.325-36, nov/déc. 1989

LIMA, Pedro Mota. "Falta uma tese: sobre o desenvolvimento cultural". In: *Revista Novos Rumos*, Ano 72/4. (15 a 21/07/1960 Tribuna de Debates).

LINDOSO, Dirceu. *Imprensa e vanguarda operária*. In: *A Voz do Povo*, Edição Especial, fev. Maceió, 1985.

LINHARES, Hermínio. O comunismo no Brasil. In: *Revista Brasiliense*. São Paulo: brasiliense, n. 25, pp. 146-166. 1959.

MALINA, Salomão. A questão da legalidade do PCB ganhou as ruas. In: *Revista Problemas*. São Paulo: Novos Rumos, n. 3, out – dez, pp. 47-50, 1983.

MARIANI, Bethania. *Discurso jornalístico verdade e memória: o Partido Comunista Brasileiro*. Caxambu, 1984. (Mimeo).

MARTINS, Luciano. A Gênese de uma intelligentsia: os intelectuais e a política no Brasil (1920-1940). In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. v. 2, n. 4, 1987.

- MERCADANTE, Paulo. *O Partidão e o realismo socialista*. In: Rio Capital. Rio de Janeiro, mar/abr 1993, pp. 34-35.
- MORAES, João Quartim de. Os camaradas. In: *Revista de Sociologia e Política*. Curitiba: UFPR, n. 2, 1994.
- MOTA, Aroldo. Partidos Políticos. In: *Cadernos de Formação Política*. Fortaleza: Escola de Formação de Governantes, n. 1, pp. 24-37, 1999.
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá. O PCB e a Moral Comunista. In: *LOCUS - Revista de História*. Juiz de Fora: EDUFJF, n. 1, v. 3, pp. 69-83, 1997.
- _____. O mito da conspiração judaico-comunista. In: *Revista de História*. pp. 93-105; Nº 138, . São Paulo: Humanitas/ FFLCH/USP, 1998.
- _____. O PCB e a Moral Comunista. In: *Locus – Revista de História*. n. 1, v. 3. Juiz de Fora-MG: EDUFJF, 1997.
- NETO, Elias Chaves. Legalidade do Partido Comunista, marcha para a Revolução Socialista. In: *Revista Brasiliense*. São Paulo: Gráfica Urupês S/A, n. 38, nov-dez, pp. 39-46, 1961.
- NEVES, Frederico de Castro. In: Estranhos na Belle Époque: a multidão como sujeito político (Fortaleza, 1877-1915). *Revista de História*. Fortaleza: UFC, 2005.
- NETTO, José Paulo. Lukacs e a problemática cultural da Era Stalinista. In: *Temas de Ciências Humanas*. São Paulo: Ciências Humanas, v. 6, 1979.
- NEVES, Lucília de Almeida. A voz dos militantes: o ideal de solidariedade como fundamento da identidade comunista. In: *LOCUS - Revista de História*. Juiz de Fora: EDUFJF, n. 1, v. 4, pp. 53-63, 1998.

PAULO NETTO, José. Problemas histórico-políticos do PCB. Uma entrevista com Salomão Malina. In: *Temas de Ciências Humanas*. São Paulo, n. 10, pp. 35-36, 1981.

PENNA, Lincoln de Abreu. "Novos Rumos": a construção da ambigüidade (1959-1964). In: *Colóquio História e Imprensa*. Rio de Janeiro: UERJ/IFCH, 1998, pp. 51-57.

PEREIRA, Astrojildo. "Lutas operárias que antecederam à fundação do Partido Comunista no Brasil". *Revista Problemas*. [S.L.], n. 39, pp. 75, 1952.

_____. *A Imprensa operária no Brasil*. In: *Estudos Sociais*. Rio de Janeiro: Gráfica Clélio da Câmara, n. 4, 1972.

PINHEIRO, Paulo Sérgio. Um livro sobre a cassação do PCB. In: *Isto É*. n. 130, pp. 54. 20 de junho de 1979.

_____. A longa marcha brasileira de Luiz Carlos Prestes. In: *Folha de São Paulo*. 27 de outubro de 1984.

RAMOS NETO, Tomás. Algumas observações sobre a fundação do Partido. In: *Estudos*. Rio de Janeiro/São Paulo, No 2, Março de 1971.

RODRIGUES, Leôncio Martins. *O PCB: os dirigentes e a organização*. In:

FAUSTO, Boris (org.) *O Brasil Republicano, - Sociedade e Política (1930-1964) - da História Geral da Civilização Brasileira*. São Paulo: DIFEL, v. 3, 1981.

RUBIM, Antônio Albino Canelas. O Partido Comunista e os intelectuais. In: *Política & Trabalho*. Revista de Ciências Sociais. João Pessoa: Manufatura, n. 15, pp. 79-91, 1999.

_____. Partido Comunista e políticas culturais: uma tentativa de periodização. In: *Revista Ciências Sociais Hoje*. Anuário de Antropologia, Política e Sociologia. pp. 135-161. São Paulo: Vértice / ANPOCS, 1988.

_____. *Marxismo, Cultura e Intelectuais no Brasil*. In: MORAES, João Quartim (org.). *História do marxismo no Brasil*. Campinas/ UNICAMP, v. 3, 1998. pp. 305-382.

ROCHA, Hildon. Graciliano e suas Memórias do Cárcere. In: *Jornal O Estado de São Paulo*. São Paulo, n. 211, ano IV, pp. 1-5, 24 de junho de 1984.

- RÜCKERT, Sérgio Joaquim. Persuasão e ordem - A escola de quadros do Partido Comunista do Brasil na década de 50. In: *Revista Ciências Sociais Hoje*. Anuário de Antropologia, Política e Sociologia. São Paulo: Vértice / ANPOCS, 1988. pp. 196-218.
- SANTANA, Marco Aurélio. Partido e militância sindical: a atuação comunista no sindicato dos metalúrgicos do Rio de Janeiro (1947-1964). In: *Revista de Sociologia e Política - Dossiê: Esquerda*. Curitiba: GEES, n. 8, pp. 73-93, 1997.
- SANTOS, Raimundo. A renovação pecebista dos anos 80. In: *Revista Novos Rumos*. São Paulo: Instituto Astrojildo Pereira, n. 20, ano 6, pp. 60-65. 1991.
- SCHIMIDT, Benito Bisso. *A biografia histórica: o 'retorno' do gênero e a noção de 'contexto'*. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína. *Uso e Abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV. 1996.
- SEGATTO, José Antonio. Ideologia, Política e Revolução. In: *Cadernos AEL - Comunistas e Comunismo*. Campinas: Arq. Edgard Leuenroth/ IFCH, n. 2, pp. 89-102, 1995.
- SILVA, Sérgio. 1935: Ilusão, loucura e História. In: *Cadernos AEL - Comunistas e Comunismo*. Campinas: Arq. Edgard Leuenroth/ IFCH, n. 2, 1995. pp. 63-88.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *Marx e a imprensa*. In: KONDER, Leandro et al. (orgs.) *Por que Marx?* Rio de Janeiro: Graal, 1983.
- _____. Contribuição a História do PCB: antecedentes. In: *Temas de Ciências Humanas*. São Paulo: Ciências Humanas, n. 8, 1980.
- _____. Elementos para a História do PCB; Infância. In: *Temas de Ciências Humanas*. São Paulo: Liv. Ed. Ciências Humanas, n. 9, 1980. pp. 193.
- STRADA, Vittorio. *Da revolução cultural ao realismo socialista*. In: HOBBSBAUM, Eric (org.). *História do Marxismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- _____. *Do realismo socialista ao zhdanovismo*. In: HOBBSBAUM, Eric (org.). *História do Marxismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- TEILTEBOIM, Volodia. Os comunistas, a cultura e a revolução. In: *Revista Internacional - Problemas da Paz e do Socialismo*. São Paulo: Novos Rumos, n. 1, v. 8, 1989. pp. 153-162.
- TROTSKI, Leon & BRETON, André. Realismo socialista e arte revolucionária. Trad. de Ana Paula de Melo Mendonça. In: *Revista Oitenta*. Porto Alegre: L & PM Editores, v. 1, 1979. Pp. 29-34.
- VINCENT, Gerard. "Ser comunista? Uma maneira de ser" In: *Prost, Antoine & Vincent Gerard (orgs.) História da vida privada*. São Paulo: Companhia das Letras, v. 5, 1992.
- VINHAS, Moisés. Origens históricas e perfil do PCB. In: *Presença - Revista de Política e Cultura*. São Paulo: Caetés, n. 4, pp. 137-148, 1984.

- ZAIDAN FILHO, Michel. Os comunistas em céu aberto: a experiência do Bloco Operário no Brasil. In: *Revista Novos Rumos*. São Paulo: Novos Rumos, n. 4, out/dez, pp. 165-182, 1986.
- _____. "O PCB e os Congressos da IC. (1922-1929)". Comunicação a 34^a Reunião Anual da SBPC. Campinas-SP julho de 1982.
- _____. *O PCB (1922-1929): nas origens da busca de um marxismo original*. Voz da Unidade. São Paulo, ano 3, n. 146, 31 de março de 1983 a 5 de abril de 1983, pp. 14 e 15.
- _____. Elementos para a história do PCB. O PCB e o movimento comunista internacional (1925 - 1929). *Voz da Unidade*. São Paulo, ano 3, n. 163, 28 de julho de 1983 a 2 de agosto de 1983, pp. 14.
- _____. Documentos para a história do PCB: A questão da unidade sindical. *Voz da Unidade*. São Paulo, ano 3, n. 162, 21 a 27 de julho de 1983, pp. 13.

3- DOCUMENTOS

- ANDRADE, Carlos Drummond de. Literatura-Arte-Ciência. *Jornal O Democrata*. Edição de 24/08/1946.
- APERJ/Fundo: DOPS/Série: Prontuários. No. 16744, p.1.; AN/Fundo/Coleção: TSN/Processo n. 473, p. 72,74; e APERJ/Fundo: DOPS: ESTADOS/Pasta: 16 PI.
- COELHO, Raimundo. *Jornal O Democrata*. Edição 1º de março de 1946.
- Fontes sobre o Partido Comunista Brasileiro no Arquivo Edgard Leuenroth. Organizado por Elaine Marques Zanatta. In: *Cadernos AEL - Comunistas e Comunismo*. Campinas: Arq. Edgard Leuenroth/ IFCH, n. 2, pp. 133-136, 1995.
- Estatutos do Partido Comunista do Brasil*. Rio de Janeiro: Horizonte, 1946.
- Grupo de Escritores e Artistas do Rio de Janeiro. *O método do realismo socialista e os problemas da literatura e das artes no Brasil*. In: Horizonte. Porto Alegre, n. 3, pp. 70-73, nov-dez, 1983 (Texto produzido em 1952)
- IBIAPINA, J. Matos. *O Ceará*. In: *Jornal O Ceará*. Fortaleza-Ce: 09/01/1927.
- PCB: vinte anos de política (1958 - 1979)*. São Paulo: Ciências Humanas, 1980. (Col. A questão social no Brasil - v. 7)
- Pio XI. *Carta Encíclica Divinis Redemptoris, Cartas Encíclicas*. Rio de Janeiro: ABC. 1938.
- SILVA, Gerardo Magela da. *Jornal O Nordeste*. Edição do dia 25/04/1946.
- VÁRIOS AUTORES. *Pela união dos comunistas brasileiros*. Documentos. Lisboa: Prelo Editora, 1975.

VÁRIOS AUTORES. *PCB 1922-1982 (Memória fotográfica)*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
Voz da Unidade. Sessenta anos: A presença do PCB nas Lutas do Povo. Edição Especial, 25 de março de 1982.

4- FONTES ORAIS

ALENCAR, José Ferreira de. Entrevista. Fortaleza: ago/2004. Arquivo do autor.
 BARREIRA, Luciano. Entrevista. Fortaleza: abr/2002. Arquivo do autor.
 GALENO, Alberto. Entrevista. Fortaleza: mar/2004. Arquivo do autor.
 MAGALHÃES, Zelito. Entrevista. Fortaleza: mar/2006. Arquivo do autor.

5- FONTES HEMEROGRÁFICAS

Jornal, O DEMOCRATA. Fortaleza: 1946-1947.
 Jornal do, BRASIL. Rio de Janeiro: 19/jul/1979.
 Jornal, FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo: 27/10/1984.
 Jornal, O ESTADO DE SÃO PAULO. São Paulo: 24/06/1984.
 Jornal, A VOZ DA UNIDADE. São Paulo: 25/03/1982 e 02/08/1983.
 Jornal, O NORDESTE. Fortaleza: 1946.
 Jornal, O COMBATE. Fortaleza: 1891.
 Jornal, A VERDADE. Fortaleza: 1891.
 Jornal, O ARTISTA. Fortaleza: 1862.
 Jornal, O TRABALHADOR GRAPHICO. Fortaleza: 1930. (Edição fac-similar).
 Jornal, O LIBERTADOR. Fortaleza: 19/09/1890.
 Jornal, UNITÁRIO. Fortaleza: 07/10/1903.
 Jornal, O CEARÁ. Fortaleza: 09/01/1927.
 Jornal, CEARÁ SOCIALISTA. Fortaleza: 1919. (Edição fac-similar).
 Jornal, A VOZ DO GRAPHICO. Fortaleza: 1920. (Edição fac-similar).
 Jornal, O OPERÁRIO. Camocim-CE: 13/07/1928.
 Jornal, O POVO. Fortaleza: 28/02/1931.
 Jornal, A VOZ OPERÁRIA. Rio de Janeiro: 06/02/1954.
 Jornal, UNITÁRIO. Fortaleza: 1946.
 Jornal, CORREIO DO CEARÁ. Fortaleza: 1946.
 Jornal, TRIBUNA POPULAR. Rio de Janeiro: 1946.
 Jornal, O ESTADO. Fortaleza: 1947.
 Jornal, FOLHA CEARENSE. Fortaleza: 1948.

6- ANEXOS

ILUSTRAÇÕES

- Foto 1- Sede do Jornal O DEMOCRATA, na Rua Senador Pompeu, 814, em Fortaleza-CE (1946).
- Foto 2- Stélio Lopes, Diretor.
- Foto 3- Annibal Bonavides, Secretário.
- Foto 4- Elias Trindade, Tesoureiro.
- Foto 5- Jornal O DEMOCRATA, 1º de março de 1946.
- Foto 6- Jornal O DEMOCRATA, 1º de março de 1946, página Movimento Sindical.
- Foto 7- Jornal O DEMOCRATA, 11 de abril de 1946.
- Foto 8- Jornal O DEMOCRATA, 1º de maio de 1946.
- Foto 9- Jornal O DEMOCRATA, 16 de outubro de 1946.
- Foto 10- Jornal O DEMOCRATA, 1º de dezembro de 1947.
- Foto 11- Jornal O DEMOCRATA, 12 de dezembro de 1947.
- Foto 12- Os sete vereadores de Prestes: Alisio Mamede, Américo Barreira, Manoel Feitosa, Isaac Maciel, Teófilo Cordeiro, Joaquim Alexandre Valentim e Lauro Brígido Garcia.
- Foto 13- Os dois Deputados Estaduais do PCB/CE: Pontes Neto e José Marinho de Vasconcelos.
- Foto 14- Prefeito de Fortaleza Acrísio Moreira da Rocha (1947).
- Foto 15- Prefeito Acrísio Moreira da Rocha recepcionado pelo público no campo de Pouso de Fortaleza (1948).
- Foto 16- Acrísio Moreira da Rocha (à esquerda) com Juscelino Kubitschek, Crisanto Moreira da Rocha e Péricles Moreira da Rocha.
- Foto 17- Momentos da Política em 1947/1948.
- Foto 18- Personagens do Partido Comunista.
- Foto 19- Manoel Batista Ferreira, o Papão, português que morou em Fortaleza e fundou a Escola de Marxismo (1946).
- Foto 20- Alberto Silva Galeno, jornalista e escritor.
- Foto 21- José Bento de Sousa, secretário político do Comitê Estadual do PCB.
- Foto 22- Setor de impressão do Jornal O DEMOCRATA.
- Foto 23- Inquérito que suspende a circulação do jornal FOLHA CEARENSE (1948).
- Foto 24- Despacho do Ministério Público referente à suspensão de circulação da Folha Cearense.
- Foto 25- Despacho do promotor de Justiça mandando arquivar o processo do Jornal Folha Cearense (1948).
- Foto 26- Despacho do promotor de Justiça mandando arquivar o processo do jornal Folha Cearense (1948).
- Foto 27- Trecho do processo Judicial da Folha Cearense com despacho do juiz da 3ª Vara de Justiça.

Foto 28- Página 2 da Folha Cearense com o expediente funcional (no alto, à direita).

Foto 29- Único exemplar do jornal Folha Cearense, que consta no inquérito policial do DEOPS/CE (1948).

Foto 30- Desenho do artista plástico Floriano Teixeira.